

39º Colóquio da Lusofonia 3-6 outº 2024
Vila do Porto, Santa Maria, Açores



2-6 outº 2024

ISBN 978-989-8607-21-8



ISBN

9 789898 607218

ISSN 2183-9115 (DVD) / ISSN 2183-9239 (ONLINE ATAS)

1. LISTA DE CONVIDADOS, ORADORES E PRESENCIAIS

12 PATROCINADOS AICL - EDA - DRC - DRAC
ÁLAMO OLIVEIRA
ANA PAULA ANDRADE
ANÍBAL PIRES
CHRYSTELLO
DIANA ZIMBRON
DIOGO OURIQUE
EDUARDO BETTENCOURT PINTO
Francisco MADRUGA
FRANCISCO ROSAS
NUNO COSTA SANTOS
PEDRO ALMEIDA MAIA
VASCO M ROSA

3 PATROCINADOS CÂMARA DE VILA DO PORTO
ALEXANDRE BORGES
ANABELA FREITAS (MIMOSO)
DORA M NUNES GAGO

2. LISTA TODOS OS PARTICIPANTES

1.	AIDA BAPTISTA	PRESENCIAL
2.	ÁLAMO OLIVEIRA	
3.	ALEXANDRE BORGES	
4.	ANA PAULA ANDRADE	MÚSICA
5.	ANABELA FREITAS (EX-MIMOSO)	
6.	ANÍBAL DA C. PIRES	
7.	CHRYSTELLO	
8.	CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA	PRESENCIAL
9.	DIANA ZIMBRON	
10.	DIOGO OURIQUE	
11.	DORA Mª NUNES GAGO	
12.	EDUARDO BETTENCOURT PINTO	
13.	EDUÍNO DE JESUS	
14.	ELISA M M SOUSA	
15.	Dra. FÁTIMA MADRUGA	PRESENCIAL
16.	FRANCISCO F MADRUGA	
17.	FRANCISCO ROSAS	CINEMA
18.	HELDER SOUSA	PRESENCIAL
19.	HELENA BARROS	
	HELENA CHRYSTELLO IN MEMORIAM	-----
20.	INEZ MARQUES	PRESENCIAL
21.	ISABEL ARAÚJO	PRESENCIAL
22.	JOÃO CHRYSTELLO	PRESENCIAL

23. JOSÉ ANDRADE	
24. JOSÉ C TEIXEIRA	ONLINE
25. JOSÉ DE ANDRADE MELO	
26. JOSÉ L JÁCOME	ONLINE
27. LAURA AREIAS	ONLINE
28. LEONOR SIMAS-ALMEIDA	PRESENCIAL
29. MARIA JOÃO RUIVO	
30. Dra. MARIZÉ PROSDÓCIMO	PRESENCIAL
31. MIGUEL LOPES	
32. NUNO COSTA SANTOS	
33. ONÉSIMO T ALMEIDA	
34. PEDRO ALMEIDA MAIA	
35. PEDRO PAULO CÂMARA	
36. ROLF KEMMLER	PRESENCIAL
37. RUI PAIVA	
38. SANDRA PROSDÓCIMO	PRESENCIAL
39. SÉRGIO PROSDÓCIMO	TEATRO
40. SUSANA ANTUNES	ONLINE
41. SUSANA A RODRIGUES	
42. TELMO NUNES	
43. URBANO BETTENCOURT	
44. VASCO MEDEIROS ROSA	

LISTA DE CONVIDADOS, ORADORES E PRESENCIAIS



3. DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL 39º COLÓQUIO 3 OUT 2024

Na minha juventude tínhamos a esperança que a ditadura acabasse e a guerra se esfumasse com a libertação dos povos coloniais, hoje os jovens vêm um tunel sem luz, e um horizonte de nuvens negras que vão do desastre ecológico, na única terra habitável que conhecemos, às infindáveis guerras que fazem a felicidade dos vendedores de armamento e já se acercam de nós nesta velha Europa. Temos a galopante investida da Inteligência Artificial, aliada à prepotência dos líderes, paus mandados numa Nova Ordem Mundial tecida por sombrias personagens que nunca vêm a público nem foram eleitas. Como admitir que oito pessoas possuam tanta riqueza quanto a metade mais pobre da população mundial?

Não soubemos criar uma geração de seres pensantes, nem apoiar a formação apropriada de professores, nem zelar pela língua portuguesa nos organismos nacionais e internacionais. É urgente ensinar as pessoas a interpretar, torná-las capazes de pensamento crítico para questionar as mensagens subliminares da comunicação social e políticos manipuladores de mentes. Um dos males da sociedade portuguesa tem sido estiolar a criatividade, o empreendedorismo e a inovação, gastando energias em escárnio e maldizer, estimulando bairrismos e invejas mesquinhas, fomentando protagonismos egocêntricos.

Mudemos de tema...

Como é hábito farei uma curta abordagem histórica da mais antiga ilha do arquipélago, 8 milhões de anos. A ilha **subiu** nos últimos 3,5 milhões de anos cerca de 60 metros por cada milhão de anos ou seja, seis centímetros por cada mil anos. Uma singularidade da ilha reside nas suas jazidas de fósseis marinhos. Há registos com cinco milhões de anos. Conchas, corais, moluscos e algas que na rocha calcária marcam, não só a passagem do tempo, mas a história da ilha que surgiu, foi engolida pelo mar e voltou a emergir através de novas erupções. Há 14 geossítios em Santa Maria. O Barreiro da Faneca, conhecido por deserto vermelho, em que uma antiga escoada lávica basáltica foi coberta de cinzas (piroclastos) que, em terreno tropical, se transformaram em argilas alaranjadas, confere à ilha uma paisagem única. Muito havia para dizer sobre a evolução geológica da ilha onde há pedras que cantam, há disjunções prismáticas e uma calçada dos gigantes.

*Em 1339 o Portulano de Angelino Dulcert assinala "Capraria", nas ilhas de Santa Maria e S. Miguel. No chamado "**Libro del Conoscimiento**" de 1345, são descritas ilhas das Canárias e dos Açores. É pois aceitável que o navegador português **Diogo de Silves** no retorno de uma viagem à Madeira, tenha oficialmente descoberto as ilhas em 1427 como alega Damião de Peres. Esta teoria baseia-se na legenda do portulano de Gabriel Valsequa datado de 1439.*

Houve sempre um nevoeiro histórico: muitas são as dúvidas e poucas as certezas. Gaspar Frutuoso, no séc. XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Sta Maria em 1432 e no mais antigo documento régio referente aos Açores, é dada permissão ao Infante D. Henrique em 1439 para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores. O povoamento terá tido início na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão e João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro capitão-donatário trouxe famílias do continente. O primeiro foral foi concedido em 1470 a Vila do Porto.

Em 1493, aqui aportou Colombo, no seu primeiro regresso da América e mandou celebrar missa de graças na capela dos Anjos.

O Facebook da época não permitia a informação em tempo real sobre quem era e o que fazia Colombo, que confundido com um mero pirata, preso se ficou às ordens do governador, até se esclarecer a sua presença, mas os verdadeiros piratas, nos sécs. XVI e XVII, eram corsários ingleses, franceses, holandeses, turcos, marroquinos e argelinos, que faziam razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns. Moeda de troca vulgar nesses dias.

A prosperidade da ilha assentou, no pastel e urzela até ao séc. XVII, exportados para as tinturarias da Flandres e no trigo que abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África.

Por fim, assinale-se a presença de tropas liberais [vindas da batalha da Ladeira da Velha em S. Miguel] rumo ao Mindelo em julho de 1832, durante as Guerras Liberais. Nos 7500 homens transportados em 60 navios, estavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar.

A fértil ilha de 97,42 km² (17 km comprido por 9,5 largura) em 1960 tinha 13233 habitantes, reduzidos para 9765 em 1970, 6500 em 1980, tendo apenas 5414 almas no Censo de 2021, desertificada pela emigração e falta de oportunidades laborais. Da sua gastronomia há as famosas sopas do Império, o caldo de nabos com carne de porco, entremeada, chouriço e batata-doce, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa, a caldeirada de peixe. Nos mariscos, cavaco, lagosta, lapa e cracas. Na doçaria as cavacas, suspiros, melindres, biscoitos de orelha, de aguardente e os encanelados. Nos socalcos de S. Lourenço ainda se produz, de forma artesanal, o vinho de cheiro, o abafado, o licor e a aguardente. Apesar da reputação de sossego existem na ilha praias de areia branca e águas cristalinas para surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva.

O séc. XX trouxe o progresso súbito, com a construção do aeroporto em 1944, por tropas norte-americanas, escala obrigatória nas travessias atlânticas, sendo normal a presença do supersónico Concorde. Novos aviões com maior autonomia reduziram o tráfego do aeroporto, um dos mais bem equipados dos Açores, embora, atualmente, haja uma disputa com a ANA pela sua não-utilização noturna. Aqui se localiza o Centro de Controlo Aéreo do Atlânticoⁱ e a Agência Espacial Portuguesa terá a sua sede e apoiará o Teleporto, a base de lançamentos suborbitais e missões científicas da Agência Espacial Europeia.

O traçado da vila chegou quase intacto até ao séc. XX sendo exemplar único de vila medieval sem muralha (1450) fora da Europa, mantendo a estrutura original com vestígios como a casa do Capitão Donatário e outra com janelas manuelinas. O bairro do Aeroporto deveria ser preservado como Museu vivo, exemplo da construção militar norte-americana da 2ª Guerra cujo valor, além do turístico totalmente inexplorado, poderia ser aproveitado. A qualquer momento, ao sair do porto pela Estrada da Birmânia, no “açucareiro” esperamos que salte ao caminho um soldado fardado a rigor, para pedir os documentos de circulação na base...

Existe aqui potencial de recriação histórica, fílmica e turística a não desperdiçar. Este bairro assumiu, na época, um carácter arquitetónico inovador, de urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas e vastos espaços arborizados. A base revolucionou o quotidiano mariense com o “Atlântida Cine” em 1946 e recentemente reabilitado; o clube “Asas do Atlântico” em 1950; e ainda a igreja, ginásio e residências isoladas em blocos coletivos, hoje depauperados.

Na ilha há tanta riqueza que podia e devia ser acarinhada e preservada mas não foi devidamente tratada, esperemos que algumas medidas tomadas em relação aos *Quonset huts* possam preservar este segmento da história viva da ilha e do arquipélago.

A Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca espuma os mares se mostravam e a bandeira da nossa Lusofonia se enfunando. Ao contrário de Colombo ou Vasco da Gama, as nossas naus não buscam as especiarias das Índias, atraindo para o nosso projeto gente de todas as idades e de todas as áreas do saber, com a condição única de quererem partilhar os seus conhecimentos para concretizarmos os nossos projetos.

Infelizmente, em relação aos dois colóquios que aqui realizamos em 2011 e 2017 não teremos o sorriso e a alegria contagiante da nossa vice-presidente Helena Chrystello a quem pretendemos homenagear postumamente além do tributo ao autor do ano, Pedro Almeida Maia. Um momento sentimentalmente carregado será a apresentação da novela inédita da Helena Chrystello, dos anos 70, e o seu último projeto uma Antologia de Humor Açoriano.

Haverá uma sessão inteiramente dedicada à diáspora, 3 recitais da maestrina Ana Paula Andrade, um documentário de Francisco Rosas sobre os 50 anos do 25 de abril nos Açores acrescido dum curto apontamento sobre Timor e inúmeras apresentações literárias, o regresso do Grupo Gira-Teatro de Florianópolis connosco desde 2007.

Além dos 3 convidados de honra da Câmara de Vila do Porto, Dora Nunes Gago, Anabela Brito Freitas, Alexandre Borges, há uma trintena de oradores que nos manterão absortos nos próximos 4 dias.



1. AIDA COSTA BAPTISTA, AICL, PRESENCIAL



TORONTO 2012

STA Mª 2024



Maria Aida Costa Baptista é Licenciada em História (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Pós-graduada em Estudos Europeus (Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra) e Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Aposentada do Ministério da Educação, foi professora durante toda a sua carreira profissional, ao longo da qual lecionou diferentes níveis de ensino.

Ao serviço do ICALP e do Instituto Camões, exerceu funções de Leitora de Língua e Cultura Portuguesas em Helsínquia (Finlândia), de 1989 a 1997; na Universidade de Toronto (Canadá), de 1998 a 2003 e, em Benguela (Angola), dirigiu o Centro de Língua Portuguesa e deu aulas no Polo Universitário da Universidade Agostinho Neto, de 2004 a 2006.

Como voluntária da ONGD "Ser Mais-Valia", fez duas missões na Guiné-Bissau, dirigidas a funcionários da administração pública, para reforço das competências em Língua Portuguesa, em 2022.

Bibliografia

Obras publicadas, como autora e/ou organizadora: *A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa*, Manuela Marujo, Aida Baptista, Rosana Barbosa (org.), Toronto, 2003;

Passaporte Inconformado, Edições Minerva Coimbra, 2004;

Chão da Renúncia, Edições Minerva Coimbra, 2008;

Entre Margens de Afetos (c/ Gabriela Silva), Liga Portuguesa Contra o Cancro, Pta Delgada, 2009;

Passos de Nossos Avós (c/ Manuela Marujo), Ponta Delgada, Publiçor, 2010;

Abrço de Mar entre Ilhas e Continentes (c/ Gabriela Silva), Publiçor, 2011;

A Voz dos Avós - Migração, Memória e Património Cultural (org. Natália Ramos, Manuela Marujo, Aida Baptista), Ed. Pro Dignitate, julho 2012;

Frank Alvarez, O Caminho de um Português, Ed. Frank Alvarez, 2016;

Avós: Raízes e Nós, Aida Baptista, Ilda Januário, Manuela Marujo (org.), Editora Alma Letra, julho 2020;

Menina e Moça me Levaram, Editora Alma Letra, 2021; As Bicicletas de Toronto, Editora Alma Letra, 2022.

SÓCIA DA AICL

ESTEVE PRESENTE NO 9º COLÓQUIO DA AICL NA LAGOA 2008 E NO 39º SANTA MARIA 2024

PRESENTE NA APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA BILINGUE DE AUTORES AÇORIANOS NA UNIV DE TORONTO 2012.



2. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AICL,



38º Ribeira Grande 2023



39º STA Mª 2024

(José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O romance *Já não gosto de chocolates* traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão.

Até Hoje, memórias de cão, (3ª edição), recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985;

Solidão da Casa do Regalo (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autônómica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República. Representou a AICL no Parlamento Europeu, Bruxelas em outº 2019

FOI Autor homenageado pela AICL em 213, 2014, 2015, 2017 e 2020



19º MAIA 2013



30º PICO 2018

30º PICO 2018

Bibliografia

1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. autor

1971. Pão Verde, esgotado, ed. autor

1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense

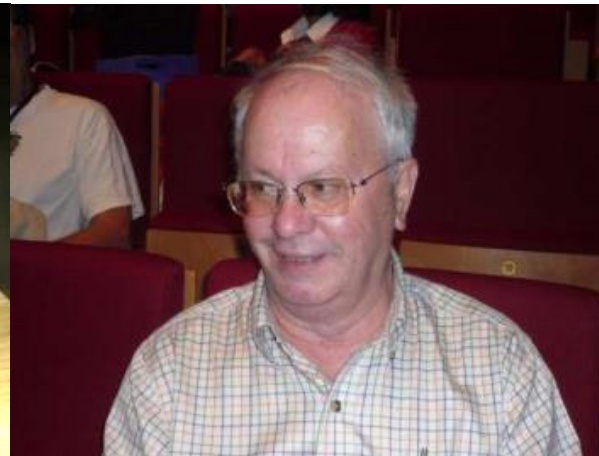
1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes



BGA ANGRA 2013



18º GALIZA 2012



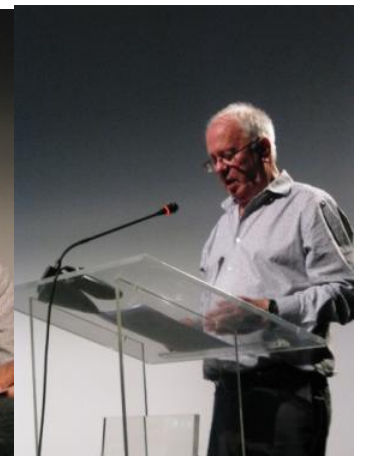
29º BELMONTE 2017



24º GRACIOSA 2015



30º PICO 2018



30º PICO 2018



30º PICO 2018



BGA ANGRA 2017

Bibliografia

1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. autor
 1971. Pão Verde, esgotado, ed. autor
 1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense
 1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes
 1974. Morte ou vida do poeta. Teatro. Angra, Livr. Adriano G de Figueiredo
 1974. Fábulas, poesia, esgotado ed. autor
 1974. Um Quixote. 2ª ed. Teatro
 1976. Os quinze misteriosos mistérios. Poesia, esgotado ed. autor
 1977. Manuel, seis vezes pensei em ti, teatro ed. autor
 1977 in Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa
 1978. Manuel. Seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides, posfácio de E Ferraz da Rosa, teatro, 2ª ed. Angra ed. autor.
 1978. Almeida Firmino, Poeta dos Açores. Ensaio, poesia, ed. DRAC. SREC, esgotado
 1978 in Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega
 1979. Cantar O Corpo. Poesia, esgotado. Angra. União Gráfica Angrense ed. autor
 1980. Eu Fui Ao Pico Piquei-Me, poesia, esgotado, ed. autor
 1982. Uma Hortênsia Para Brianda. Teatro, ed. Separata Atlântida
 1982. Abordagem" (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Côrtes-Rodrigues, Ensaio, separata da "Atlântida". Angra do Heroísmo
 1982. Burra Preta Com Uma Lágrima, ficção, ed. autor
 1982. Itinerário das Gaivotas, poesia, ed. SREC. DRAC esgotado
 1982. «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. Narcose: obra poética completa. Angra do Heroísmo. SREC pp. 9-20.



38º Ribeira Grande 2023



1982. O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra
 1983 in Antologia The Sea Within, a selection of Azorean poets, ed. Gávea-Brown. EUA
 1983 in 12 poetas dos Açores, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.
 1983. Nem mais amor que fogo, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. autor
 1983. Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, conto de Álamio Oliveira. Angra. DRAC. D S Emigração. IN-CM
 1984. Missa Terra Lavrada. Teatro, ed. DRAC. SREC
 1984. Sabeis quem é este João? Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Separata Atlântida vol. 29 pp. 3-68 IAC
 1984. Triste vida leva a garça. 1ª ed., Ulmeiro
 1985. «Terceirense e Pintor: José Lúcio» Atlântida vol. XXX 2º semestre, Angra do Heroísmo IAC pp. 34. 35.
 1986. Até hoje, memórias de cão, Romance. 1ª ed. Ulmeiro, esgotado
 1986. Textos Inocentes. Poesia, ed. autor
 1987. O trajo nos Açores, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
 1987. Até hoje, memórias de cão, Romance. 2ª ed., Ulmeiro esgotado
 1987 Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes "ascendentes" e "descendentes". Ponta Delgada. UAç
 1987. Erva-Azeda. Poesia. Angra do Heroísmo
 1988. Açores, com fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álamio Oliveira, inglês Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo
 1988. Até hoje, memórias de cão. Romance. 3ª ed. Angra, ed. Signo
 1990. O cenário de uma geração. Angra do Heroísmo, inédito 19 pp. Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa, Casa dos Açores de Lisboa.
 1990. A Madeira é um jardim, Raminho, ed. Álamio Oliveira. Tip. Serafim Silva. Artes Gráficas. Maia

1991. *Contos Com Desconto. Contos. Angra do Heroísmo: IAC*
1992. *Impressões de boca. Angra do Heroísmo: SREC DRAC, esgotado*
1992. *Pátio d'Alfândega. Meia-Noite, romance, ficção, col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega*
1992. *Eugénio de Andrade nos Açores. Núcleo Açoriano da Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal*
1994. *Manuel, seis vezes pensei em ti. 2ª ed. Teatro, ed. Jornal de Cultura*
1994. *Pai, a sua bênção: Antologia de textos de autores açorianos. Ponta Delgada. DRAC.*
1994. *A história da Belárvore na cidade da Burocrácia, com desenhos de Virgílio Toste. Angra. Direção-geral de Organização e Administração Pública*
1994. *Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Vanessa Seed, ed. de M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal. Corlito*
1995. *Burra preta com uma lágrima. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra.*
1995. *Os sonhos do infante. 2ª ed., Teatro. Ponta Delgada. Jornal de Cultura*
1995. *Impressões de boca. Ilustrações David Almeida, col Gaivota 76. SREC*
1995. *Olá pobreza, textos de pompa e circunstância. Ponta Delgada. Ed. Éter*
1995. *E choveu papel, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Direção Regional da Organização e Administração Pública*
1995. *Pai, a sua bênção. Antologia de textos açorianos, org por Álamo, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC*
1996. *O homem suspenso. Supl. Açoriano de Cultura nº 43*
1996. *Olá. Pobreza! Ensaio, ed. Jornal de Cultura*
1996. *Os sonhos do Infante, teatro. Angra. Grupo de teatro Alpendre*
1997. *Com perfume e com veneno, contos. Lisboa, ed. Salamandra*
1998. *Mar de baleias e de baleeiros, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC*
1998. *António, porta-te como uma flor, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra*
1999. *Já não gosto de chocolates, romance. Lisboa, ed. Salamandra*
1999. *Morte que mataste lira, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito*
1999. *Almeida Garrett, ninguém, teatro. Alpendre Teatro, ed. autor*
2000. *A Solidão da Casa do Regalo, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra*
2000. *Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes, ed. Álvaro Mendes*
- 2000 in *Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, I. Camões e Seixo Publishers*
2000. *Valter Vinagre, espírito nas ilhas, com Valter Vinagre, Manuel Hermínio Monteiro, ed. Instituto Camões. Ministério dos Negócios Estrangeiros*
2001. *Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes, teatro. Teatro do Ser, atuações 2002, 2003, 2006*
2002. *Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação. Teatro*
2002. *NEO 1 vol. 1 com Urbano Bettencourt, Adelaide Monteiro Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Deptº de Línguas e Literaturas Modernas. UAç*
2002. *O homem que era feito de rede, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra*
2003. *O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo*
2003. *Até hoje, memórias de cão. 2ª ed. Romance, ed. Salamandra*
2003. *Angra. Cidade do mundo. Sanjoaninas 2002. Terceira. Açores, foto de Carlos Garcia, ed. Fotoletras*
2004. *Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil. Boletim do N C Horta vol. 13*
2004. *A Solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. Ninguém. Teatro. 2ª ed. ed. Salamandra*
2005. *“As mulheres em ‘Já não gosto de chocolates’” em M. Marujo, A. Baptista e R. Barbosa (ed.) Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women. Proceedings 1st Int'l Conference. Toronto. University of Toronto. Dept Spanish and Portuguese pp. 68-71*
2005. *Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e ed. Lda.*
2006. *I No Longer Like Chocolates. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC*
2007. *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island*
2007. *Açores profundos, Profound Azores, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim ed.*
2007. *Terceira, uma ilha sempre em festa, foto João Costa. Edição bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu*
2007. *O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins. Angra, ed. J M M Medina*
2008. *“Já não gosto de chocolates” ed. Japonesa Random House Kodansha*
2008. *Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu*
2010. *Andanças de pedra e cal 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu*
2010. *Padre, Filho, Espírito Santo e o Futuro. IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia*
- 2010 *Passos de nossos avós, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista.*
2011. *Caneta de tinta permanente na poesia popular, dedicado a Manuel Caetano Dias “Caneta”. Nova Gráfica ed. autor*
- 2011 in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia*
- 2011 in *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial. Roberto Vecchi, Margarida C Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1.ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia. ISBN 9789723611748. 648 págs.*
- 2012 in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia*
2012. *Quatro prisões debaixo de armas, Teatro, baseado no conto homónimo de Vitorino Nemésio, prefácio de A M Machado Pires, ed. autor*
2013. *Adelaide Freitas. Atas 19º Colóquio da Lusofonia. Maia. S Miguel. Açores*
2013. *Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid. 1ª ed. Lisboa, Tinta-da-china*
2013. *Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia*
2013. *Murmúrios com vinho de missa. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas*

2013. Murmúrios com vinho de missa. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas
 2014. No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014, IAC, Atlântida vol. LIX
 2014. Marta de Jesus. A verdadeira. Letras Lavadas.
 2014. Madalena Féris Atas 20º Colóquio da Lusofonia. Seia. Portugal
 2015. Um escritor açoriano Manuel Machado Atas 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores
 2015 "Um escritor açoriano Manuel Machado". 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores
 2017. Pátio d'Alfândega, ed. Companhia das Ilhas
 2017. Já não gosto de chocolates ed. Companhia das Ilhas
 2017. José Pereira Cantador de Causas e de Casos Ponta Delgada, Letras Lavadas
 2017. "A «Kritika Puétika», um texto de Urbano Bettencourt", 27º Colóquio da Lusofonia, Belmonte
 2018. Até hoje, memórias de cão. Ed. Companhia das Ilhas
 2018. Burra preta com uma lágrima ed. Companhia das Ilhas
 2018. "Manuel Ferreira Duarte, escritor do Pico", 30º Colóquio da Lusofonia, Madalena do Pico
 2019 "Eduíno de Jesus, o poeta" 32º Colóquio da Lusofonia, Santa Cruz da Graciosa
 2019 Contos contados, ed. Companhia das Ilhas
 2019 Murmúrios com vinho de missa. Ed. Companhia das Ilhas
 2020 Poemas vadios, ed. Companhia das Ilhas
 2020 Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas
 2020 Contos da América, ed. Companhia das Ilhas
 2020 Telas e cores, ed. Companhia das Ilhas
 2021 O sábio de Miragaia, ed. Companhia das Ilhas
 2021 Versos de todas as luas, ed. Companhia das Ilhas
 2023 Through the Walls of solitude, selected poetry, translated by Diniz Borges. Letras Lavadas
 2023 "João Dias Afonso – Um Senhor de múltiplos saberes", Atas 38º colóquio da lusofonia
 2023 APRESENTOU "Versos de todas as luas," e "Through the Walls of solitude". Atas 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande.

TEXTO DE HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO

O seu desaparecimento (Dr.ª Helena Chrystello) do nosso convívio não é substituível. Aliás continuamos a dar pela sua presença através do ambiente de amizade que nos deixou nestes momentos de partilha de saberes e de preocupações culturais.

LEMBRAR A DOUTORA HELENA CHRYSTELLO

Embora me apeteça, não vou entrar numa de fazer emergir a minha profunda saudade pela minha amiga Helena Chrystello. Prefiro lembrá-la como mulher de inteligência abrangente, amante desta nossa açorianidade de especificidades únicas, senhora de generosa partilha de saberes e, sobretudo, capaz de mobilizar outras personalidades e de lhes atribuir, sem pressão de orientações de qualquer espécie, tarefas que visaram o desenvolvimento do que importa dar a conhecer coletivamente.

Ela foi, como todos sabem, a colaboradora principal dos Colóquios da Lusofonia, inspiradora e mentora dos seus conteúdos e dos seus comunicadores. Desde o primeiro Colóquio, que esteve extremamente atenta aos linguistas que se debatiam por um acordo ortográfico o mais consensual possível, pois havia propostas algo confusas nas pessoas que lecionavam a crianças, como era o caso da Professora Helena.

Após a aprovação do «acordo», ela iniciou um programa editorial que veio permitir a divulgação, de forma sucinta, por que selecionada, da produção literária de autores açorianos, organizando com outros voluntários e estudiosos e fazendo publicar antologias de ficção narrativa, nomeadamente contos e textos teatrais. Foram publicações que ficaram como que amadrinhadas por ela, sabendo, por vezes, procurar quem prefaciase o trabalho de seleção, avalizando a obra que passava a ser pública.

Há que dizer que este trabalho – que nem sempre coincidiu com o melhor estado da sua saúde – era sempre feito no momento da sua apresentação, com grande alegria e desprendimento de pertença. O seu entusiasmo era contagiante e o seu espírito de humor também. Transformava-se, voluntariamente, como uma sombra de si mesma, mas com a boca do coração carregada das palavras certas, chamando a atenção para o que precisava, acima de tudo, ser corrigido.

A sua fragilidade física era-nos um erro de visão. Paradoxalmente, era essa fragilidade que lhe dava uma força absoluta e alegre.

Senhora de elevada cultura e erudição, Helena Chrystello supervisionou a versão francesa de *Burra Preta com uma Lágrima*, da autoria de Miguel Lopes. A sua revisão, além de me ter proporcionado uma aproximação ao tradutor, deu para usufruir da amizade que me dedicava.

Acrescento que a sua formação académica fê-la desenvolver, profissionalmente, o cargo de Coordenadora do Departamento de Línguas na Escola Básica 2,3 da Maia – S. Miguel. Durante vários anos dedicou-se ao estudo e divulgação de autores açorianos, tendo preparado alguns desses trabalhos em parceria com Maria do Rosário Girão, Professora Associada do Departamento de Estudos Românicos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Esta referência a parcerias pretende também mostrar a humildade de Helena Chrystello, que apreciava grata a colaboração de outras pessoas nos trabalhos que realizava e aos quais quis emprestar olhares diferentes.

Lugar-comum será afirmar que Helena Chrystello tem feito muita falta não só na preparação e realização dos Colóquios da Lusofonia, como na divulgação da escrita açoriana, nomeadamente, na ficção narrativa. Ela tinha uma forma muito pessoal de incentivar os autores, não os untando com euforias descabidas mas adjetivando assertivamente cada trabalho. Os frequentadores dos Colóquios da Lusofonia sempre encontraram palavras de estímulo e de apreço. O seu desaparecimento do nosso convívio não é substituível. Continuamos a dar pela sua presença através do ambiente de amizade que nos deixou nestes momentos de partilha de saberes e de preocupações culturais.

Na verdade, gostaria muito de lhe falar e de ouvir as suas respostas sobre este momento de largo e taciturno silêncio cultural, que não mostra desenho, nem objetivos e que nos encerra atrás de muralhas inexpressivas, sem portas que conduzam ao dia de amanhã. Estamos literalmente a atravessar o deserto, embora ainda se consigam encontrar alguns brevíssimos oásis. Com a Helena podíamos, com certeza, dar abrigo e divulgação ao nosso pecúlio cultural. A Professora Helena não deixaria de apaziguar esta minha inconsolável inatividade. E, com o seu sorriso sereno e sincero, dir-me-ia que amanhã poderá ser ainda um dia surpreendente. Ela tinha sempre aberta a janela da esperança.

Não vou dizer saudade, embora me apeteça.

Raminho, maio de 2024
Álamo Oliveira

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS # 5

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1559/CADERNOS-ACORIANOS-5-ALAMO-OLIVEIRA.DOCX](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1559/CADERNOS-ACORIANOS-5-ALAMO-OLIVEIRA.DOCX)

SUPLEMENTO DOS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #5

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/448/SUPLEMENTOS-CADERNOS-ACORIANOS/1588/SUPLEMENTO-5-ALAMO-OLIVEIRA.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/448/SUPLEMENTOS-CADERNOS-ACORIANOS/1588/SUPLEMENTO-5-ALAMO-OLIVEIRA.PDF)

VÍDEOS DO AUTOR:

[HTTPS://YOUTU.BE/C8FCNB181C](https://youtu.be/C8FCNB181C)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FEEYIAKPWIQ](https://www.youtube.com/watch?v=FEEYIAKPWIQ)

[HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YG5KN9D0IX4](http://www.youtube.com/watch?v=YG5KN9D0IX4)

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MZ-IULWC5IG](https://www.youtube.com/watch?v=MZ-IULWC5IG)

[HTTPS://BLOG.LUSOFONIAS.NET/VERSOS-DE-TODAS-AS-LUAS-DE-ALAMO-OLIVEIRA/](https://blog.lusofonias.net/versos-de-todas-as-luas-de-alamo-oliveira/)

VÍDEO HOMENAGEM COMPLETA 2013

[HTTPS://YOUTU.BE/XZ2ZJUKV9GU?LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://youtu.be/XZ2ZJUKV9GU?list=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

VÍDEO HOMENAGEM 2013 MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/XZ2ZJUKV9GU](https://youtu.be/XZ2ZJUKV9GU)

[HTTPS://YOUTU.BE/VGSBIVYFEZ8](https://youtu.be/VGSBIVYFEZ8)

VÍDEO HOMENAGEM SEIA 2013 [HTTPS://YOUTU.BE/8H2TCUPZGR8](https://youtu.be/8H2TCUPZGR8)

HOMENAGEADO AICL 2013, 2014, 2015, 2017, 2020

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 19º MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 25º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, 39º VILA DO PORTO

3. ALEXANDRE BORGES, ESCRITOR, TERCEIRA, CONVIDADO DE HONRA 2024



38ª Ribeira Grande 2023



36º COLÓQUIO PDL 2022



36º COLÓQUIO PDL 2022

ALEXANDRE BORGES, nasceu em Angra do Heroísmo e vive em Lisboa.

É escritor e argumentista,
 É licenciado em Filosofia e formador de Argumento.
 Foi editor de cultura de *A Capital*,
 É crítico de cinema do *i*
 É colaborador habitual do *Observador*.
 Escreveu para a televisão os documentários *A Arte no Tempo da Sida*, *Um Homem Chamado Francisco Sá-Carneiro*,
 Escreveu as séries documentais *Grandes Livros*, *Santos de Portugal* e *Mar - A Última Fronteira*, entre outros,
 Integrou as equipas responsáveis por *Zapping*, *Equador*, *CQC – Caia Quem Caia*, *5 para a Meia-Noite*, *A Rede* ou *Mal-amanhados - Os Novos Corsários das Ilhas*.
**É autor de *Heartbreak Hotel* (poesia), *Todas as Viúvas de Lisboa* (romance),
O Boato – Introdução ao Pessimismo (aforismos)
Atenção ao Intervalo entre o Caos e o Comboio (poesia) entre outros**



38º Ribeira Grande 2023



39º SANTA MARIA 2024





39º SANTA MARIA 2024

MESA REDONDA Encontro de gerações COM COSTA SANTOS, EDUÍNO DE JESUS E ONÉSIMO T ALMEIDA

**JÁ PARTICIPOU NO 36º EM PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024
PARTICIOU NAS TERTÚLIAS ONLINE EM 2021**

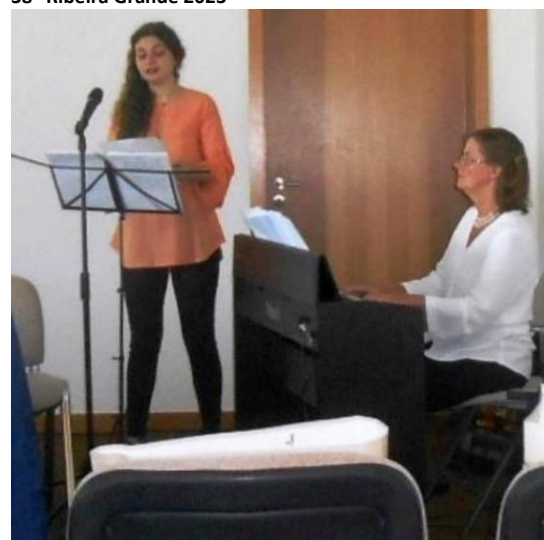
4. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AICL



38º Ribeira Grande 2023



38º Ribeira Grande 2023



24º GRACIOSA 2015



18º GALIZA 2012



BRAGANÇA 2009



23º FUNDÃO 2015



30º MADALENA DO PICO 2018



15º colóquio IPM (Macau) 2011



Ana Paula Andrade (São Miguel) - nasceu em 1964 em Ponta Delgada onde concluiu o curso geral de música no conservatório regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).
Em 1987 terminou o curso superior de piano no conservatório nacional (Lisboa), e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos, entre outros. Paralelamente estudou órgão e concluiu, no mesmo conservatório, o curso básico de órgão.



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 13º COLÓQUIO 2010



Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.
Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago.
Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.
Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.
Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal "quatro oitavas" em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.
Desde 2008 tem Participado nos Colóquios de Lusofonia (Brasil, Macau, Galiza e diversas localidades do país) realizando pequenos recitais para divulgação da música açoriana e de obras originais.
Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.
Integra, desde 1988, o corpo docente do Conservatório de Ponta Delgada, onde tem lecionado as disciplinas de Piano, Órgão, Análise e Técnicas de Composição, Composição e Coro Infantil.

Em 1990, participou num concerto na universidade SMU (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela universidade.

Entre 2005 e 2019, desempenhou as funções de presidente do conselho executivo.

Em 2010 foi a pianista convidada para o XIII Colóquio da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.



12º BRAGANÇA 2009



14º Bragança 2010



29º BELMONTE 2011



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



17º lagoa 2012

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de Ponta Delgada, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel) estreou mais peças do Padre Aure. Musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado.

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

No 23º colóquio, Fundão 2015 atuou com Henrique e Carolina Constância.

No 24º Graciosa 2015 e 25º Montalegre 2016 atuou com Carolina Constância e apresentou novos autores açorianos musicados

No 26º, Lomba da Maia 2016 atuou com Henrique e Carolina Constância e Carina Andrade.

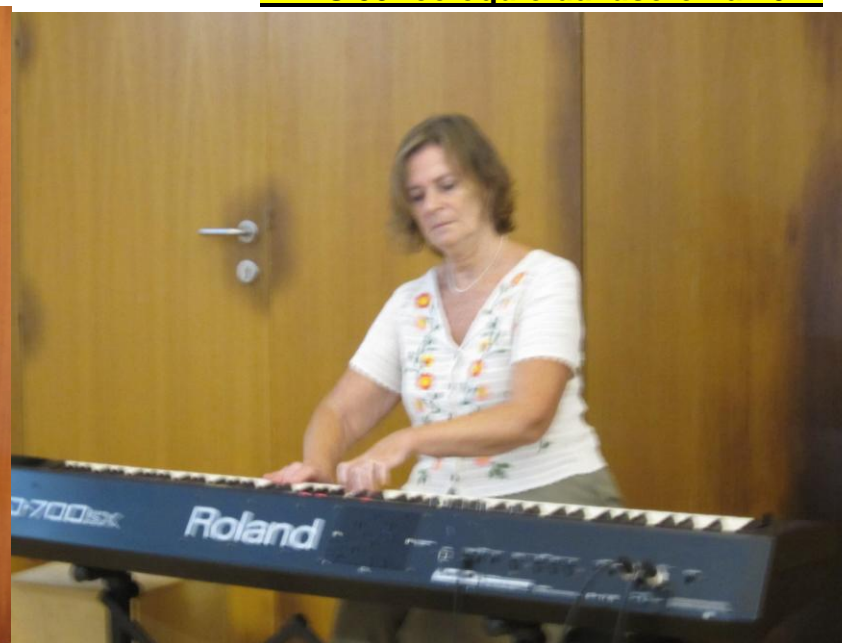
No 27º colóquio, 2017, Belmonte, atuou ao piano, acompanhada ao violoncelo por Henrique Constância (Orquestra Metropolitana de Lisboa); com alunas da Escola de Música de Belmonte.

No 28º em Vila do Porto atuou com Henrique e Carolina Constância e apresentou novos autores açorianos musicados

No 29º em Belmonte 2018 atuou com Henrique e Carolina Constância e aluno/as da Escola de Música de Belmonte.



39º STA Mª 2024



32º GRACIOSA 2019



16º STA Mª 2011



24º Graciosa 2015

No 30º na Madalena do Pico em 2018 atuou com Carina Andrade.

No 31º Belmonte 2019 atuou com Carolina Constância e aluno/as da Escola de Música de Belmonte.

Em 2019 no 32º na Graciosa atuou com Carina Andrade.

No 34º em Ponta Delgada 2021 atuou com Carolina Constância e alunos do Conservatório de Ponta Delgada

No 35º em Belmonte 2022 atuou com aluno/as da Escola de Música de Belmonte.

No 36º em Ponta delgada 2022 atuou com Helena Castro ferreira, Carolina Constância, um aluno da Escola de Música de Belmonte e uma aluna do Conservatório de Ponta Delgada

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º Colóquio em Vila do Porto.

Posteriormente editar-se-á segundo CD.

Em 2020 editou o seu primeiro livro para crianças: a história musicada "A festa da bicharada", que inclui 11 canções infantis e em 2022 o segundo livro "A história de Natal da nossa avozinha", uma história de Natal ilustrada com mais 11 canções.

As obras do Padre Áureo foram tocadas na Maia em 2013 e na Madalena do Pico em 2018.

Nos últimos três anos letivos, e numa parceria com o Conservatório Regional de Ponta Delgada, tem desenvolvido o projeto "Cantando é que a gente se entende..." junto das escolas do 1º ciclo (Covoadá e Arrifes).

FOI AUTORA HOMENAGEADA PELA AICL EM 2018.

Ver HOMENAGEM 2018 (necessita ligação internet)

VERSÃO COMPLETA https://www.youtube.com/watch?v=yXVg2Fonugk&index=58&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

VERSÃO CURTA <https://youtu.be/K-j5LNGU920>

EXCERTOS DE GRAVAÇÕES NALGUNS COLÓQUIOS - OUVIR AQUI

FLORIPA BRASIL 2010 <https://youtu.be/SRbPimP04dU?>

RECITAL Macau 2011 (<https://youtu.be/dlCyM1iwz8E>) -

HINO MACAU 2011 <https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwl>

RIBEIRA GRANDE 2011 apresentação CHRÔNICAÇORES https://youtu.be/wNQ_84RCITk

SANTA MARIA 2011 https://youtu.be/Yr_0bKgl_SE

LAGOA 2012 https://youtu.be/rnf_0f6lqls

MAIA 2013 <https://youtu.be/xrMBoMcG8CE>

SEIA 2013 <https://youtu.be/czQi8Imp7wo>

FUNDÃO 2015 <https://youtu.be/MbPCx7BA0os>

GRACIOSA 2015 <https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>

GRACIOSA 2015 com Francisco LOBÃO <https://youtu.be/Ya0tNVaBqRU>

MONTALEGRE 2016 https://youtu.be/H5_rn0TfB_M

LOMBA DA MAIA 2016 <https://youtu.be/53RWfHwbwX8>

BELMONTE 2017 <https://youtu.be/WAAbuxdcQIA>

MADALENA DO PICO 2018 https://youtu.be/fYZEFaxghdk?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

Hiperligações PARA TODAS AS GRAVAÇÕES QUE A AICL FEZ

39º Santa Maria 2024

<https://youtu.be/W3yVvq8cjbE> alunos da ESSM

<https://youtu.be/sLiMJ-XxqHE> solo

https://youtu.be/flapoSnCexA?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a Folk Sto espírito

https://youtu.be/UTFGsUZEQaE?list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a Sérgio Prosdócimo

38º Ribeira Grande

<https://blog.lusofonias.net/ana-paula-andrade-no-38o-coloquio/>

36º PDL 2022

<https://youtu.be/oVPd1HBj3Ec>

<https://youtu.be/mTMygYFwKGs>

35º Belmonte 2022

<https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/2725-35%C2%BA-belmonte-2022-ana-paula-andrade-2.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/2724-35%C2%BA-belmonte-2022-ana-paula-andrade-1.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/2734-35%C2%BA-belmonte-2022-ana-paula-et-alli.html>

34º ponta delgada 2021

https://www.youtube.com/watch?v=fdPNDTo6sbQ&list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyE_5Rtf_F&index=1

https://youtu.be/svSOVCc5K_Q?list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyE_5Rtf_F

32º GRACIOSA 2019

<https://youtu.be/Mn3E7wOepgM>

<https://youtu.be/zJgRX1m5-pg>

31º BELMONTE 2019

https://www.youtube.com/watch?v=Ks3RxHk4j_Y&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=59&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=1tAsjTx5_4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=60&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=6R5l2V11Nzo&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=61&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=27lJtksAO4Q&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=62&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=A6339leHn_E&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=63&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=QxKOIRuXghs&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=64&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=7wXNqFWVGQA&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&index=65&t=0s

30º MADALENA DO PICO 2018

https://www.youtube.com/watch?v=fYZEFaxghdk&t=20s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=8

29º Belmonte 2018

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2447-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-2.html>

https://www.youtube.com/watch?v=ZsPqnW4Onlo&index=52&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2448-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-3.html>

https://www.youtube.com/watch?v=4S9MAayAjCg&index=53&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2449-29%C2%BA-col%C3%B3quio-belmonte-ana-paula-andrade-vol-4.html>

https://www.youtube.com/watch?v=Ro13UEmnocM&index=54&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

(https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=Ro13UEmnocM)

Quando o Silêncio me Abraça <https://www.youtube.com/watch?v=Za8LJ5fsDOg&feature=youtu.be>

28º VILA DO PORTO 2017

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html> / <https://www.youtube.com/watch?v=ejmr79lpwVU>

No ASAS DO ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCl&t=0s&index=55&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

27º BELMONTE 2017

https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=10

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2383-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-3-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2382-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-2-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2381-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-henrique-const%C3%A2ncia-1-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=9

https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&index=4&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2379-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-2-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=hQz60NLXjK4&index=7&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2380-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-a-solo-3-belmonte-2017.html>

https://www.youtube.com/watch?v=rFKauX1UCPw&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2384-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-belmonte-1-belmonte-2017.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2385-27%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-e-escola-de-m%C3%BAsica-de-belmonte-2-belmonte-2017.html>

26º LOMBA DA MAIA 2016

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2257-ana-paula-andrade-abertura-29set16.html> / <https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHwbwX8>

25º MONTALEGRE 2016

https://www.youtube.com/watch?v=H5_m0TfB_M&index=14&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2223-25%C2%BA-col%C3%B3quio-montalegre-2016-a-p-andrade-recital-em-vilar-perdizes.html>

https://www.youtube.com/watch?v=H5_m0TfB_M&t=1s&index=42&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

24º GRACIOSA 2015

<https://youtu.be/3TQgUAVRpQs>

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&index=19&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=JHUOEPKJEvl&t=3s&index=36&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=49s&index=37&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=gxCD2G2-7ZU&t=15s&index=38&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=9rmthM-lmLE&t=8s&index=39&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=u34j-G-B8UI&t=0s&index=40&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

23º FUNDÃO 2015

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1943-2015-04-07-09-21-36.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1942-2015-04-07-09-06-15.html>

https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

https://www.youtube.com/watch?v=aDITGat5A0M&index=21&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1944-2015-04-07-09-28-21.html>

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&index=22&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

20º SEIA 2013

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1351-20%C2%BA-2013-seia-7-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>

https://www.youtube.com/watch?v=H1sKSQ-vK2U&t=1s&index=16&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=rX46kTudgRQ&t=0s&index=15&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&t=0s&index=17&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

https://www.youtube.com/watch?v=DhLaweHFsX0&t=0s&index=18&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

19º MAIA 2013

https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

https://www.youtube.com/watch?v=xrMBoMcG8CE&index=8&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=2s

https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

<https://www.youtube.com/watch?v=uPqTWGWF7o>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1348-19%C2%BA-2013-maia-9-1-m%C3%BAsica-ilhas-de-bruma.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1347-19%C2%BA-2013-maia-9-2-m%C3%BAsica-menina-dos-olhos-verdes.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1483-20%C2%BA-2013-seia-8-m%C3%BAsica-recitais-todos.html>

https://www.youtube.com/watch?v=flhODrQYThQ&t=0s&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a

17º LAGOA 2012

https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&index=28&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGI7a&t=0s

https://www.youtube.com/watch?v=JVz1sesWYhs&list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyrE_5Rtf_F&index=65

16º VIA DO PORTO 2011

<https://youtu.be/ejmr79lpwVU>

https://www.youtube.com/watch?v=Yr_0bKgl_SE&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGl7a&index=46

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1598-16%C2%BA-sta-maria-2011-ana-paula-andrade-ilhas-de-bruma.html>

15º MACAU 2011

https://www.youtube.com/watch?v=dICyM1iwz8E&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGl7a&t=0s

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1349-15%C2%BA-2011-macau-8-2-m%C3%BAsica-chamarita.html>

https://www.youtube.com/watch?v=FP-S25f6gwl&index=27&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGl7a&t=0s

13º FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL 2010

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=44&list=PLwjUyRyOUwOKiC_SKWjM3dQrE3-GiGl7a

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

PARTICIPOU EM 4 RECITAIS, UM NA SESSÃO DE ABERTURA E TRÊS DIA 4 (com alunos da ESSM, com Sérgio Prosdócimo e com um grupo folclórico de Santo Espírito)

VÍDEO HOMENAGEM 2018 [HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/K-J5LNGU920/EDIT](https://studio.youtube.com/video/K-J5LNGU920/edit)

HOMENAGEADA AICL EM 2017, 2018

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. –

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL.

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS,

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-09, BRASIL (13º FLORIANÓPOLIS) E 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU E 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA E 18º OURENSE, GALIZA 2012, 19º MAIA E 20º SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015. 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

5. ANABELA BRITO FREITAS (EX-MIMOSO), IPLUSO CEI-EF ULHT, ESCRITORA, AICL, CONVIDADA DE HONRA 2024



38º Ribeira Grande 2023



39º STA Mª 2024



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



Anabela Brito de Freitas (ex-Mimosa) nasceu em Lisboa, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também obteve os graus de mestre e de doutora em Cultura.

É docente no IPLUSO (Lisboa - Grupo Lusófona), foi investigadora do Cei-EF da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia onde terminou um projeto financiado pela FCT, no campo do associativismo docente.

Tem também desenvolvido estudos na área da literatura, sobretudo da tradicional e da literatura infantil, bem como da história do pensamento pedagógico e da história do corpo.

Publicou ainda, sobre essas mesmas temáticas, vários artigos em revistas e capítulos de obras.

Faz regularmente comunicações em congressos, nacionais e internacionais e conferências,

Tem uma vasta obra escrita desde a literatura infantojuvenil à literatura tradicional

(Contos tradicionais do povo açoriano de Teófilo Braga: introdução, seleção e notas)

Estudos sobre a Geração de 70 (S. Cristóvão de Eça de Queirós – introdução),

Inúmeros artigos de revistas,

Participação em congressos nacionais e internacionais, conferências, manuais para o ensino da Língua Portuguesa 2º e 3º ciclos, e literatura infantojuvenil:

História de um rio contada por um castanheiro (Porto, 1986);

Era um azul tão verde... (Porto Ed., 1993);

O Tesouro Da Moura (Porto Ed., 1994);



10º Bragança 2008



11º LAGOA 2009



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



EBI MAIA (11º LAGOA) 2009



11º LAGOA) 2009



13º BRASIL 2010 (BRASÍLIA)

13º BRASIL 2010 (RIO)



8º BRAGANÇA 2007



8º BRAGANÇA 2007



38º Ribeira Grande 2023



D. Bruxa Gorducha (Porto Editora, 1995 e Gailivro, 2006);
O último período (Âmbar, 2002);
Um sonho à procura de uma bailarina (Âmbar, 2002);

Parabéns, caloiira! (Âmbar, 2003);
Quando nos matam os sonhos (Âmbar, 2005);
O Tesouro do Castelo do Rei (Âmbar, 2006);
Foz Côa: entre céu e rio (Gailivro, 2007);
Traz os olhos cheios de palavras (Âmbar, 2007);
A vida pela metade (Gailivro, 2007);
O cavalo negro (Câmara M. de Gaia, 2008);
As férias do caracol (Novagaia, 2009), entre outros em coautoria.
Aquela palavra mar (Calendário, 2010)
Contos Tradicionais Açorianos De Teófilo Braga (Calendário de Letras 2010),
Búzios (infantojuvenil, Calendário de Letras, 2011)
Viver sempre também cansa - Prémio Florbela Espanca 2017

APRESENTOU “ Santa Maria vista ao Espelho (Cristalino) Anabela B. Freitas, IPLUSO

Frei Diogo das Chagas, vigário provincial dos franciscanos nos Açores, não nasceu em Santa Maria - era florentino. Mas a sua obra, *Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores*, redigida em meados do séc. XVII, no contexto da Restauração, constitui uma certidão de nascimento, o mais cristalina possível à luz dos recursos da época, de todas as ilhas açorianas e, logo, também da de Santa Maria. Para entendermos este Espelho, para percebermos as intenções do autor e avaliarmos devidamente o seu conteúdo, será necessário começar por explicar a sua génese, a razão do estranho título, para depois, e só depois, procedermos à análise da parte do livro dedicado ao descobrimento e povoamento (e povoadores) da primeira ilha do arquipélago. Na verdade, a obra não se limita a registar dados históricos, mas também casos, eventos anedóticos, hagiográficos - as flores - alguns também proféticos, que nos ajudam a perceber, não só a mentalidade da época, mas um pouco da alma insular e mariana.

1. O Autor

Frei Diogo das Chagas nasceu na ilha das Flores, por volta de 1584. Ingressou na Ordem franciscana e em 1646 era eleito vigário provincial dos franciscanos nos Açores. Adversário feroz do domínio castelhano, escreveu uma *Relação do que aconteceu na Cidade de Angra da ilha Terceira, depois da feliz aclamação d'el-rei que Deus guarde...* Será também autor da *Fundação da Província de São João Evangelista*, manuscrito hoje perdido. Escreveu ainda a *Meditação da luta do Diabo com Adam, pelo qual sahio Jesus Christo a lutar com o Diabo*, da *Consolação da pobreza*, e *remedio para qualquer muito pobre ser muito rico* e *De como se busca e acha a bemaventurança*.

2. A obra

Não terá sido por acaso que Frei Diogo das Chagas escreveu este *Espelho* dedicado às ilhas açorianas. Sendo franciscano e açoriano, ousamos dizer que seria quase uma vocação falar da descoberta e povoamento dos Açores. Sabemos que o franciscanismo enformou o pensamento ideológico da época dos Descobrimentos.

Como diz Jaime Cortesão: «o que verdadeiramente caracterizou a Baixa Idade Média em Portugal foi o advento da Ordem de S. Francisco e a sua fulminante expansão no país desde meados do século XIII e, com ela, um conjunto de novos valores sociais, morais e espirituais, a que conveio chamar-se *franciscanismo*» (p. 151). Nos séculos XIV e XV e primeira metade do XVI, o culto do Espírito Santo, que caracterizou o misticismo dos *espirituais* espalhou-se por África, Índia, mas sobretudo pelos arquipélagos da Madeira e Açores e daí para o Brasil e a América.

Significa isto que o ponto máximo do culto do Espírito Santo coincide com a Expansão Portuguesa e, logo, com a missão nacional de propagar a fé pelo mundo. Aliás, em meados do séc. XV, o culto do Espírito Santo, sob a forma de Império, constitui uma crença quase exclusiva, de tal maneira que Jaime Cortesão lhe chama a época do *Pentecostes*.

Os franciscanos iriam acompanhar a exploração do Oriente nos sécs. XIII a XIV, a do norte de África e depois os primeiros colonizadores dos Açores, Madeira e Cabo Verde. Continuariam no século seguinte a sua missão evangelizadora no resto de África e na Índia. É um franciscano, Frei Henrique de Coimbra que, em 1500, reza a primeira missa no Brasil. Toda a mística dos Descobrimentos será um efeito do pensamento franciscano. A São Francisco de Assis e ao franciscanismo «se deve a conciliação entre os dois conceitos - síntese do espírito que dilatou o cristianismo à Natureza e libertou os povos do Ocidente do entrave que os impedia de se alargar sobre o mundo.» (Cortesão: 63).

O *Cântico ao Sol* de S. Francisco é uma das primeiras obras a revelar o amor pela Natureza, alheia ao espírito medieval.

«Aproximando o homem da Natureza e substituindo um ideal contemplativo e de aspirações extraterrenas por um cristianismo amorável, comunicativo e pragmático, o franciscanismo dissipou a sombra de maldição e terror que pesava sobre a vida e sobre a Terra e abriu o caminho à marcha do homem no planeta», diz-nos J. Cortesão (p. 70).

Foi este culto da natureza, que povoou o imaginário do final da Idade Média e que se prolongará pelos séculos seguintes, que veio também povoar o imaginário literário medieval e moderno de *jardins, hortos, florestas, silvas e flores*.

2. 1. O título

Concomitantemente, desde os finais da Idade Média, as ordens mendicantes, nomeadamente os franciscanos, cada vez sentiam mais uma crescente necessidade de reforma da vida moral e espiritual de religiosos e leigos.

Proliferam assim as obras de cariz doutrinário e espiritual que pretendem combater a ignorância, através de conselhos que visam as práticas religiosas dos cristãos. M. de Lourdes Fernandes esclarece-nos sobre este aspeto: «Muitas dessas obras adotaram, significativamente, o título de *Espelhos*, continuando um gosto e uma tradição clássica e medieval» (1995: 32). Na verdade, a palavra “espelho” significa na Idade Média, período marcado pelo pensamento platónico, onde a visão é um modo de acesso ao conhecimento, significa, dizíamos, um reflexo da revelação divina.

Assim, quer o *Speculum Vitae Humanae*, editado pela primeira vez em Roma, em 1468, e que é traduzido para castelhano por Rodrigo Sánchez de Arévalo e publicado em Saragoça (*Espejo de la Vida Humana*), provavelmente em 1481, quer o *Espejo de la Consciencia* de Frei Juan Viñones, em Salamanca, em 1498, tiveram muitas edições ao longo do séc. XVI. São, portanto, obras destinadas ao aperfeiçoamento da vida humana, orientadora das consciências.

Um outro tipo de *Espelhos*, estes destinados *ad usum delphini*, é o *Espelho de príncipes*, subgénero literário que pretende refletir a imagem, a descrição do príncipe (ou princesa) perfeito, o comportamento, o papel e sua ação no mundo. Estes *Espelhos* tinham, pois, uma função didática: serviam como exemplos para orientar príncipes e princesas na sua relação com os outros e com Deus.

Não é de admirar que Frei Álvaro de Pais, que escreveu o *Speculum regis* em Tavira, entre 1341 e 1344, fosse frade franciscano muito próximo dos espirituais.

Obra de grande sucesso foi a de Francisco de Monzón, que escreveria em 1544, o *Espejo del Principe Christiano* e um *Espejo de la Princesa Christiana* que deixaria inédito. D. Isabel, mulher de Afonso V, manda traduzir o *Livro das Três Virtudes* de Cristina de Pisano, sintomaticamente, com o título *Espelho de Cristina* (1518).

Ora este *Espelho* de Frei Diogo das Chagas terá também um objetivo didático e que será, não só para criar uma consciência histórica, uma memória, hoje diríamos uma identidade, nas populações insulares, mas também para lembrar ditos, feitos, desastres, gentes que se notabilizaram durante os dois séculos que a obra reporta. Teria ainda a função de servir de exemplo para os vindouros, no que se não fastia muito do *Espelho* que ora abordamos aqui.

E *Cristalino* porquê?

Cremos que a preocupação que Frei Diogo tem para com a verdade, a autenticidade, enfim, a possível na época, o fez acrescentar o adjetivo.

De facto, amiudadas vezes, ao longo da obra, ele afiança e dá vários garantes da sua fiabilidade.

Quanto ao resto do título, *jardim de várias flores*, lembramos que as metáforas naturalistas são muito comuns ainda na literatura medieval. Veja-se o caso dos dois livros mais significativos desta época: *Orto do Esposo* e do *Bosco Deleitoso*, ambas as obras datadas dos finais do séc. XIV, inícios do séc. XV.

Entre essas designações metafóricas surge ainda a de *jardim* que tem raízes bem antigas e continua a ser usada ainda nos séculos seguintes.

Frey Luís dos Anjos, no *Jardim de Portugal* (1626), mais propriamente, no prefácio, elucida-nos sobre o termo:

«Chamo jardim a este tratado seguindo aos que escreverão liuros dos Padres do Epypto, porque lhes chamaraõ vergéis, ou prados espirituales, ensinando cõ taõ alegre titulo, que naõ são exemplos sanctos menos fermosos dos olhos dalma, que quaisquer flores aos do corpo; & certo que naõ sei viola mais suave que a humildade: nem lirio mais lindo, que o sofrimento: nem rosa mais abrasada que a caridade: nem cravo mais forte que a fortaleza: nem jazmim mais mimoso que o jejum: nem mais saudoso goyuo que o silencio: nem mosqueta mais querida que a quietação: nem çeçem mais pura que a pureza: nem bonina mais benigna que a benignidade: as quais & mytas outras virtudes resplandescem mais neste jardim diante dos olhos de Deus, que as mesmas estrelas do Ceo diante dos homens» (1626: “A quem ler”).

Frey António da Purificação, na Dedicatória dessa mesma obra, reitera a ideia: «Jardim lhe chama de Portugal: em o qual ainda que naõ seja cõ o mais delicado estyllo, cõ tudo se apresentã as melhores plantas, flores, & frutos que deraõ neste reyno de Portugal» (1626: “Dedicatória”).

Claro que não foi só em Portugal que o termo corria. Também em Espanha. Assim, Antonio de Torquemada publicara em 1570 o *Jardín de flores curiosas*.

Giovanni Allegea explica o significado do título da obra: «El Jardín de flores curiosas nace del intento de ordenar por tratados y secciones el conjunto de noticias, relaciones, recuerdos, mirabilia que habian ido acumulandose en los siglos que van de la decadencia romana hasta los umbrales de la edad moderna.» (1980: p. 56). E mais adiante: «El Jardín no es por otra parte una obra literaria en sentido convencional, siendo el elemento creativo y personal muy reducido; como honrada y repetidamente reconoce su autor, tratase de una amplia recopilación de noticias no siempre controlables pero concienzudamente referidas a sus fuentes ciertas o supuestas. Pero las fuentes no son aquí unos pocos autores o un contemporáneo especialmente seguido en su tiempo, sino todo un ejercito de tratadistas, cartógrafos, logógrafos, continuadores que tanto sacan de la cantera literaria como de la popular y colectiva.» (1980: p. 56).

Claro que nos jardins há flores, conforme Torquemada, na fala de uma das personagens (Luís), esclarece: «Por cierto, es tanta la variedad de las flores y rosas que están en este pequeño prado, que, mirando cada una por sí, me parece nunca antes haberla visto. ¡Cuántas maneras hay de ellas, con cuán varias composturas y formas y con cuán delicadas colores y matices, puestas con tan gran orden y concierto, que parece que la Naturaleza se ha esmerado en pintar con todo el primor posible a cada una de ellas!» (1570: fol. 2). A mesma metáfora é utilizada, em 1600, por Francisco Ortiz Lucio, ao publicar em Madrid um Jardín de divinas flores repartido en siete tratados de materias muy provechosas para todo genero de gentes: especialmente en lo que toca a amor divino y humano.

Nem sempre o termo utilizado é jardim, por vezes, aparece o termo silva ou floresta. Poderá haver uma ligeira diferença entre os dois termos, conforme explica Allegea: «Distinta la conciencia erudita y muy otro el rigor filosófico del Jardín si lo comparamos con el modelo mas próximo, la Silva de Mejia; no difiere el intento de referirse a cierta tradición literaria, típica de la baja edad clásica y de la media. La palabra Jardín, a diferencia de Silva, sugiere una mas cuidada demora en la búsqueda del hecho raro, y subraya a la vez el intento de deslindar los temas que forman el terreno de la "curiosidad." Es como si, a pesar de lo intrincado del paisaje que se nos abre delante, quisiera Torquemada indicarnos las sendas aptas para visitarlo sin correr el riesgo de convertir nuestro viaje en una incursión insensata» (1980: p. 57).

Não foi só a Silva de varia Leccion de Pedro Mejia (1540) que se publicou. Em 1696, Pr. João da Fonseca publicou também uma Silva moral e historica que contem a explicação & discursos moraes de diversas materias confirmados com seis centurias de exemplos escolhidos & historias selectas.

Outro termo utilizável é o de floresta. Em 1574, Melchor de Santa Cruz de Dueñas publicava em Toledo a Floresta Española de Apothegmas, o sentencias, sabia y graciosamente dichas de algunos españoles, livro de grande sucesso que teve várias edições no mesmo século e no seguinte. Na dedicatória ao leitor, o autor explica o sentido do termo: «De aquesta floresta, discreto lector/ donde hay tanta copia de rosas y flores,/ de mucha virtud, olor y colores,/ escogga el que es sabio, de aquí lo mejor.» (Santa Cruz: 117). A variante floresta continua, pois, a usar-se nos séculos seguintes.

O Pr. Manuel Bernardes publicava em 1706 os cinco volumes da sua A Nova Floresta ou sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos, espirituales e morales, com reflexões em que o útil da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim divina como humana, não fazendo, pois, a distinção com silva. Também em 1735 saía o tomo I da Floresta novíssima de Pr. Manuel Consciência que não difere muito da do seu antecessor. Conforme se pode deduzir do título, ambas as obras contêm pequenos contos que se pretendem exemplares.

Ora, nos jardins, florestas ou silvas há, pois, flores. O termo flores aparece mesmo como título de uma das obras que melhor fortuna tiveram: Flos Sanctorum. Entre as várias que se imprimiram na Península Ibérica, salientamos a de Frei Diogo do Rosário, publicada em 1567, em Lisboa, intitulada: História da vida e feitos heroicos e vidas insignes dos santos, reeditadas mais duas vezes no mesmo século (1577 e 1590).

Nessa mesma linha, a obra anónima sobre a vida de S. Francisco (1492) recebeu significativamente o título de Floreto de S. Francisco, obra importante na biografia desse santo e que terá servido de fonte privilegiada a Frei Marcos de Lisboa, para escrever a Crónica dos Frades Menores (1557).

Data da segunda metade do séc. XVI um Floreto de anécdotas y noticias diversas da autoria de um frade dominicano de Sevilha. Na mesma linha, Francisco Saraiva de Sousa, em 1657, editava o Báculo Pastoral de Flores de Exemplos. Claro que todas estas obras se filiavam, como é fácil de ver, na corrente da literatura moral dos exempla.

Portanto o jardim de várias flores, não é mais nem menos que uma coletânea de histórias diversas de vários casos e personagens, "exemplares", no sentido da época. Ora, não faltam "flores" nesta obra que comunga também do género hagiográfico. Efetivamente, abundam os exemplos de mulheres e homens cujas vidas abnegadas e virtuosas, nos devem surpreender, que «forão direitos ao Ceo e estão gozando de Deus Nosso Senhor e lhe pedem fauor pera com o mesmo Deus, como a Santos canonizados polla Igreja, e muitos alcansão, por sua intercessão, remedio da necessidade que lhes pedem, obrando alguns milagres» (p. 201).

Um dos exemplos é precisamente o de Frei António de Sam Boaventura, "um frade nosso", logo franciscano, que se salvou, milagrosamente, do ataque dos piratas mouros a Santa Maria. Também a figura do Infante D. Fernando, «tão católico e christianíssimo (...) nacido não só do seu uirtuoso espirito, inspirado pelo Espírito Santo (que assim se pode por sua uirtude e bondade

presumir) mas do bom entendimento que Deus lhe deu» (p.120). Virtudes essas que o tornavam arauto de Deus, ao profetizar que «os primeiros povoadores destas Ilhas roçarão e trabalharão, e seus filhos semearão, os netos uenderão, e os mais descendentes fugirão dellas» (ib.). Poderosa profecia de que os ilhéus não se puderam libertar ainda hoje. Esta profecia cabe na designação de ditos ou sentenças que caracterizam ao tipo de literatura que temos estado a analisar.

Encontramos no Cap. 8º o melhor exemplo das flores, leia-se, grandezas do país, pois aí se fala «Das conquistas dos Reis de Portugal, Terras que descobrirão e por quem e em que tempo» (p. 73).



6º Bragança 2006



6º Bragança 2006



6º Bragança 2006



8º BRAGANÇA 2007



8º BRAGANÇA 2007



A "cristalinidade"

Frei Diogo das Chagas não perde a ocasião ao longo da obra de afiançar a veracidade do que escreve, quer através de fontes escritas, quer através de fontes orais, desde que estas se tenham mostrado dignas de confiança. Por isso mesmo, protesta que «como já tenho ditto, não boto aqui o que ouço a Velhos, se não o que me consta de liuros e o bom e autorizado.» (p. 394). Ou, pelo menos, e concretamente em relação aos povoadores de Santa Maria, o «que consta de papeis ainda que não autenticos, mas feito por pessoa digna de fée, conforme a pratica dos que hoje uiuem, que me afirmarão estar tudo na uerdade» (p. 130). Às vezes, a informação é apenas oral «não consta de papeis, mas por tradição de antigos», sobretudo quando a fonte «he pessoa a quem dou muito credito», aliás confirmado posteriormente, quando «reboluendo depois papeis as achei muito ajustada a verdade» (p. 348).

No entanto, quando a tradição é muito forte, ele regista-a, mas denuncia a falta de crédito que lhe merece. É assim que, logo no início da segunda parte (cap. 1º) ao apresentar a profecia do infante D. Fernando, apressa-se a explicar que o «Dizem algumas pessoas mui antigas, e anda como por tradição na memória dos mais [c]uriosos, e que eu achei em papeis mui antiquissimos ainda que não autenticos» (p. 120).

Assim, na página 201, a propósito de «algũas pessoas que uiuendo em carne se tinham por templos vivos do mesmo Senhor, a respeito da boa e Santa Vida que fazião», diz que os milagres que eles obram «estão provados por muitas testemunhas, e ainda em liuvros impressos já escritos».

Mais adiante para afiançar quem foi o primeiro povoador da Terceira, declara que está «conforme alcansei por conjecturas de papeis antigos que ly, e noticia certa molher bem entendida e antiga, que nesta materia perguntei» (p. 217). Para atestar a fundação da capela mor do Convento de Angra diz que está conforme «Consta dos papeis do dito Convento que eu sendo guardiam bem deuagar ly» (p. 283). De facto, esta sua posição de guardião do convento favorecia muito as suas pesquisas.

Sobre a construção da ermida de São João Baptista por um certo cavaleiro, por exemplo, explica que é o que «consta de seu testamento que eu ly deuagar.» (p. 289).

Sobre a descendência de Maria Teixeira é ainda mais preciso: «Consta destes cazamentos filhos e descendencias dos liuros dos bautizados, e casados da Matriz de Villa da Praya em varios Itens e uarias partes, que eu muito deuagar li, vi, e corri.» (p. 390).

Nem sempre é possível corroborar as ideias que corriam no tempo. Assim, acerca do tronco dos Valadões, humildemente «confesso em mim que fiz muita deligencia lendo cartorios, e perguntando a antigos por quem fosse o primeiro tronco e raiz dos desta nobre descendencia (...) e não pude descobrir ao certo, quem fosse e como se chamasse.» (p.338). A propósito de um tal Afonso Lopes confessa que não sabe «se veio de fora, nem se naceo na Ilha», porque «não achei em papeis autenticos outro mais antigo, de quem possa colligir ser este filho ou neto, por isso dou este por tronco.» (p. 403).

Para não errar, prefere não falar no assunto. Deste modo, em relação a Gonçalo Ferreira de Teue, que diziam ser irmão de Diogo de Teue nada afiançou, ou como ele diz «não tratei sua genealogia atrás junto com a do Irmão, se he, que o erão, que a mim me não consta por papeis autenticos» (p. 363). O mesmo acontece em relação a Inês Gonçalves: «não sei com quem casou, nem se tem descendencia» (p. 393).

Os exemplos poderiam continuar, pois, fiel ao seu propósito declarado no título da obra, o franciscano florentino não perde ocasião de confirmar a "cristalinidade" deste seu espelho.

O conteúdo

Na sua totalidade, esta extensa obra, redigida em meados do séc. XVII, no contexto da Restauração, começa com o princípio do mundo, os primeiros monarcas, as nações de Espanha, a formação de Portugal, os seus reis e conquistas. Esta é a primeira parte. A segunda parte, aborda então os descobrimentos das ilhas açorianas. Já a terceira é dedicada aos sumos pontífices. Inclui ainda alguns "papeis", ou seja, documentos que atestam as suas afirmações.

O manuscrito encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada. Seguiremos aqui a segunda edição de 2007.

A intenção de Frei Diogo das Chagas ao escrever o *Espelho* é bem clara e explícita ao longo da obra: mostrar as "grandezas", ou flores, de Portugal, obviamente imbuídas de um ideal hagiográfico e exemplar. Para o provar, afiança que o nosso país terá sido o berço da vida eremítica, sendo o primeiro ermitão um tal Felix, «Santo Varão português» (p. 57), discípulo de Santiago. A sua passagem teria dado origem aos ermitães da Serra de Ossa. Inspirados nessa tradição, em S. Miguel, dois franciscanos ter-se-iam retirado para «Hũas brenhas e deserto, que fica entre a Povoação e Vila Franca, que se dizem as Furnas» (p. 58). Como se vê, o autor faz uma estreita ligação entre o que se passa no Continente e o que se passa nas Ilhas e apresenta, naturalmente, os franciscanos como elo de ligação entre essas santas ocorrências. Não vai além nestas referências hagiográficas, mas remete-nos ainda para o *Jardim de Portugal* e para a *Monarquia Lusitana* para se saberem as demais grandezas de Portugal.

Descobrimento e povoamento

Frei Diogo das Chagas denuncia a tradição seguida por Gaspar Frutuoso que atribui a Gonçalo Velho, comendador da Ordem de Cristo, a descoberta de Santa Maria, em 1432, a primeira do arquipélago a ser descoberta e a ser povoada. Tinha razão, embora não tenha acertado na data, pois, na verdade, só no séc. XIX é que ela foi decifrada inserida num planisfério, datado de 1439, de Gabriel de Valseca, onde pela primeira vez aparece a localização exata dos Açores, a data correspondente à sua descoberta, como sendo a de 1427, atribuída a um Diogo, cujo apelido Damião Peres decifrou como de Silves. Assim, Gonçalo Velho terá sido sim, o seu primeiro colonizador, mas não descobridor. A política de sigilo obrigava à inexistência de documentação, o que justifica essa lacuna.

Frei Diogo muito deve ter porfiado por encontrar os alvarás da doação das capitánias, mas tal não logrou, como confessa: «não achó nenhũa carta passada pollo Infante Dom henrique, nem pollo Infante D. Fernando, seu sobrinho, que elle em filho adoptou, e a quem deu as Ilhas que em seu tempo tinha descobertas» (p. 129). Esta falta de documentação leva-o a concluir que a mercê feita a Gonçalo Velho, deve ter sido feita "de palavra", conforme era comum na época (p. 129).

Atendendo a estes constrangimentos, o que se sabe, é que Gonçalo Velho, comendador de Almourol, estribeiro do Infante, terá sido escolhido pelo Infante D. Henrique para nela lançar gado e as povoar, fazendo-lhe doação de Santa Maria e de S. Miguel. Gonçalo Velho terá entrado na ilha em 15 de agosto, dia da Nossa Senhora da Assunção e por isso a denominou de Santa Maria. Correria, segundo a tradição, o ano de 1432, embora F. Diogo Chagas ache que seria antes em 1443, apesar de não ter obtido provas desse facto: «E passado Cabo Verde pera o norte sessenta legoas, digo cem legoas, se descobrirão as Ilhas dos Assores, que o Infante mandou povoar no anno de 1449 e, assim forão seus primeiros descobridores, e foi seu descobrimento do anno de 1443, ate o anno de 1449 em que começarão a pouoar, não todas juntamente, mas hũas apos outras» (p. 75).

Segue-se a descrição da Ilha, «mui fertil e tudo o que há de melhor do que os frutos e mantimentos de outras Ilhas (...). Tem muito e bom barro, do que fazem toda a sorte de louça (...). Tem hũa pedreira de pedra de Cal (...). Tem muitos bons pastos, alguns matos e as terras lauradias. Não são muito fecundas em trigo mas o que dão é tão bom como do Alentejo» (p. 122). Além dos nomes dos capitães, cita os apelidos e descendência dos primeiros povoadores: os Velhos, Sousas, Soarez, Quentais, Lemos, Rodriguez, Coelho, Mellos, Cabrais, Carvalhos, Corvelos, Nunez, Costas, Andrades...

Minuciosamente fornece-nos os nomes das freguesias, dos fogos e das "almas maiores e menores" que tem cada uma. A sua preocupação em nos dar uma "cristalina" certidão de nascimento da ilha, fá-lo incluir a lista de capitães e descendentes até ao tempo da redação da obra. Os outros povoadores não ficaram esquecidos, já que exaustivamente inventaria o nome dos primeiros povoadores e dos seus descendentes.

Para além das gentes, Frei Diogo dá relação da organização administrativa das ilhas, ao dar conta das freguesias e dos fogos e das almas maiores e menores de cada uma (p. 123).



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



13º BRASIL 2010 (FLORIPA)



Conclusão

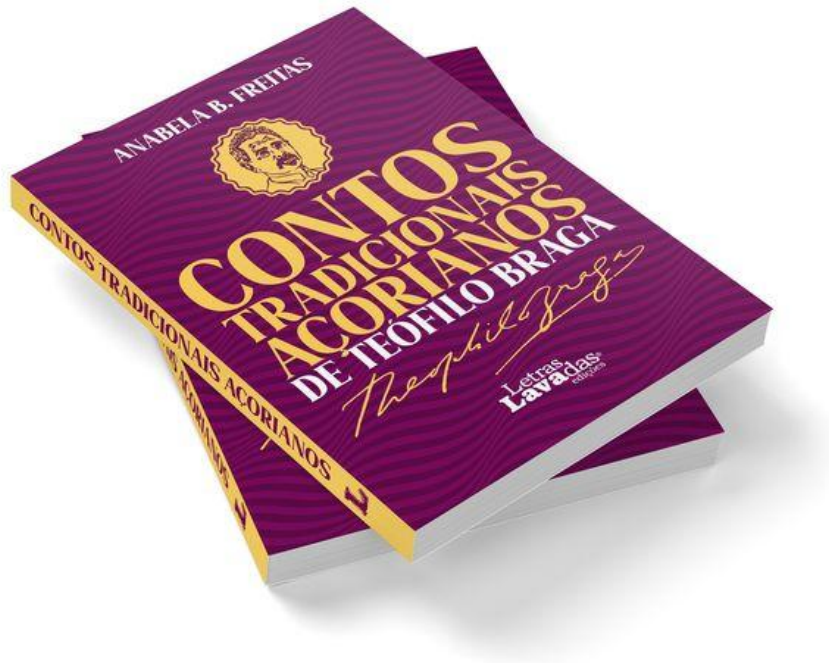
Poderíamos dizer com propriedade que esta obra é uma certidão narrativa completa do nascimento, o mais cristalina possível à luz dos recursos de então, de todas as ilhas açorianas e, logo, também da de Santa Maria. Bem enquadrada na época, é também um panegírico das grandezas do reino, numa época em que era preciso reforçar o nacionalismo face ao inimigo estrangeiro.

Pode dizer-se que Frei Diogo das Chagas cumpriu o seu desiderato com distinção.

Referências bibliográficas

- .ALLEGRA, Giovanni (1980), "Antonio de Torquemada, mitógrafo 'ingenuo' y popular", Actas del Sexto Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas celebrado en Toronto del 22 al 26 de agosto de 1977 / Toronto, Department of Spanish and Portuguese, University of Toronto, 1980, pp. 55-59, disponível em 03/05/2024, em: https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih_06_1_013.pdf
- ANJOS (Frei) dos Anjos (1626). Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas sanctas mulheres illustres em virtude as quaes nascerão ou viverão ou estão sepultadas neste Reyno y suas cõquistas. Coimbra: em Casa de Nicolau Carualho, Impressor del Rey.
- CHAGAS, Frei Diogo (2007). Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional de Cultura, Universidade dos Açores, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso.
- CORTESÃO, Jaime (s.d.). História dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. I
- FERNANDES, M. Lurdes Conceição (1995). Espelhos, cartas e guias de casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700). Porto: FLUP
- Floreto de S. Francisco (1988). Reprodução fac-similada do incunábulo n. 175 da Biblioteca Municipal de Lisboa. Apresentação de José Adriano Freitas de Carvalho. Porto: FLUP.
- PERES, Damião (1982). A história dos descobrimentos portugueses. Porto: Vertente.
- SANTA CRUZ, Melchior (1996). Floresta Española (ed. De Maximiliano Cabañas). Madrid: Catedra.
- TORQUEMADA, Antonio (1570), Jardín de flores curiosas en que tratã alguns materias de humanidad, filosofia, theologia y geographia con otras cosas curiosas y apazibles. Salamanca: en casa de Juan Baptista de Terranova.

APRESENTOU “Teófilo Braga Contos Tradicionais Açorianos” reeditados PELA LETRAS LAVADAS EM 2024



O livro que aqui trago é a segunda edição dos *Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga*. A primeira foi lançada no Brasil, em 2010, em Florianópolis, era comemorativa do centenário da República, foi editada na Calendário de Letras pelo nosso associado Francisco Madruga, e integrou a lista do Plano Regional de Leitura.

Esta também é comemorativa do centenário, mas do centenário do falecimento de Teófilo Braga, que, salvo raras exceções, tem passado despercebido em quase todo o país. A editora Letras Lavadas chamou a si a tarefa de publicar a obra e penso que é uma boa forma de Ponta Delgada poder homenagear um dos mais gloriosos filhos da sua terra.

Nestes encontros açorianos, e antes destes, já nos de Bragança, apresentei várias comunicações sobre Teófilo Braga (ainda no ano passado a minha comunicação sobre os folhetos de cordel partiu precisamente de um opúsculo deste autor). Sinto por ele uma grande empatia, pela sua fome de cultura e de estudo, pela sua honestidade intelectual, mas sobretudo uma elevada admiração pelo homem de vida modesta e honesta, pelo estadista probo, pelo presidente que se deslocava de eléctrico para o palácio presidencial, aquele que entendia a sua missão como uma *res publica* - o que deveria ser apanágio de qualquer político.

Joaquim Teófilo Braga publica os *Contos Tradicionais do Povo Português: com um estudo sobre a novellística geral e notas comparativas* em 1883, no Porto, na Livraria Universal, em dois volumes. O ensaio que precede a apresentação dos contos é um ótimo estudo sobre a literatura tradicional, em geral, e sobre os contos, em particular.

O primeiro volume do livro engloba contos de diversas regiões do Continente, bem como das Ilhas, todos eles devidamente identificados. Às vezes só dá indicação da província, outras vezes dá mesmo a da cidade (ex.: Algarve: Lagos). Casos há em que apresenta duas origens para o mesmo conto (ex.: Estremadura e Algarve). A maioria dos seus contos são oriundos dos Açores (sobretudo, S. Miguel), obviamente, do Algarve e do Porto. Há também alguns de Famalicão, Airão (Minho); Bragança; Coimbra; Sardoal; Alentejo e Carrazeda de Ansiães.

O segundo volume engloba contos literários, colhidos nos *Livros de Linhagens*, nos *Manuscritos de Alcobaça*, no *Orto do Esposo*, em Gil Vicente, em Gonçalo Fernandes Trancoso, Francisco Saraiva de Sousa (báculo Pastoral de Flores de Exemplo) Rodrigues Lobo, Pe. Manuel Bernardes; na *Arte de Furtar* (que ele atribui ao Pe. António Vieira) e no Pe. João Baptista de Castro.

Quanto às lendas, patranhas e fábulas (III Parte) deste segundo volume, há recolhas da Guarda, Torre de D. Chama, Porto, Famalicão, Airão, Vila Nova de Gaia, Açores, Leça do Balio, Paços de Ferreira e muitos outros lugares. Daqui se pode concluir que Teófilo Braga apresenta uma mostra significativa do património cultural do país.

Ora, Teófilo já tinha publicado em 1869 os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* (Cantos, sublinho), mas não teve oportunidade de fazer uma edição dos contos da sua terra. Como vimos, coligiu (ou melhor, foi o Dr. João Teixeira dos Santos e o Dr. Ernesto do Canto, seus amigos, que coligiram, porque ele estava no Continente) muitos contos nos Açores, mas estes apareceram integrados nos *Contos Tradicionais do Povo Português*. Aquilo que eu fiz, foi seleccionar nessa obra todos os contos que são aí identificados como sendo dos Açores,

num total de 31, dos quais 27 são de S. Miguel e os restantes quatro atribuídos genericamente aos Açores. Apresento-os exatamente pela ordem por que aparecem nos *Contos Tradicionais*, e realizo aquilo que, se calhar Teófilo gostaria também de ter feito, que era uma coletânea apenas com os contos, casos, facécias, histórias, exemplos, patranhas, lendas, ditos, fábulas, recolhidos na sua terra natal. Obviamente que nos Açores circulavam muitos mais contos do que aqueles que ele identifica, (Maria Inácia, uma informante, terá dito que "todos escritos encheriam uma casa"), mas esses tinham também versões continentais, pelo que ele os etiquetou como originários das terras em que foram recolhidos.

Não me limitei a fazer o levantamento desses contos e a transcrevê-los. A edição inclui uma introdução que percorre a biografia teofiliana e a sua extensa bibliografia. Extensa sim, porquanto abrange mais de trezentos títulos publicados, o que só foi possível de levar a cabo, porque o nosso autor começou a escrever aos 15 anos - 1858 - e só terminou aos 81, na hora da morte, já que morreu sentado à mesa de trabalho, numa reclusão quase ascética na sua casa da Trav. de Santa Gertrudes, em Lisboa, hoje Teófilo Braga. Claro que a sua vasta obra não se limita às recolhas da literatura tradicional: abrange também a política, a filosofia, o direito, a história.

Mas estes *Contos tradicionais Açorianos*, percorrem ainda a génese e importância da literatura tradicional, em geral, e a do conto, em particular, bem como dão conta da importância internacional de T.B. e das suas influências.

Vai mais além e faz ainda a comparação das versões açorianas de alguns contos com as de outros locais, nomeadamente com o Brasil (versões colhidas por Sílvia Romero). Há ainda um conto comparado com uma versão portuense, colhida pelo próprio Teófilo (as duas versões são necessárias para uma melhor compreensão da narrativa, já que a versão açoriana está incompleta: O tihoso, o ranhoso e o sarnoso. Aliás, não é rigorosamente um conto, mas um "caso ou facécia", segundo a sua própria terminologia). Surgem ainda três contos comparados com as versões de Ourique, Beira Baixa e Bragança colhidas por Adolfo Coelho, seu colega no Curso Superior de Letras.

Finalmente, esta obra inclui ainda uma grelha com a origem de muitos dos contos e uma razoável bibliografia sobre a literatura tradicional. Dada a genuinidade da linguagem utilizada, fruto do facto de serem crianças a passar a escrito os contos que a gente simples e analfabeta contava (como ele diz: «a criança é a verdadeira transição entre a alma popular e a inteligência culta»), impunha-se a inclusão de um glossário a seguir a cada conto para facilitar a compreensão de muitos regionalismos e arcaísmos.

De facto, falar de Joaquim Teófilo Braga é também convocar um cenário intelectual da Europa finisecular, onde pontuavam os estudos da cultura tradicional e perceber ainda as ligações desta Europa em transformação com resto do mundo. No caso concreto desta obra do nosso homenageado, com o Brasil.

Foi pelo estudo comparativo do folclore que ele viria a enquadrar Portugal no conjunto europeu:

As colecções de Cantos populares portugueses formam um valioso documento etnológico, pelo qual se podem já estabelecer relações com os rudimentos primitivos das nacionalidades peninsulares, e coadjuvar a explicação do problema da unidade das tradições poéticas occidentaes evidentes nos paradigmas dos romances comuns a Portugal, Hespanha, França Meridional, Itália e Grécia Moderna (1893:V).

Embora tendo começado por um interesse romântico pela cultura tradicional, na linha seguida pelos Irmãos Grimm, aliada, obviamente, a um grande patriotismo, Teófilo aderiu desde cedo, desde os seus contactos com a Geração de 70, ao positivismo, o que lhe permitiu estudar toda a literatura tradicional, para além do seu óbvio interesse literário, nas suas dimensões filológica, etnográfica e pedagógica.

Os seus estudos em literatura comparada levaram-no ao conhecimento da literatura do país vizinho (o que no caso do *Romanceiro* era imperioso) e tornou-se tão grande expert na cultura espanhola que chegou a ser proposto por Menéndez Pelayo para a Real Academia Espanhola, além de ser um consultor habitual dos folcloristas desse país, nomeadamente de Machado y Alvarez, e de ter colaborado em várias publicações. Aliás, esse estudo comparativo levou-o a sonhar uma união ibérica através do folclore, o que é perfeitamente compatível com o pensamento intelectual do final de dezanove.

O seu prestígio estendeu-se ao Brasil, despertando em Sílvia Romero (mais novo uns anos) uma enorme admiração. Teófilo acabou por lhe prefaciá-la e anotar a edição dos *Cantos Populares do Brasil* e a dos *Contos Populares do Brasil*, publicadas primeiramente em Portugal (respetivamente em 1883 e 1885). A obra que ora apresentamos inclui a polémica estabelecida entre ambos, polémica que, embora muito comum nesse final de século (na realidade, eram duelos de palavras), nos mostra a incompreensão, a inveja de que foi alvo muitas vezes.

Importa também salientar o seu extraordinário papel em prol da defesa dos valores culturais do nosso povo, o seu contributo para o melhor conhecimento e divulgação, para o engrandecimento e fortificação da literatura nacional e para o reconhecimento da sua identidade. Em abono do seu autor, não podemos esquecer ainda de que os *Contos Tradicionais do Povo Português* conservam as vozes das palavras e das expressões mais genuínas e saborosas do nosso povo. E também não podemos esquecer o facto de que Teófilo foi ainda o «fundador da nossa história literária», como afirmou Carvalho Homem (1989: 1).

Veio ainda enriquecer a nomenclatura utilizada para designar essas narrativas curtas. Como digo nesta edição dos contos açorianos: «A erudição de Teófilo (embora não raras vezes mal assimilada devido às muitas leituras que fazia) leva-o a registar também a nomenclatura utilizada pelo povo para designar essa vasta produção oral: histórias, casos, contos, exemplos, lendas, patranhas, ditos e fábulas, que corriam então com a designação geral de contos da carochinha.» (2024: 39) e que, rigorosamente, não são equivalentes «já que abrangem narrativas que contemplam três categorias: maravilhoso, anedótico e moral, à semelhança das narrativas tradicionais dos outros povos europeus.» (2024: 39-40).

Parece-nos, pois, evidente o papel decisivo que Teófilo Braga teve na recolha e estudo do nosso folclore. Mas mais ainda: T.B. não deixou de fazer a ligação entre a literatura tradicional e a literatura para crianças. Aliás, na esteira dos Irmãos Grimm, também ele haveria de conferir aos contos uma dupla dimensão: a etnográfica e a lúdica, conforme salienta:

Os contos tradicionaes são immensamente sympaticos às creanças e já Platão os considerava como um excelente meio de educação (...) Este emprego foi sempre seguido nas escolas greco-romanas, como se vê pela transmissão de fábulas esopicas, adaptando-as os pregadores da idade media nos sermões com Exemplos e ainda M.me De Beaumont o generalisou no fim do século XVIII (1910-a: XII).

Por isto mesmo, podemos ainda considerá-lo também como o fundador da nossa história da literatura para a infância.

Penso que esta edição, elegante e sóbria, é uma justa homenagem a Teófilo Braga e constitui ainda uma mais-valia para todos os que se interessam pela cultura portuguesa, pela cultura açoriana.

APRESENTOU “HELENA CHRYSTELLO, AUTORA PRECOCE” - Apaixonada em silêncio? Silenciosa paixão? Helena Chrystello, *O Silêncio da Paixão*



É difícil fazer a apresentação de uma obra como *O Silêncio da Paixão*. Desde logo pelo meu envolvimento no texto, envolvimento que durou meses. Mas seria sempre uma tarefa hercúlea, sobretudo, porque esta novela abre as portas a muitas leituras possíveis, porque é densa, porque nos envolve e depois nos arrasta com ela. Daria um outro livro falar na riqueza dos recursos a que a autora lança mão para nos seduzir com eles.

A única tarefa fácil é a de dizer-vos do que fala o texto. A autora fez isso por nós e incluiu o resumo que o encabeça e que deve ter funcionado como um guia para a sua escrita. Clara Viel, a artista que cantou através do mundo inteiro. Aí está ela, na flor da vida, isolada em Joinville, no Cotentin. As dunas, o mar cinzento e a solidão. Ninguém sabe por que é que ela renunciou repetidamente à sua carreira, abandonou a música, os teatros, fugindo cada vez para mais longe.

Estranha, silenciosa. Como única testemunha daquilo que ela parece procurar obstinadamente, um jovem. Para únicas imagens - apenas rochedos, água e céu - estes clarões dilacerantes das recordações. Berlim, o encontro com um pintor, Eric, o amor que irradia a memória. Como única ligação ao mundo exterior estas cartas chegadas de Praga onde alguém a ama ainda. Na lembrança tenaz, existe uma rotura. Fenda também na sua arte. Uma cena que Clara Viel não consegue reconstituir. Logo que ela se elevar para lá da doença, da alucinação, descobrirá talvez a verdade, saberá por que é que a morte a atrai tão fortemente.

O destino permite-lhe ainda tornar a ver Eric; por fim a cena torna-se clara. O mar, a morte confundem-se.

A narração é levada num ritmo onde o desejo da nostalgia e a nostalgia do desejo se alternam como a maré que cobre e descobre esta sombra - enigmático amor.

«que cobre e descobre» - é exatamente este movimento de vaivém, repetitivo, que, ao longo de toda a novela envolve o leitor, como se ele rolasse nesse cenário de areia e mar. O uso predominante do presente do indicativo e as referências constantes à paisagem marinha e às suas constantes mutações, contribuem para essa sensação de identificação com a protagonista.

O leitor sente, por empatia, o sufoco e, logo, o estado de saúde física e mental e toda a dimensão do sofrimento da protagonista. Por outro lado, os momentos de analepse na narrativa, a convocação do passado de Clara, muito embora frequentes, são breves e entrecortados, porque sempre *O mar volta depressa, anelante*. Esta onnipresença do mar torna-se obsessiva e oprimente. Porque esse mar tudo envolve, até mesmo o local que deveria ser o seu refúgio, a casa, pois ele espreita, impõe-se: *Por entre todas as janelas*.

A autora não perde a oportunidade de realçar a importância que o mar tem. Seria incontornável, impossível, não falar do mar. Por isso, fá-lo também graficamente. Assim, a espaços, isola o sintagma "o mar" numa linha apenas, ora a meio da linha, ora no início do parágrafo.

Na verdade, todos estes estratagemas preparam-nos para o fim anunciado: a morte no seio do mar.

A própria protagonista é retratada nesse vaivém, como se flutuasse sobre as ondas, balançando entre o amor de dois homens - Gilles e Jiri - porém, sem que ela ceda, presa, constante na sua paixão por Eric, o fiel da balança.

O mar domina todo o espaço cénico, pelo menos o da realidade. Só o das memórias é que nem sempre o inclui, pois esse é o tempo em que Clara ainda cantava, ainda se sentia presa à vida.

E falar de mar é também falar do tempo, das fortes chuvadas, do frio, das nuvens, não ao estilo de um quadro impressionista, cheio de luz, em pinceladas rápidas, mas sim de um quadro romântico, carregado, dramático. O tempo atmosférico, sufocante e de mau agouro, também PARTICIPOU desse ritmo binário e também ele serve de adjuvante ao desfecho da ação:

A tempestade rebenta depressa com a queda de granizo. Depois o silêncio. Novamente o granizo.

O cenário é demasiado grandioso, dominador:

Os cabelos, o rosto ensopados, Clara olha e pensa na sua morte, talvez porque desejasse estar ao nível daquilo que via.

É esse mar que preenche todas as horas de Clara. É dele que agora ela se alimenta. Todos os seus sentidos são bombardeados pela presença dele: a visão, o olfato, o tato, o paladar e também a audição. Pois embora a música seja uma referência constante, desde logo porque Clara era cantora lírica, essa mesma música que preencheu a sua vida, acabou por ser abandonada e substituída pelo mar, como confessa a uma amiga que lhe pergunta se ela era feliz:

-... feliz? A minha família gostava de mim. Tinha o mar em Joinville, os meus amigos, o piano...

- A música? E agora?

- O mar.

Mas, obviamente que a música, muito embora já não faça parte da vida atual de Clara, por vontade própria, porque abandonou a carreira, está presente ao longo de toda a novela. Durante a leitura nunca perdemos de vista o facto de a protagonista ser cantora lírica. Falar da música torna-se óbvio e contribui para a criação de um ambiente onírico muito sugestivo. A sua presença é poderosíssima no texto. A música funciona ainda como a banda sonora da narrativa, o pano de fundo que nos prepara para a tragédia que se avizinha. É o *leitmotiv* de toda a ação. É também ela que desperta as memórias, que liga a protagonista ao seu passado, que nos dá conta do seu estado de ânimo no presente.

Por isso, ela é devidamente escolhida. Nunca é uma referência inocente, porque vai sempre repercutir-se nos movimentos, nos sentimentos, nas memórias das personagens. Não são já as *lieder* ou as *árias* na voz de Clara quando ainda cantava nos palcos de toda a Europa, é a música gravada que dá voz à memória. Podemos perceber como essas escolhas implicaram, por parte da autora, um conhecimento aprofundado da música, pelo menos uma busca muito seletiva de trechos musicais, adaptados a cada circunstância. Assim, A escolha de *O Castelo de Barba Azul* de Béla Bartók (*Não conheço nada mais triste.*, afiança Gilles) pode ser entendida como uma alusão à inconstância amorosa de Eric e ao sofrimento que este causou nas mulheres rejeitadas;

Já o *Erwartung* de Arnold Schönberg, o drama da mulher que encontra o seu amado morto, que o acusa de ser infiel, mas que desespera porque não sabe como viver sem ele, é convocado insistentemente ao longo do texto, porque tem paralelismo com a vida da protagonista, sem bem que a morte de Eric não seja real, seja apenas a ausência dele;

O melodrama *Pierrot lunaire* (também de Schönberg) é recorrente, incluindo-se mesmo citações das líricas: (*Am Hals ein Zöpfchen/ Wollüstig wird sie* que significa: «Ela está voluptuosa com essa trança ao redor do pescoço» ou *Den Wein, den man mit Augen trinkt*). A violência verbal, a controvérsia causada por esta peça abre-nos a porta para a luta interna das personagens. Há também um excerto de uma pauta de *Il lamento de Ariana* de Monteverdi, que será o seu adeus a Jiri.

Podemos acrescentar referências às *Altenberg lieder* de Berg, que deixam a protagonista desesperada, ou às pungentes *lieder* de Shumann. Ou às de Webern. Não faltam As Bodas de Fígaro que, quando ouvidas transportam a protagonista para o encontro com Jiri em Praga.

Curiosamente, a tragédia de *Pelléas and Mélisande* de Claude Debussy torna-se parte da ação, confunde-se com ela, é mais como se fosse tomada por um acontecimento real, paradigmático: *Ela fecha os olhos, deixa as mãos ao abandono. Sim, é tudo por causa de uma mentira, dessa necessidade de saber, enfim, - uma última vez - essa necessidade violenta e mórbida. Da mesma maneira que Golaud atormentando Mélisande: "A verdade, preciso de saber a verdade!"*.

Não admira a sua referência, pois, esta é também a ópera que liga Clara a Eric. Quase como uma premonição, este tinha pintado alguns quadros inspirado nela.

A música, sempre a música, ligando impressões, memórias: *A música que chama em seu socorro transporta-a a Berlim, há doze anos.*

Berlim em plena Guerra Fria, numa atmosfera política ambivalente, nesse limbo entre o Leste e o Ocidente. É neste espaço centro-europeu da Guerra Fria que as personagens do passado de Clara se movem.

Um dia, Clara caminhou até ao Muro. Homens, mulheres vestidos de cinzento, de verde sombrio, esperavam e não se sabia se eles ficavam lá, com todas as esperanças de ver chegar algum parente, amigo, filho, se pensavam penetrar nas ruas interditas ou se não chegavam a acreditar no Muro. Os projetores das sentinelas, à noite, revisitavam as fachadas estreitas, os palácios abandonados.

O ambiente soturno, a opressão política contribuem também para adensar a intriga. Mas mais explícito ainda talvez sejam os sonhos premonitórios:

Houve durante a sua vida [de Clara] três sonhos premonitórios: a morte da mãe, o suicídio de Alain e um terceiro: a sua doença.

A sua paixão é então vista como uma doença, doença que lhe será fatal e que é anunciada inconscientemente, ou talvez não, por Eric.

«Quando nos amarmos demais, meu amor, matar-nos-emos juntos.». Eric falava, como se bebe, com embriaguez, sem pressentir o que poderia acontecer a Clara.

Esta quase sentença, sentença ou promessa? será mais tarde reiterada por Clara:

- Se nós amamos demais, meu amor, matamo-nos juntos.

Mas Eric não estará com ela nesse momento. O amor dele tinha findado. Por isso, ela morre sozinha. A paixão de Clara e a traição de Eric tinham-na dominado totalmente. Não tenho ilusões de que o que disse sobre esta obra estará sempre muito aquém do muito que se poderá ainda continuar a dizer. Por isso, o melhor tributo que se lhe poderá prestar será lê-la e saborear cada uma das suas palavras.



17º Lagoa 2012



17º Lagoa 2012



17º Lagoa 2012



Praia da Viola, Lomba da Maia 2012

TELMO R NUNES APRESENTOU “A VOZ DA ILHA” (COM ILUSTRAÇÕES DE RUI PAIVA) DE ANABELA B FREITAS (EX-MIMOSO)



Escritor, Artista Plástico, Poeta, RUI PAIVA nasce em Moçambique em 1954, onde escreve o seu primeiro conto de ficção política, *O Fracasso* (1968) sobre o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da ex-URSS. Aos 20 anos, termina o curso de Economia em Lisboa, no ISEG onde lecciona até rumar para o Oriente. Três passagens por Macau e Hong Kong, 13 anos no seu conjunto, em

que foi responsável pelos Serviços de Economia, e quadro superior da banca internacional (BPA, BCM e Grupo Caixa). Descoberto – como artista – em 1980 por um curador chinês de Macau, participa dpis a nível nacional e internacional, em diversas colecções, participado em dezenas de exposições individuais, com destaque para Kong Kong, Macau, Ho Chi Minh no Vietname, Alentejo, Açores, Braga, Coimbra, Lisboa, e em dezenas de colectivas, em Singapura, Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Curador por 16 anos de uma das maiores colecções de arte portuguesas. Para além dos livros por si ilustrados, editou quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal:

Desenhos 1979-1982

Nuvem Branca Livro de Vida e Livro de Artista

– Festivais Literários e Lançamentos

FIC de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Fólio* de Óbidos, The Script Road – Macau Literary Festival, Museu Nacional Soares dos Reis.

Porto Moniz, *Livro de Artista*

– Feira do Livro do Funchal e Museu Nacional Soares dos Reis.

A Carta e o Comércio

– Museu do Oriente.

Nascidas no Canadá, mas filhas de portugueses, as duas irmãs viajam até à Ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da Ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

Ilustrações
Rui Paiva



ANABELA B. FREITAS nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida no Porto, onde frequentou o Liceu Carolina Michaelis, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História

da Cultura e depois o Doutoramento em Cultura.

Atualmente reside em Vila Nova de Gaia.

Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA MIMOSO que vai desde os manuais escolares, ao conto e novela infanto-juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura. Destacam-se:

1. na ficção infanto-juvenil - *D. Bruxa Gorducha*, distinguido pela Revista *White Ravens*, em 1996; “O Arrumador”, in *Contos da Cidade das Pontes*, Porto 2001; *O Tesouro do Castelo do Rei*, menção honrosa do Prémio Nacional de Ilustração, 2006; *Aquela Palavra Mar*, 2010 – PRL; *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Sanchez, João Pedro Méseder e Paco Martín – projeto Estafeta do Conto da Xunta de Galicia e Direção Regional de Cultura do Norte); *Foz Côa – Entre Céu e Rio*, 2007 (Projeto Pintar o Verde com Letras da Direção Regional de Cultura do Norte);

2. na ficção para adultos – *A Vida pela metade* (2007); *Quando nos matam os sonhos* (2012); *A Sagração do amor* (2013); *Viver sempre também cansa* (2018 - Prémio Florbela Espanca 2017);

3. nos estudos literários – *Contos Tradicionais do Povo Açoriano* (2010) PRL; *Os Congressos Pedagógicos do Ensino Secundário Oficial (1927-1931)*, em coautoria com Bento Cavadas, no âmbito do projeto de investigação “Percursos do associativismo e sindicalismo docentes em Portugal, 1890-1990”, financiado pela FCT; *Rebello de Bettencourt: Raízes de Basalto*, 2014.



VILA DO PORTO 2011



VILA DO PORTO 2011



LAGOA 2009



FLORIPA 2010



7º Ribeira Grande 2007



14º Bragança 2010



15º Macau 2011

**É SÓCIA FUNDADORA DA AICL 2010-2016,
REGRESSOU EM 2022.**

ATUAL VICE-PRESIDENTE DA AICL COM F MADRUGA 2023-2025

PARTICIPOU NO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2006, 6º BRAGANÇA 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º FLORIPA, BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º OURENSE, GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014.

IA REGRESSAR PRESENCIALMENTE NO 37º COLÓQUIO BELMONTE QUE FOI CANCELADO. VOLTOU NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E ESTEVE NO 39º SANTA MARIA 2024

6. ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES, PROFESSOR APOSENTADO, POETA, AICL



34º PONTA DELGADA 2021



38º Ribeira Grande 2023



ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES,

64 Anos, natural de Castelo Branco,
Professor na Escola Básica Integrada Canto da Maia – Ponta Delgada.
Reside em Ponta Delgada desde 1983.

Professor aposentado – 1 de março de 2021

- Licenciado em Ensino de Educação Tecnológica.
- Mestrado em Relações Interculturais (Política Intercultural).
- Foi Doutorando em Geografia (Humana), no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Foi Presidente do Conselho Diretivo da Escola Preparatória dos Arrifes (1990-1996).
- Coordenador Regional do PCP Açores (abril de 2005 a março de 2017)
- Foi eleito na Assembleia Municipal de Ponta Delgada em 2001/2005.
- Deputado na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA), de 2008 a 2016.
- Dirigente do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA).



34ª PONTA DELGADA 2021



39ª STA Mª 2024



- Foi membro do Conselho Nacional da FENPROF.
- Foi membro do Conselho Regional de Concertação Estratégica (Região Autónoma dos Açores), em representação dos Sindicatos Independentes.
- Membro Fundador da Associação dos Imigrantes do Açores (AIPA);
- Foi Vice-Presidente da Associação dos Imigrantes nos Açores (AIPA) de 2003 a 2009;
- Colaborador da Associação Caboverdiana de Setúbal (ACVS);
- Integrou desde a sua génese, na qualidade de dirigente da AIPA, colaborador da ACVS e da Plataforma das Estruturas Representativas das Comunidades Imigrantes em Portugal (PERCIP);
- Colaborador e Colunista na imprensa da Região Autónoma dos Açores (Açoriano Oriental, A União, Expresso das Nove, Jornal Diário, Diário Insular, Azores Digital, Açores 9, RTP Multimédia);
- Foi comentador residente na Rádio Açores TSF no programa de análise política regional, nacional e internacional, "Conversa a 4";
- Comentarista (quinzenal) da Rádio Clube de Angra do Heroísmo, desde abril de 2017 a julho de 2019;
- Crónica radiofónica semanal na 105.FM, desde outubro de 2017 a julho de 2019;

- Colaborador da SMTV no programa “Os Porquês?” desde outubro de 2018 a julho de 2019;
- Foi Coordenador do Departamento de Formação Profissional do STFPSA;
- Fundador do Clube Desportivo Escolar da Escola Preparatória de Arrifes ao qual presidiu;
- Fundador da Associação de Andebol de São Miguel (7 de dezembro de 1994) na qual exerceu vários cargos de Direção;
- Foi Presidente da Assembleia Geral da União das Associações de Andebol dos Açores;
- Colaborou com equipas multidisciplinares de estudos e projetos;
- É fotógrafo amador tendo Participado em várias exposições coletivas;
- Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA) –

SERÁ AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2025 NAS FLORES.

Publicações:

Imigrantes nos Açores – representações dos imigrantes face às políticas e práticas de acolhimento e integração, Edições Macaronésia, Ponta Delgada, 2010.

O Outro Lado – palavras livres como o pensamento, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2014.

Toada do Mar e da Terra – Volume I (2003/2008), Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2017.

O Encanto dos Sonhos, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada 2019.

Esperança Velha e outros poemas, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2020

Destroços à deriva, Edições Letras Lavadas, Ponta Delgada 2024

Texto de homenagem, painel póstumo da helena chrystello Homenagem a Helena Chrystello, 39.º Colóquios da Lusofonia – Santa Maria, outubro de 2024

A Helena foi uma mulher que dedicou toda a sua vida à difusão da poesia e da literatura, em particular da poesia e da literatura criada no espaço lusófono, mormente a que se relaciona com os autores açorianos, aqui nascidos ou não.

A vida da Helena é toda uma história de dedicação às letras seja como tradutora, formadora, educadora e sobretudo difusora das artes literárias, no espaço em que se escreve e fala nos diferentes matizes da língua portuguesa.

A Helena Chrystello era uma mulher de aspeto frágil, mas a sua inabalável determinação e amor à cultura literária transformaram-na num ser capaz de superar as adversidades que a vida lhe foi colocando no caminho. As fragilidades físicas não foram impeditivas que a sua paixão pela poesia e literatura se manifestasse por onde a vida a foi encaminhando, mormente, enquanto professora.

A Helena Chrystello contribuiu, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa. Do seu reconhecido labor resultaram preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores, para além de potenciar a adesão à leitura de novos públicos.

A Helena Chrystello lançou as sementes sobre um alargado conjunto de jovens de quem foi, mais uma mentora, do que uma professora. Sementes que germinam nos espíritos dos novos leitores e apaixonados pelos livros, mas constituem-se, também, como um poderoso e natural fertilizante para que novos autores possam surgir.

Esta justa homenagem póstuma à Helena, promovida pelos Colóquios da Lusofonia, não se esgota aqui. A memória da amiga, colega e literata vai permanecer em todos quantos tiveram oportunidade de com ela privar.

A Helena era um ser especial que marcou quem com ela conviveu e, como já referi, a sua memória vai perdurar entre nós e não se esgota nesta ou outras iniciativas de homenagem que lhe venham a ser feitas. A Helena e o seu trabalho vão subsistir nas referências e leituras do seu trabalho literário e na nossa memória.

A Helena deixou-nos um legado ao qual se junta a obra póstuma “Antologia de Humor Açoriano”, o seu derradeiro contributo na divulgação das letras e dos autores açorianos.

Saibamos honrar e perpetuar a sua memória.

Obrigado Helena!

Aníbal C. Pires,

Vila do Porto, outubro de 2024

APRESENTOU NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS, DE HELENA CHRYSTELLO, DE QUE É O PREFACIADOR

“Os verdadeiros analfabetos são aqueles que aprenderam a ler e não leem.”

Mário Quintana

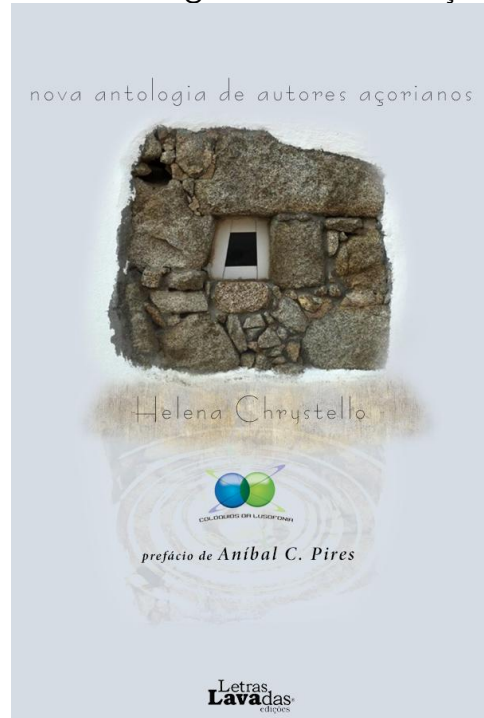
A epígrafe tem algo de provocatório e pode, ou não, servir o propósito deste prólogo que, como todos os textos introdutórios, tem como desígnio persuadir à leitura do livro que, por acaso, ou de forma consciente, tem na sua mão. A opção, como sempre, é do potencial leitor, ou seja, é sua. Enquanto se decide vou dar corpo à tarefa para a qual fui convidado, e muito me honra.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa. Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores e potencia a adesão, à leitura, de novos públicos.

A antologia referencia dezassete autores sobre os quais Helena Chrystello nos deixa algumas notas biobibliográficas seguidas de trechos da obra literária de cada um dos escritores e, com as quais o leitor, caso não conheça as suas obras, se poderá familiarizar e, daí partir para a leitura de uma, ou outra, obra dos escritores citados nesta antologia. Mas, se assim não for, a leitura desta antologia garante ao leitor o conhecimento, apesar de parcial, da obra destes autores, e o acesso ao mundo da produção literária de uma nova geração de escritores açorianos.

Se a sua opção for continuar a ler vai ter oportunidade de conhecer poetas, contistas, novelistas, cronistas, romancistas, novelistas com abordagens literárias distintas da condição humana, dos seus medos e realizações, das suas crenças e costumes, conquanto o lugar da ação possa ser: remoto e frio como um porto da Noruega; distante e ameno como o Vale de S. Joaquim, na Califórnia; um jardim iluminado pela incomparável luz de Lisboa; no Cantinho de S. Mateus; na mítica Manhattan; numa tasca onde se come a melhor alcatra da Terceira; num qualquer lugar imaginado para melhor servir o propósito criativo do escritor; num não-lugar; ou num lugar bem no âmago do autor.

Esta antologia de autores açorianos complementa outras já publicadas, pela autora, e não se esgota em si mesmo. Assim esperamos para gáudio dos amantes das letras.



A criação literária de autores açorianos (nascidos, ou não, no arquipélago) continua a ser vasta, pujante, diversa e reconhecida nos meios literários regionais, nacionais e internacionais.

Quando falamos em autores açorianos não significa, de todo, nem necessariamente, que a poesia, o conto, a crónica, o ensaio, o romance, ou qualquer outro género literário se circunscreva à geografia insular e arquipelágica açoriana.

Os autores açorianos contemporâneos não se cingem a abordagens criativas confinadas ao ser ilhéu e às suas peculiaridades, não obstante, a sua matriz cultural tenha sido modelada, ou influenciada, pelo ambiente natural, social e cultural dos Açores.

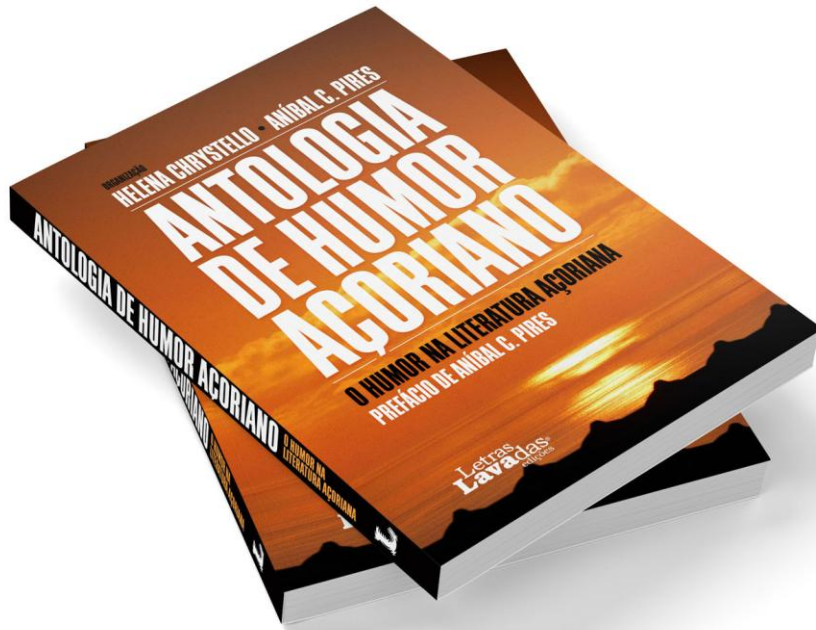
Os autores, homens e mulheres, referenciados nesta antologia são ilhéus de nascimento ou de adoção (coração), mas a sua expressão literária não tem fronteiras, é do Mundo e para o Mundo fazendo jus à centralidade atlântica do arquipélago, mas sobretudo à sua universalidade, e, ao subjacente reconhecimento de que outras centralidades existem e têm igual importância. Esta opinião, como todas as outras, é passível de detonar algumas polémicas sobre uma tendência, não só, mas também, académica, de categorizar, compartimentar e de tudo hierarquizar. Tenho opinião própria sobre essa metodologia e conheço os efeitos resultantes, e, daí decorre a minha grande dificuldade em fazer avaliações com base em premissas indutoras de valores subjetivos de qualidade versus consumo, sem embargo dessas premissas estarem validadas, e, genuinamente, aceites por uma larga maioria de cidadãos ligados à criação literária, sejam os autores, os editores, os livreiros, ou os leitores.

O meu Norte é o Sul! Sou, por natureza e formação, um desalinhado e, como tal, saio frequentemente do coro dos unanimismos. Esta será a razão, ou pelo menos uma delas, para colocar em causa e não aceitar, de forma linear, algumas metodologias que, sob o pretexto de diferenciarem, tendem a uniformizar o pensamento e, por consequência, o consumo.

Não me compete, nem para isso tenho proficiência, fazer a análise literária da obra dos autores antologados, nem essa incumbência cabe, formalmente, ao autor do prólogo. Essa tarefa cabe, por inteiro, aos críticos literários, atividade interseccionada, consequentemente, com a teoria da literatura.

Teóricos e críticos literários que, sobre alguns destes autores, já se pronunciaram. Mas sempre direi o seguinte: ao viajar pelas palavras dos autores, dados a conhecer pela Helena Chrystello nesta antologia, poderá o leitor deliciar-se com uma diversidade aprimorada de códigos linguísticos que individualizam os autores e lhes conferem um espaço e um público (leitores), diferenciados, sem que isso signifique qualquer hierarquização entre eles, ou do género literário no qual expressam a sua criação artística.

Aníbal C. Pires,
Ponta Delgada, março de 2022



***O importante não é o grito, mas o sussurro ou, melhor dizendo,
mais eficiente que a gargalhada é o sorriso***
Mia Couto

Neste livro, que reúne 15 autores açorianos, o leitor poderá encontrar excertos de obras literárias que se podem designar por “humor na literatura” e “textos humorísticos”. Julgo ser oportuno, antes de tecer outras considerações sobre este trabalho, e sem pretender imiscuir-me em saberes que não são os meus, listar, ou pelo menos tentar, algumas características destes géneros sem que, na opinião que aqui expresso, a essa diferenciação esteja associada qualquer apreciação valorativa.

“Humor na literatura” – o humor é utilizado como um recurso estilístico ou temático dentro de uma obra literária. Não é o objetivo principal da obra, mas sim uma ferramenta para enriquecer a narrativa, desenvolver personagens, ou explorar temas complexos de forma mais compreensível, ou irónica. Pode estar presente em qualquer género literário, drama, ficção científica, romance, conto ou mesmo poesia. O humor constitui-se apenas como recurso, mais ou menos subtil, e serve para subverter expectativas, criticar normas sociais, ou revelar aspetos complexos da condição humana, conquanto coexista de forma complementar com outros elementos literários.

“Textos humorísticos” - são geralmente considerados um género em si mesmo, como comédia, sátira, paródia, ou crónica humorística. Os “textos humorísticos” visam criar, no essencial, situações de entretenimento e humor. Esses textos são criados com o propósito de provocar riso, ou pelo menos um sorriso. O humor é o elemento dominante. E outros aspetos, como a construção do enredo ou dos personagens, são secundários ou servem o propósito de criar situações divertidas que provoquem o riso.

Sendo a principal finalidade provocar o riso os “textos humorísticos” socorrem-se de outros elementos literários para reforçar o seu propósito. A sátira, e a crítica social, económica e política são muitas vezes integradas nos “textos humorísticos” conferindo-lhes maior profundidade e, mesmo mais comicidade.

Pode afirmar-se que o “humor na literatura” é o uso do humor como um componente dentro de uma obra literária mais ampla e complexa, enquanto “textos humorísticos” são obras literárias dedicadas a criar situações de humor que induzem o sorriso, o riso ou a gargalhada compulsiva.

Em Portugal a literatura e o humor sempre conviveram bem, a sátira nas cantigas de “escárnio e maldizer”, mas também na obra de Gil Vicente e de Manuel Maria Barbosa du Bocage, a ironia de Camilo Castelo Branco, o humor mordaz de Eça de Queiroz, apenas a título de exemplo, pois, outros autores recorrem mais ou menos arguciosamente a elementos de humor na construção

das suas narrativas. Os textos humorísticos para a “Revista à Portuguesa”, ou ainda, outras manifestações de teatro popular, como são os “Bailinhos” de Carnaval” da ilha Terceira, constituem-se, também, como bons exemplos de um percurso pacífico entre o humor e a criação literária e, contraria a ideia de sermos um povo sorumbático.

A criação literária, a produção de textos humorísticos e o sentido de humor nacional desdizem a construção social da imagem de que os portugueses são um povo taciturno. Outras serão as causas que nos tolhem, mas esse é um outro fado.

Esta obra é mais um contributo para a divulgação da relação do humor com a criação literária e de promoção de autores açorianos, mas não se esgota em si mesmo, pois constitui-se tão-somente como uma pequena mostra do muito que, também na relação do humor com a literatura, se produz nos Açores.

A obreira que esboçou e deu início a esta obra deixou-nos um significativo e relevante conjunto de trabalhos e estudos literários que resultaram da sua paixão pela literatura, pelos Açores e pelas “lusografias”.

A pesquisa e divulgação literária confunde-se, a par do ensino, com a vida de Helena Chrystello, este trabalho é o seu derradeiro contributo.

Aníbal C. Pires,
Ponta Delgada, agosto de 2024

antes e depois de tudo
Os humoristas dizem coisas sensatas revestidas de loucura,
e loucuras revestidas de sensatez.
Carlo Dossi

A Helena Chrystello deixou algumas palavras, transcritas abaixo, sobre o que seria o início da sua nota introdutória.

“A comédia teve origem na Grécia Antiga e retrata os seres humanos como seres sociais. É como se o autor, através da encenação, utilizasse peças cômicas como um espelho diante da sociedade. Trata-se de um género crítico burlesco e humorado que satiriza diversos aspetos da sociedade desde os costumes, hábitos, moral, dentro outros. Acha-se que a comédia é o oposto de drama. No entanto, quando falamos de géneros literários, a comédia é na verdade um tipo de drama. O humor é o estado de espírito de um indivíduo. - sátiras políticas; critica sociais; humor e estilo burlesco; ironia e sarcasmo.”

Não pretendo dar continuidade àquela que seria a “nota introdutória” da Helena, mas esta compilação de textos humorísticos carece de algumas referências para que os leitores e os autores, aqui representados e os que, por razões diversas, não estão incluídos, fiquem na posse de alguma informação sobre os caminhos trilhados até chegar ao produto final.

Este repositório de textos de humor na literatura açoriana procura, ainda que sem o conseguir na sua integridade, dar corpo ao trabalho iniciado por Helena Chrystello a partir de uma sugestão feita por Onésimo Teotónio Almeida, no dia 17 de junho de 2022, logo após a apresentação pública, em Ponta Delgada, do livro “nova antologia de autores açorianos”.

A sugestão foi testemunhada por alguns dos presentes, na sessão de apresentação, que apoiaram e incentivaram a Helena Chrystello a pôr mãos à obra. E não perdeu tempo pois, de imediato aceitou o repto e me convidou a fazer o prefácio, desafio ao qual anuí sem grande resistência, mas sempre dizendo que havia muitas e mais habilitadas opções para a tarefa.

A sua fragilidade, motivada pelo estado saúde que a foi inexoravelmente debilitando até à sua prematura morte, não a impediu de dar início ao trabalho tendo elaborado uma lista de autores e reunido alguns textos. Na fase final da sua vida solicitou ao Chrys Chrystello que me pedisse para eu terminar o trabalho por ela iniciado. A resposta não poderia ser outra: acedi, com a consciência de que este não era (é) um trabalho para o qual estivesse devidamente habilitado e que, com todos os afazeres que já tinha agendados e programados, para 2024, seria uma autêntica maratona. Aceitei o desafio para honrar a memória da Helena Chrystello, cumprindo assim um dos seus últimos desejos.

Esta coletânea de textos de humor de 15 autores açorianos, sendo representativa, é uma parte, uma pequena parte, do que se produziu e produz nos Açores e que poderia ser incluída neste trabalho. De fora ficaram muitos autores, uns por indisponibilidade dos próprios, outros por desconhecimento do organizador, outros ainda por falta de tempo pois, a data para apresentação foi programada, pela Helena, para outubro de 2024 e o tempo escasseou.

Ao ler o índice de autores verifica-se um desequilíbrio de género, em 15 autores apenas 1 mulher. Não foi uma opção da Helena, nem de quem deu continuidade ao seu trabalho, também não se fica a dever à inexistência de autoras que, não fazendo do humor a sua principal opção literária, com maior ou menor subtileza utilizam o humor nas suas criações literárias.

A representatividade geográfica, estando mais equilibrada que a de género, está longe de corresponder à realidade regional e a haver alguma nota crítica, só poderá ser pela sobre representação de autores oriundos da ilha Terceira. Disparidade que pode ser interpretada como os leitores entenderem, mas que também não resultou nem da vontade da Helena Chrystello, nem de quem deu continuidade ao trabalho que ela iniciou. Adveio da disponibilidade dos autores para, logo na fase inicial do projeto, cederem os textos e de uma solicitação feita à margem da lista original que a Helena Chrystello tinha elaborado.

Ao longo do trabalho foram feitas algumas insistências junto de alguns(mas) autores(as) que faziam parte da lista elaborada pela Helena, mas o retorno ficou aquém do que seria desejável.

O humor na literatura e na cultura popular é um campo inesgotável de estudo e que pode merecer a atenção de investigadores e académicos. Esta obra é, como já foi referido, uma pequena e representativa amostra da utilização do humor em diferentes contextos literários e, é nosso propósito contribuir para promover a literatura com humor e os textos literários humorísticos.

Antes de terminar importa relevar o papel e apoio do Chrys Chrystello para que este projeto fosse finalizado. Obrigado Chrys!

Esta obra, para além de outros desígnios, é, antes e depois de tudo, uma singela homenagem à memória da Helena Chrystello e um reconhecimento pelo contributo que, ao longo da sua vida, deu à divulgação e ao ensino da língua portuguesa.

Aníbal C. Pires, Ponta Delgada, agosto de 2024

APRESENTOU Texto base para a apresentação (pelo autor) do livro de poesia "Destroços à Deriva" POESIA, DE QUE É AUTOR



**guardam sonhos
de paz e... liberdade
do tempo. e da emoção, com razão**

Os poemas deste livro são fragmentos de viagem num tempo maduro, mas apocalíptico.

O mundo que conheci exauriu-se, tudo se desmorona na transitoriedade das ilusões imagéticas da atomização social.

Das ruínas emergem livres sinais de humanidade, de esperança, de resistência e luta. São marcas distintivas da diversidade cultural que incomodam a unilateralidade no resgate das culturas à decrépita ditadura do epistemicídio.

São clamores de liberdade e de multipolaridade que ecoam no coração dos impérios e exigem o reconhecimento dos povos à soberania e ao fim do colonialismo com roupagem de modernidade, mas com as mesmas consequências genocidas e depredadoras.

Os censores encartados e outros, nem sempre identificados. Velam pela manutenção da ordem instituída, por vezes dando voz ao discurso inumano que penetra na opinião pública estupidificada, mas devidamente certificada para tudo manter como está.

Os poemas deste livro viajam no tempo e nas emoções, aqui e ali ponteados por versos de denúncia e combate.

Estes poemas não têm, nem faz parte da matriz do autor, uma construção poética panfletária e não pretendem colonizar o pensamento dos leitores. Procuro, sempre, deixar o necessário espaço para a reflexão e introspeção com um claro propósito, isso sim, que as opiniões sejam construídas com base no conhecimento e deixem de ser meras regurgitações de um modelo de pensamento caduco, mas dominante.

Estes "destroços à deriva" estão organizados em duas partes que os leitores, com facilidade, vão identificar. A leitura do todo, do nada ou, apenas de alguns "destroços à deriva" é uma opção, individual, como sempre sucede com a poesia e outras artes literárias.

A organização dos poemas não está associada a qualquer estratégia de marketing para a sua comercialização, coisa que por muito esforço dos publicitários é um propósito inatingível quando se trata de poesia.

A Ana Rita Afonso, companheira de viagem nas minhas incursões literárias, junta-se, de novo, a este projeto editorial. A fusão das palavras com as artes plásticas valoriza, diversifica e atrai novos públicos. As palavras chegam mais longe em virtude da arte pictórica e, esta, por sua vez chega a outros públicos, ainda que as ilustrações, por si só tenham um valor intrínseco e possam constituir-se como uma expressão artística autónoma, ou mesmo independente dos poemas, o mesmo se poderá dizer das palavras. Os percursos poderiam decorrer sem esta complementaridade, mas esta simbiose potencia o objeto gráfico e artístico e dele beneficiam a arte poética, a expressão plástica e cromática.

Os mais puristas podem até considerar que não, porém, este diálogo, nem sempre explícito, entre as palavras e as imagens, mas também a mancha gráfica que daí decorre, potencia e fomenta várias leituras.

Aníbal C. Pires,
Ponta Delgada, 6 de dezembro de 2023

***PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, ESTEVE NO 34º COLÓQUIO 2021 PONTA DELGADA, NO 36º PDL 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024
PARTICIPOU NO LANÇAMENTO DA NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS, junho 2022 E NOS 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DO CHRYS EM nov 2022***

7. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP (GALIZA), JORNALISTA MEEA (AJA, NSW/VIC), TRADUTOR NAATI (CAMBERRA,) AUSTRÁLIA. AICL,



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018



39º STA Mª 2024



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019





15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



24º Graciosa 2015



33º Belmonte 2021



34º PDL 2021



35º BELMONTE 2022



28º VILA DO PORTO 2017



15º Macau 2010



12º BRAGANÇA 2008



POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º colóquio Macau 2011

CHRYSTELLO, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano. Em Sydney, Austrália, esteve vários anos envolvido na definição da política multicultural na década de 1980

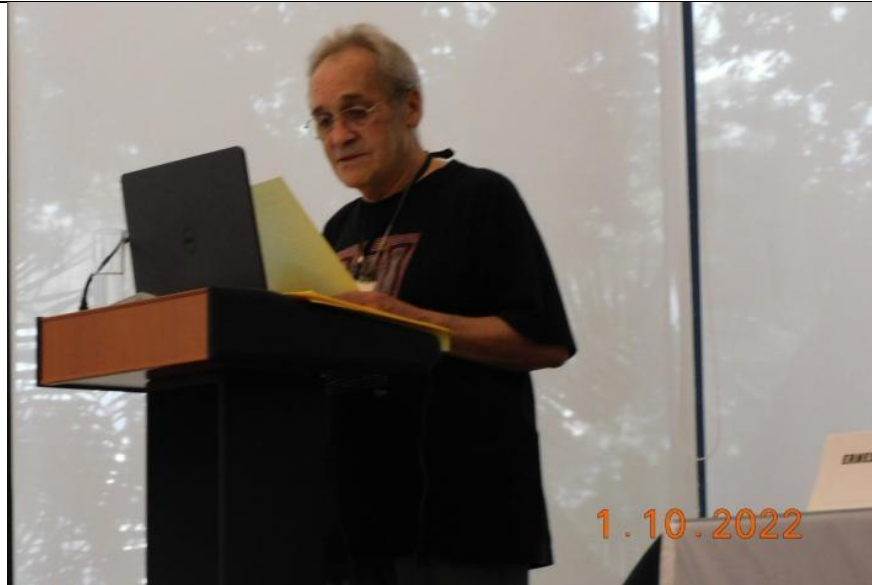


39º STA Mº 2024

Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.
 Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.
 Desde 2017 é JORNALISTA membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão.
 Tradutor Profissional desde 1984 pela NAATI
 Foi Fundador do AUSIT 1989.
 Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.
 O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor. (1974)
 Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.
 Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82).
 Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).
 Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).
 Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).
 Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);
 Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000.
 Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);
 Foi Consultor do Programa REMA, UAç. (2008-12).
 Académico (Correspondente) da AGLP desde 2012,
 Membro da Comissão de Honra da campanha Ponta Delgada, Capital Europeia da Cultura 2027.
 Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,
 2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - OCEANIA - do Movimento Poetas do Mundo,
 2019 Nomeado membro do PEN International (Açores)
 Preside, desde 2010, à Direção da AICL que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (38 edições). <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html>
 Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005, do Diário dos Açores desde 2018, Tribuna das Ilhas desde 2019 e LusoPress desde 2020.

BIBLIOGRAFIA CHRYS CHRYSTELLO, LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2024 Livro "29 poemas, 29 anos com a Nini" ed. Autor e da AICL no 39º colóquio	
2024 Poema <i>Dores, maria nini nunca saberei viver sem ti</i> , vol. XXVI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado Ed	
2023 Poema <i>Não à guerra na Ucrânia</i> , in "" vol. XV da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED	
2023 Poema <i>saudade do que nunca foi (lomba da maia, fevº 2016)</i> in <i>Fragmentos de Saudade vol. 1</i> Chiado Ed.	
2022 <i>Crónica do quotidiano inútil volumes 1 a 6, obras completas, nos 50 anos de vida literária</i> Ed. Letras Lavadas	
2022 <i>Crónica Açores vol. V Liames e Epifanias Autobiográficas</i> , Ed. Letras Lavadas	



36º PDL 2022



BPARD PDL 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA



PICO, LAJES, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA



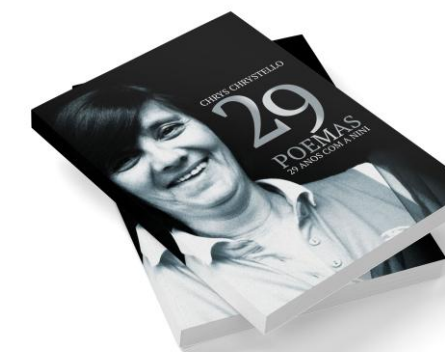
Com Rui Barata PAIVA, Nick Griffin da TVB de Hong Kong em Hác Sa, na Pousada de Coloane junho 1980 e na RÁDIO MACAU (TDM-RTP)



2022	CrónicaAçores vol. VI Crónicas do Éden 2005-2022, Ed. Letras Lavadas
2022	Poema Desculpa o atraso vol. XIV da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED
2021	Poema Para uma biblioteca universal da felicidade vol. XIII da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado
2021	Poema Sorrisos de pedras por maroiçar / stone smiles to pile up in pyramids, in Sorrisos de pedra 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues ed. Gugol
2021	Poema A Lancha do Pico a Dias de Melo in Alma de Mar — Antologia de Literatura Contemporânea vol. I Chiado Ed.
2021	Ensaio sobre Malaca Casteleiro in Orientes do Português vol. 2 2020 Instº Polítécº de Macau http://orientes-do-portugues.ipm.edu.mo/volume2-2020/
2021	Ensaio “Este mundo declarou guerra aos velhos”no livro in “Os Dias Da Peste”, PEN Clube Português
2021	Poema “Autonomias Açorianas 2015” in Coletânea Liberdade, Chiado Ed.
2021	Ensaio “Um Arquipélago Prenhe De Vozes. Sem Ilhas Não Há Vozes” coletânea “Ilha de vozes” sel. Susana Antunes

2020 poema “o bem maior”” vol. XII da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED
2020 poema “na farmácia da vida” em coletânea Quarentena vol. I, ed. Chiado
2020 capítulo “Memórias de infância, a avó de JC” em Avós Raízes e nós, de Aida Baptista, Ilda Januário e Manuela Marujo, ed. Almaletra
2019. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 3 – 2005-2018 versão final https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link
2019. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 4 – 2011-2018 versão final https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf
2019 poema “não quero saber o nome” vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” ed. Chiado
2018 poema “partir” vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” ed. Chiado
2018 FOTOEMAS foto livro, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018, <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores,-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i> em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2’17, revisão, compilação e Tradução de “O mundo perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL
2017. Poema “Maria Nobody” in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED. ISBN: 9789895215423
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em “A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro”. Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. “Três poemas açorianos” in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha” in “Povos e Culturas, A ilha em nós” Revista Povos e Culturas 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica - Lisboa
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo do livro “A condição de ilhéu”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor “Um missionário açoriano em Timor” vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. + ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia
2015, <i>Crónicas Austrais (1978-1998 monografia)</i> 4ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf
2014. Prefácio de “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013, <i>Crónicas Austrais 1978-1998, monografia</i> , 3ª ed. https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais
2012, Trilogia da história de Timor, ed. AIC, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor-Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2012. <i>Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia)</i> 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução “Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa
2000, vol. 1 trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, vol. 2 trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter Timor-Leste 1983-1992 DVD 1ª ed. 2005-12 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf / https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, <i>Crónica Açores uma circum-navegação</i> vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor esgotado, https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia
2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Vítor Rui Dorez, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf -
2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de “La familia: el desafío de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, <i>Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia)</i> 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb ,
2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf , https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf
2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng- , https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf ,
1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 <i>Crónica XI Aborígenes na Austrália</i> https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981. <i>Crónica do quotidiano inútil</i> vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd –

1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf (fac-símile do original)
2009 RTP 1 HORA NO 11º COLÓQUIO LAGOA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XPTSDTXIANA&T=0S&INDEX=281&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI (DEMORA 10 SEGUNDOS A INICIAR)
2010 NO 13º COLÓQUIO NA ACADEMIA BRASILEIRA RIO 2010 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1ZMDWP1B6JU&T=0S&INDEX=277&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2010 RTP 13º EM FLORIPA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CTBEJXBOOK8&T=0S&INDEX=174&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 NO 15º EM MACAU HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MODYWJP2FFI&T=0S&INDEX=135&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 NO 15º EM MACAU – POESIA NA GRUTA DE CAMÕES – HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNGWJ_RNH_Q&T=0S&INDEX=134&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2011 RTP NA APRESENTAÇÃO DO CHRÓNICAÇORES VOL 2 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=X93R7PVNWKQ&T=0S&INDEX=240&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2012 RTP 17º LAGOA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BYHCDO-XDHO&T=0S&INDEX=278&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2012 17º NA LAGOA 2012 CONCHA DEDICA POESIA COM NOMES DE POESIAS DE CHRYS HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2013 CHRYS DIZ POESIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-7PTLKOJXQ&T=0S&INDEX=169&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
2013 CHRYS DIZ CRISTÓVÃO DE AGUIAR HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PE1IZ3RQBN8&T=0S&INDEX=167&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
21º COLÓQUIO POESIA NOS MOINHOS 2014 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DJO96TEEJ28&T=0S&INDEX=227&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
23º COLÓQUIO POESIA FUNDÃO 2015 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0FGFXZW2WXA&T=0S&INDEX=117&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º GRACIOSA 2015 RTP HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PO8V7AGLXNS&T=3S&INDEX=108&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 MAIS NA RTP HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VADEDJP1HHG&T=2S&INDEX=109&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI
24º COLÓQUIO GRACIOSA 2015 POESIA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5N3TKMQJOPW&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=99
2016 CHRYS DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G5IWY8RITMW&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=90
2017 POESIA NO 27º BELMONTE HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U9QFJT6S9SK&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=46
2017 MAIS POESIA BELMONTE 2017 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RPH4SRTM1_W&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=45
2017 S MIGUEL TV CHRYS ENTREVISTADO IN A VOZ DOS AÇORES HTTPS://YOUTU.BE/XSDAS0PBG2U
2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KCHOZ36IV94&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=34
2017 POESIA NO 28º COLÓQUIO VILA DO PORTO ASAS DO ATLÂNTICO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G19AWKXJZCI&T=2S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=33
2017 APRESENTAÇÃO BGA HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XTRRS_I6SHC&T=22S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=27
2018 POESIA TIMOR 29º EM BELMONTE 2018 HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LYUOL7RCSPS&T=372S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=14
2018 S MIGUEL TV HTTPS://YOUTU.BE/XSDAS0PBG2U
2018 POESIA AO MEIO-DIA NO 30º NA MADALENA DO PICO HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WDOZ-7CLSBM&T=204S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=6
2019 POESIA A CAPELA HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/DOCUMENTOS/SONS-E-POESIA-COL%C3%B3QUIOS/2559-32%C2%BA-COL%C3%B3QUIO-POESIA-NA-CAPELA-DE-SANTO-ANT%C3%B3NIO,-PRAIA-S-MATEUS-GRACIOSA.HTML
2021 POEMAS DECLAMADOS EM HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/MAIS/POEMAS-DECLAMADOS.HTML
2021 POESIA EM BELMONTE HTTPS://YOUTU.BE/RKE4W4BLOIQ
2021 LUSA TV CANADÁ HTTPS://YOUTU.BE/RFYYTUI7-1Y
2021 RTP AÇORES HTTPS://YOUTU.BE/_FWCE9DM2_M
2021 NELLIE PEDRO EUA GENTE DA NOSSA HTTPS://YOUTU.BE/WIEPE3XJP6M
2021 TIMOR ON MILWAUKEE WISCONSIN UNIVERSITY BY CHRYS CHRYSTELLO HTTPS://YOUTU.BE/KYVRJ4KE7D0
2022 35º COLÓQUIO BELMONTE 2022 DISCURSO DE ABERTURA HTTPS://YOUTU.BE/SHHA3SNKA6C
2023 APRESENTOU NAS LAJES DO PICO A CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOLUMES 1 A 6, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA HTTPS://YOUTU.BE/IINHM1HUIGS
2024 10 POEMAS DEDICADOS A NINI (HELENA) CHRYSTELLO DO LIVRO INÉDITO 29 POEMAS PARA 29 ANOS COM A NINI OFERECIDO AOS PARTICIPANTES NA HOMENAGEM A HELENA OUVIR EM HTTPS://YOUTU.BE/CIPIKIVQISI?LIST=PLWJUJRYOUWOKRIA8XUWPVDMB8QRYJWLBP



APRESENTOU 10 POEMAS DEDICADOS A NINI (HELENA) CHRYSTELLO deste livro inédito a ser oferecido aos Participantes na homenagem a helena em <https://youtu.be/CiPIkiVQIsI?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8qRyjwIPB>

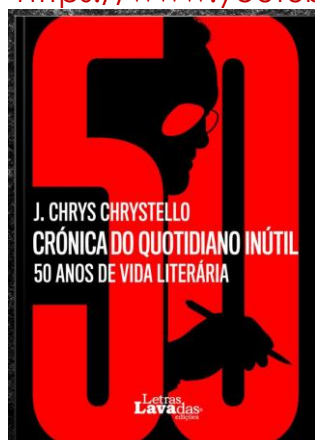
ouvir

Ouvir todos em <https://youtu.be/ODaULfQH0ts?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8qRyjwIPB>

APRESENTOU "A génese dos 6 volumes de Crónica do Quotidiano Inútil, 50 anos de vida literária (POESIA)

<https://youtu.be/AEiEhu56Abw?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8gRyjwIPB>

<https://www.youtube.com/watch?v=llnHm1huIGs>



Deste livro APRESENTOU SESSÃO DE POESIA SUA dedicada a santa maria (e aos açores) COM DIOGO OURIQUE, HELENA BARROS, ALEXANDRE BORGES, ANÍBAL PIRES

502 AÇORES 1, (LOMBA DA MAIA, OUT.º 2011) DIOGO OURIQUE

no início era o fogo
e se fez verbo
vieram os abalos
e se edificaram ilhas
surgiram as naus
brotaram pássaros e árvores
sob o olhar atento dos milhafres
a que chamaram açores
arribaram carneiros e cabras,
porcos e galinhas
gentes e corsários
a terra insolente
insilenciada
vómito de magma
apouca vilas e aldeias
a que chamam freguesias

será esta a ilha sina?

515. A NAU SEM ESCORBUTO, AO ZE NUNO DA CAMARA PEREIRA, (LOMBA DA MAIA, 24 AGO 2011) HELENA BARROS

arribou nesta praia
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinhagem
a nau sem escorbuto
cheia de novos senhores
não trazia especiarias das índias
nem arroz de malaca ou sião
nem lusitanos feitores

nesta açoriana plaga
longe de meca e mar eritreu
canal do suéz por sonhar
chegou a peste, nova chaga
há mouros e maometanos
das arábias e de malabar
muito tuga plebeu
ocupa lugares de proa
a barlavento das gentes
que aqui andam à toa

hordas de gentios já caducas
não foram a cipango e às malucas
cuidar do bom nome da coroa
nem a calecute ou ceilão
tratar da noz, cravo e canela
ou da pimenta e açafrão

e como dizia camões
de longe a ilha viram fresca e bela,
que vénus pelas ondas lha levava
(bem como o vento leva branca vela)
para onde a forte armada se enxergava

chamam a esta terra sua
sua e de mais ninguém
saudosos de marajás e palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs eleitorais
como samorim a regem
sem estorvos sacerdotais

eu aqui sentado nesta ameia
em castelo sem pendão
envio migalhas de letras
aos que não têm literário pão

crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão
da seteira lastimo a gleba
sem ânsia de libertação

o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se irão
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não semearam
mas a gente infeliz e livre vota
nos que prometem falsa solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá só temos sem-abrigo
pakfanistas e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo triste e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de forasteiros sem alma
infames e vis especuladores
da história magnânima nem sombras,
não há bardos ou cantores
nem escribas dedicados
o povo sofrendo temores
erros grosseiros enganar ledos

sem naus nem caravelas
sem especiarias sem religião
nem língua franca nem outra paixão
cantando fados a tétis
sem espadas nem aduelas
o povo sofre já compungido
chora lágrimas de crocodilo

santa democracia e liberdade
escravo de novo acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados

sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
vê futebol, telenovelas e jornais desportivos
com as letras instruídas nas novas oportunidades
vende os anéis e come os dedos
emigra quando pode
queixa-se da sorte caipora
teme do governo as novidades
incapaz de suportar mais medos

a geração rasca passara a parva
timidamente se manifestara quanto à crise
a austeridade enriquecia bancos
à custa do suor da gente já suado
não descera às ruas este povo abusado
de brandos costumes se dizia
nem eram plebe nem gleba
antes novos-ricos da miséria
uma vez ancorada a nau do fmi
em terra de infiéis e gentios
não daria berloques aos nativos
apenas o chicote e a chibata
as grilhetas de trabalho escravo
que mói, rói e lento mata

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem tempo para se educar
criam cegas nos seus donos
com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado
desde há muito estiolado
lá se morria devagar
sem gente para o cuidar
dos vindouros muitos virão
dizer que este poeta pressagiava
o fim da bela nação.

520. A CRIAÇÃO DO MUNDO (MOINHOS, 12 SETº 2011) ALEXANDRE BORGES

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara e pintou-a de azul

seguir viagem pela baía do cura

ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui

aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete

virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da vila
frente às ribeiras quedou-se à espera
adormeceu profundamente
ainda hoje se espera o seu regresso.

504. VOLITANDO (Lomba da Maia, 4 maio 2011) **DIOGO OURIQUE**

vieram os deuses
plantaram insulas
uma ilha-mãe,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
a ilha branca, a azul
a verde, a lilás,
castanha e cinzenta
amarela, rosa e preta

nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
onde dantes havia água
nos montes verdes
cuspiam fogo rugiam dragões
tremiam os chãos secavam ribeiras
vomitavam magma choviam trovões
de thor filho de odin
olvidado das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de minguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino mas sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

573. FADOS E SAMBAS (LOMBA DA MAIA) 5 ABR 2013 ANÍBAL

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

516. A ILHA-MÃE (LOMBA DA MAIA, 29 AGO 2011) HELENA BARROS

a ilha-mãe ficou sentada à janela
virgem e solteira
esperando o príncipe encantado
na nau do nunca mais

se penteou e vestiu
abriu a ventana
pôs a mão em pala
e olhou o mar imenso

213 160 dias para ser exato
na praia do capitão
na baía dos anjos
nenhum barco aportou
até um célebre quinze de agosto,
aniversário de Gonçalo Velho
na praia dos lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infiéis
os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar

voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados
jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas
finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da ilha-mãe.

557. AÇORES, AO LUIZ FAGUNDES DUARTE (MOINHOS, 16 AGO 2012) ALEXANDRE BORGES

estar na ilha é um modo de vida
por vezes prisão sem grades
aquário de mar, céu, montes e vacas
aves e peixes que não me falam

peessoas com passados heroicos
gesta de povo sofrido e resignado
de basalto e pedra-pomes também

gente que veio do mar e a ele se condenou
em terra e nas ondas dos baleeiros
quando a terra não tremia
e os vulcões estavam silentes
mares de mil e uma cores
do azul negro ao vermelho do sangue
atafuhlado de monstros e sereias poucas

gente que veio com sonhos e fome
sofreu dos senhores a escravatura infame
feudalismo tardio e encoberto
do manto da igreja jamais liberto
em troco de promessas etéreas
suor, lágrimas e sacrifícios

povo que dominou fajãs
construiu ambições e voou
para outros países sem deixar este
à roda do qual o mundo gira
e regressa sempre e sempre
superando os que ficaram
erguendo estas nove ilhas
do enorme orgulho pátrio

ser açoriano é ser único
em mil identidades afins
não sei descrever os sons
cheiros, cores, paladares
todos iguais, todos diferentes
todos açorianos

aceito este destino estrangeiro
moldo-me e adapto-me
ao clima e ao ritmo
a esta velocidade lenta
de início de mundo
a este fatalismo ingente
de salvadoras devoções

folclore e tradição recriados
romagens de comprar perdões
promessas de enganar
pecados mortais imaginados

e no meio destas gentes austeras

surgem poetas, autores
pintores, artistas, escritores
neles me encontro e aconselho
imagem refratada doutro espelho
o lado de lá do eu, até quando?

564. POLIR SOIS COM UMA PENEIRA (LOMBA DA MAIA, 25 DEZº 2012) DIOGO

polir textos é como arear pratas
dissipa-se a sujidade
mas o fulgor que resta
cintila sem qualidade
fica baço com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó
com a delicadeza de uma pena
nada se perde nem se transforma
basta um gesto, um telefonema
uma sms, um like no facebook
como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado
questão de sorte e perícia
em panos de fina seda
como limar diamantes em bruto
pode quebrar a agulha
ou gastar-se o casamento

polir países é arriscado
as limas devem ser amoladas
à prova de lóbis e desgovernos
cortam-se as esquinas angulosas
talham-se as aparas mais finas
em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo
encomendar um fato por medida
para dar com a cor do cabelo
é como ir ao barbeiro do futuro
fazer a barba que não se tem
e há o risco de cortar o país todo
talhar pessoas, trincar tradições
sem memória nem história
serrar distritos, fender concelhos
encurtar fronteiras até ao mar
até finir portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil
prepara-se uma folha de papel a4

verifica-se a tinta nos tinteiros
gravam-se caracteres como granito
basalto, quartzo ou ametista
lavram-se sulcos como rios
sombras como montanhas
marés vivas ou mar chão
deixa-se a marinar em banho-maria
leva-se ao lume brando com pitada de sal
junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão
retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta
navegar em utopias
escrever cardápios de vida
imensos e belos como o oceano
livres e úteis como o ar
na solidão dos mares açorianos

615. BRUMAS (MOINHOS, 2 AGO 2013) ANÍBAL

eram de espuma
as palavras
eram de sal
as ondas
eram de gaze
as nuvens
eram de orvalho
as lágrimas
eram de névoa
os montes
o verde surreal
as lagoas
eram de medos
os vulcões
e procissões
eram de espuma
as ilhas dos açores

596. DA MINHA JANELA O MAR E DEUS (MOINHOS, 7 JUNHO 2013) HELENA BARROS

*o mar é deus,
as ondas a sua palavra,
os romeiros alimentam-se dela*

(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme

abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão

576. ONDE OS AÇORES NÃO VOAM, A PEDRO DA SILVEIRA E TODOS OS POETAS AÇORIANOS (LOMBA DA MAIA, 16 ABR 2013) ALEXANDRE BORGES

tu que nasceste açoriano
nem vais acreditar
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate
não fui aos 2 mil anos de persépolis
não cacei leões na gorongosa
não comi chicharrinhos em rabo de peixe
não vi petra nem os budas de bamiyan
nem vi índios de Roraima

não fumei ganza nas praias de goa
nem fui em adoração a katmandu
nunca cheguei a machu picchu
nem a hotel de gelo nórdico

nadei na areia branca em díli
em cheok van em coloane
em bondi de sydney
em kuta beach de bali
em pattaya tailandesa
no bidé das marquesas de s. martinho do porto
na praia azul de espinho
nas águas límpidas de daydream island
nas areias de byron bay

banhei as mãos em tijuca
as cataratas do niágara molharam-me

vi o sol a pôr-se na lapónia
e a nascer em bobonaro

vi sóis, luas, mares e céus
no faial, pico e flores
e nas 3 ilhas santas dos açores

nadei em rotnest island
comi em fremantle
dormi em towal creek comara

vivi no amial, maria pia
 e campo lindo do porto
 mafra, tomar e Leiria

bobonaro na montanha timor
 lecidere em díli
 nas antas e em macau

cottesloe e claremont em perth
 waverley, centennial park,
 randwick em sydney
 prahran em Melbourne e em caminha

sou de bragança sem lá ser parido
 sou australiano sem lá ter nascido
 carregos frações da galiza e do brasil
 de cristãos novos, alemães,
 minhotos e marranos
 das cruzadas até áfrica
 onde nunca estive

e de todos esses locais
 que terás de buscar num mapa
 encontrei as tuas ilhas

nelas serei açoriano até morrer.

641. AOS AÇORES 2 (MOINHOS, 24 AGO 2013) DIOGO OURIQUE

aos açores só se chega uma vez
 depois são saídas e regressos
 transumâncias
 trânsitos e errâncias

dos açores não se parte nunca
 levamo-los na bagagem
 sem os declarar na aduana
 acessório de viagem
 como camisa que nunca se despe

nos açores nunca se está
 a alma permanece
 o corpo divaga
 só a escrita perdurará

584. AUTONOMIAS (MOINHOS, MAIO 10, 2013) HELENA BARROS

arquipelágica
 nasceste para as palavras
 sísmica
 nasceste para a fé
 vulcânica
 nasceste para as lendas
 autónoma
 nasceste para a liberdade
 que um dia terás

632. SER AÇORIANO (MOINHOS, 19 AGO 2013) CHRYS CHRYSTELLO

não se é ilhéu por nascer numa ilha
 é preciso sentir-lhe a alma
 partilhar raízes e dores
 acartá-la nos partos difíceis
 tratá-la nas enfermidades
 acariciá-la nas alegrias
 plantar, semear e colher seus frutos
 alimentar as suas tradições
 preservar a sua identidade
 não se é açoriano sem amar as ilhas
 levá-las ao fim do mundo
 morrer por elas, com elas, para elas

Apresentou com DIANA ZIMBRON “Liames e Epifanias Autobiográficas, Crónica Açores V (1949-2005) ” e

“Alumbramento: Crónicas do Éden, ChrónicAçores VI (2005-2021) DE CHRYS CHRYSTELLO ”

SÓCIO FUNDADOR,
 MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,
 PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIO,
 PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA.
 PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS



8. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, PROFESSORA APOSENTADA, P. DELGADA, PRESENCIAL



38º Ribeira Grande 2023



LAGOA 2012



BELMONTE 2017



BELMONTE 2019



BELMONTE 2017



39º STA Mª 2024



PRESENCIAL NO 17º LAGOA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 31º BELMONTE 2019, 36º PONTA DELGADA 2022, ORADORA NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

9. DIANA ZIMBRON – ESC. SEC. MADALENA DO PICO. AICL



38ª Ribeira Grande 2023



APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do chrys pico, lajes 5 abr 2023

Diana Zimbron nasceu em 1984, na ilha Terceira.

Licenciou-se em Educação de Infância, pela Universidade dos Açores (2006), tendo exercido funções em escolas públicas de várias ilhas.

Completo a pós-graduação em Educação Especial no domínio da Intervenção Precoce em 2013, pela Universidade Fernando Pessoa.

Atualmente é Diretora Técnica do Centro de Apoio à Criança da Santa Casa da Madalena do Pico.

Publicou “Temporário, Permanente” (2014, romance) e “A menina que se picou num cato” (2019, conto infantil).

Ganhou o prémio de escrita MiratecArts de 2020, com um conto de sensibilização ambiental, baseado na temática da Montanha, intitulado “Ser da Montanha”.

Iniciou, em agosto de 2019, a sua colaboração com um jornal local, o Ilha Maior, escrevendo uma crónica quinzenal, até janeiro de 2022.

Também colaborou, de janeiro de 2020 a junho de 2021, com rádios do Faial, Pico, São Jorge e Terceira, produzindo e apresentando um programa semanal de divulgação literária com enfoque nos Açores.

Publica esporadicamente poemas na folha Maré de Poesia do Jornal da Praia.

Tem feito traduções para artistas de língua estrangeira, nomeadamente na área do teatro e da música.

Em 2021, participou na Antologia “Sorrisos de Pedra, 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues”.

Num interregno da sua vida profissional, na área da educação, assistiu nos trabalhos de campo de uma investigação em Biologia, em 2016, 2017 e 2017.

Desta colaboração, resultou a publicação científica, da qual é coautora (Fontaine et al., 2021).

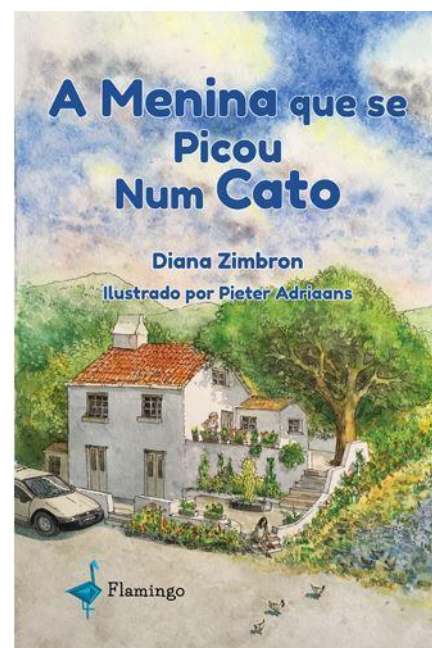
Foi selecionada para a Antologia do Humor açoriano de Helena Chrystello



APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do chrys pico, lajes 5 abr 2023



APRESENTAÇÃO 50 anos de vida literária do chrys pico, lajes 5 abr 2023





39º STA Mª 2024

Bibliografia

2014) *Perfis femininos na epopeia camoniana*, Diana Zimbron e Roberto V Rodrigues, Chiado editora, ISBN 9789895115570

2014) *Temporário Permanente*, romance, 1ª ed. - Lisboa: Chiado Editora, 154, [2] p. 22 cm. - (Viagens na ficção). - ISBN 978-989-51-1979-0

(2019) *A menina que se picou num cato*, infantojuvenil, il. Pieter Adriaans. 1ª ed. Lisboa: Flamingo, 32, [2] p. il. 22 cm. - ISBN 978-989-52-6571-8

(2020) "Arregacei as mangas...é Fringe" in *Açores 24 horas de 13 junho*

(2020) "Ser da Montanha," conto, vencedor do Prémio de escrita MiratecArts

(2021) Poema, in *Sorrisos de pedra 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues* ed. Gugol (Rodrigues, Judy (2022) 31 variations of drawings: 'Sorrisos de Pedra' / 'Smiling [of] Stones' - Coordinated / edited Jose Efe / 31 texts and poems: Francisco Duarte Mangas - Nuno Hígino - Rosa Alice Branco - Susana C. Júdice - Marília Miranda - João Pedro Messeder - Jose Efe - Alexandre T. Mendes - Sérgio Almeida - Daniel Guerra - Jorge Taxa - Aurelino Costa - Nassalete Miranda - Richard Zimler - Paulo Moreira - Manuela Bulcão - Graça Castanho - Pedro Paulo Câmara - Chrys Chrystello - Diana Zimbron - Ana Cris Goulart - Helena Pereira - Pedro Almeida Maia - Nuno Rafael Costa - Elaine Ávila - Carolina Cordeiro - Jose Carlos Costa - Roberto Reis - Tiago Paquete - Ana Isabel Arruda - Maria João Ruivo, ed. Gugol, ISBN: 9789895347124

(2022) "Ritual" in *Os melhores contos da Fábrica do Terror*.

(2022) "Matinal", Microconto, in *Os melhores contos da Fábrica do Terror*.

(2022) "O autor na primeira pessoa" Atas 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022) "CrónicaAçores vol. 5 e 6 de Chrys Chrystello (ed Letras Lavadas)" Museu do Pico, Lajes do Pico, Museu dos Baleeiros 5 abril

(2022) "CrónicaAçores vol. 5 e 6 de Chrys Chrystello (ed Letras Lavadas)." Atas do 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande

APRESENTOU "ONDE PARAM AS MULHERES?" Diana Zimbron, Tema: Açorianidades Subtema: Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos

Se é verdade que há mais mulheres do que homens em Portugal, é igualmente verdade que as publicações e participação em eventos como os encontros literários continuam a ser efetuadas maioritariamente pelo sexo masculino. Como é que isto se reflete na produção escrita nos/dos Açores?

Este trabalho é uma recolha informal de dados ilustrativos e visa, em primeira instância, avaliar a produtividade e representação do sexo feminino, na área da escrita, tendo por base a Bibliografia Geral da Açorianidade. A análise de uma amostra de títulos revelou que três vezes mais entradas correspondem a homens do que a mulheres.

Os estudos sobre este fenómeno são escassos e não muito atuais, porém corroboram este facto quer na produtividade científica, quer na opinião em órgãos de comunicação social, a nível nacional.

Do mesmo modo, procurar-se-á trazer à discussão as possíveis causas da discrepância. Segundo o INE, mais mulheres do que homens estão desempregadas, estando em minoria em quase todos os setores de atividade profissional. As profissões que mais mulheres empregam são as relacionadas com trabalhos de limpeza e de vendas em lojas.

Mesmo na área académica, se por um lado, a preferência por parte das mulheres pelas atividades docentes em detrimento da investigação e publicação pode ser um argumento a ter em conta, por outro, o principal fator apontado como inibidor da produtividade científica é a falta de apoio familiar/constrangimentos familiares.

Apesar do caminho já percorrido em matéria de igualdade, continuarão a existir muitas atividades vistas como responsabilidade feminina com impacto na sua liberdade de expressão? Abra-se espaço para a reflexão. Reconheçamos a eterna necessidade e responsabilidade de fazer representar e reconhecer o mérito de todos os que o tenham, sejam homens ou mulheres. Haverá uma diferença na produtividade escrita entre géneros? Que fatores estarão na origem e na base dessas discrepâncias?

Os dados estatísticos (censos de 2021), segundo o Instituto Nacional de Estatística, demonstram que há cerca de mais quatrocentas mil mulheres do que homens em Portugal. Mais cinco mil mulheres do que homens nos Açores (INE, 2022). Portanto sabemos que as há.

Todavia, segundo uma publicação feita por este instituto a propósito das disparidades de género, em 2013, as mulheres estavam em minoria em quase todos os sectores de atividade e continuam (segundo as estatísticas mais atuais) a ter maiores taxas de desemprego em relação aos homens. As únicas atividades em que predominam são "Saúde humana", "Educação" e "Alojamento e restauração" (INE, 2013).

As profissões que empregam mais mulheres são: trabalhos de limpeza em casas, hotéis e escritórios; vendas em loja; funções gerais em escritórios; docência nos ensinos básico e secundário; serviços de cuidados pessoais e de saúde.

Tendo em conta que uma importante parte das produções escritas estão ligadas ao desempenho de uma atividade profissional, como é que isto se manifesta?

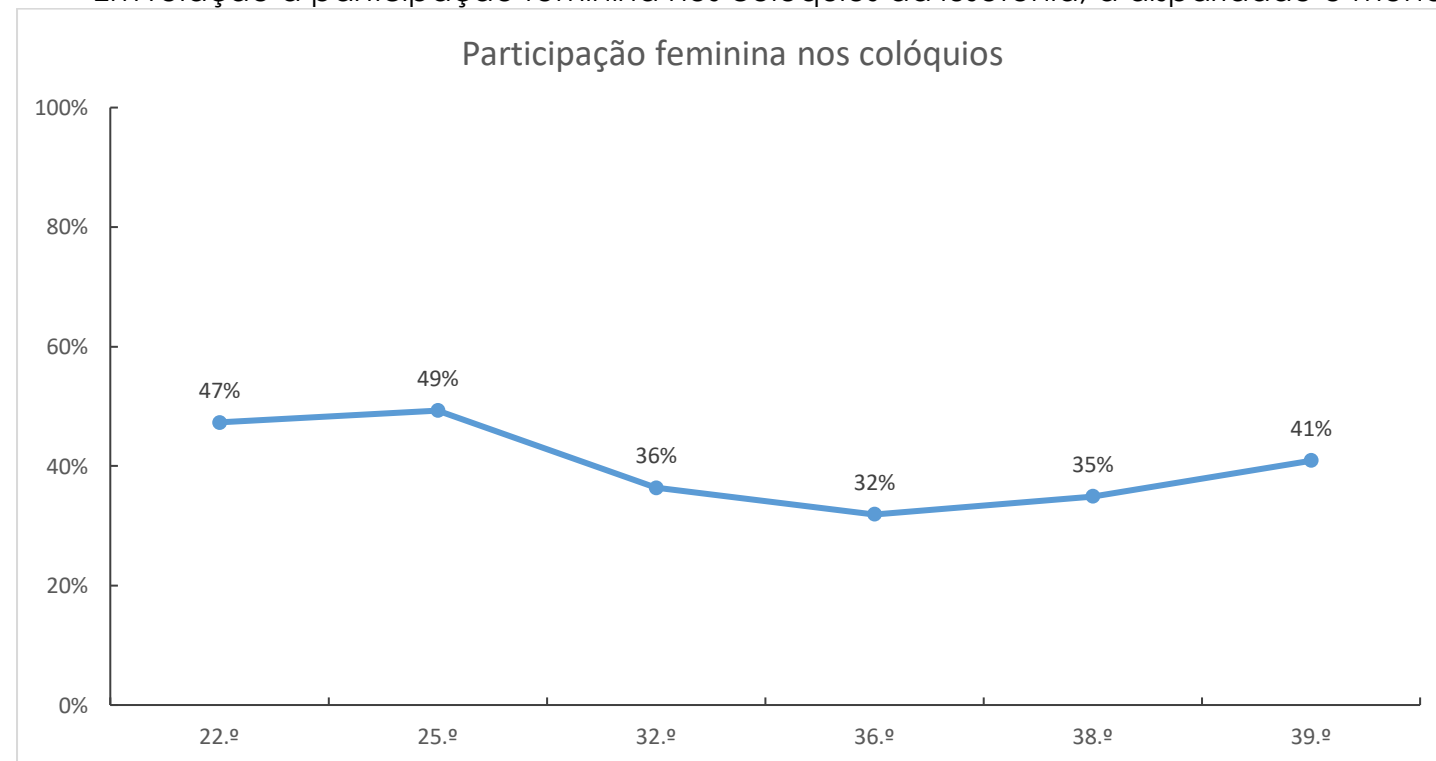
Em Portugal, há uma lacuna nos estudos atualizados sobre a produtividade por género na produção escrita. Porém, uma sondagem realizada pelo MEdialab (Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, 2021), indica que há cerca de quatro vezes menos artigos de opinião de mulheres nos órgãos de comunicação social.

Um artigo de uma investigadora da Universidade do Minho (Santos, 2004) trata de publicações científicas produzidas por homens e mulheres, tendo revelado que se verificam "diferenças de género significativas no que toca à produtividade científica" com maior número de artigos publicados em revistas nacionais, livros publicados e comunicações apresentadas por homens do que por mulheres e que as diferenças corresponderiam à proporção de homens e mulheres doutorados. A boa notícia é que apesar de publicarem menos, as investigadoras são tão credíveis e citadas quanto os homens.

Este artigo vai mais longe e, a partir de entrevistas feitas a investigadores, lista os fatores inibidores da produtividade científica. Os mais citados, e por ordem, seriam a sobrecarga de tarefas relacionadas com a docência, a "ausência de apoio familiar e/ou constrangimentos familiares", a sobrecarga com tarefas de gestão e administração e pouca cooperação entre pares/isolamento profissional.

Para aferir a situação da produtividade escrita ao nível dos Açores, seja criativa, social ou científica observou-se o levantamento mais completo do que se escreveu por açorianos, açorianizados, ou sobre os Açores, a Bibliografia Geral da Açorianidade. Desta foi feita uma amostra aleatória de quatrocentas e vinte e nove entradas. Descobrimos que a tendência do que se verifica a nível nacional, se repete. Trezentos e vinte e três dos títulos amostrados foram produzidos por homens, contra cento e seis produzidos por mulheres. De igual modo, as publicações foram feitas por cinquenta e nove homens e vinte e oito mulheres. Isto é, as mulheres publicam 31% menos do que os homens e há cerca de 50% menos mulheres a publicar.

Em relação à participação feminina nos colóquios da lusofonia, a disparidade é menos acentuada com níveis de participação feminina entre os 32% e os 49%.



Ora, as questões de representatividade tomam especial destaque quando se pensa em igualdade, em educação e no futuro.

Um artigo de 2016, compara as mensagens verbais e não-verbais de duas revistas dedicadas à mulher e os seus exemplos de Discurso feminino e femista (Porto *et al.*, 2016). Este trabalho demonstra como a comunicação social pode informar e orientar ou reforçar preconceitos e estereótipos existentes no sistema patriarcal. E alerta para o perigo de colocar a mulher num pedestal de beleza e disponibilidade, insinuando que este discurso pode ajudar a perpetuar inseguranças que, em última instância podem influir na realização e sucesso pessoal e profissional.

A título de reflexão — e sabendo que não é tão importante ouvir mais vozes femininas quanto é crucial que todas as mulheres tenham voz —, é verdade que já percorremos muito caminho em matéria de igualdade. Já podemos estudar, votar, viajar e casar sem pedir autorização. Já podemos ir a eventos sem que nos lembrem que temos família para cuidar e começamos a dividir a responsabilidade com os filhos mais equitativamente, com o outro progenitor. Mas ainda nos faltará muito para chegarmos a um ponto desejável de igualdade de oportunidades? Será que estagnámos? Haverá perigo de regredirmos?

Já sabemos que limpar, cuidar e ensinar é o que mais temos vindo a fazer, é preciso vermo-nos capazes noutras áreas. É essencial que se alterem os padrões e se evidenciem todas as possibilidades, de forma a fornecer alternativas aos conhecidos “serviços de género”.

Ao fazer questão de divulgar e destacar nomes de mulheres nesta área asseguramos a sua representatividade. Asseguramos às gerações vindouras que cada um pode ter sucesso naquilo a que se dedique, independentemente do seu género.

Assim, registe-se aqui, para o futuro, os nomes das dezanove mulheres que integram o programa deste 39º colóquio: Aida Costa Batista, Ana Paula Andrade, Anabela Brito Freitas, Conceição Couto Mendonça, Diana Zimbron, Dora Nunes Gago, Elisa Sousa, Fátima Madruga, Helena Barros, Helena Chrystello, Inês Gonçalves Marques, Isabel Araújo, Laura Areias, Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo, Marize Prosdócimo, Sandra Prosdócimo, Susana L. M. Antunes e Susana Almeida Rodrigues.

Fontes citadas:

Santos, G. (2004). *O género e a carreira académica: Uma análise das barreiras organizacionais. Comportamento Organizacional e Gestão* 10: 241-260.

Porto, D., Pegollo, C., Mandaji C. (2016). *Discurso feminino e feminista: análise da representação da mulher na revista Estudos, da Espanha pré-Guerra Civil, e na revista Vogue. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 26-28 de maio de 2016, Curitiba, Brasil. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.*

INE (2013). 8 de março: *Dia Internacional da Mulher. Trabalhar no feminino. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, Portugal.*

INE (2022). *Taxa de emprego e desemprego (série 2021 - %) por sexo, Anual - NUTS 2024. Consultado a 10 de maio 2024:*

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&userLoadSave=Load&userTableOrder=12916&tipoSeleccao=1&contexto=pq&selTab=tab1&submitLoad=true

MEdiaLab (2021). *Opinião no feminino. Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal:*

<https://medialab.iscte-iul.pt/opiniao-no-feminino/>



39º Santa Maria 2024

APRESENTOU “LIAMES E EPIFANIAS AUTOBIOGRÁFICAS, CHRÓNICAÇORES V (1949-2005) ” E “ALUMBRAMENTO: CRÓNICAS DO ÉDEN, CHRÓNICAÇORES VI (2005-2021) ” DE CHRYS CHRYSTELLO



[citação lenda do crocodilo 103 CH AZ V]

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série ChrónicAçores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.

... “disseram, que há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. sonhava crescer, ter um tamanho descomunal.

Mas a verdade é que não só era pequeno, como vivia num espaço apertado.

Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho era grande.

O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar.

Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas.

Sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, o que ia valendo ao crocodilo era ser grande conversador.

Enquanto estava acordado, conversava e fazia perguntas a si mesmo.

Depois, como se fosse outro, respondia-se-lhe.

De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos.

Por outro lado, começava a passar fome.

Primeiro, porque havia no charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães.

Muitas vezes, exclamava: “Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes! “Tem paciência, tem paciência.” dizia.

“Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo” – recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite, incluindo a resistência à fome.

E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava.

Os olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

“Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além.”

Esforçou-se, galgou a margem. o sol estava a pino, aquecia, transformava o chão em brasas.

Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das forças e ia ficar, ali, assado. Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os pensamentos cantarolando...

O prometido é prometido. aquele meu sonho. Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora ir por esse mar fora?”

“Isso, só isso, crocodilo.”

“Pois eu, agora, também. Vamos então.”

Ficaram ambos contentes com o acordo. o rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.

Era tudo tão grande e tão lindo!

O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim.

Dia e noite, noite e dia.

Nunca pararam.

Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam.

E as nuvens também.

Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas.

Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

“Ouve-me, rapazinho, não posso mais! o meu sonho acabou...”

“O meu não vai acabar.”

Ainda não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou de tamanho, sem perder a forma, e transformou-se na ilha carregada de montes, florestas e rios, por isso Timor tem a forma de crocodilo.”

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série ChrónicAçores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.

Da escrita do Chrys eu conhecia algumas crónicas e poesia, mas não tinha imaginado a dimensão do seu legado escrito, quando ele me convidou para estar aqui hoje. Humildemente, aceitei o desafio e ele enviou-me, pelo correio, os dois últimos volumes desta série, que aqui veem. Não tive muito tempo para os ler, que bem podiam ser alvo de estudo durante 6 meses cada, pela sua qualidade e riqueza de conteúdo e de formato literário. Então, comecei a leitura das primeiras 285 páginas, incluindo o prefácio de Vamberto Freitas e posfácio de Pedro Paulo Câmara. Letras miúdas, margens estreitas, na corrida contra o tempo assustei-me e tentei dar pequenos "saltos". Não foi possível! Os olhos fugiam para as últimas palavras do parágrafo ou crónica acima e, irresistivelmente, tinha de ler tudo do início. Tinham o fascínio das histórias contadas à hora do jantar, pelos pais ou avós, sobre a sua infância e peripécias, que mais imaginamos num livro de aventuras. Com a escrita de Chrys embarcamos numa viagem, quer por locais diversos, quer através do tempo. Começamos no Portugal profundo da sua infância, num tom mais melancólico, com ligações e conclusões sobre a nossa herança judia, por exemplo. Depois disparamos numa vertigem, através do que certamente foram os anos áureos de Chrys, pois é assim que ele nos faz sentir, durante a sua perseguição de emoções, na juventude. Passamos por Timor, Macau, Austrália. O autor não só nos relata períodos da sua vida como demonstra tudo com pesquisa, para que possamos compreender. Temos o enriquecimento do texto com dados históricos (políticos, económicos, religiosos). Temos etnografia, cultura de diversos locais e sempre a crítica social.



Vejamos um exemplo [p. 134] Nas suas andanças pelo mundo, Chrys apercebe-se da imensidão da influência de Portugal; dos locais onde a nossa língua e cultura deixaram raízes, para o bem ou para o mal; apercebe-se do impacto da colonização e da descolonização. Mais tarde, a língua torna-se objeto da sua atenção, “Português, a quinta língua mais falada no mundo” e daí nascem os Colóquios da Lusofonia. De resto, Chrys sempre se colocou em situações em que pudesse lutar pelo que acredita ser do interesse comum. Foi líder progressista, fez rádio, deu aulas, escreveu para a imprensa e passou notícias dos locais que visitava. Numa correria que demonstra o seu empenho e ética profissional e o compromisso do jornalismo, verdadeiro e vocacionado, por vezes em detrimento da sua vida relacional. Das maiores insistências, da sua parte, aponto a afronta. Chrys toma como sua a missão de pôr os outros a pensar. A esse propósito, faço mais uma leitura [p. 173].

DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA, 18.6.2018, CRÓNICA 198

Locke é "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua." dizia que todos os homens são iguais mas defendia a escravidão. Locke era um homem da época, o que não diminui a importância das ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo. Há mais de 2500 crianças detidas ilegalmente (2018) em campos de concentração dos EUA, algumas com meses de idade, mas a TV não está lá para seguirmos o crime. **Um número maior arrisca a vida na fuga à guerra, à fome, violações, escravatura, e morre afogada no Mediterrâneo, ou fica detida em campos de concentração, mas a TV não está lá.** No Congo ex-Belga de mil e uma guerras e do genocídio (poucos falam, seriam 10 milhões?) há milhares de crianças de 4+ anos, escravas, a trabalharem em minas a céu aberto, para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos (exº lítio), mas a TV não está lá. **Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda não anexou, não permite a infância, só existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas o Facebook não permite mostrar e a TV não está lá.**

“A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa.”
O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, especialista em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard.
“Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado.”

A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 biliões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Em 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas nestas condições em 50 países.

Mas afinal de que escravidão falamos?
A generalizada e comum: “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais aparência que existisse, como nas gerações 1960-1999, em que mais liberdadezinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, mas a humanidade esteve dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, da fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva. Ninguém escapa à engrenagem, nem os que vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta “barter,” nem sempre é possível.

Os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e os que fugiram ao ciclo produtivo, com liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viver à sombra da bananeira, numa ilha deserta, rica para a alimentação, vestuário e outras necessidades. Só é possível em literatura de ficção. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de “pão e circo (panem et circenses) ” que vai dos mundiais de futebol a outros alegados desportos dominados pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos.

Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar. Se (por ex.º) viver na lomba da maia, sem dinheiro extra nem carro, vai a pé 4 km até à praia da viola e chamará a isso férias, ou aproveitará o tempo para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com o seu trabalho e chama a isso de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais. Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos antepassados e verá como é apto o título desta crónica. se pensa que os donos disto tudo são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, nada são e têm de se certificar de que há escravos (como nós), para manterem o sistema a funcionar. por mais oleado que seja o esquema, precisam de inventar continuamente novas normas e retribuições, para que a roda dentada da engrenagem funcione e dê lucros, maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de inventarem o dinheiro? Não há relatos. Os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, só na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.
Chrys continua a percorrer o mundo, encontra os Açores e apaixona-se. Da nossa ilha, diz: [Pág 247]

Já o disse e repito: há um magnetismo que o pico exerce sobre seres frágeis e vulneráveis e me atinge desproporcionalmente. Sinto um vórtice irrecusável a atrair-me e sugar-me para o olho do furacão. Aliás vulcão. Não sei descrever exatamente onde se localiza nem para onde me leva, mas acabo sempre a rodopiar por todos os cantos no vórtice, sem me alcandorar ao topo da ilha-montanha, sem idade nem pernas para tamanha façanha. Uma subida virtual em 3D ainda vá que não vá, de resto só com pernas novas.

Quando resolve fixar-se em S. Miguel, sabemos que Chrys foi crocodilo, saiu do pântano, viu as maravilhas do mundo, connosco aninhados às suas costas, do que viu tirou o melhor e trouxe consigo. E agora é ilha. Guarda, nos seus recantos, o encanto, mas também o desencanto, pois que não se repitam os erros do passado, essas memórias são preciosas e não admitem “limpezas ou censuras”. No último volume, ou no mais recente, pois provavelmente Chrys já terá outras 200 crónicas na gaveta, o autor assume de forma inegável o papel de provocador.

Provoca dúvidas, obriga a pensar. Conquanto esteja enamorado, pelos Açores, ou talvez, por isso mesmo!

São 231 páginas, com prefácio de Osvaldo Cabral e posfácio de Pedro Almeida Maia.

Convém que o leitor entenda o contexto da maioria destas crónicas que [Pág 230]

(Santa Maria) *Admirei as casas prefabricadas, relíquias da Guerra, muitas abandonadas, outras com jardins arranjados e parabólicas. O Bairro do Aeroporto uma “cidade-jardim” típica do urbanismo do séc. XX (1944-46) representou uma profunda inovação no urbanismo tradicional insular, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas, edifícios simples, prefabricados (trazidos dos EUA), espaços arborizados.*

A base revolucionou o quotidiano com equipamentos prefabricados (‘Atlântida Cine,’ inaugurado em 1946; o ‘Asas do Atlântico,’ 1950; igreja, ginásio) e residências isoladas e blocos coletivos (in *História da Expansão Portuguesa*, vol. 5, pág. 336).

O cinema, em ruínas, foi reabilitado em 2019. O bairro, retomado pela aeronáutica portuguesa em 1946, teve uma intervenção por Keil do Amaral (1950), na adaptação a uso civil. Em termos urbanos, o desenho é simples: a via de serviço, a poente, liga a aerogare à antiga vila, pela “estrada da Birmânia;” outra destina-se às áreas residenciais, em largos quarteirões abertos, arborizados e afastamento entre as edificações. De sul para norte, passa-se por residências; a via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com espaço livre fronteiro; habitações até ao extremo norte, onde fica o hotel (reconstruído) e o clube asas do atlântico (arquitetura popular dos açores, ordem dos arquitetos, Lisboa, 2000; Fernandes, José Manuel).

. Portanto, o veículo ideal para provocar uma comunidade, com insistência em temas que nos vão passando ao lado e que vamos desculpando, como a priorização questionável dos investimentos públicos, a (des)educação ambiental, o controlo da informação, a crise educacional, a herança deixada pelos sistemas governativos anteriores à democracia, a forte influência religiosa na sociedade, com deturpação dos valores, em detrimento de fracas interpretações daquilo que seria fundamental transmitir de geração para geração.

Vejamos o que diz sobre a maior manifestação religiosa da região [Pág 39].

COMENTÁRIO DO AUTOR ÀS FESTAS

Sábado fui a ponta delgada, apesar da chuva miudinha para presenciar o que diziam não ter paralelo, milhares de pessoas, umas cumpriam promessas de joelhos desnudos na calçada, outras com pesados círios, misto de catolicismo pagão. No “Atlântida” da RTP-Açores, falei do colóquio que acabara há dias. A imagem deu a volta, as pessoas desfilaram por horas. A homenagem e a riqueza l. Do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava riquezas materiais e idolatria. Não vi nisso a mensagem do santo cristo. Lamento, nada disso vi. Além da ostentação, vi crentes a arrastarem-se na calçada como na autoflagelação no Iraque. Resquícios da idade média no séc. XXI. Consta que comprem fatos e vestidos para a procissão. Se a fé é grande para quê fatos novos? O dinheiro das joias podia aliviar o sofrimento dos pobres. São os meus valores, não serão os da igreja de riqueza imensa e bens acumulados.

Durante a leitura, em várias ocasiões eu disse para comigo: eu poderia ter escrito isto, ou mesmo, eu já escrevi sobre isto, ou ainda, isto é tão natural...

Porém não o é, não para todas as pessoas. Encontramos manifestações da cultura do queixume e das aparências todos os dias, à nossa volta.

O clubismo, o partidismo, o machismo. Não me entendam mal, o autor reconhece as maravilhas do nosso povo e da nossa terra. A nossa vontade de ajudar, só por ajudar, de dar, só por dar, de receber bem e acolher. Reconhece as provações a que estamos sujeitos quando esta linda terra e este lindo mar se revolvem. Porém [p. 27]:

Aqui nunca há nada, vem tudo do continente. Espanta ou talvez não. Pensei que era chegar e ligar, mas além da botija (novo contrato na loja de ferragens), comprei um tubo de 30 cm capacidade x, pressão z bares, acoplador, abraçadeiras. Finalmente iria ver TV sem congelar.

Na tarde seguinte, satisfeito com o calorzinho que à noite tivéramos, estava na falsa a trabalhar e a Nini meteu-se no duche. Aqui banheira é coisa para ricos. Diz ela do duche “não há água quente”. Troquei a botija, nada. O esquentador acendia a luz verde, mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes. Fui ao café ver o dono da casa, a quem contei o infortúnio. 24 horas depois, e após terem cá passado pessoas (não eram especializadas, mas queriam resolver o problema), veio um técnico de esquentadores da Ribeira Grande ver: impurezas acumuladas, que impediam o funcionamento do aparelho novo e na garantia. Problema resolvido.

Os cidadãos lidam mal com as adversidades rurais. O povo português anda há séculos a transformar-se de rural em cidadão. A inversa, não está desprovida de dificuldades.

Há muitas e duras críticas neste Alumbramento, demonstradamente merecidas, mas também há partilha, de experiências e da troca de ideias com outros escritores e pensadores Açorianos, como Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar.

Há ainda reflexão sobre a atualidade regional, nacional e internacional regada com humor, do qual confesso ser adepta.

Vamos a um exemplo [p. 169]

PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO, 2.6.2018, CRÓNICA 193

O concurso regional de empreendedorismo decorre em três fases, permitindo que as ideias apresentadas passem às fases posteriores, transpondo os vencedores para iniciativas empresariais, com a entrega de vídeo, 2 minutos, expondo a ideia de negócio, sendo selecionadas as cinco melhores. Segue-se o desenvolvimento, para planos de negócio, submetidos a uma terceira fase, um pitch (sic) até 5 minutos. São selecionados três projetos (€25.000, €20.000 e €15.000) atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.

Proponho que passe à final a família de Rabo de Peixe, detida pelas autoridades por estar na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para tratamento medicinal. A família, recipiente do rendimento de inserção social, vive com dificuldades, um grande agregado numa casa da câmara destinada a famílias pequenas.

Conseguiu colocar em pleno emprego os 10 membros (avós, pais, filhos e netos) servindo-se de terrenos baldios do Estado, abandonados há anos. Dado que eram férteis, boa exposição solar, introduziu cannabis sativa, com cuidados intensivos e boa rega, produzindo 400 pés, dezenas de milhar de euros ao valor de mercado. Apesar da falta de instalações adequadas, a família recuperou um edifício abandonado pela edilidade para o tratamento e empacotamento das plantas, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via.

Com os proventos da exploração agrícola, a família ia adquirir habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais, e contribuir para a integração dos seus membros na sociedade, onde as pessoas são desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou produtivas, preferindo auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções para as suas carências.

Numa antevisão do fim do monopólio de venda do produto, com a liberalização do consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável. Verifica-se que cumpriram os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído..

1 O Tesouro: Resplendor, Coroa, Relicário, Cetro e Cordas, o Resplendor mais rica, platina cromada de ouro, 4,850 kg incrustado de 6.842 pedras, a Red enção, cordeiro sobre a cruz e livro dos Sete Selos do Apocalipse. O terceiro é a Eucaristia, pelicano, cálice e cibório. O último é a Paixão de Cristo: desde a túnica ao galo da Paixão e a coroa de espinhos esmeraldas, ouro, 800 g, 1.082 pedras preciosas. O Relicário é a mais enigmática, no peito da imagem para guardar o Santo Lenho. O Cetro tem 2 mil pérolas numa maçaroca, 993 pedras preciosas no tronco e brilhantes na base, onde está a Cruz de Cristo. As cordas, 5,2 metros, a quinta peça, duas voltas de pérolas e pedras preciosas em fio de ouro. Os “Registos” são a mais antiga arte do Senhor dos Milagres, de origem incerta. Os primeiros cunhos da Imagem datam do séc. XVIII.

E ainda, a respeito de uma troca de doentes aquando da devolução de uma idosa à sua casa, pelos Bombeiros [p. 230]

Quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama" CRÓNICA 462 JUNHO 2022

O centro hospitalar e universitário de Coimbra contactou os familiares de uma doente a informar que iria ter alta, mas quem chegou na ambulância à casa da família em Teixeira, Arganil, foi outra pessoa. "quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama, de 94 anos, quando a minha tem 88", contou António, o marido. Ao se aperceberem da confusão, as funcionárias da instituição que apoia o casal correram atrás da ambulância e conseguiram que levasse de volta a doente. O erro foi corrigido ao final da tarde com a chegada a casa de "dona maria". "isto não se faz a uma pessoa daquela idade", lamentou a filha, Idalina Leite. Retirada dum jornal diário

A propósito desta preocupante notícia: vou ter imenso cuidado da próxima vez que a minha mulher for para o Hospital, não vá dar-se o caso de ma quererem trocar. Sabem lá a canseira que foi encontrá-la e mantê-la estes anos e agora iam acabar por me dar outra sem sequer me perguntarem se queria trocar a minha por outra, mais nova ou mais velha. Sabe-se lá que defeitos traria... nem sempre os modelos mais modernos são melhores que os antigos, e alguns antigos também funcionam muito mal. Como iria fazer para reaver a minha mulher? E o trabalho que me iria dar? Ainda o hospital podia dizer que eu a que entreguei aos seus cuidados era aquela que me devolveram... Isto até parecem os saldos de verão em que se uma pessoa não está satisfeita tem 15 dias para devolver a compra. E se ao enviarem a minha mulher para outra casa, decidissem ficar com ela e não a quisessem devolver, já viram as chatices que me iam dar, meter advogados, eu sei lá. Isso ainda acabava como aqueles bancos onde metemos as poupanças e depois vão à falência e ficamos sem as poupanças. E não há seguros que cubram essas situações. Por isso tenham muito cuidado ao receber encomendas destas de qualquer hospital.

Assim termino a viagem por estes dois volumes em que o autor narra o seu orgulho em ser Português, numa relação amor-ódio com muito amor, Porém tenho uma última consideração a partilhar sobre estes 50 anos de contributo do Chrys:

Outro escritor açoriano afirmou que as novas gerações, as de 70 e 80, nas quais me incluo e às quais até já chamaram geração rasca, têm mais imaginação do que memória.

Talvez assim seja, mas Chrys Chrystello sabe que as lutas e provações à liberdade são cíclicas. Os ataques dissimulados à liberdade são constantes e a geração d"os novos" segue em frente, empatizando com as lutas do passado, através dos relatos de quem viveu antes do 25 de abril.

Estabelece as suas ligações e tira as suas conclusões.

É a esta geração que Chrys dá a mão. Ele é um realista. Ele sabe que o dia chegará em que serão eles a dizer "basta" e quer que reconheçam os sinais.

Chrys chama "os novos" para a luta. Chama-os para si e para os Colóquios. Fá-los falar sobre o seu trabalho, aqui, na vossa frente.

Põe-nos a escrever prefácios e posfácios dos seus livros e concede-lhes a honra de falar sobre eles também. Assim lhes diz: não se calem! Por isso, por isto [apontar os livros] e por tudo o resto: Obrigada. Diana Zimbron, 5 de abril 2023



39º Santa Maria 2024



PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE.

PARTICIPOU PESSOALMENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 36º PDL 2022 E FOI ORADORA NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024

APRESENTOU NAS LAJES DO PICO 2023, CRÓNICAÇORES VOL 5 E 6 DE CHRYS CHRYSTELLO

10. **DIOGO OURIQUE, ESCRITOR, TERCEIRA. AICL**



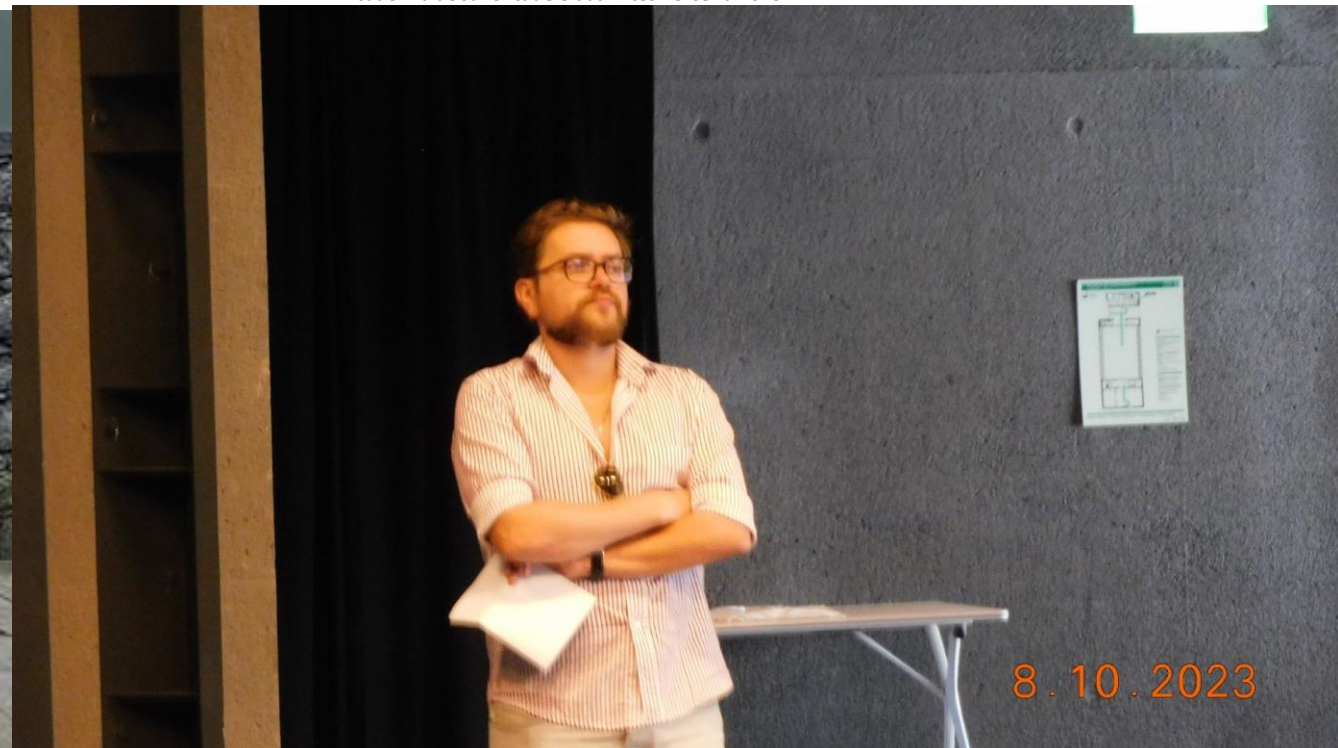
36º COLÓQUIO PONTA DELGADA 2022



Academia de Juventude e das Artes Terceira 2023



38º RIBEIRA GRANDE 2023



38º RIBEIRA GRANDE 2023





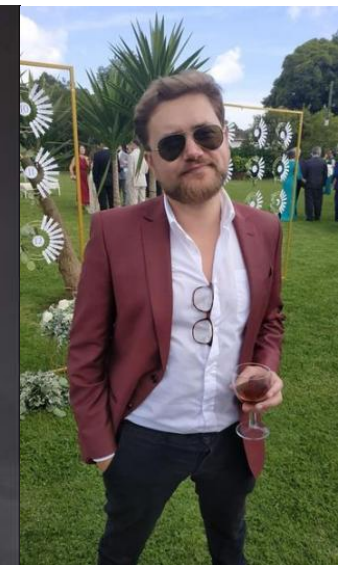
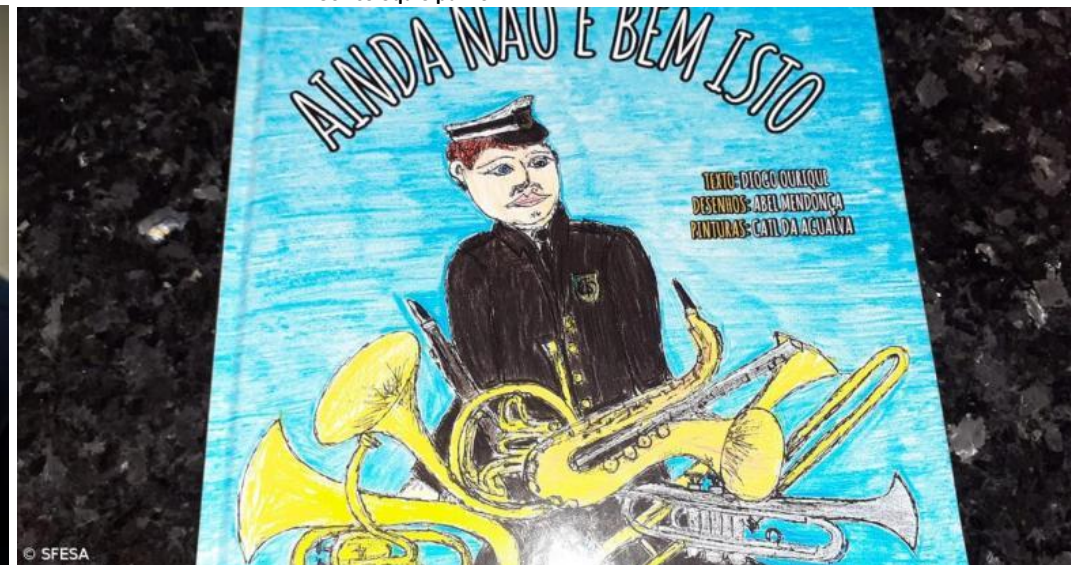
36º COLÓQUIO PDL 2022



36º COLÓQUIO PONTA DELGADA 2022



36º colóquio pdl 2022



Diogo Ourique nasceu em 1991.
É natural da Terceira.

Formado em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, já trabalhou no Diário Insular, como jornalista e cronista, no Rádio Clube de Angra, como jornalista e locutor e na Representação da Comissão Europeia em Portugal, como assessor.

Também fez parte da empresa de comunicação NextPower Storysellers, como copywriter e guionista.

É Coordenador Editorial da revista literária açoriana *Grotta*

Autor de *Tirem-me deste Livro*, 2019, Letras Lavadas Edições, (obra vencedora do 1º Prémio Literário Letras Lavadas / PEN Açores) e *Ainda Não é Bem Isto* (2021).



39º STA Mª 2024



Bibliografia

- . (2017). *Livro do apocalipse ou a revelação de Jesus Cristo, João de Patmos*; trad. Helder Guégués. *Apocalipse*; D. H. Lawrence; trad. Diogo Ourique; intro da ed. e biografias Helder Guégués. 1ª ed. Lisboa: Guerra e Paz, 293, [3] p. il. 20 cm. - (Livros amarelos). - ISBN 978-989-702-273-9
- . (2017). *Orgulho e preconceito, Jane Austen*; trad. Diogo Ourique. 1ª ed. - Lisboa: Guerra & Paz, 388, [4] p. il. 23 cm. - (Clássicos). - Título original: *Pride and Prejudice*. - ISBN 978-989-702-298-2
- . (2018). *Editor Revista Grotta 2, Arquipélago de escritores*, ed. Letras Lavadas
- . (2019). *Tirem-me deste livro, prefácio Nuno Costa Santos*. [s.l.] Letras Lavadas, 159 p. 24 cm. - ISBN 978-989-735-236-2
- . (2019). *Editor Revista Grotta 3 Arquipélago de escritores*, ed. Letras Lavadas
- . (2020). *Editor Revista Grotta 4 Arquipélago de escritores*, ed. Letras Lavadas
- . (2021) *Ainda não é bem isto., texto Diogo Ourique*; des. Abel Mendonça, CATL da Agualva. Agualva: Sociedade Filarmónica Espírito Santo da Agualva, [18] p. il. 23 cm. - ISBN 978-989-33-2893-4
- . (2022). *Editor Revista Grotta 5 Arquipélago de escritores*, ed. Letras Lavadas
- . (2022) *Ainda não é bem isto, texto Diogo Ourique*; il. Abel Mendonça, Catl da Agualva. Praia da Vitória: Câmara Municipal Praia da Vitória, [13] p. il. 23 cm
- (2022) *in Chrystello, Helena (2022) Nova antologia de autores açorianos*, ed. Letras Lavadas
- (2022) *O autor na primeira pessoa, Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada*
- (2022) *Orgulho e preconceito, Jane Austen*; trad. Diogo Ourique. 2ª ed. Lisboa: Guerra & Paz 388, [4] p. il. 23 cm. - (Clássicos). - Título original. *Pride and Prejudice*. - ISBN 978-989-702-298-2
- (2023) “Escritoterapia” *Sessão de lamentação de quatro guionistas sobre as condições da indústria em Portugal (com: Alexandre Borges, Nuno Costa Santos e Diogo Ourique)*. Atas do 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande
- . (2023). *Editor Revista Grotta 6 Arquipélago de escritores*
- . (2024) *Let me out of this book, Ed Letras lavadas (Tirem-me deste livro em versão inglesa)*.

APRESENTOU POEMA DORES, O PIOR DE TUDO, NA SESSÃO DE HOMENAGEM A NINI CHRYSTELLO

742 DORES - MARIA NINI NUNCA SABEREI VIVER SEM TI 4.2.2024

o pior de tudo são os silêncios sem fim
entrecortados pelo toque dos sinos,
o pior de tudo é não ouvir a tua voz
ao telefone com colegas e amigas
ou a ralar com as cadelas ou comigo
o pior de tudo é ninguém bater, o telefone não tocar
e os silêncios dantescos como as sombras
como os murmúrios que ainda ouço, das tuas dores

o pior de tudo é a irreversibilidade
as fotos que passam não voltam
29 anos de memórias, partilhas, cumplicidades,
e a certeza inabalável de que nada nos separaria
e nada nos separará, ou afastará
nem a morte traiçoeira que chegou sem ser convidada

o pior de tudo são os silêncios sem fim
entrecortados pelo toque dos sinos,
o pior de tudo é não ter quem leia os meus escritos
não os corriges nem críticas
o amanhã não vai mudar nada
e a solidão será companheira indesejada e fria
havia tantos planos e projetos
a tua vontade inabalável para os concluir
mesmo quando já te faltavam as forças

o pior de tudo são os silêncios sem fim
entrecortados pelo toque dos sinos,
como os murmúrios que ainda ouço, com as dores
e as fotos que passam na moldura não voltam mais
nem as poderemos recriar ou reviver
e onde quer que vá estive lá contigo

o pior de tudo são os silêncios sem fim
esta irreversibilidade inaceitada
chorar a saudade do teu riso alegre
ansiar o teu sorriso cúmplice
nestes dias chorosos e tristes
solitários, vazios, silenciosos

o pior de tudo são os silêncios sem fim
esta imensa dor nunca vai passar
a angústia e solidão não vai mudar
preciso tanto de ti ao meu lado
para me ajudares com esta dor
não quero viver sem ti
não posso crer que não vais voltar

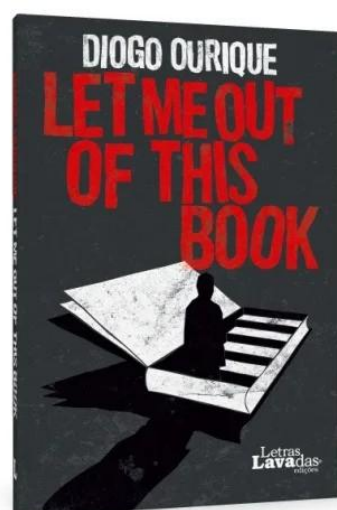
o pior de tudo são os silêncios sem fim
e ninguém sente o que estou a passar
só tu entendes esta dor
só tu podes secar estas lágrimas
só tu podes dar-me razão para viver
e eu nunca saberei viver sem ti



INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA DE CHRYS CHRYSTELLO COM HELENA BARROS, ANÍBAL PIRES e alexandre borges



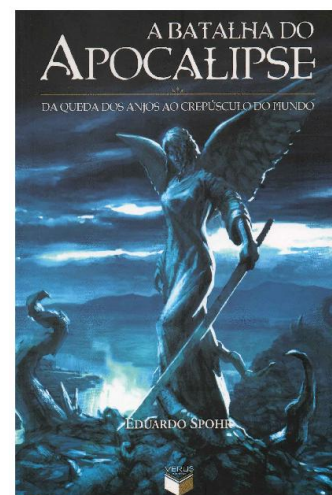
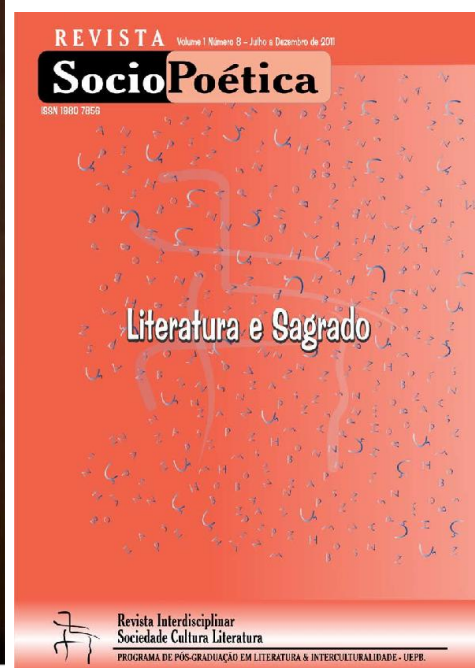
APRESENTOU A tradução de *Tirem-me deste livro*



Apresentou novo livro) *Quem tivesse a tua idade*, ed. Letras Lavadas

**PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE 2021,
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 36º EM PONTA DELGADA 2022, EM 2023 NO 38º NA RIBEIRA GRANDE, NO 39º SANTA MARIA 2024**

11. DORA NUNES GAGO, ESCRITORA, CONVIDADA DE HONRA 2024



39º STA Mº 2024

Dora Nunes Gago nasceu em São Brás de Alportel (Algarve), a 20 de junho de 1972, é atualmente investigadora integrada do CHAM (Univ. Nova de Lisboa). Foi Professora Associada de Literatura no Departamento de Português da Universidade de Macau (China), tendo sido diretora e vice-diretora do mesmo departamento, onde iniciou funções como professora auxiliar em 2012. Doutorada em Literaturas Românicas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa (2007), Mestre em Estudos Literários Comparados (Univ. Nova) e licenciada em Português/Francês pela Universidade de Évora. Foi professora do ensino secundário, Leitora do Instituto Camões na Universidade da República Oriental do Uruguai; investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro e pós-doc visitante na Universidade de Massachusetts Amherst (Estados Unidos). Foi investigadora principal de vários projetos e integra o comité editorial de revistas académicas internacionais. É autora de publicações na área da Literatura Comparada (mais de 50 ensaios e capítulos de livros, até ao momento), também de poesia e de ficção,

Tem apresentado frequentemente comunicações em Congressos Internacionais em vários países.

Participou em festivais literários na Índia (Nova Delhi e Varanasi), Macau e Portugal.

Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, da APE (2024)

Dora Nunes Gago vence Grande Prémio de Literatura de Viagens da APE Autora foi distinguida com *Palavras Nómadas*, obra que o júri classifica como “prosa de grande fluidez, eivada de reflexões onde se cruzam perceções, memórias, cultura, literatura e história” <https://www.publico.pt/2024/07/11/culturaipilon/noticia/dora-nunes-gago-vence-premio-literatura-viagens-ape-2097239>



39º STA Mª 2024



39º STA Mª 2024



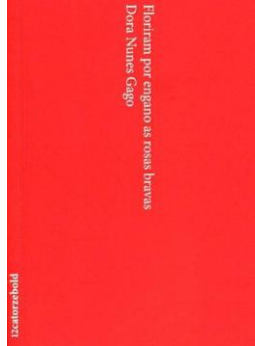
Publicou:

Planície de memória (poesia, 1997);
Sete Histórias Gatos (em coautoria com Arlinda Mártires)
A sul da escrita (distinguido com o Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca em 2006),
Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),
A Oeste do Paraíso (2012),
As Duas Faces do Dia (Menção honrosa no Prémio Literário Florbela Espanca),
Travessias, Contos Migratórios (2014),
A Matéria dos sonhos (2015),
Uma cartografia do olhar: exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa (2020, finalista dos Prémios de Ensaio do Pen Club)
Floriram por engano as rosas bravas (2022)
Palavras Nómadas (2023).

Bibliografia



1 - *Palavras nómadas* 1ª ed. - Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2023. - 208, [10] p.; 16 cm. - (12catorzebold; 63). - ISBN 978-989-755-861-0 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2135497>



2 - *Floriram por engano as rosas bravas* 1ª ed. - Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2022. - 154, [8] p.; 16 cm. - (12catorzebold; 31). - ISBN 978-989-755-731-6 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2098535>



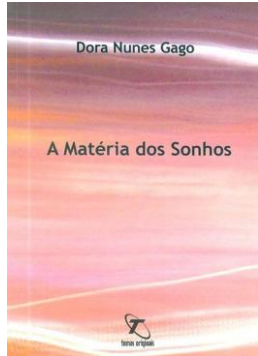
3 - *Uma cartografia do olhar: exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na literatura portuguesa* / Dora Nunes Gago. - 1ª ed. - Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2020. - 194 p.; 23 cm. - ISBN 978-989-755-497-1
 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2058085>



contos
assesta
ÁGUA

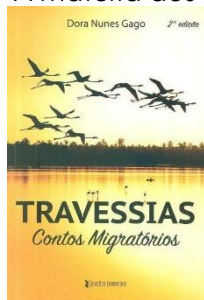
□ ^N
Narrativa

4 - Contos Assesta - água **Dora Gago...** [et al.]; il. Alexandra Prieto... [et al.]. - 1ª ed. - Castro Verde: Narrativa, 2019. - 170, [3] p.: il. 22 cm. ISBN 978-989-8933-06-5 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2025497>



□

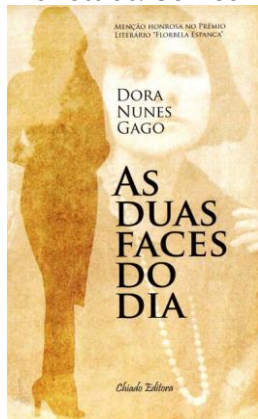
5 - A matéria dos sonhos 1ª ed. - [Coimbra]: Temas Originais, 2015. - 71 p.; 21 cm. - ISBN 978-989-688-231-0 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1912147>



□

6 - Travessias: contos migratórios - 2ª ed. - [Viseu]: Esgotadas, 2014. - 132 p.; 21 cm. - (Resus). - ISBN 978-989-8801-07-4 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1895464>

7 - Travessias: contos migratórios 1ª ed. - [Viseu]: Esgotadas, 2014. - 132 p.: il. 21 cm. - (Resus). - ISBN 978-989-8801-07-4 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1895462>



□

8 - As duas faces do dia 1ª ed. - Lisboa: Chiado Editora, 2014. - 72, [1] p.; 22 cm. (Viagens na ficção). - Contém bibliografia. ISBN 978-989-51-0745-2 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1870831>

9 - Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008. 332 p.; 30 cm. (Textos universitários de ciências sociais e humanas). Orig. Tese dout. Literaturas Românicas Comparadas, Fac. De Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, 2006. - Bibliografia, p. 311-332. - ISBN 978-972-31-1249-8 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1749214>

10 - A sul da escrita: contos 1ª ed. - Porto: Campo das Letras, 2007. 66, [1] p.; 21 cm. (Instantes de leitura; 88) Prémio Nacional de conto Manuel da Fonseca, VIª edição. ISBN 978-989-625-207-6 Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1719204>



11 - Sete histórias de gatos / Arlinda Mártires, Dora Gago. - 2ª ed. - [S. Tomé]: UNEAS União dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe, 2004 (Lousã: Tip. Lousanense). - 63 p.: il. 21 cm. (Canto do Ossobó; 18) Link persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1692545>
2024 - Dora Nunes Gago vence Grande Prémio de Literatura de Viagens da APE <https://www.publico.pt/2024/07/11/culturaipsilon/noticia/dora-nunes-gago-vence-premio-literatura-viagens-ape-2097239>

APRESENTOU **Presenças açorianas em Macau: imagens do exílio na obra de Rodrigo Leal de Carvalho² Dora Gago, CHAM, Centro de Humanidades (Universidade Nova de Lisboa/ Univ. dos Açores)**

Esta comunicação explora as representações do exílio em três romances de Rodrigo Leal de Carvalho: *Requiem para Irina Ostrakoff* (1993), *Ao serviço de sua majestade*, uma *História de Amor* (1996) e *A Mãe* (2001). Atendendo aos contributos teóricos de E. Said, Alexis Nouss, entre outros, analisaremos as imagens do exílio representadas num discurso de contornos realistas, através da criação de personagens "vivas", verosímeis, refugiadas no espaço de Macau ou autoexiladas para São Francisco. Palavras-chave: exílio, refugiados exílio; identidade; Macau.

INTRODUÇÃO

Rodrigo Leal de Carvalho (1932-)³ é um autor açoriano, nascido na Praia da Vitória, até ao momento pouco conhecido no panorama da literatura Portuguesa, visto a sua obra ter sido publicada em Macau, território onde viveu durante cerca de trinta anos (1951-1999), com alguns interregnos.

Como sabemos, atualmente, os fenómenos migratórios atingem uma amplitude inédita, provocando graves crises sociais na Europa e um pouco por todo o mundo, tal como refere Alexis Nouss, desde 2012 registaram-se mais de 22 000 afogamentos no Mediterrâneo (entre 40 000 vítimas da migração no mundo (2015, p. 9). Por conseguinte, numa época cada vez mais convulsionada pelas questões migratórias e pela problemática dos refugiados, ler a obra deste escritor permite-nos mergulhar noutras crises migratórias com alguns contornos semelhantes, ocorridas em Macau, espaço privilegiado de cruzamento de povos e de culturas. São precisamente o deslocamento, a emigração e o exílio os principais vetores temáticos que percorrem a obra de Rodrigo Leal de Carvalho, como sucede em *Requiem para Irina Ostrakoff* (1993), *A Mãe* (2001) e *Ao Serviço de Sua Majestade* (1996), três dos oito romances publicados por este autor⁴, que servem de base ao presente estudo. Se as duas primeiras obras dialogam entre si, por terem como protagonistas refugiadas russas apátridas, a última é protagonizada por uma jovem macaense chamada Odette (conhecida por Detty) também impelida ao deslocamento e ao exílio.

Requiem por Irina Ostrakoff, o primeiro romance de Leal de Carvalho, foi distinguido com o Prémio Camilo Pessanha (atribuído pelo Instituto Português do Oriente). Editado em 1993, com uma 2ª edição em 1995 e uma terceira em 2015, foi traduzido para chinês e búlgaro. A narrativa inicia-se com a morte de Irina Ostrakoff, ocorrida durante uma cerimónia no Consulado de Inglaterra, para depois recuar aos anos da sua adolescência e formação, cruzando tempos e espaços que se estendem desde a Rússia czarista, passando por Xangai, para culminar numa "descida aos infernos" com o drama dos refugiados em Macau.

Por seu turno, *A Mãe* inspira-se em factos ocorridos em Macau no pós-guerra do Pacífico, narrando a saga de Natasha Korbachenko. Nascida na Sibéria, exilada para a Manchúria devido à Revolução bolchevista, Natasha parte depois para Xangai onde sobrevive, dedicando-se à prostituição. Acaba por conhecer um estudante russo judeu (Vassili Yakovitch) com quem casa e tem cinco filhos. No momento em que Vassili se torna professor numa instituição de ensino superior em Xangai e a família atingiu alguma estabilidade, eclode a guerra do Pacífico, sendo Xangai ocupada pelos japoneses, que iniciam uma dura perseguição contra os judeus. A família Yakovitch foge para Macau, onde sobrevive muito precariamente enquanto aguarda a chegada de um visto de entrada nos Estados Unidos. Contudo, no final da guerra, todos os vistos são aprovados menos o do filho Ivan, por ser deficiente mental. São então assolados pelo terrível dilema entre desistir do sonho americano ou abandonar o filho em Macau.

² Esta comunicação tem como ponto de partida um artigo intitulado "Travessias identitárias: representações dos refugiados em Macau na obra de Rodrigo Leal de Carvalho", *Alea, Estudos Neolatinos*, 20 (3): 277-298.

³ Nascido na Praia da Vitória (Açores), a 20 de Novembro de 1932, Rodrigo Leal licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, tendo ingressado a seguir na Magistratura. Chegou a Macau em 1959, onde se foi fixando até à passagem para a administração chinesa, em 1999, com diversos interregnos (de aproximadamente oito anos) para exercer funções na Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. (SENA, 2010, p. 276-277)

⁴ Sobre o autor e a sua obra, veja-se: Blayer, Irene Maria F. e Gago, Dora Nunes, "Espaços e histórias na obra de Rodrigo Leal de Carvalho: Encontro com o escritor", *InterDisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 5, 2016, pp. 111-124.

Ao Serviço de Sua Majestade, uma história de amor (1996) centra-se na história de amor entre o cadete britânico Archie McGuire e a jovem da elite macaense, Odette, desenrolando-se a ação durante trinta anos centrados na vida dos dois protagonistas por diversos pontos do mundo. Todavia, o nosso objetivo será analisar sobretudo a trajetória de Odette nos Estados Unidos (São Francisco) em comparação com os percursos das protagonistas dos outros dois romances. Neste âmbito, será pertinente apresentar uma breve sinopse da ação. Assim, inicialmente, assistimos ao desenrolar da paixão entre o cadete inglês Archie McGuire, que se encontra ao serviço da coroa britânica em Hong Kong, e frequenta um curso de cantonês em Macau. Ele PARTICIPOU nas festas oferecidas por uma família da elite macaense, os Penha-e-Nantes e apaixona-se por Odete, uma das filhas do comodoro português Penha-e-Nantes. Será num desses jantares que ela anuncia o seu noivado com Archie. Contudo, o casamento recebe a firme oposição dos superiores de Archie por ser contra as leis do Governo Britânico que reprova firmemente qualquer ligação dos cadetes a mulheres asiáticas. Após os grandes preparativos para o casamento, o noivo não comparece, pois é raptado a mando dos seus superiores e levado para Inglaterra, num navio, sendo proibido de regressar a Macau e Hong Kong. Por seu turno, após este escândalo com o casamento frustrado, Odette fica tão transtornada pela humilhação sofrida que se sente impossibilitada de continuar a viver em Macau e decide partir com a tia Maggie para reconstruir a sua vida em S. Francisco. Seguidamente, analisaremos analisarmos o contexto histórico e as imagens do exílio.

O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CONFIGURAÇÕES DO EXÍLIO

A inspiração no “real” de onde emergem as três narrativas é evidenciada de modo diferente no início de cada uma delas. Assim, em *Requiem por Irina Ostrakoff* encontramos inicialmente um narrador homodiegético, conotado com o autor textual – que apenas volta a surgir no último capítulo – e cuja função é acompanhar execução das diligências legais referentes ao espólio de Irina (2015, p. 26). A seguir, surge um segundo narrador, o Dr. Remédios, macaense, que cederá, por sua vez, lugar a um narrador onisciente. Nesta esteira, “joga-se, aliás, com uma multiplicação de espelhos que desdobram a figura do narrador e, mais uma vez, perturbam o estatuto entre a ficção realista e reflexão recitativa” (Laborinho, 2015, p. 14).

Por seu turno, em *A Mãe* é apresentada uma explicação preliminar que visa aguçar a curiosidade do leitor, referindo-se que, embora seja uma obra de ficção, é “inspirada numa ocorrência verificada em Macau, no pós guerra do Pacífico [...]” (2001, p. 5). Deste modo, em ambos os *incipit* se nota uma “autenticação” do ato narrativo que pretende instaurar no leitor um horizonte de expectativas realista, criando, desde o início, o “efeito do real” (Hamon, 1982, p. 150). Por outro lado, é realçada a importância da “narração de histórias”. Aliás, no prefácio de *Requiem por Irina Ostrakoff*, o primeiro narrador homodiegético assume-se diretamente como “contador de histórias”, declarando que “a verdade dos factos é depois composta pela imaginação” (Carvalho, 2015, p. 20). No caso de *Ao Serviço de Sua Majestade*, a obra inicia-se com uma afirmação de teor, de certo modo axiomático, que visa evocar uma verdade indiscutível: “Era postulado internacional –e, daí, vigente em Macau – que os britânicos eram pessoas sérias” (1996, p. 5), para seguidamente se iniciar a história. É este tom de proximidade e de familiaridade com o intuito de atrair a atenção que observamos no início dos romances de Leal de Carvalho – e que imediatamente nos impele à continuação da leitura.

Tanto *Requiem por Irina Ostrakoff* como *A Mãe* principiam com uma morte – no primeiro caso, da protagonista, no segundo, de Ivan, o filho preferido de Natasha. Procede-se, posteriormente, a uma analepse (ou *flash back*) que, de acordo com Hamon, é um dos procedimentos que assegura a coerência global do discurso realista (1982, p. 135). Esse recuo temporal vai desvendando todo o percurso anterior das personagens, os fatores que os impeliram à situação de exilados apátridas e os atribulados caminhos que percorreram para sobreviver em Macau, o espaço fulcral da ação. Ao longo das narrativas, vão-se multiplicando as técnicas instauradoras do já referido “efeito de real”. Antes de mais, observamos o enquadramento do passado, inscrito num tempo histórico determinado, sendo a análise psicológica das personagens empreendida cuidadosamente. Assim, os comportamentos e as atitudes, tal como os incidentes aparentemente fortuitos, tudo contribui para uma caracterização mais verosímil das personagens e dos seus modos de agir. Nesta esteira, em *Requiem por Irina Ostrakoff*, é descrita a ascendência da protagonista, oriunda de uma família aristocrata russa, neta dos condes de Orkoff, cuja infância e adolescência foram passadas no palácio de Odessa, educada por preceptoras e professores privados e pelos avós após a prematura morte dos pais. Esta caracterização do meio familiar funciona como outro elemento de ancoragem realista, fornecendo-nos uma “gramática da personagem” (Hamon, 1982, p. 136) que nos permitirá uma mais profunda e coerente legibilidade do seu comportamento.

Outro elemento instaurador do real na ficção é a caracterização do contexto histórico que ilumina as diversas peripécias, preparando o leitor para a sua interpretação. Além disso, evidencia-se um tom crítico perante as desigualdades sociais. É realçado o abismo existente na Rússia entre a pobreza do povo e a riqueza faustosa da aristocracia, no período que antecedeu a Revolução bolchevista. Enquanto o povo se amontoava nas ruas, resplandecia a riqueza do palácio dos Condes Orkoff, onde “Os lustres e os candelabros fulguravam, refletidos nos elegantes espelhos de Veneza; a música brotava, escolhida, em cascatas de melodia; e a juventude dourada de Odessa dançava e divertia-se” (Carvalho, 2015, p. 102). Na verdade, o requinte e o glamour deste ambiente vão posteriormente acentuar o contraste com o drama da miséria em que Irina mergulhará. É-nos relatado o seu casamento com Igor Ostrakoff, oficial do exército do czar, assim como a esplendorosa lua-de-mel, a bordo do iate dos condes, numa viagem pela Europa, com permanência mais demorada em Paris. Corre o ano de 1914 e o narrador salienta a “cegueira” da felicidade do casal relativamente “às outras nuvens ameaçadoras e negras que se acastelavam pelos céus da Europa” (Carvalho, 2015, p. 121). Com efeito, o plano da História irrompe frequentemente na narrativa para revelar a alienação das personagens face ao “Outro” e ao mundo que habitam, quando a Primeira Guerra Mundial está prestes a eclodir. Tal como nota Brookshaw, as personagens serão profundamente influenciadas pelas circunstâncias históricas (2002, p. 128). Aliás, a crítica à insensibilidade das personagens perante o contexto histórico acentua-se: “Pouco dados à História e à Política, não prestaram atenção às tensões europeias nem à conturbada situação balcânica; de resto, os sérvios, os bósnios, os croatas, os montenegrinos e os outros andavam permanentemente à bulha entre si; não era novidade”. (Carvalho, 2015, p. 126 - 127). Na citação anteriormente apresentada, transparece a súbita mudança do estatuto das personagens que passam de meros turistas em lua-de-mel para exilados e refugiados. Aliás, de acordo com Said, um exilado distingue-se pela sua impossibilidade de

regresso à terra natal (2003, p. 53) – o que sucede, indubitavelmente, com as protagonistas de *Requiem* e de *A Mãe*, mas não com Detty de *Ao Serviço de Sua Majestade*, cujo “auto-exílio” é voluntário, não dependendo de condicionantes políticas.

A vivência do casal Ostrakoff em Xangai denota uma vertente ainda dourada do exílio, com Igor a gerir com sucesso o “Hotel de Paris”, que converte em bordel de luxo, Enquanto corre a década de trinta e, mais uma vez, eles vivem na margem privilegiada da cidade, alheios à miséria que grassa e à instabilidade política: Cegos em Xangai! Tão cegos como em Paris, tão cegos como em Odessa. (Carvalho, 2015, p. 155)

Por sua vez, em *A Mãe*, constatamos que Xangai, apesar de tudo, será também o local de exílio onde as personagens adquirem alguma qualidade de vida. À semelhança do que sucedeu com Irina, também o contexto familiar de Natasha é narrado, servindo de enquadramento e de justificação para o seu temperamento corajoso, destemido, que contrasta fortemente com a delicadeza e fragilidade de Irina. Nesta sequência, é-nos revelado que Natasha é filha de Ivan Korbachenko, um sargento do Exército Imperial de Moscovo, que jurara fidelidade ao “Czar de todas as Rússias” cujo regimento foi destacado para a fronteira sueste da Sibéria. É nessa cidade que, já com idade avançada ele casa e nasce Natasha, cuja mãe morre de parto. Embora tenha em comum com Irina o facto de ter ficado órfã de mãe, ao contrário do que sucede com a primeira, oriunda de uma aristocracia requintada, Natasha é educada num ambiente modesto, de cariz militar, pois “sobreviveu ao frio, à falta de ternura de mãe, aos cuidados canhestros do pai, à rudeza convival dos contrabandistas, às agruras da vida numa povoação de fronteira, na orla da floresta daquele *Far East* remoto e gelado. (Carvalho, 2001, p. 24).

Aos dez anos, Natasha começou a gerir a casa e a taberna do pai, habituando-se desde cedo a assumir responsabilidades. Quando a revolução bolchevista ocorre, Korbachenko é preso e a casa incendiada, Natasha foge com a arma do pai e a roupa que leva no corpo. Sozinha no mundo, enfrenta corajosamente os inúmeros perigos que se lhe deparam na árdua jornada, desaguando posteriormente também em Xangai. Perante o turbilhão da “Paris do Oriente” “sente-se envergonhada da sua figura de camponesa rústica e ignorante, de mulher de fronteira, sólida de formas e rude de maneiras [...]” (Carvalho, 2001, p. 47). Então, conhece Rachel, uma estudante russa, com quem partilha o quarto e que a inicia na “mais velha profissão do mundo”. Voluntariza-se para trabalhar no Hotel de France, dirigido por Ostrakoff, mas este rejeita-a.

Emergem assim os primeiros contornos da “comédia humana”⁵ através do encontro entre os casais que protagonizam os dois romances. Passados três anos, Natasha volta a candidatar-se ao “Café De Paris”, que integra o Hotel de France gerido por Ostrakoff e é admitida como empregada de mesa. Neste ponto, ocorre o contacto entre as personagens principais dos dois romances. Em *A Mãe* é resumido o contexto que levou os Ostrakoff àquela situação. A devoção mostrada por Irina ao marido, apesar do comportamento leviano e boémio deste, inspiram a compaixão de Natasha que lamenta “Pobre Senhora Ostrakoff!” (Carvalho, 2001, p. 36). Após cinco anos a trabalhar como empregada de mesa e *sing song girl*, Natasha abandona o emprego devido a um desentendimento com Igor, revelando o seu carácter voluntarioso e insubmisso. A representação da discussão entre ambos é feita com o recurso da reprodução de insultos que misturam o francês e o russo: “Gavno, Monsieur Ostrakoff” (Carvalho, 2001, p. 79). A utilização de expressões em diversas línguas (russo, inglês, francês, cantonês...).

Por seu turno, evidencia-se o alívio de Natasha por já não ter de se submeter a Ostrakoff e “A toda uma máquina social, inabalável, intransigente e implacável, que a condenava a um destino que ela repudiava” (Carvalho, 2000, p. 81). No fundo, este pensamento reforça a coerência interna da personagem, que embora se tenha de desviar, por vezes, de alguns dos seus princípios por necessidade, se procura manter fiel às suas linhas de conduta. De seguida, no restaurante “Au Petit Bistrot”, onde começa a trabalhar, ela conhece Vassili Yakovitch, “estudante-operário e compatriota”, filho de um alfaiate judeu, também forçado ao exílio devido à revolução bolchevista. Acabam por casar, sendo, também neste caso, elaborada uma análise psicológica das personagens que enfatiza os seus fortes contrastes, sendo sublinhada a fragilidade de Vassili que se situa nas antípodas da forte personalidade de Natasha, aliás reforçada também pela sua caracterização física, onde se sublinha a robustez. Após inúmeras dificuldades, Vassili consegue um emprego como Professor no Instituto Politécnico de Xangai e têm cinco filhos. Tal como em *Requiem por Irina Ostrakoff*, também aqui, o início da invasão japonesa e da Guerra entre a China e o Japão, não perturbam a vida serena dos exilados residentes nas zonas internacionais, visto que “o sofrimento e a miséria das massas chinesas passavam-se lá muito longe, na cidade china, os massacres só eram conhecidos através dos periódicos [...]”. (Carvalho, 2001, p. 129).

Perante tal cenário, a situação de apátrida (embora a União das Repúblicas Soviéticas também não estivesse envolvida na guerra) era uma vantagem para os Yakovitch, o único privilégio de “não se ter identidade nacional nem compromissos patrióticos reconhecidos”. (Carvalho, 2001, p. 131). Porém, iniciam-se as perseguições contra os judeus e a família foge com destino ao “pequenino enclave no Sueste Chinês ainda poupado, pela frágil neutralidade portuguesa, à loucura e ao horror daquela guerra monstruosa e sem quartel.” (Carvalho, 2001, p. 132). Antes da partida para o novo exílio de Macau, é ainda relatado um irónico reencontro entre Natasha e Igor Ostrakoff em que esta exhibe o seu novo estatuto social como esposa de um professor universitário e vai tomar um chá ao Café de Paris.

No caso de *Ao Serviço de Sua Majestade*, notamos que também Detty é vítima das vicissitudes da História, pois encontra-se casada com Pat, um professor universitário americano e vive no campus da Universidade de Berkeley quando: “E, de repente, na quarta-feira negra de 24 de outubro de 1929 foi o grande crash da Bolsa de New York, com profundas reverberações em todo o mundo, de Berlim a Hong Kong, como de um cataclismo económico que a todos afetava” (Carvalho, 1996, p. 414). Por conseguinte, Detty e Pat perdem os empregos e a casa. Neste caso, nos momentos de dificuldade, ao contrário das refugiadas russas, Detty e o marido recebem apoio familiar ao serem acolhidos pela tia Maggie.

⁵ *La Comédie Humaine* foi o título conferido pelo escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) ao conjunto da sua obra, composta por cerca de oitenta e oito títulos, sobretudo romances, novelas e contos. Na sua tentativa de renovar o romance e de caracterizar de forma completa a sociedade da sua época, Balzac cria um mecanismo textual baseado na reaparição das mesmas personagens nas diversas narrativas.

Contudo, a procura de emprego revela-se árdua, sentindo, ela pela primeira vez “o estigma da etnia” (Carvalho, 1996, p. 416). A solução encontrada é precisamente tirar partido da miscigenação, acentuando a sua faceta asiática: “Mas foi, também, instrumental, na sua aceitação, como empregada de mesa, de cabaia e flor de lótus cor-de-rosa, artificial, no cabelo, no *Lotus Flower Deem Sum*, um restaurante do *China Town*.” (Carvalho, p. 1996, p. 417). Enquanto isso, Pat experimenta diversas profissões sem sucesso, desde vendedor de enciclopédias a lavador de carros ou segurança num bar. Tal como sucede com os refugiados russos aportados em Macau, também aqui, a pobreza e a decadência afetam as personagens, embora de forma mais ténue. Neste contexto, apesar de as formas de reagir serem distintas, não podemos deixar de notar entre Irina e Detty o ponto comum que consiste no contraste entre o seu elevado estatuto social de outrora e a decadência experienciada no território de exílio: “Detty, neta do Barão da Penha e filha de um oficial-general da Armada Portuguesa [...] agora criada numa tasca – e ainda por cima, a *chinese joint*!” (Carvalho, 1996, p. 417). Contudo, no caso de Detty a situação é provisória, visto que, posteriormente, é promovida a caixa do estabelecimento, por possuir, ao contrário de Irina, o dom de saber andar pelo “sunny side of the street!” (Carvalho, 1996, p. 417). Novamente, será o curso História que determina um regresso à estabilidade, condicionando os percursos das personagens.

Em *Requiem por Irina*, A descrição da dura travessia de Irina e Igor para Macau revela uma nova dimensão das personagens na qual adquirem um sentido de solidariedade e de partilha com o “Outro”. Manifesta-se, pela primeira vez, a empatia com o drama dos outros, os companheiros de viagem, como se as fronteiras da alteridade se tivessem atenuado devido ao drama vivencial comum. Emerge o drama dos apátridas e todas as implicações da “perda de uma pátria” na desconstrução e reconstrução identitária. Na verdade, perdida a nacionalidade, as personagens sofrem um processo de perda instauradora de uma fissura identitária. Neste contexto, como afirma Stuart Hall, a “nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (2006, p. 49).

Também em *A Mãe*, Natasha e a família fazem a travessia para Macau nas condições mais precárias. De entre os outros refugiados que os acompanham, destaca-se, como já referimos, Cynthia Salles, afável e conversadora, que tenta espalhar otimismo à sua volta, demonstrando a confiança na proteção do Governo –o que não convence Natasha, que se interroga: “Mas para ela e para a família que não tinham passaporte? E quem não tem passaporte, não tem pátria. Sem papéis, não se é ninguém, não se existe...” (Carvalho, 2001, p. 137-138). Estas preocupações de Natasha adquirem sentido no momento da chegada a Macau, quando são separados dos restantes refugiados devido à ausência de documentos – refere-se que a situação dos apátridas era frequente já que: “Macau estava cheia de refugiados das mais variadas províncias da China, de países do Sueste Asiático e outros, fugidos às fomes e à guerra, europeus de múltiplas nacionalidades, de Hong Kong e de Xangai, todos à procura de abrigo”. (Carvalho, 2001, p. 140). No entanto, apesar de o estatuto de apátridas corresponder a “uma lepra política ou social que os segregava” (Carvalho, 2001, p. 140), em Macau, isso não implicava a sua expulsão, pois fora adotada “uma política benevolente, se não quixotesca, de cidade aberta, mas privava-os da precária assistência assegurada pelo Governo aos refugiados de nacionalidade portuguesa. (Carvalho, 2001, p. 142). Assim, Macau é concebida como “o porto de abrigo onde, na esperança de um pouco de paz e felicidade, desembocava a humanidade em fuga à loucura que avassalava o mundo” (Carvalho, 2001, p. 144). Com efeito, embora tenha escapado à guerra devido à sua neutralidade, o território sofreu as suas consequências, pois a população duplicou subitamente de 200 000 pessoas para quase meio milhão (Botas, 2012, p. 25).

Tanto em *A Mãe* como em *Requiem por Irina Ostrakoff*, constatamos que a primeira atitude das personagens, na nova terra de exílio, é a procura dos conterrâneos com quem poderiam sentir afinidades a nível linguístico, cultural e identitário. Por outras palavras, buscam-se aqueles com quem se torna possível a partilha de memórias, pois só através da memória, é possível encontrar de forma segura, um lugar no mundo, sendo a amnésia um elemento destrutivo da identidade. Assim, em *Requiem por Irina Ostrakoff*, Igor estabelece contactos com a pequena comunidade russa, formada por apátridas como eles, que desaguaram em Macau e que haviam conseguido instalar-se nos bairros sociais da Assistência. São, deste modo, narradas as condições precárias de sobrevivência que determinam, de forma verosímil e coerente, relações interpessoais contraditórias, marcadas pela ambiguidade: “Esquecem-se barreiras sociais do passado – é largo e espetro social dos refugiados sem pátria – e vivem como podem; ajudam-se guerreiam-se, amam-se, odeiam-se. “ (Carvalho, 2015, p. 170-171).

Verificamos que a partilha do mesmo passado revela-se essencial, a consciência histórica assume-se como raiz, já que, os grupos marginalizados (como, neste caso, os russos apátridas) têm necessidade da partilha de um passado comum, das tradições, de cultivar e comungar uma identidade histórica que alimente o sentido de pertença. Também neste caso, a identidade é fruto de um contínuo confronto entre o sujeito e o seu ambiente, uma constante negociação entre o “eu”, o mundo e as experiências vivenciadas. Será, pois, o intuito de recuperarem a memória identitária de uma pátria perdida pela distância do exílio que determina essa já anteriormente referida procura de raízes, numa tentativa de instaurar um sentido de pertença, de reforçar uma identidade com base nos elos entre o passado e o presente, restaurada através da música e da partilha de um património cultural imaterial comum. Este encontro com os outros refugiados russos e a alusão aos refugiados oriundos de outros países configura Macau no que Brah definiu como um “espaço de diáspora” (1996, p. 208), ou seja um ponto onde as fronteiras da inclusão ou exclusão, de pertença e alteridade do “eu” e do “outro” são contestadas. A ideia de certa contestação implícita e de desafio encontra-se subjacente também na atitude dos residentes: “a população local tolera-os com algum ressentimento: a fome abunda e os recursos locais são escassos” (2015, p. 171).

De modo semelhante, em *A Mãe* é referida “a via dolorosa em busca dos conterrâneos, agrupados numa comunidade de desânimo e miséria” (Carvalho, 2001, p. 147), pois só nessa comunidade: [...] os Yakovitch podiam conversar na língua-mãe e até, de longe, em longe, naquela Little Russia, de gueto e de miséria, ouvir alguém cantar ao som de uma guitarra ou de uma balalaica uma *Occhy Choernya*, nostálgica, magoada e trágica, um hino de saudade às searas da Ucrânia, às neves da estepe, à pátria perdida e sempre presente. E isso era, no meio da mais desoladora pobreza, ainda um laço ao passado, à grande-mãe Rússia e à identidade nacional de que os burocratas do Kremlin os tinham arbitrariamente espoliado” (Carvalho, 2001, p. 161-162)

Neste caso, espelha-se nitidamente a tentativa de recuperação da identidade nacional que lhes foi extorquida. Emerge o nítido vínculo à pátria através da personificação “grande-mãe Rússia” e da alusão à língua-materna, elemento relevante na configuração identitária. Esta cisão com a pátria, ferida aberta na alma dos exilados, será, por vezes, evocada ao longo dos romances. Por seu turno, em *Ao Serviço de Sua Majestade*, o percurso migratório da jovem macaense Detty em São Francisco assume contornos distintos, como temos vindo a verificar. Para começar, o motivo que a conduz ao exílio é meramente de teor pessoal, ao contrário do que sucede com Natasha e Irina. Além disso, devido à hospitalidade da tia, a sua integração torna-se mais fácil. No entanto, ao contrário do que seria de supor, num país de imigração, a sociedade americana é marcada pelo preconceito, já que “a generalidade da população caucasiana ostracizava as demais culturas e etnias” (Carvalho, 1996, p. 357). E, neste contexto, o facto de serem fruto da miscigenação fazia com que os macaenses, como era o caso de Detty e da tia, num vasto mosaico de raças e de culturas não tivessem “verdadeiramente uma qualificação própria ou lugar demarcado.” (Carvalho, p. 1996, p. 358).

Apesar disso, o sucesso profissional de Maggie prestado ao Banco e como secretária pessoal de diversos executivos, durante muitos anos, permitiu-lhe a integração num grupo heterogéneo, de diversas origens e faixas etárias, de gente de interesses diversificados e alheios aos preconceitos, no qual integrará a sobrinha. Ao contrário do que sucede com as protagonistas anteriores, não encontramos, neste caso, uma procura das raízes nem de conterrâneos, mas sim uma imersão num grupo do “melting pot” de São Francisco com afinidades, sobretudo a nível da já referida “mente desempoeirada”. A memória de Macau é alimentada através das cartas da família, assim como a recordação da vida anterior, marcada pela ociosidade e diversão, privilégios de pertencer a uma família da elite macaense. No cenário da terra de acolhimento, evidencia-se a consciência do processo de amadurecimento e de reconstrução identitária da protagonista que se vai convertendo numa “tough cookie: “Detty sentia que se reconstruía, mas em outros moldes, diversos dos anteriores, uma Detty diferente da de Macau, que passava as manhãs na cama e as tardes nos courts de ténis, diferente da que pusera a esperança e o coração no amor de um inglês traidor” (Carvalho, 1996, p. 362-363). Posteriormente, como já referimos, ela casa com um americano que é morto na guerra por um soldado japonês, volta a casar com um italiano e divorcia-se. Após a crise dos anos trinta, Detty aproveita as oportunidades oferecidas pelos Estados Unidos, nos anos cinquenta, e prospera. Consegue acima de tudo, tirar o maior partido da miscigenação, salientando as suas características asiáticas quando isso se torna conveniente e proveitoso.

Neste contexto, nas três obras, destaca-se a profunda análise psicológica das três protagonistas femininas, dotadas de profunda coerência interna, correspondentes ao que António Cândido denominou (citando Foster) como personagens esféricas, que contêm em si a imprevisibilidade da vida, sendo capazes de nos surpreender de forma convincente (2005, p. 63) Na mesma linha de pensamento, podemos acrescentar que, como refere Carlos Reis, “a revelação gradual dos seus traumas, das suas vacilações e das suas obsessões constituem elementos determinantes da sua figuração” (Reis, 2018, p. 402).

Assim, Detty adapta-se, encontra emprego numa agência de viagens, que lhe garante uma independência económica e lhe proporciona liberdade. Por seu turno, Irina, da qual já salientámos a fragilidade e delicadeza, torna-se cantora no bar dirigido pelo marido e envolve-se numa breve aventura amorosa com o empresário macaense Tarcísio Guterres, que a traumatiza por ter traído “a sacrossantidade do matrimónio”, mesmo tendo sido impelida isso pelo leviano e boémio Igor. Esse trauma é atribuído à sua educação ferozmente tradicionalista e conservadora e à “melancolia eslava” (2015, p. 224-225). Após um novo regresso a Xangai, terminada a guerra em 1945, eclode a Revolução Comunista e Irina volta novamente para Macau onde acaba por ficar sozinha, após a partida de Igor para a Nova Caledónia. Nesta última fase do exílio, ainda mais dura devido à solidão, Irina tenta realizar vários trabalhos, como por exemplo, ajudar o padre Percival na assistência aos refugiados, mas a sua inépcia e incompetência são notórias. É nessa fase que ocorre a verdadeira “descida aos infernos” ao receber a notícia de que Igor refazia a vida com outra mulher –o que a conduz a uma tentativa de suicídio. Dilacera-a uma crise identitária enraizada também na sua preocupação com a respeitabilidade e o sentido de pertença: “Suspeitava ter herdado dos avós essa consciência aguda da propriedade das atitudes, da correção de maneiras, dos comportamentos sociais adequados. E parecia-lhe cruel ironia que toda a vida de refugiada se apostara em lhe negar.” (Carvalho, 2015, p. 291). Assim, o insignificante e esporádico trabalho que lhe é proporcionado por Cynthia, nos consulados, é essencial para Irina se reafirmar como ser humano, “rejeitar a marginalização social dos refugiados, a necessidade de pertencer ao seu meio, ao meio a que se sentia com direito” (2015, p. 292).

Por seu lado, em *A Mãe*, Natasha tenta preservar a sua dignidade, lutando pela sobrevivência e com a impossibilidade de encontrar emprego. Embora agnóstica, acaba por se refugiar numa igreja onde se questiona se não haverá um Deus para os refugiados, para os sem pátria (Carvalho, 2001, p. 154). Além disso, apesar do seu carácter forte e, duro, assistimos a momentos de inesperada ternura, que não lhe atenuam a consistência nem a verosimilhança, tornando-a antes mais humana. Uma importante cisão identitária ocorre quando se vê forçada a lançar a filha no mundo da prostituição, como única forma de garantir a sobrevivência da família: “Cansada de lutar para garantir a sobrevivência de todos. Cedeu e qualquer coisa dentro dela pareceu morrer.” (Carvalho, 2001, p. 172). Espelha-se a vergonha e o constrangimento de Natasha por ter de fazer à filha Ludmila uma proposta tão indigna, “Mas a família tinha de sobreviver para poderem ir para a América” (Carvalho, 2001, p. 174). O sonho do Eldorado americano acalenta a protagonista, servindo como motivação para enfrentar as duras provas de que é vítima. Contudo, a situação mais dramática no seu percurso – depois de ter impedido o suicídio do marido, Vassili – coincide com o modo como é solucionado o grande dilema que a avassala, no último capítulo do romance. Terminada a guerra, chega autorização de entrada nos Estados Unidos para todos os membros da família, exceto para Ivan por ser deficiente mental. Instaura-se o dilacerante dilema: devem desistir do sonho americano, única hipótese de escapar à miséria? Ou abandonar Ivan em Macau? Natasha recusa terminantemente abandonar o filho. A grande questão ética da protagonista, no final, é resolvida de forma inesperada, mas verosímil, como fruto de toda a saga infernal empreendida, ao longo da narrativa, e da impossibilidade de enfrentar os custos que a sobrevivência de Ivan implicaria. Então, é figurada uma situação-limite do mais profundo sofrimento em que Natasha acompanha Ivan no hospital, e, durante uma grave crise de asma, o abraça e não lhe consegue dar o comprimido que lhe poderia salvar a vida: “Se ele morresse assim, nesse mesmo momento, não sofreria mais...[...]. Afinal seria melhor

assim ...O sofrimento seria todo para si que tanto lhe queria [...] Seria ela a suportar pela vida fora a saudade e a culpa..." (Carvalho, 2001, p. 213). É a ideia do sacrifício individual em detrimento do bem comum que aflora, num relato impregnado de dor e de humanismo.

CONCLUSÃO

Em suma, Rodrigo Leal de Carvalho constrói três romances cujas personagens criadas parecem feitas de carne e osso, pois comunicam "a impressão da mais lídima verdade existencial" (Cândido, 2005, p. 55). Nesta esteira, tal como é corroborado por Seabra Pereira, "num meridiano de fragilidade e desventura acatada, Irina torna-se figura inesquecível para o leitor, ironicamente tão impressiva na sua branda personalidade que só a voluntariosa Natasha de *A Mãe* poderá vir disputar-lhe a primazia nessa galeria de personagens a que o autor dá vida imperecível" (2015, p. 315-316). São, estas vidas e todo o seu percurso de refugiadas apátridas, que constituem a pedra angular das narrativas, cuja consistência comunga de alguns dos procedimentos comuns ao romance realista, intercaladas com reflexões irónicas, críticas e impregnadas de um subtil sentido de humor.

No caso de *Ao Serviço de Sua Majestade*, o percurso da personagem é distinto, pois ela adapta-se à sociedade distinta e multicultural de S. Francisco, empreendendo uma trajetória investida de modernidade, é uma "tough cookie", como se autodefine, alguém que se reconstrói no território estranho e estrangeiro da emigração, evolui e triunfa, "reterritorializando-se", ou seja, de acordo com Deleuze e Guatari (1995), constrói um novo "território" num país novo, reinventando-se.

É através dum discurso dinâmico, conciso – embora a subjetividade do narrador irrompa com alguma frequência, que é representada a saga das personagens e o caleidoscópio social e histórico no seio do qual se vão forjando as identidades. Neste contexto, se o reaparecimento de personagens de umas obras para as outras –o que se salienta entre *A Mãe* e *Requiem para Irina Ostrakoff* –visa uma recriação da dinâmica social, o recurso a expressões noutras línguas pretende recriar a diversidade linguística existente em Macau, esse porto de abrigo, quixotesca aberto aos povos que tudo perderam, desde à pátria à dignidade. Embora o tempo histórico se localize na primeira metade do século XX, as obras revestem-se de actualidade no mundo de hoje. Aliás, foi essa a lição de Macau, esse diminuto espaço neutral num Extremo Oriente dilacerado pela Guerra, que salvou a vida a milhares de pessoas, encerrando em si "o segredo de uma história secular onde a cidade foi não só um oásis de paz, mas também um teatro de guerra" (Botas, 2012, p. 25). É esse testemunho de sobrevivência no âmago da mais desumana miséria, mas também de solidariedade, humanismo e de resiliência que Leal de Carvalho transmite nas suas narrativas, dando voz aos apátridas refugiados, aos exilados silenciados e perdidos entre os novelos da História.

Referências bibliográficas

- Blayer, Irene Maria F.; Gago, Dora Nunes (2016). *Espaços e estórias na obra de Rodrigo Leal de Carvalho: Encontro com o escritor*. In *InterDisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 5, p. 111-124
- Botas, João (2012). *Macau (1937-1945). Os Anos da Guerra Macau: Instituto Internacional de Macau*.
- Cândido, António (2005). *A personagem do romance*. In: Cândido, A. et al (Org.). *A personagem de ficção* 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, p. 53-80.
- Carvalho, Rodrigo Leal de (2015). *Requiem por Irina Ostrakoff* 3ª ed. Macau: Livros do Oriente.
- Carvalho, Rodrigo Leal. (1996). *Ao serviço de sua Majestade. Uma história de amor, Macau, Livros do Oriente*
- Carvalho, Rodrigo Leal de. (2001). *A Mãe*. Macau: Livros do Oriente.
- Deleuze, G & Guatari, F. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia* (34ª ed.). Rio De Janeiro. 1995.
- Gago, Dora Nunes. (2018) "Travessias identitárias: representações dos refugiados em Macau na obra de Rodrigo Leal de Carvalho", *Alea, Estudos Neolatinos*, 20 (3): 277-298.
- Hall, Stuart. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Hamon, Philip. (1982). *Un discours contraint*. In: Barthes, R. et al *Littérature et Réalité Paris*: Ed. du Seuil, 1982, p. 119-181.
- Laborinho, Ana Paula. (2015). *Notas para um Requiem*. In Carvalho, Rodrigo Leal de. *Requiem por Irina Ostrakoff*. 3ª ed. Macau: Livros do Oriente, p. 9-18.
- Nouss, Alexis. (2016). *Pensar o Exílio e a Migração Hoje*. Trad. Ana Paula Coutinho Mendes. Porto: Edições Afrontamento.
- Nouss, Alexis. «L'exil comme expérience», <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00861245/document>
- PEREIRA, José Carlos Seabra. (2015). *O Delta Literário de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- Reis, Carlos (2018). *Dicionário de estudos Narrativos*, Coimbra: Livraria Almedina.
- Said, Edward. (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Meira Soares. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sena, Maria Tereza; (2010). CARVALHO, Rodrigo Leal de, in DITEMA, *Dicionário Temático de Macau vol. I*. Macau: Ed. Espadinha, Maria Antónia e Universidade de Macau, p. 276-277.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO 2024

12. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, VANCOUVER. CANADÁ, AICL

JOSÉ EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Angola, em 1954.

Tem ascendência açoriana pelo lado materno.

Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores.

Vive no Canadá desde 1983.



38º RIBª GRANDE 2023

PICO 2018

Publicou vários livros de poesia e ficção: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows / Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês).

Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista online de artes e letras *Seixo Review*.

A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão.

Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996).

É membro do P. E. N Clube Português.

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2011 E 2014



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

PICO 2018

Fotografia: Randy Dyke.



vila do porto 2011



17ª Lagoa 2012



VILA DO PORTO 2017



LAGOA 2012



39º STA Mª 2024



BIBLIOGRAFIA:

POESIA:

Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.

Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.

Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed. Tipografia Martinho, Macau, 1993

Nós, palavras (1979), com Brites de Araújo, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt. Tipografia Gráfica Açoriana

Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental).

Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 1985.

Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994

Oito poemas de J. Michael Yates, apresentação e trad. Rosa Pinto. Sete-Estrela; Mira 1985

A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988; para o original «Regresso do olhar».

Menina da Água; Éter, Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

in Viagem à memória das ilhas, Jorge Arrimar, ed. Salamandra 1999

Tango nos pátios do sul, 2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.

“Amina lawal” in *Margem 2*. Funchal nº 15 mai: 2003

Travelling with Shadows - Viajar com sombras, bilingue. Libros Libertad, 2008

“A rua das gaivotas” in *Antologia de Poesia Açoriana Os Nove Rumores do mar*. 15º Colóquio da Lusofonia, Macau 2011

“Um cesto com malmequeres, um amor imperfeito”. 17º Colóquio da Lusofonia. Lagoa. Açores 2012

“Açores: a luz sobre o rosto, fotomontagem”. 18º Colóquio da Lusofonia. Ourense. Galiza 2012

Aubriane, ed. Seixo Publishers 2013

Cântico sobre uma gota de água. Imprensa Nacional 2021

Ficção:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.

Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

“Carlos Faria, um trovador de afetos”. 16º Colóquio da Lusofonia. Santa Maria. Açores 2011

“Rebello de Bettencourt”. 21º Colóquio da Lusofonia. Moinhos de Porto Formoso. Açores 2014

Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas 2020

House of wrinkles. Translation A Casa das Rugas por Eleni Kyriakou, ed. Quattro Books ISBN 1988254795, 2021

Antologias:

in O lavrador de ilhas: literatura açoriana hoje, uma Antologia de J H Santos Barros. SREC, 1980

in Vértice, revista de cultura e arte vol. 42, 1982

in Sea within, a selection of Azorean poems. Onésimo Teotónio de Almeida ed. Gávea-Brown, 1983

in Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural, de Onésimo T Almeida, ed. Signo 1989

Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

Os Nove Rumores do Mar 2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

Os Nove Rumores do Mar 3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

in Da outra margem, Antologia de poesia de autores portugueses de Maria Armandina Maia, Instituto Camões 2001

in Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island EUA 2007

in Mid-Atlantic margins, transatlantic identities: Azorean literature in context, John M K Kinsella, Carmen Ramos Villar. University of Bristol 2007

in “Selected poetry”, In Moser, Robert Henry, and António Luciano de Andrade Toste, Writings by Portuguese-speaking Authors in North America, foreword by George Monteiro, ed. Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey and London 2011

in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia 2011

in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia 2012

in Memoria, An Anthology of Portuguese Canadian writers by Fernanda Viveiros. Fidalgo Books 2013

Tradução:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrela, Mira, 1985.

“ A tradução como elemento criativo” 30º Colóquio da Lusofonia Madalena do Pico 2018

APRESENTOU “Escrever em português ou apenas escrever?” Eduardo Bettencourt Pinto

Vivo numa ilha cultural, numa fronteira linguística sem visibilidade física.

As palavras, numa manifestação de gáudio e raízes, são a cidade e a casa que habito.

Que mapa delimita os dias ao abrir a porta, que espaço transcendente?

Quem poderá reconhecê-lo?

Num caderno, ou no ecrã do computador, erguem-se espaços, uma identidade.

Vivo na língua em que escrevo, o português.

Foi nela que cresceu a minha voz.

E, no entanto, até que ponto, neste país onde vivo, tem ela expressão?

E na comunidade portuguesa, a envelhecer, a distanciar-se?

A viver quarenta e um anos no Canadá, terá sido esta uma opção lógica, prática, razoável?

VER 17º COLÓQUIO LAGOA 2012 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EHM3WR1G4T8&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=197](https://www.youtube.com/watch?v=EHM3WR1G4T8&list=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=197)

VER POESIA NO 16º COLÓQUIO SANTA MARIA 2011 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J2JRMLKWPSK&INDEX=201&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=J2JRMLKWPSK&index=201&list=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

VER CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 10 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML)

VER VÍDEO HOMENAGEM 2 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O98QKPUEYD4&INDEX=125&LIST=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&T=135](https://www.youtube.com/watch?v=O98QKPUEYD4&index=125&list=PLWJUYYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&t=135)

VER VÍDEO HOMENAGEM 1 [HTTPS://YOUTU.BE/O98QKPUEYD4](https://youtu.be/O98QKPUEYD4)

SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO COLÓQUIO 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 32º GRACIOSA 2019, 36º PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023 (ONLINE), NO 39º SANTA MARIA 2024

13. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, S. MIGUEL, AICL, PRESENCIAL



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



28º VILA DO PORTO 2017

EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada.

Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário.

Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.



38º RIBEIRA grande 2023



Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.

No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde).

Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português)

Foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Presidente da delegação de Lisboa da “Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental” e Presidente da A.G. da Casa dos Açores em Lisboa

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2010, 2012, 2015, 2016, 2019, 2022



36ª ponta delgada 2022



39ª STA M 2024

BIBLIOGRAFIA EDUÍNO DE JESUS

POESIA 1:

- *Caminho para o Desconhecido*, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- *O Rei Lua*, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- *A Cidade Destruída durante o Eclipse*, Coimbra Editora, 1957;
- *Os Silos do Silêncio*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

. (2021) *Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária*. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

TEATRO 2:

- *Cinco Minutos e o Destino*. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

ENSAIO 3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In *Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In *Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo*. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds.);
- In *Maria Madalena Monteiro Féris, Poemas*, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In *António Moreno, Obra Poética*, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In *António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In *Natércia Freire, Os Intrusos*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In *António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil*, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In *António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos*. Lisboa, Salamandra, col., 200



17º LAGOA 2012



26º LOMBA DA MAIA 2016



28º VILA DO PORTO 2017



32º GRACIOSA 2019



36º Ponta Delgada 2022-



ENSAIO 3.2 em obras coletivas:

Costa Barreto (dir.), *Estrada Larga*, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;

- Onésimo Teotónio Almeida (org.), *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;

- In *António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois*, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

ANTOLOGIAS POÉTICAS em que está selecionado 4:

- *Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961.
- *António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa*, Lisboa, Polis, 1969.
- *Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973.
- *Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975*, Lisboa, Livraria. Clássica Ed., 1977.
- *Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores*, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80.

- Onésimo Teotónio Almeida, *The Sea Within. A selection of Azorean Poems* (trad. de George Monteiro), Providence, 1983.
- Maria de Lourdes Hortas, *Poetas Portugueses Contemporâneos*, Recife (Brasil), 1985.
- ÁlamO Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, *Pai, a sua Bênção!* (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família).
- Eduardo Bettencourt Pinto, *Os Nove Rumores do Mar*, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000.
- Ivan Štrpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000.
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, *Lisboa com seus Poetas*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, *O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas*, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, *Encantada Coimbra*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, *On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, *20 Poemas* (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora*, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, *Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense*, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), *Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX*. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, *Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry*, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007.
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, *Azoru Salu. Dzejas Antologija*, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, *Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música*. Viseu, Tip. Guerra, 2009



50 anos de vida literária do chrys nov 2022

VÁRIA 5

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: *Convergência* (1969-1972), depois reformulado e chamado *Livros & Autores* (1972-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras *Contravento*. (Lisboa, ed. *Contravento*, 1968-1971) e dirigiu a *Revista de Cultura Açoriana* (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura *Biblos* (da Editorial Verbo) e no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura* (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista *Rumo* (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura 'Verbo'*, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos. Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista *Panorama* (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969). Tem feito conferências e Participado em Congressos e Colóquios literários em diversas Universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

Todas as obras na BGA

. (1957). “Rimas infantis da ilha de S. Miguel”. Ponta Delgada, *Insulana* ICPD: 400-405

. (1948). “Breves reflexões sobre Antero de Quental e Baudelaire”. *Correio dos Açores*. Ponta Delgada 11 setº: 2

. (1948). “O que se deve entender por literatura açoriana”. *Atlântida* vol. 1 nº 4 Angra IAC: 201-205

Jesus, Eduíno de, (1948). “O que se deve entender por uma literatura açoriana”, *Correio dos Açores*, Ponta Delgada, 25 de março

. (1948). “Apontamento à margem de Mau tempo no Canal”, *Diário dos Açores* 15/4/1948 Ponta Delgada,

. (1952). *Caminho para o desconhecido*. Coimbra. Tipografia Casa Minerva

. (1953). “Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade”. *Estrada Larga* nº 3. Porto Ed.

. (1953). “Breve notícia sobre Fernando de Lima” in *Página Açoriana* nº 2. *Revista d'aquém e d'além mar* ano 3 nº 32.

- . (1955). *O Rei Lua. Poesia. Coimbra, Oficinas Gráficas da Coimbra ed.;*
- . (1956). "Notícia crítica e autobiográfica de Armando Côrtes-Rodrigues" in *Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Coimbra. Atlântida col. Arquipélago*
- . (1956) in *Virgílio de Oliveira: Rosas que vão abrindo. Coimbra, col. Arquipélago*
- . (1957). *A Cidade destruída durante o eclipse. Poesia. Coimbra Ed.*



36ª Ponta Delgada 2022

28ª VILA DO PORTO 2017



35ª Belmonte 2022

- . (1957). "Para uma teoria de literatura açoriana". *Atlântida* 1. 4: Angra IAC: 201-205.
- . (1957). "Ensaio" in *Madalena M Féris: Poemas. Coimbra col. Arquipélago.*
- . (1959). "Cinco minutos e o destino". *Teatro. Comédia em 1 ato. Ponta Delgada, Separata de Açória nº 2.*
- . (1959) in *Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: Antologia da novíssima poesia portuguesa. Lisboa, Morais Ed.*
- . (1960). "Crítica a O Verbo e a morte" in *Rumo ano 3 nº 36 fevº. Lisboa*
- . (1960). "Estudo crítico à Obra poética de António Moreno", *Coimbra ed. Atlântida col. Arquipélago.*
- . (1960) "Interpretação de um movimento poético açoriano" *Atlântida vol. 4 nº 2 mar abril. Angra*
- . (1961) in *Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: Antologia da novíssima poesia portuguesa. Lisboa, Ed. Morais, 2ª ed.*
- . (1969) in *António Salvado: A Paixão de Cristo na poesia portuguesa. Lisboa. Polis*
- . (1971) in *António Manuel Couto Viana: Pátria Exausta. Lisboa. Ed. Verbo. (tem outras eds.);*
- . (1971). in *Natércia Freire: Os intrusos. Lisboa. Sociedade de Expansão Cultural (tem outras eds.);*
- . (1973) in *Orlando Neves e Serafim Ferreira: 800 Anos de poesia portuguesa. Lisboa. Círculo de Leitores.*
- . (1977) in *Pedro da Silveira: Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975. Lisboa. Livraria Clássica ed.*



26º LOMBA DA MAIA 2016



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



39º STA Mª 2024



- . (1978). "A crisálida do "bicho harmonioso" ou Vitorino Nemésio avant la lettre" in Açores 30 abr. Ponta Delgada,
- . (1978). "Recensão" crítica a Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira". Revista Colóquio-Letras nº 42: 85-87
- (1978), in Costa Barreto (dir.). Estrada Larga. 3 vols. Porto. Porto Ed; [s.l.];
- . (1979) in Ruy Galvão de Carvalho: Antologia Poética dos Açores. 2 vols. Angra, col. Gaivota 80
- . (1983) in Diário de Notícias 16 jun
- . (1983) in Onésimo Teotónio Almeida (org.): A Questão da Literatura Açoriana. Angra. SREC.
- . (1983) in Onésimo T. Almeida: The sea within. A selection of Azorean Poems, trad. George Monteiro. Providence;
- . (1985) in Maria de Lourdes Horta: Poetas portugueses contemporâneos. Recife (Brasil);
- . (1989) Seleção e prefácio: Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada, ICPD

- . (1994) in Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha: *Pai, a sua bênção! Antologia de textos de autores açorianos*. Angra. SREC, Ed. comemorativa do Ano Internacional da Família;
- . (1996) in Nove Rumores do mar, *Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org; Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Seixo Publishers, Canadá;
- . (1997), in António Manuel Couto Viana: *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa. Ed. Nova Arrancada.
- . (1998) in António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.): *Vitorino Nemésio, vinte anos depois*. Lisboa e Ponta Delgada, ed. Cosmos.
- . (1999) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*, 2ª ed. (aumentada). Lisboa, Instituto Camões
- . (2000) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*, 3ª ed. (corrigida). Lisboa, Instituto Camões;
- . (2000) in Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy Azory a ich básnici. Bratislava, Eslováquia, ed. Kalligram.
- . (2001) in António Manuel Couto Viana: *12 Poetas Açorianos*. Lisboa. Salamandra.
- . (2001) in valter hugo mãe: *O Futuro em Anos-luz. 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas*. Porto. Ed. Quási.
- . (1999). "Dias de Melo: génese do escritor" *Atlântida*. Angra IAC vol. 47: 247-252
- . (2003), in Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira: *Encantada Coimbra*. Lisboa. Ed. D. Quixote.
- . (2003) in António Manuel Machado Pires: *20 Poemas vol. integrado no álbum XX3x20 in 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas*. Angra. Direção Regional da Cultura.
- . (2003) in Diniz Borges: *On a leaf of blue, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*. Berkeley Institute of Governmental Studies Press. University of California.
- . (2004) in Diniz Borges: *Nem sempre a saudade chora*. Horta. Direção Regional das Comunidades.
- . (2005). *Os silos do silêncio, poesia 1948-2004*. Lisboa. IN-CM
- . (2005) in Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt: *Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense*. Blumenau. Santa Catarina (Brasil).
- . (2006) in Maria Aurora Carvalho Homem, Urbano Bettencourt (sel.), Diana Pimentel (org.): *Pontos Luminosos: Açores e Madeira. Antologia de Poesia do séc. XX*. Porto. Ed. Campo das Letras.
- . (2007) in António Soares e Paulo Bacedônio: *Poetas açorianos e gaúchos*. Porto Alegre (Brasil).
- . (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
- . [s.d; s.i.]. "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade" in *Estrada Larga* vol. 3. Porto Ed.
- . (2009) in Leons Bredis e Urbano Bettencourt: *Azoru Salu. Dzejas Antologija*. Riga (Letónia). Ed. Minerva.
- . (2009) in Mário Mesquita (org.) *A oposição ao Salazarismo em S. Miguel e em outras ilhas açorianas 1950-74*. Lisboa. Tinta-da-China
- . (2009) in Inês Ramos: *Os dias do amor. Um poema por cada dia do ano*. Viseu. Ed. Ministério dos Livros.
- . (2009) in Amadeu Baptista: *Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música*. Viseu. Tipografia Guerra.
- . (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão*. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. *Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia*
- . (2012). "Poetas açorianos no "sismo" modernista e suas réplicas". 17º Colóquio da Lusofonia. Lagoa. Açores
- . (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão*. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. *Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia*.
- . (2014), Edgar – Poe(mas) em estórias de Eduíno de Jesus, ed. Eduardo Bettencourt Pinto
- . (2016), "Antero e o Divino Paradoxo", 26º colóquio da lusofonia, Lomba da Maia
- . (2017). "Antero e o divino paradoxo", 26º Colóquio da Lusofonia. Lomba da Maia. Açores
- . (2017). "Antero e o divino paradoxo" in Antero, 125 depois, AICL, Associação de antigos alunos do Liceu Antero de Quental
- . (2018) "Um punhado de areia nas mãos" de Maria João Ruivo, 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico
- . (2020) *Viagens, Ponta Delgada, Letras Lavadas*
- . (2021) *Como tenuíssima espuma de luz, poética fragmentária*. Ilust. Artur Boal, ed. Nona Poesia

VIDEO HOMENAGEM 2022 [HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/IEPTLYAUBGG/EDIT](https://studio.youtube.com/video/ieptlyaubgg/edit)

VÍDEO HOMENAGEM 2022 OS 70 ANOS DE VIDA LITERÁRIA PT 1 [HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/V5CYODCHFDQ/EDIT](https://studio.youtube.com/video/v5cyodchfdq/edit)

VÍDEO HOMENAGEM 2022 OS 70 ANOS DE VIDA LITERÁRIA PT2 [HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/U0USPQZPZE/EDIT](https://studio.youtube.com/video/u0uspqzpze/edit)

VÍDEO HOMENAGEM GRACIOSA 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/7VUO3BPMDU8](https://youtu.be/7vuo3bpmdu8)

VÍDEO HOMENAGEM BELMONTE, 2019 [HTTPS://YOUTU.BE/HUYLYDKQLXW](https://youtu.be/huylydkqlxw)

VÍDEO HOMENAGEM 2016 LOMBA DA MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/OQYUNTNNXZ8](https://youtu.be/oqyuntnnxz8)

VÍDEO HOMENAGEM 2015 GRACIOSA [HTTPS://YOUTU.BE/AAP5KRWEIMES](https://youtu.be/aap5krweimes)

VÍDEO HOMENAGEM 2014 MOINHOS DE PORTO FORMOSO [HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU?LIST=PLWJUJRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY](https://youtu.be/r1vvuipkxru?list=PLWJUJRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY)

VÍDEO HOMENAGEM LAGOA 2012 [HTTPS://YOUTU.BE/R1VVUIPKXRU](https://youtu.be/r1vvuipkxru)

CADERNO AÇORIANO Nº 12 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/1525/CADERNOS-ACORIANOS-12-EDUINO-DE-JESUS.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-de-estudos-acorianos/1525/cadernos-acorianos-12-eduino-de-jesus.pdf)

CHRYD DIZ CAIS DA SAUDADE DE EDUÍNO [HTTPS://YOUTU.BE/G5IWY8RITMW](https://youtu.be/g5iwy8ritmw)

POESIA NO 17º NA LAGOA 2012 [HTTPS://YOUTU.BE/ABAJIRQFVOA?LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://youtu.be/abajirqfvoa?list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE,

PARTICIPOU NO 17º LAGOA 2012, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

Participou na MESA REDONDA **Encontro de gerações** COM NUNO COSTA SANTOS, ALEXANDRE BORGES E ONÉSIMO T ALMEIDA

14. ELISA M M SOUSA, DIRETORA DO MUSEU DE SANTA MARIA,



Elisa Gomes Sousa, licenciada em Comunicação Social e Cultura
 Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade dos Açores;
 Curso de Gestão de Museu e Monumentos pelo Património.PT-SPIRA
 Curso de Cinema – do pensamento à ação, pela Universidade Aberta.
 Na atualidade é diretora do Museu de Santa Maria, Direção Regional da Cultura,
 Durante os últimos anos trabalhou como Técnico Superior do Museu Vivo do Franciscanismo (MVF), Câmara Municipal da Ribeira Grande."
Elisa Sousa Diretora do Museu
 VoIP 314007 TEL. +351 296 247 183



39º SANTA MARIA 2024

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ,
 MODEROU SESSÃO DA DIÁSPORA,

15. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, APOSENTADA DO HOSPITAL DE OVAR, PRESENCIAL



MOINHOS 2014



MONTALEGRE 2016



36º PDL 2022



16º VILA DO PORTO 2011



Vila do Porto 2011



MONTALEGRE 2016



MONTALEGRE 2016

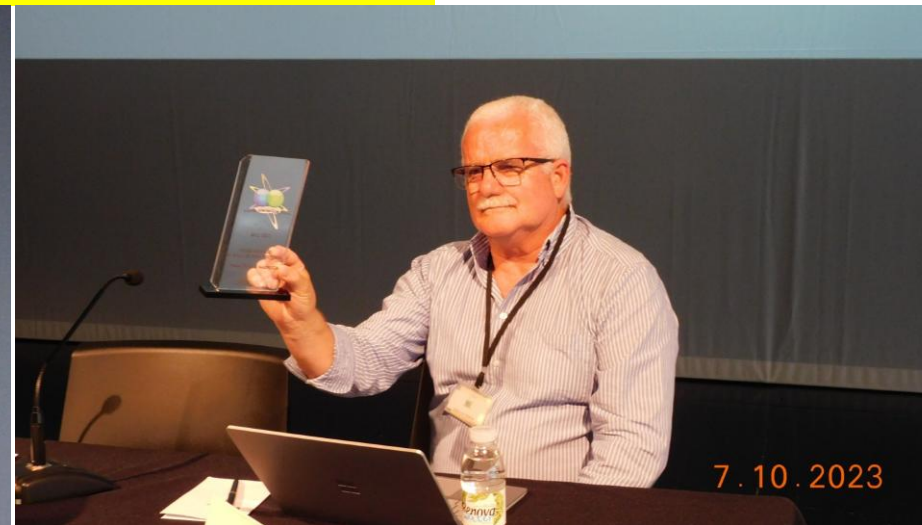
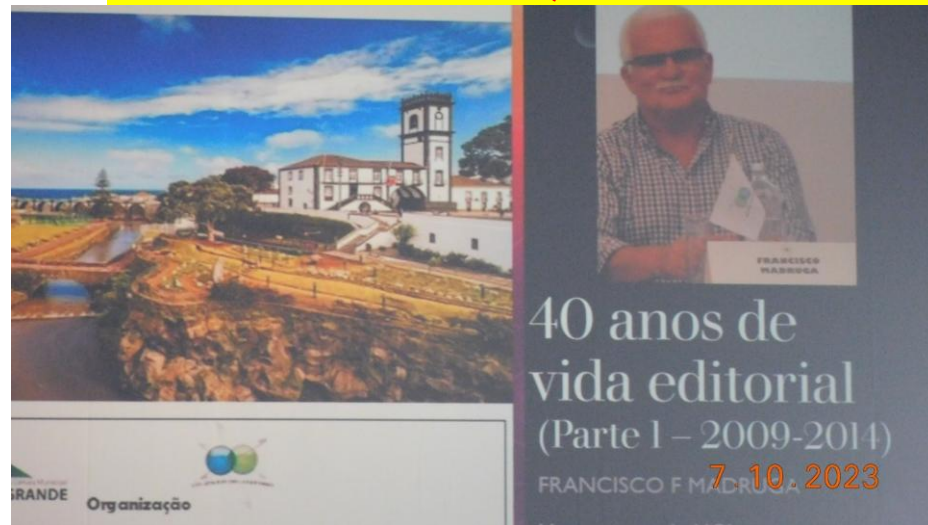


39º STA Mª 2024



PARTICIPOU PRESENCIAL NO 16º EM SANTA MARIA 2011, NO 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

16. FRANCISCO F MADRUGA, EX-EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS. AICL.



38º Ribeira Grande 2023

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, Nascido em Vale da Madre, Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, Foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *Norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*



38º Ribeira Grande 2023



36º PDL 2022





36º PDL 2022

. Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).



38º Ribeira Grande 2023



GRACIOSA 2015

SEIA 2013

MONTALEGRE 2016



17º LAGOA 2012



18º GALIZA 2012



20º SEIA 2013



16º VILA DO PORTO 2011



39º STA Mª 2024



39º STA Mª 2024



Francisco Madruga iniciou a sua atividade livreira em março de 1984, na CDL – Central Distribuidora, à época a mais importante distribuidora nacional de livros, discos, jornais e revistas a par da sua representação com livrarias próprias em muitas capitais de distrito.

Afirma que chegou ao livro por mero acaso e acrescenta que após o 25 de abril a sua primeira tarefa foi a organização de bancas de venda de livros no liceu.

Organizou na Cooperativa Árvore a 1ª Feira do Livro Universitário.

Foi sócio fundador da ECL – Empresa de Comércio Livreiro seu diretor e administrador, tendo durante este período a feliz coincidência de ter acompanhado o Nobel da Literatura, José Saramago em múltiplas feiras e conferências, como representante da Editorial Caminho.

Foi sócio fundador das editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, Primeira Edição e Calendário de Letras, tendo nesta última exercido o cargo de administrador e diretor.

Foi sócio fundador da edição portuguesa do jornal Le Monde Diplomatique.

Pertenceu à Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto-Douro, sendo responsável pela programação cultural.

Foi Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos, tendo durante este período, assumido a organização da Feira do Livro do Porto em colaboração com a Câmara Municipal do Porto.

Colaborou ativamente com a Câmara Municipal do Porto e com o seu Vereador Prof. Paulo Cunha e Silva, na consolidação das Feiras do Livro do Porto, organizadas durante os mandatos do Dr. Rui Moreira. Foi responsável pela organização de dezenas de Feiras, Festas e Mercados do Livro na cidade do Porto, Viana do Castelo, Braga, Matosinhos, Vila Real, Bragança, Lisboa, Coimbra, Viseu, Aveiro, Serpa e Faial. Levou o livro de língua portuguesa a Macau, Brasil e Galiza.

É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras.

Editou os volumes de J. Chrys Chrystello "Crónica do Quotidiano Inútil" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e Chrónica Açores: uma circum-navegação - vol. 2 (2011)

Participou como editor em 18 Colóquios da Lusofonia (no 11º Lagoa 2009, 13º Santa Catarina, Brasil 2010, 14º Bragança 2010, 15º Macau 2011, 16º Santa Maria 2011, 17º Lagoa 2012, 18º Ourense, Galiza 2018, 19º Maia 2013, 20º Seia 2013, 21º Moinhos de Porto Formoso 2014, 22º Seia 2014, 23º Fundão 2015, 24º Graciosa 2015, 25º Montalegre 2016, 26º Lomba da Maia 2016, 27º Belmonte 2017, 29º Belmonte 2018, 31º Belmonte 2018,), tendo efetuado diversas comunicações sobre a temática editorial e livreira.

Participou como presencial no 35º Belmonte 2022 e 36º Ponta Delgada 2022 em que fez parte da Comissão Organizadora.



23º FUNDÃO 2015



15º Macau 2011



13º Floripa 2010



26º PDL 2013



26º LOMBA DA MAIA 2016



13º Brasília 2010



15º Macau 2011



24º GRACIOSA 2015



29º BELMONTE 2018



PARTICIPOU NA HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO

Ouçã aqui <https://www.youtube.com/shorts/tzJZR-lAdfw>



39º Santa Maria 2024



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL
PRESIDIU AO CONSELHO FISCAL. 2010-2023,
PASSOU A VICE-PRESIDENTE 2023-2925 COM ANABELA FREITAS

HOMENAGEADO PELOS 40 ANOS DE VIDA EDITORIAL E LIVREIRA EM 2023

PARTICIPOU NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 38º RIBEIRA GRANDE 2023, 39º SANTA MARIA 2024

17. FRANCISCO ROSAS, CINEASTA, REALIZADOR DE CINEMA, PALCO DE ILUSÕES E CENTRO AUDIOVISUAL MAX STAHL TIMOR-LESTE, CONVIDADO AICI



26º LOMBA DA MAIA 2016



36º PONTA DELGADA 2022



39º STA Mª 2024



28º VILA DO PORTO 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



1. Francisco Rosas nasceu a 14 de maio de 1991, em Alvalade, na cidade de Lisboa, em Portugal.
2. Concluiu a licenciatura em Cinema, na Universidade da Beira Interior decorrido o ano de 2012, realiza "Quimera", curta-metragem de ficção e projeto final de licenciatura.
3. Em 2013 realiza "Ser Ilhéu", curta-metragem de ficção, vencedora do concurso "Curtas Açores" da Azores Film Commission.
4. No ano de 2014 inicia a sua colaboração profissional com Zeca Medeiros enquanto principal operador de imagem e montador na longa-metragem de ficção "O Livreiro de Santiago" vencedora do prémio "Ayres d'Aguiar".
5. Desta colaboração destacam-se também os trabalhos: "Viola de 2 corações" série documental de 11 episódios exibida na RTP- Açores, decorrido o ano de 2015;
6. Viaja a Timor-Leste decorrido o ano de 2015 e realiza dois documentários: "Ida Nebe Falan Pulsa - O Vendedor de Pulsa" e "Avô Crocodilo", longa-metragem que integrou a competição no festival de cinema FESTIN em 2017.
7. "Tomaz Borba Vieira - Mulher com Rabo de Peixe, Homem com Rosto de Cão" em 2016 com Zeca Medeiros
8. No ano de 2018, "Escrito no Basalto" série de ficção com 6 episódios exibida no grupo RTP com Zeca Medeiros

9. Em 2019 realiza "A Passagem das Horas", filme de ficção que tem como base o texto homónimo de Fernando Pessoa e uma peça de teatro encenada por Nelson Cabral.
10. No ano de 2020, realiza "Cine Esperança" uma longa-metragem documental que viaja por diferentes épocas refletindo o papel relevante do cinema nas gentes de São Miguel.
11. Tem desempenhado funções de produtor local para produtoras nacionais e estrangeiras como Real Ficção, BBC e National Geographic.
12. Enquanto sócio da produtora audiovisual Palco de Ilusões, tem colaborado desde 2020 com a Quadrivium - Associação Artística no registo fílmico de concertos e transmissões em direto, como são exemplos a Sinfonia nº 6 de Beethoven em Fá Maior Op. 68 - Pastoral, exibida na RTP Açores por ocasião do aniversário da cidade de Ponta Delgada em abril de 2021; bem como a transmissão das estações de Vivaldi e Piazzola com a direção musical de Bin Chao, em outubro de 2021.
13. É desde janeiro de 2021, responsável pela realização do documentário em curso "Raízarte: Uma orquestra, três comunidades", que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação La Caixa integrado no concurso Partis & Art for Change.
14. Em 2024 estreou o documentário "Lagoa, Memórias de abril" realizado em conjunto com Tiago Rosas.

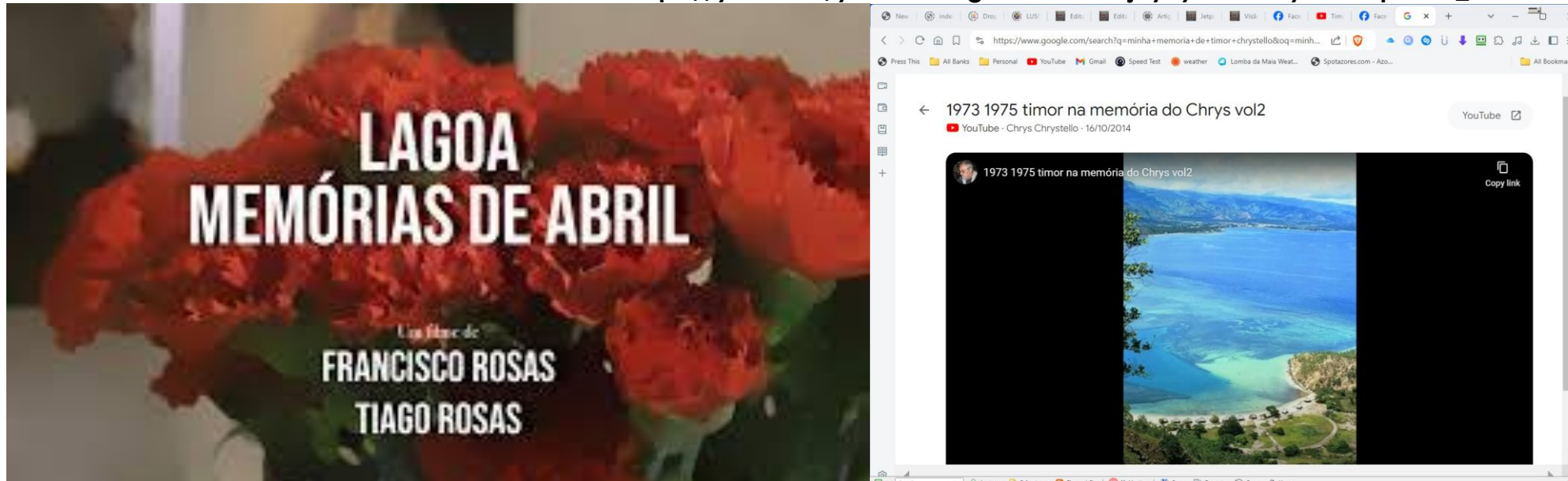


30º MADALENA DO PICO 2018

Apresenta o documentário "Lagoa, Memórias de abril" ACRESCIDO DE CURTA VIAGEM A TIMOR EM ABRIL 1974 COM CHRYS CHRYSTELLO

VER "Lagoa, Memórias de abril" https://www.youtube.com/watch?v=0fqNt_RPnJE

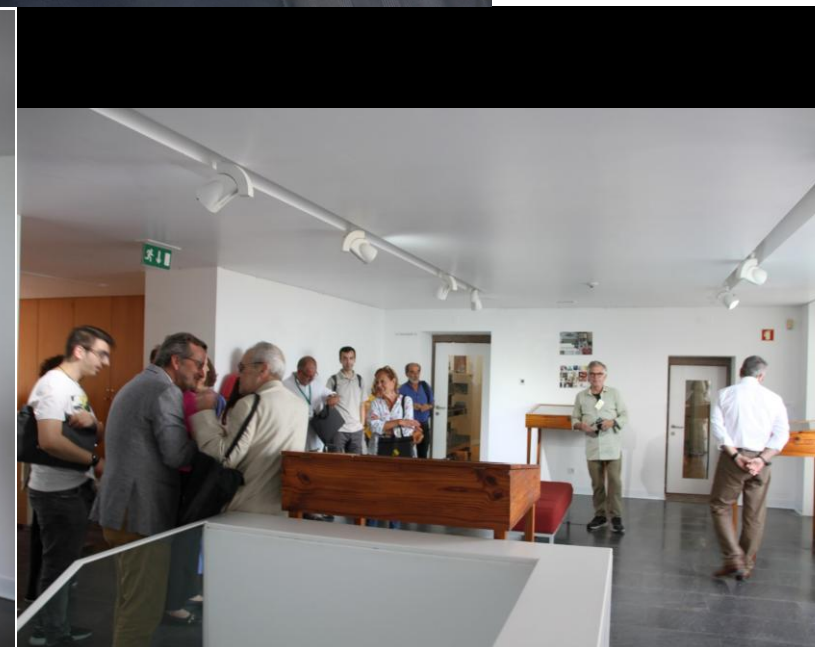
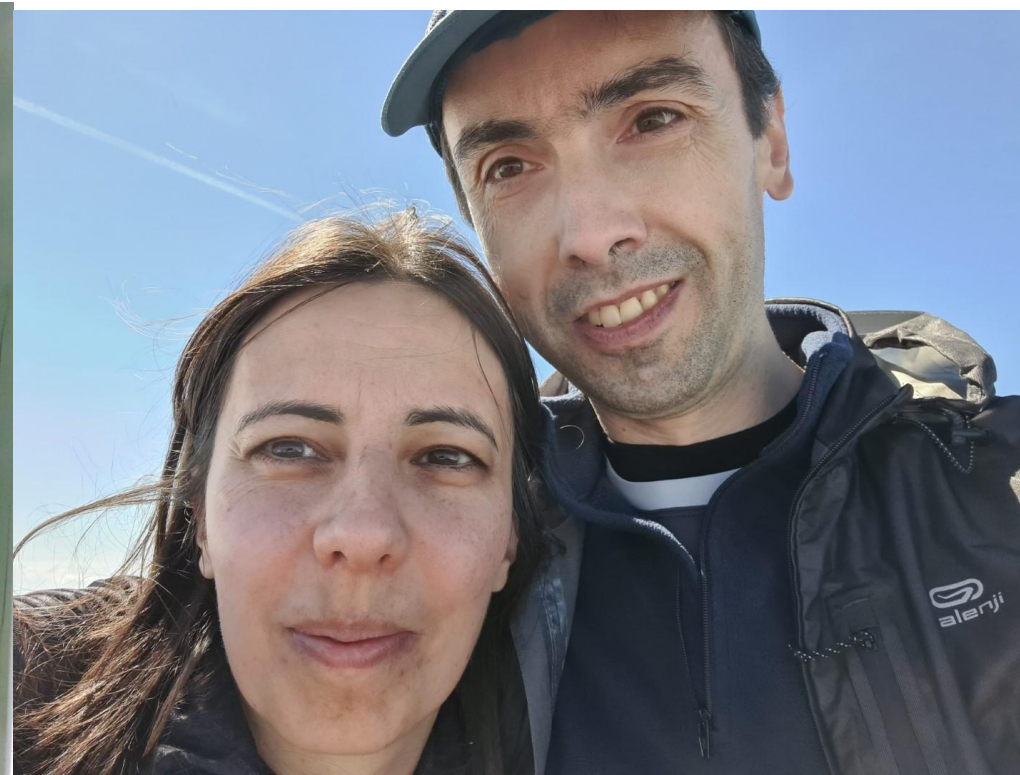
VER 50 ANOS DE ABRIL EM TIMOR POR CHRYS C em https://youtu.be/ymXdOiCLgGA?list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI



JÁ PARTICIPOU NO 26º COLÓQUIO NA LOMBA DA MAIA 2016, NO 29º VILA DO PORTO 2017, MADALENA DO PICO 2018, 36º PDL 2022, NO 39º SANTA MARIA 2024

18. **HELDER SOUSA, PRESENCIAL**

Genro da Helena Chrystello presente na Homenagem Póstuma



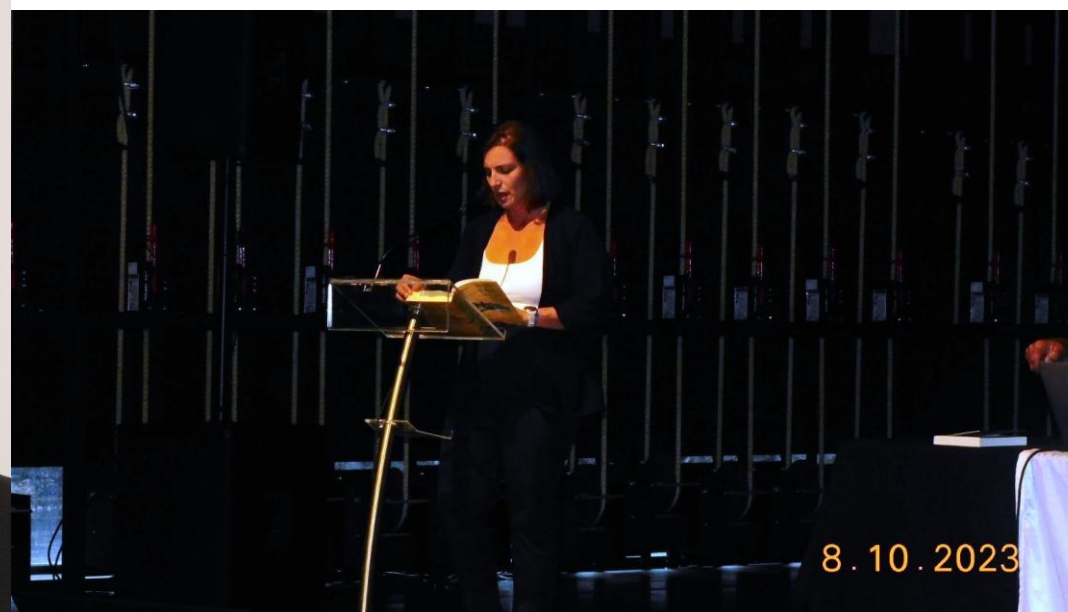
39º SANTA MARIA 2024

**ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DE CHRÔNICAÇORES VOLS 5 E 6 NAS LAJES DO PICO 2023.
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º SANTA MARIA 2024**

19. HELENA BARROS, ASSESSORA, CAMARA MUNICIPAL DE VILA DO PORTO, ESCRITORA E RADIALISTA



38º COLÓQUIO RIBEIRA GRANDE 2023



39º STA M 2024



HELENA BARROS

Vila do Porto (Santa Maria, Açores, Portugal), 1991.

Licenciada em jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social (2012), frequentando, atualmente, o Mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Formada em produção de eventos (2024) e em locução de rádio (2023) pela Restart – Instituto de Criatividade, Artes e Novas Tecnologias.

Participou no I Encontro Nacional dos Mass Media (2008), no Programa Nós da RTP2 (2010) e foi responsável pela pesquisa e produção do Documentário *Ilhas de Bruma*, produzido pela Realidade Virtual (2015).

Colaborou na conceção e pesquisa da sala da cidadania da Casa Museu Manuel de Arriaga (2011) e na Yuzin Agenda Cultural (2014).

Em 2013, começa o percurso como jornalista na rádio Atlântida e durante os anos 2014 e 2015 fez assessoria de comunicação de várias entidades e projetos, com destaque para a IV edição do Walk&Talk – Festival Internacional de Arte Pública (2014), para a II edição do Tremor Festival (2016), para a I edição do Maré Negra – Mostra de Cinema de Terror e Fantástico (2016) e nas quatro edições da Imprópria – Mostra de Cinema de Igualdade de Género (2019-2022).

Foi diretora de comunicação do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas dos Açores (2015-2016) e assessora de imprensa da Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo do XII Governo dos Açores (2016-2020).

Em 2021 fez produção na RTP Açores e participou na 3ª edição do livro *Avenida Marginal* com o conto "Ancorados", editado pela Artes e Letras.

Atualmente, é autora d'O Fim dos Princípios, uma rubrica de leituras na Antena 1 Açores, e trabalha como adjunta da presidência da Câmara Municipal de Vila do Porto.

Integra o Núcleo de São Miguel da Amnistia Internacional, é membro da Associação Cultural Anda & Fala, da Associação Cultural Silêncio Sonoro e pertence à Direção do Clube Asas do Atlântico, sendo a Diretora da Rádio Asas do Atlântico.



39º STA Mª 2024



Participou NA HOMENAGEM A PEDRO ALMEIDA MAIA



Participou NA SESSÃO DE POESIA DE CHRYS CHRYSTELLO COM DIOGO OURIQUE, ANÍBAL PIRES e ALEXANDRE BARROS

ESTEVE PRESENTE NO 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024

20. HELENA CHRYSTELLO (M^{te} HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO) PROFESSORA NA EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL - HOMENAGEM PÓSTUMA, PRESIDENTE HONORÁRIA



38º Ribeira Grande 2023



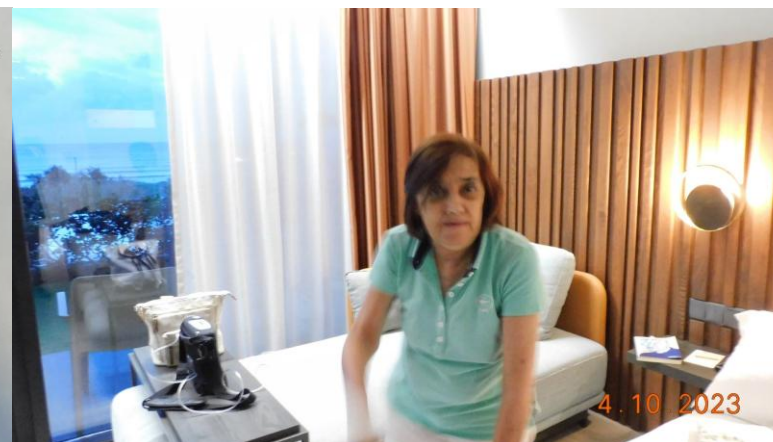
36º PDL 2022



38º Ribeira Grande 2023



38º Ribeira Grande 2023



FALECEU NA MADRUGADA DE DIA 26 NO HDES ONDE SE ENCONTRAVA HOSPITALIZADA DESDE 22.12.23 A PROFESSORA, INVESTIGADORA E ESCRITORA HELENA CHRYSTELLO DE 68 ANOS. ERA CASADA COM O JORNALISTA, ESCRITOR E TRADUTOR CHRYS CHRYSTELLO, DEIXANDO 3 FILHOS E 3 NETAS.

O CORPO CREMADO, A CERIMÓNIA DE DEPOSIÇÃO DE CINZAS TEVE LUGAR DIA 30 JANEIRO PELAS 10.30 HORAS, NO COLUMBÁRIO (OSSÁRIO) DO CEMITÉRIO DA MAIA (S MIGUEL, AÇORES) FREGUESIA ONDE LECIONAVA DESDE 2005, PERTO DE ONDE DECIDIRA RADICAR-SE (LOMBA DA MAIA).

Helena Chrystello tinha uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês.

Fez todos os estudos desde a escola primária no Liceu Charles Lepierre em Lisboa.

Possuía o *Curso Superior de Secretariado do Instituto de Línguas e Administração (ISLA)*, Lisboa

Era titular do *Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail*

Tinha *Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional*.

Possuía licenciatura em Ensino, variante de *Português – Francês* e não terminou (último semestre) a licenciatura em variante de *Português – Inglês*

Detinha um *Mestrado em Relações Interculturais*, (pré-Bolonha, da Universidade Aberta) subordinado ao tema "*Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso*" pela Universidade Aberta.

Membro do júri de 4 Prémios Literários da Lusofonia (anual) desde 2007 a 2010 e dos Prémios AICL Açorianidade (2013-2015).

Lecionou, desde 1976/1977 no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).

Foi **Professora-Assistente** na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (Triénio 2002/2005) sendo supervisora de estágios de candidatos a professores.

Foi **Tradutora** na PNN-LUSA (News Gathering and Translation Service, Sydney, Australia), e tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Era Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' desde 1999.

Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Estava a aguardar reforma da EB 2,3 da Maia, S Miguel onde lecionava desde 2005 sendo Coordenadora do Departamento de Línguas (2010-2020) e Avaliadora do Desempenho Docente.

Foi autora homenageada (com Maria João Ruivo e Carolina Cordeiro) no 38º colóquio da lusofonia (Ribeira Grande 2023)



10º Bragança 2008



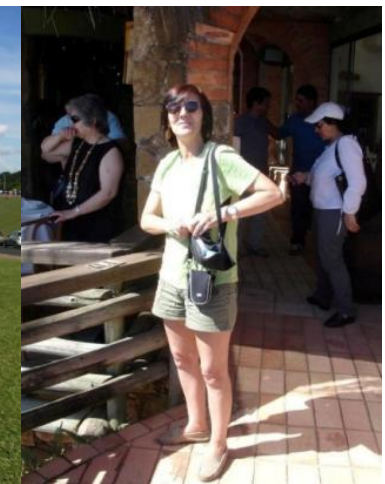
19º MAIA 2013



13º FLORIPA 2010



BRASÍLIA 13º 2010



13º FLORIPA 2010



38º Ribeira Grande 2023



7.10.2023



7.10.2023



26º LOMBA DA MAIA 2016



16º VILA DO PORTO 2011



FLORIPA 13º BRASIL 2010



32º GRACIOSA 2019



30º MADALENA DO PICO 2018



16º VILA DO PORTO 2011



18º GALIZA 2012



35º BELMONTE 2022



Compilou em colaboração com a professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho)

- A Antologia (bilíngue) de (15) autores açorianos contemporâneos (originalmente destinada ao currículo regional) em 2011,
- A Antologia monolíngue de (17) autores açorianos contemporâneos que faz parte do Plano regional de Leitura (2012)
- A Antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras) (2014)

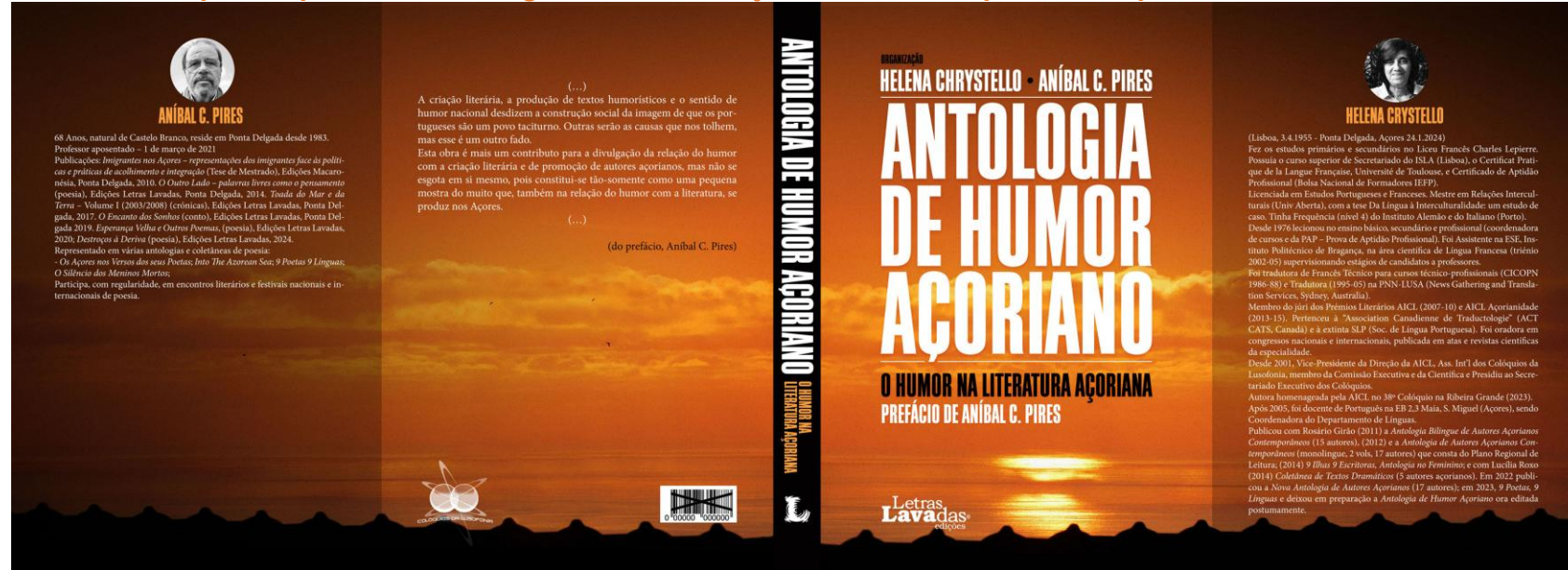
com Lucília Roxo (EBI Maia)

- A Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos (2014)

Compilou a solo

- A Nova Antologia de autores açorianos (2022)
- 9 Poetas 9 Línguas (2023)

Estava a compilar a primeira *Antologia do Humor Açoriano Contemporâneo* apresentada em outº 2024 no 39º colóquio.



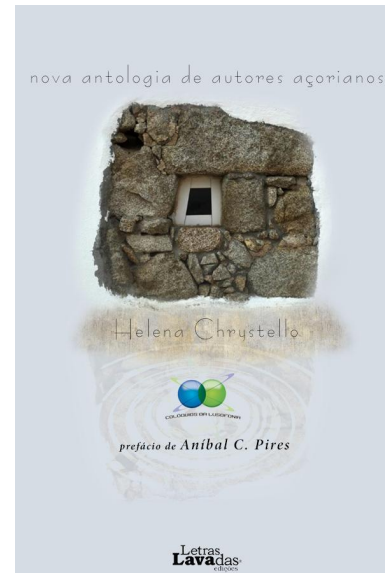
Tinha entre o seu vasto espólio literário (que inclui poesia em francês e português e inúmeros escritos) uma novela “O silêncio da paixão”, inédita e desconhecida de todos, que foi revisto para



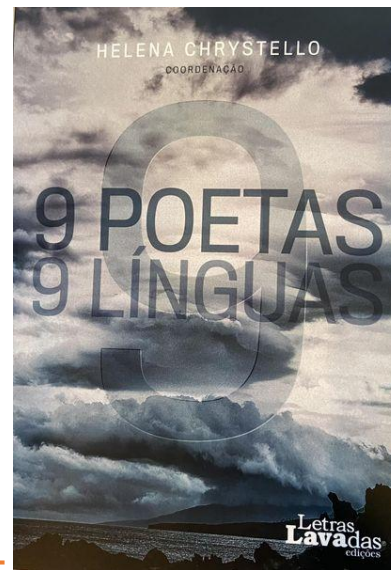
publicação por Anabela Brito de Freitas (ex-Mimoso) que apresentamos no 39º colóquio.

Foram apresentadas as suas duas anteriores obras

Por Aníbal C. Pires, NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS



Por Maria João Ruivo POETAS 9 LÍNGUAS POR MARIA JOÃO RUIVO –



BGA TERCEIRA 2017



PICO 2018



15º MACAU 2011



15º MACAU 2011



19º MAIA 2013



2022 NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS

1. Apresentou no 38º Colóquio da Lusofonia RG – outº 2023 a Nova Antologia de Autores Açorianos

Quero agradecer à Direção Regional das Comunidades na pessoa do seu diretor, Dr. José Andrade, pelo patrocínio que possibilitou a publicação deste volume e vai permitir a sua distribuição pelas escolas, bibliotecas, Casas dos Açores e comunidades da diáspora; agradeço ao Professor Aníbal Pires pelo seu prefácio e disponibilidade para apresentar a mesma.

Agradeço, ainda, ao Sr. Ernesto Rezendes, Bruna Resendes da editora Letras Lavadas, assim como aos seus colaboradores pela sua simpatia e profissionalismo.

Para destrinçar que autores incluir na designação açórica, optou-se por escolher os que aqui nasceram ou viveram e que são, unanimemente, considerados, pelos seus pares, como “autores açorianos”. No tocante à estrutura da obra, os autores são apresentados com uma ‘nota’ biobibliográfica sumária. A Antologia, exaustiva não é, decerto, mas é indicadora do que se tem produzido literariamente e que merece ser lido, analisado, criticado e trabalhado.

Os critérios adotados para a antologia foram os seguintes:

1. Critério antológico, propriamente dito, carreado quer a retoma de trechos antologiadados quer a inserção de fragmentos inéditos, conciliando tradição e inovação;

2. Critério genológico, incidindo na diversidade de modos e géneros literários, como o conto, a novela, o romance, o poema, a entrevista, a crónica e outros

Defluindo destes critérios ressaltam os objetivos, sendo o primeiro a divulgação e subsequente homenagem a 17 autores.

O segundo objetivo, de carácter científico, consistiu em facultar o conhecimento parcial de uma obra vária a investigadores nacionais e estrangeiros.

O terceiro objetivo, de índole pedagógico-didática brotou da intenção de trabalhar os textos selecionados nas escolas básicas, secundárias e nas instituições de ensino superior.

Uma antologia mais não é do que uma amostra de textos e autores, fragmentária e relativa, mero trampolim para a totalidade almejada em edições futuras.

Aos Autores deste volume, agradecemos profundamente, tanto pela sua anuência à coleção dos textos antologiadados como pela colaboração interativa em muitos casos.

Enquanto coordenadora da obra é meu desejo que esta Antologia seja um instrumento de consulta diária para todos os que se dedicam à didática e à literatura.

Muito obrigada



36º +PONTA DELGADA 2022

2. Apresentou 9 poetas 9 línguas no 38º Colóquio na Ribeira Grande (outubro 2023)

O projeto consiste na tradução de 9 poemas de autores açorianos/açorianizados para 8 línguas distintas. Lado a lado com o português, será possível a leitura em inglês, francês, italiano, castelhano, neerlandês, alemão, esloveno e tétum. Procurou dar-se idêntico destaque a autores e tradutores sublinhando-se dessa forma a crescente importância que a tradução tem ganho nas últimas décadas.

Optou-se por escolher os que aqui nasceram ou viveram e que são unanimemente considerados, pelos seus pares, como “autores açorianos”.

No tocante à estrutura da obra, e com o intuito de agilizar um manuseio eficaz, optou-se por ordenar alfabeticamente os autores, que são apresentados com uma ‘nota’ biobibliográfica sumária, assim como os tradutores, mas considerando alfabeticamente as línguas.

Os objetivos do projeto foram os seguintes:

divulgar e, subsequentemente, homenagear 9 poetas e 8 tradutores;

facultar o conhecimento parcial de uma obra diversa a investigadores nacionais e estrangeiros;

trabalhar os poemas selecionados e suas traduções em várias línguas nas escolas básicas, secundárias e nas instituições de ensino superior.

Resta aguardar que esta obra seja um instrumento de consulta frequente não só dos que se dedicam à didática e à literatura, mas de todos os que buscam abrir essa janela imensa que é a literatura de matriz açoriana.

Enquanto coordenadora da obra, desejo que muitos professores de português a adotem, enriquecendo as suas planificações com a componente açoriana dos currículos, tão descuidada até ao presente, considerando sempre as peculiaridades do ser açoriano, português de nacionalidade, mas vincadamente marcado pelas idiosincrasias deste arquipélago, que tão isolado andou durante séculos e hoje se afirma possuidor de uma vasta e abrangente obra literária que urge preservar e divulgar.

gostaria de dirigir o meu agradecimento:

Ao Dr. José Andrade, que preside à Direção Regional das Comunidades, pelo seu apoio incondicional.

À AICL (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia) pelo apoio e sua divulgação.

Aos poetas e aos tradutores pela disponibilidade e constante colaboração.

À editora Letras Lavadas, nas pessoas do Senhor Ernesto Rezendes, Bruna Resendes, Emanuel Rodrigues, Jaime Serra e demais colaboradores, pela sua simpatia e profissionalismo.

À minha amiga Maria João Ruivo, que, a meu pedido, se disponibilizou, de imediato, para elaborar o Prefácio desta obra.

Ao Marco Costa por ter facultado a magnífica foto de capa.

À família pelo apoio, carinho e paciência que tiveram durante este tempo.

Muito obrigada!

Helena Chrystello

• 3. Apresentou com maria joão ruivo “9 poemas 9 línguas” no 38º Colóquio da Lusofonia – Ribeira Grande

9 Poetas 9 Línguas, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro connosco.

E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.

Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o que se diz e o como isso é expresso. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba
e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

E há também esse “Homem imperfeito junto ao mar”, bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

Agora eu

Suspeito dessa perfeição de postal

*Confio mais nas rugas dos arrependimentos
Nas ruas com inacabamentos de primeira*

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. “Orgulhoso e mudo”, esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho / ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,
e mais dizem as gentes que o rei,
por ser tão cruel,
tão de duro coração,
mandou que se apartassem
a princesa e o pastor,
tomados do benquerer
que chega com a primavera.*

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.

O texto de Aníbal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um “Tu”, mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

*Diz ele, por exemplo:
partilhamos culturas e genes
somos um pouco do mundo
(...)
lutando pela dignidade
de ser (apenas) o que somos
humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua Maria Nobody, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. *Não deixes nada por dar!, diz ela, Ama o instante e serás... eternidade...*

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da “voragem da partida” e “dos dias que já não nascem”.

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de “imprecisas” e “volúveis”, elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia. O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre a reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor. Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: “Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo seja esse.” (fim de citação) E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua. E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente, também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometê-lo. O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha.

O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu.

Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador.

(Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade.

Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

Ponta Delgada, outubro de 2023

Maria João Ruivo

4. Foi uma das 3 autoras homenageadas pela AICL – Ver vídeo de homenagem <https://youtu.be/tsqIXnGRwCE>

5. Aníbal Pires fez a EULOGIA da autora: quarta-feira, 18 outº 2023 in DIÁRIO INSULAR.....maria somebody

A 38.ª edição dos Colóquios da Lusofonia aconteceu de 4 a 8 de outubro, no Centro de Artes Contemporâneas, na cidade da Ribeira Grande. Participei, com agrado, neste evento em diversos momentos dando conta, como posso e sei, do que me foi proposto.

De alguns anos a esta parte a direção dos Colóquios tem vindo a homenagear algumas personalidades que se destacam no campo da produção literária, na sua divulgação ou, ainda, pela carreira e contributos que ao longo da sua vida deram à divulgação e promoção do livro e da leitura. Na edição deste ano e cumprindo a tradição foram feitas homenagens a: Francisco Madrugá, pelos 40 anos de carreira editorial. Do homem e da obra coube a Vasco Pereira da Costa traçar os principais traços que justificam, em pleno, o devido e merecido reconhecimento; Carolina Cordeiro, Helena Chrystello e Maria João Ruivo foram, num outro momento e contexto, alvo de uma homenagem pela sua dedicação aos Colóquios, mas também pelo seu trabalho de produção e divulgação da poesia e literatura. Miguel Lopes, falou de Carolina Cordeiro, a mim coube-me “justificar” a homenagem à Helena Chrystello, e, por fim, Onésimo Teotónio Almeida falou sobre a mulher, a professora e escritora Maria João Ruivo.



imagem retirada da internet

imagem retirada da internet

Hoje partilho com os leitores o texto que li, na tarde do dia 8 de outubro, aquando do momento de homenagem a Helena Chrystello:

“A 38.ª edição dos Colóquios da Lusofonia teve, à semelhança das anteriores, um programa diversificado e apelativo, para além de ser um espaço de discussão e reflexão plural sobre as questões da lusofonia, ou se preferirem lusografia pois, se é verdade que as comunicações que aqui são feitas utilizam como principal suporte, a oralidade, não será menos rigoroso afirmar que

este espaço se dedica mais às grafias do que às fonias e, como todos temos consciência, no espaço a que chamamos lusófono, as fonias e as grafias são diversas e, em minha opinião, essa diversidade nada tem de redutor, perverso, ou subversivo, mas pelo contrário dá vida à(s) língua(s) de matriz portuguesa, língua(s) comum(ns) a cerca de 300 milhões de pessoas no mundo. Não entendam, a nota anterior como uma qualquer posição sobre o acordo ortográfico que tanto desacordo provocou, e continua a provocar, deixo essas discussões para os especialistas e respeito as diferentes posições. Eu não quis travar essa luta e, logo que se anunciou a aprendizagem da nova grafia nas escolas, aderi ao acordo ortográfico sem mais delongas.



32º GRACIOSA 2019



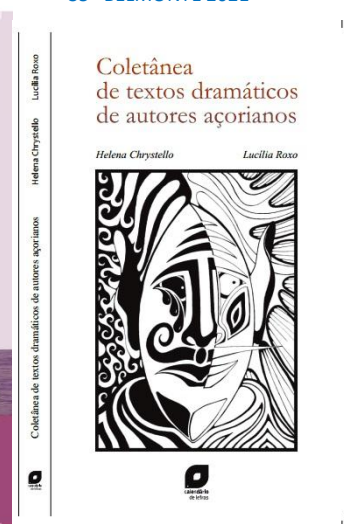
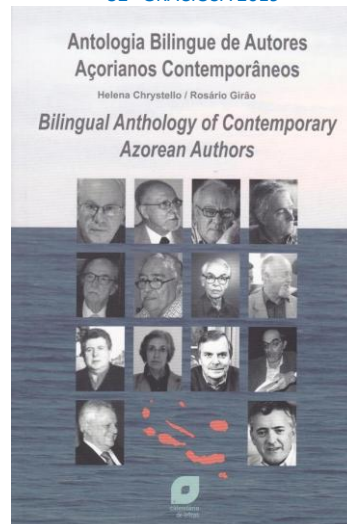
16º VILA DO PORTO 2011



28º VILA DO PORTO 2017



35º BELMONTE 2021



+PONTA DELGADA 2022



Esta espécie de nota introdutória sobre as lusofonias e lusografias não pretende suscitar nenhum tipo de reação, a não ser despertar a vossa atenção, ou seja, serve, apenas e tão-somente, de mote para agora vos poder falar de uma mulher que tem dedicado toda a sua vida à difusão da poesia e da literatura, em particular da poesia e da literatura criada no espaço lusófono, mormente a que se relaciona com os autores açorianos, aqui nascidos ou não.

A sua constante presença ao longo das edições dos Colóquios da Lusofonia que, em parceria com o seu companheiro de vida idealiza, cria e realiza seria, por si só, justificação para o que atrás ficou dito, mas o trabalho de divulgação da língua portuguesa feito pela Helena Chrystello, sim é dela que vos falo, e, como vos dizia, o trabalho da Helena vai muito para além dos Colóquios. A Helena tem toda uma vida dedicada às letras seja como tradutora, formadora, educadora e sobretudo difusora das letras, no espaço em que se escreve e fala nos diferentes matizes da língua portuguesa.

A Helena Chrystello é uma mulher de aspeto frágil, mas a sua inabalável determinação e amor à cultura literária transformam-na num ser capaz de superar as adversidades que a vida lhe tem colocado. As fragilidades físicas não foram impeditivas que a sua paixão pela poesia e literatura se manifestasse por onde a vida a foi encaminhando, mormente, enquanto professora.

A Helena tem um trabalho notável, enquanto educadora, de promoção da leitura entre os jovens, trabalho que, como sabemos, tem fortes concorrentes nas plataformas de comunicação audiovisual e nas redes sociais, ainda assim, a sua persistência tem dado frutos e a sua herança perdura nos leitores conquistados, nos autores antologiadados e entre os seus pares.

Vou-me dispensar de aludir o seu vasto currículo, contudo, permitam-me algumas referências bibliográficas que sustentam parte do que já referi e acrescentam razões, se tal fosse necessário, ao justo reconhecimento e pública homenagem que o 38.º Colóquio da Lusofonia, em boa hora, decidiu fazer a Helena Chrystello.

Assim, menciono, apenas, alguns títulos de que a Helena foi autora ou coautora: - Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos; - 9 ilhas 9 escritoras; - Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos; - Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (2 volumes), incluída no Plano Regional de Leitura; - Nova antologia de autores açorianos.

Mais recentemente, ou melhor, ontem durante o 38.º Colóquio da Lusofonia o seu último trabalho: - 9 poemas 9 línguas.

E outros títulos virão, ao que sei, estão prestes a "dar à estampa", que é como quem diz estará para breve a publicação de outros trabalhos que visam, à semelhança dos anteriores, acrescentar conhecimento literário junto do público, promover os autores e divulgar aspetos peculiares e, quiçá, bem-humorados do que se vai escrevendo no universo deste arquipélago de sonhos e saudade.

O trabalho realizado pela Helena, de que os títulos que atrás mencionei são exemplo, diz bem do seu profundo amor à literatura, à poesia e à língua portuguesa, mas também da sua persistência, determinação e força interior que a liberta das suas fragilidades para servir as letras, o conhecimento e a cultura com a paixão que lhe reconhecemos.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa.

Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores, para além, como atrás ficou dito, de potenciar a adesão à leitura de novos públicos.

A Helena Chrystello lançou as sementes sobre um alargado conjunto de jovens de quem foi, mais uma mentora, do que uma professora.

Sementes que germinam nos espíritos dos novos leitores e apaixonados pelos livros, mas constituem-se, também, como um poderoso e natural fertilizante para que novos autores possam surgir pois, a Helena transmitiu-lhes o gosto pela escrita e a força necessária para vencer os receios que a folha em branco geralmente coloca aos principiantes, mas também aos que faz tempo se aventuraram pelos caminhos da escrita.

Todos conhecem o poema que o Chrys dedicou à Helena e que tem como título "Maria Nobody" e, do qual me permito ler os seguintes versos: "nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria nobody"

Antes de terminar voltarei a estes versos introduzindo-lhe uma pequena alteração que neste momento especial, em que se faz pública homenagem à Helena, me pareceu ser ajustada.

Em meu nome pessoal, mas também, e julgo não ser abusivo dizê-lo, em nome de todos os presentes e de muitos outros, ausentes, que ao longo dos anos Participaram nos Colóquios da Lusofonia deixo o meu público reconhecimento à Helena Chrystello pela sua inabalável dedicação e contributos à cultura e, em particular, à literatura.

"nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria somebody". Maria Alguém!

Sim! Helena és alguém que nos habituámos a respeitar e admirar.

Sim! Helena és alguém a quem as letras e os seus obreiros devem um agradecimento.

E é, justamente, esse reconhecimento, homenagem e gratidão que hoje, no culminar do 38.º Colóquio da Lusofonia, autores, leitores e amigos da poesia e da literatura te queremos demonstrar.

Queremos continuar a contar contigo, maria somebody, e com o teu incansável labor de pesquisa e divulgação literária. Obrigado, Helena!"

Arranhó, 17 de outubro de 2023 Aníbal C. Pires, In Diário Insular, 18 de outubro de 2023

Na homenagem à Helena na EBI MAIA em 21.3.2024 não foram divulgadas as mensagens e gravações recebidas, por absoluta falta de tempo, pelo que optamos por utilizá-las aqui e agora, com a intensidade que devia ter sido sentida naquela data mesmo que tenhamos hoje a presença dos seus autores. Nalguns casos, devido a estarmos impedidos de efetuar gravações na Escola, a IA (Inteligência artificial) proporcionou a voz para os textos selecionados. Pedimos aos restantes 5 membros da mesa que respeitem o limite de 10' que a cada um foi atribuído para a homenagem à Helena.

VER VÍDEO HOMENAGEM 2024 COMPLETA 1.04' 2024 HOMENAGEM AICL [HTTPS://YOUTU.BE/JNIPCGDDVRS](https://youtu.be/JNIPCGDDVRS)

<https://youtu.be/Yn4ufbs4uj0>

<https://youtu.be/QKGZ2OvINvE>

https://www.youtube.com/watch?v=buwwr_2Nfjk&list=PLwjUyRyOUwOJxUtZ2LiEekFWfBMeF_Jy&index=2

2007 EBI MAIA VISITA BRAGANÇA [HTTPS://YOUTU.BE/XXHEVCCMHW8?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/xxhevccmhw8?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2009 EBI MAIA VISITA BRAGANÇA 2 [HTTPS://YOUTU.BE/EKMZLXRA4YC?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/EKMZLXRA4YC?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2010 BRASIL, NÃO SE FUMA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XXZY-Z96E30&LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP&INDEX=2&PP=GAQBIAQB](https://www.youtube.com/watch?v=xxzy-z96e30&list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP&index=2&pp=GAQBIAQB)

2010 NO BRASIL, FLORIPA [HTTPS://YOUTU.BE/DEPFK9LJ_JS?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/DEPFK9LJ_JS?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2011 EBIMAIA VISITA FAIAL [HTTPS://YOUTU.BE/EEBXLX9BA4W?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/EEBXLX9BA4W?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2011 RTP [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8L6NXRGUG8M&INDEX=174&LIST=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=8L6NXRGUG8M&index=174&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2014 LER AÇORES #38 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V5SQCPJIRP8&INDEX=175&LIST=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=v5sQCPJIRP8&index=175&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2010 RTP 13º COLÓQUIO EM FLORIPA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_A--32HD0QA&T=0S&INDEX=274&LIST=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=_A--32HD0QA&t=0s&index=274&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2011 RTP ANTOLOGIA 16º VILA DO PORTO [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UBORWMU0CYG&T=1S&INDEX=259&LIST=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=UBORWMU0CYG&t=1s&index=259&list=PLWJUyRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

2023 O ÚLTIMO ANO [HTTPS://YOUTU.BE/YN7L_NU_19K?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/YN7L_NU_19K?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2023 NINI 1994-2023 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QORQT_MRQ-E&LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP&INDEX=25&PP=GAQBIAQB](https://www.youtube.com/watch?v=QORQT_MRQ-E&list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP&index=25&pp=GAQBIAQB)

2024 HOMENAGEM NA MAIA [HTTPS://YOUTU.BE/NSYSRY_S_WQ?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/NSYSRY_S_WQ?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2024 CHRYS POESIA DEDICADA À NINI NA HOMENAGEM AICL 39º COLÓQUIO SANTA MARIA [HTTPS://YOUTU.BE/T28DURCGCIU?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/T28DURCGCIU?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2024 CHRYS POESIA DEDICADA À NINI 2011-2024 [HTTPS://YOUTU.BE/7GL3PBK3ZHY?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/7GL3PBK3ZHY?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2024 POESIA DO CHRYS DEDICADA A NINI [HTTPS://YOUTU.BE/CIPIKIVQISI?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/ciPIKIVQISI?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2024 HELENA 1995-2024 [HTTPS://YOUTU.BE/QMXWOUATJEW?LIST=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP](https://youtu.be/QMXWOUATJEW?list=PLWJUyRYOUWOIUMYCRQ7THCBVBODZFFXHP)

2024 HOMENAGEM 10 PESSOAS + HOMENAGEM AICL 2024 [HTTPS://YOUTU.BE/QKGZ2OVLNVE](https://youtu.be/QKGZ2OVLNVE)

2024 HOMENAGEM AICL 9' [HTTPS://YOUTU.BE/YN4UFBS4UJ0](https://youtu.be/YN4UFBS4UJ0)

2024 HOMENAGEM AICL [HTTPS://YOUTU.BE/JNIPCGDDVRS](https://youtu.be/JNIPCGDDVRS)

A EDIÇÃO BILINGUE (PT-EN) ANTOLOGIA DE (15) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS FOI LANÇADA NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO 2011 E NO 19º COLÓQUIO (MAIA 2013). POSTERIORMENTE LANÇOU NOS 17º, 18º E 19º COLÓQUIOS A EDIÇÃO MONOLINGUE DA ANTOLOGIA DE (17) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS INCLUÍDA NO PLANO REGIONAL DE LEITURA, EM 2 VOLUMES DE QUE ERA COUTORA COM A PROFESSORA DOUTORA Mª ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS (UNIVERSIDADE DO MINHO).

NO 21º COLÓQUIO (MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014) LANÇOU A COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS E A ANTOLOGIA NO FEMININO “9 ILHAS, 9 ESCRITORAS”.

PREPAROU A NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS (APRESENTADA EM 2022 NO 36º COLÓQUIO EM PONTA DELGADA) E

A ANTOLOGIA 9 POEMAS, 9 LÍNGUAS QUE APRESENTOU NO 38º COLÓQUIO NA RIBEIRA GRANDE 2023.

- SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

– PERTENCEU AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, DESDE A SUA FUNDAÇÃO–

PRESIDIU AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO DESDE A SUA FUNDAÇÃO–

FOI VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL. DESDE A SUA FUNDAÇÃO–

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, PARTICIPOU EM 37 COLÓQUIOS, DESDE A SUA FUNDAÇÃO–

POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE APENAS NO 29º BELMONTE 2018,

REGRESSOU NO 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 ANTES DE FALECER EM JANEIRO 2024

21. INEZ GONÇALVES MARQUES, AICL, PRESENCIAL



Maria Inez Gonçalves Marques nasceu em Vouzela e vive em Lisboa. É mestre em História Medieval, sendo investigadora do IEM da FCS da Universidade Nova, versando os seus estudos e investigação sobre Sintra Medieval.

Foi professora de História, História da Cultura e Da Arte, Filosofia no Ensino Público e Privado. É formadora de História e Património. Continua a lecionar História e História de Arte na UITI (universidade sénior).

Pertence à ONG, "Ser Mais-valia" e à Associação "Mulher Migrante", facto que faz com que os seus interesses e orientação de investigação se dirija também para a temas e problemática inerente às Migrações e Lusofonia numa articulação da Arte, Religião, papel das Mulheres no contexto da mobilidade lusófona.

SÓCIA DA AICL

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º EM SANTA MARIA 2024

22. ISABEL COSTA SIMÕES ARAÚJO, PSICÓLOGA, PRESENCIAL

Filha da Helena Chrystello presente na Homenagem como aliás já esteve na Homenagem (privada) da EBI Maia em 21 março (em <https://coloquios.lusofonias.net/Nini/>)





*ESTEVE PRESENTE NO LANÇAMENTO DE CRÓNICAÇORES VOLS 5 E 6 NAS LAJES DO PICO 2023.
PARTICIPOU NO 1º COLÓQUIO 2002 NO PORTO E FEZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO E NO 39º SANTA MARIA 2024*

23. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, AUSTRÁLIA / AÇORES, PROGRAMADOR "INGENIOUS KNOWLEDGE", PRESENCIAL



32º GRACIOSA 2019



28.10.2017 15:36

28º VILA DO PORTO 2017



15º MACAU 2011



BRAGANÇA 2009 AOS DOZE ANOS



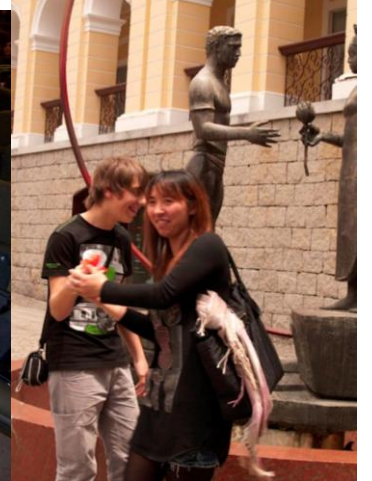
13º RIO 2010



13º FLORIANÓPOLIS 2010



13º FLORIPA 2010 –



15º MACAU 2011



15º MACAU 2011



JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO (n. 1996).

Membro supranumerário dos Colóquios. Desde 2008 em Bragança e até 2019 mostrou-se um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas / Anais em CD / DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas, ao roaming dos telemóveis / celulares como aconteceu em Macau e no Brasil). Desde aquela data desempenhou funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático

a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem cartazes, ilustrações, capas, gravações de CD / DVD e grande parte dos filmes e vídeos de homenagem aos autores açorianos.



39º STA Mª 2024

Frequentou de 2014 a 2017 a ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias / Instº Inovação Tecnológica dos Açores) terminando em julho 2017 o seu estágio na ConexAll, empresa subsidiária da canadiana GlobeStar Systems Inc., na sua delegação açoriana no Nonagon na Lagoa.

Em 2018-2019 fez o nível 5 na ENTA INOVA, tendo terminado novo estágio em setembro 2019.

Em 2016, com a equipa da ENTA-INOVA (Enta Team Sat2), venceu o concurso regional (Açores), o Nacional (Portugal) e o Europeu da competição CanSat (um satélite numa lata de refrigerantes). Imediatamente após a vitória, e a convite do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Manuel Heitor, foi chamado à Universidade dos Açores onde havia uma reunião de cientistas e catedráticos dos EUA e Canadá, e - de improviso - fez uma alocução em inglês de 15 minutos explicando o que era o CanSat e a vitória. Tão impressionado ficou o Ministro que em maio 2017 convidou-o a estar presente perante centenas de pessoas (ministros, reitores, cientistas, etc.) e falar nos 30 anos do programa Ciência Viva, no Fórum Picoas (Lisboa) onde durante 5 minutos empolgou a assistência com a sua sucinta apresentação de incentivo aos jovens para prosseguirem na área científica.

Terminou em 2019 a sua formação na ENTA-INOVA (Esc. de Novas Tecnologias dos Açores)

Frequentou a Licenciatura em Informática na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores, tendo-a concluído em julho 2024

(No dia 9 de julho o estudante João Chrystello da licenciatura em Informática concluiu o seu projeto de estágio curricular realizado na empresa Ingenious Knowledge. O relatório do projeto intitulado "Workflow: Creating Our Own Task Manager" foi avaliado pelo júri: Doutora Hélia Guerra (presidente e supervisora, FCT/UAc), Dr. Nuno Silva (orientador, Ingenious Knowledge) e Doutor Matthias Funk (arguente, FCT/UAc). <https://www.ingeniousknowledge.com>).

Apresentou a 9 julho, o projeto de estágio e recebeu o único 20 em estágio (Projeto + Relatório) nos últimos 3 anos.)



LAGOA 2012



19º MAIA 2013



FUNDÃO 2015



26º LOMBA 2016

PERTENCEU AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO DE 2008 ATÉ 2019. PARTICIPOU NO 10º EM BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016. 28º VILA DO PORTO 2017, 32º GRACIOSA 2019. POR MOTIVOS DISCENTES FALTOU AOS RESTANTES. REGRESSOU NO 39º SANTA MARIA 2024

24. JOSÉ ANDRADE, DIRETOR REGIONAL DAS COMUNIDADES, ESCRITOR,



38º RIBEIRA GRANDE 2023

JOSÉ MARIA DE MEDEIROS ANDRADE, nasceu em 1966, na cidade de Ponta Delgada. É licenciado em Ciências Sociais e integra o quadro de pessoal da RTP-Açores. Exerceu até 2020 as funções de Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e de Presidente da Comissão Municipal de Toponímia, Distinções Honoríficas e Património Cultural.

Anteriormente, exerceu, entre outras, as seguintes funções institucionais:

Foi Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

Diretor editorial da editora Letras Lavadas,

Presidente da Região Açores da Associação Internacional de LYONS Clubes,

Presidente da direção da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental,

Presidente da direção da Associação dos Antigos Alunos do Conservatório Regional de Ponta Delgada,

Presidente da assembleia geral da Sociedade Filarmónica Nossa Senhora das Neves,

Vereador da Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada,



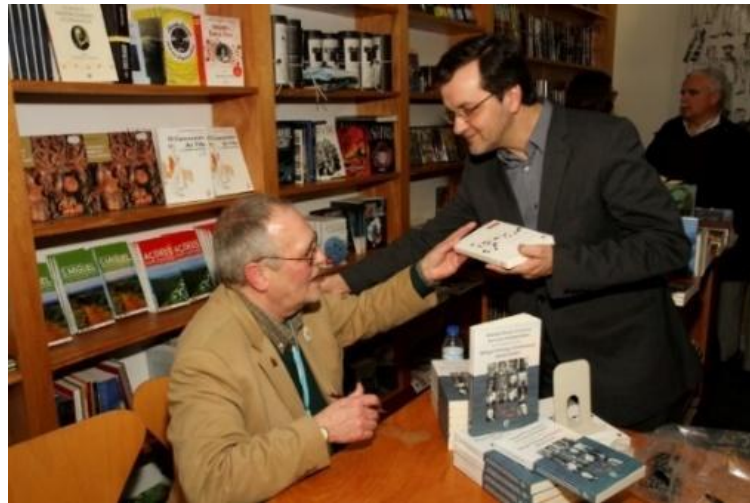
26º LOMBA DA MAIA 2016

30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

30º MADALENA DO PICO 2018

Presidente da comissão executiva da Sociedade Coliseu Micaelense,
Presidente da Direção da ARDE – Associação Regional para o Desenvolvimento,
Dirigente da Minha Terra – Federação Nacional das Associações de Desenvolvimento Local,
Presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada,
Presidente do LYONS Clube de São Miguel, diretor-geral da Sociedade Coliseu Micaelense,
Adjunto parlamentar na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,



19ª Maia 2013



19º COLÓQUIO MAIA 2013



30ª MADALENA DO PICO 2018



BGA PDL 2017

Assessor de imprensa do Presidente do Governo Regional dos Açores,

Adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social

Presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Antero de Quental.

É sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada, da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada, da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Nomeado Diretor Regional das Comunidades em nov. 2020



39ª STA Mª 2024



BIBLIOGRAFIA JOSÉ ANDRADE,

(2001). *A Face humana da toponímia de Ponta Delgada*, prefácio Manuel Ferreira. Ponta Delgada: Câmara Municipal, 306 p. il. 21 cm. - Bibliografia, p. 305-306

(2003). *Aqui Portugal. Os primeiros anos da telefonia nos Açores*. 1ª ed; (s.i.) 341 p. il. 21 cm. - Ed. comemorativa dos 75 anos da Rádio nos Açores, 1928-2003. - Bibliografia, p. 339

(2003). *Concelho de Ponta Delgada: 500 anos de História, cronologia de figuras e factos 1499-1999*. Ponta Delgada

(2003). *Homenagens de rua, Comissão Municipal de Património e Toponímia de Ponta Delgada*; coord. José Andrade. Câmara Municipal de Ponta Delgada: il. 30 cm. 3º v. 130 p. 4º v. 2006. 115 p. 5º v. António de Sousa Braga [et al.] 2007. 98 p. 6º v. Augusto de Athayde 2008. 84 p. 7º v. 2009. 94 p. 8º v. 2010. 89 p. 9º v. Berta Cabral... [et al.]. 2011. 67 p. 10º v. Berta Cabral... [et al.]. 2013. 66 p. 11º v. Ana Isabel Silva Dâmaso. 2015. - 114 p

(2003). *Por Ponta Delgada: intervenções da Presidente da Câmara, Berta Cabral*; coord. José Andrade; foto Victor Melo. Ponta Delgada: Câmara Municipal, v. II. 23 cm. 1º v. XX p. 2º v. XX p. 3º v. 2005. - 319 p

(2003). *500 anos de história [do] Concelho de Ponta Delgada: cronologia de figuras e factos, 1499-1999*. Ponta Delgada: Câmara Municipal, 651 p. 21 cm. - Bibliografia, p. 641-648

(2005). *Coliseu Avenida. Símbolo de uma geração*. Ponta Delgada, prefácio Fátima Sequeira Dias. Ponta Delgada: Coliseu Micaelense, 352 p. 21 cm. - Ed. comemorativa da reabertura do Coliseu Micaelense, em fevereiro de 2005, pela Câmara Municipal de Ponta Delgada. - Bibliografia, p. 349-352

(2009). *Ponta Delgada: o concelho das pessoas*, coord. José Andrade, Miguel Brilhante; colab. Luísa Silva, Lubélia Duarte. -Ponta Delgada: Câmara Municipal, 2009. - 349, [2] p. il. 24 cm

(2009) *35 anos de poder local democrático nas freguesias de Ponta Delgada, 1974-2009*, Prefácio Alberto Leça; org. José Andrade; foto Vítor Melo; intervenções Berta Cabral, José da Costa Melo. Ponta Delgada: Câmara Municipal, 54 p.: il. 21 cm

(2010) *A ilha 7, o homem e a fé*, António Tabico; prefácio José Andrade; coord., sel. textos José de Almeida Mello. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, 123 p.; 21 cm



26º LOMBA DA MAIA 2016



BGA NOV. 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



- (2011) Duplo olhar: parte 2: exposição de pintura Martim Cymbron, Pedro Sousa, textos Berta Cabral, Dominique Faria, José Andrade; colab. Carolina Furtado; [org.] Foto Ana Rita Raquel. 1ª ed. Ponta Delgada: ANIMA-Cultura, Câmara Municipal de Ponta Delgada; 20 p. il. 30 cm. ISBN 978-972-647-268-1
- (2013) Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada para o Mundo = Senhor Santo Cristo dos Milagres from Ponta Delgada to the world, texto José Andrade; foto José António Rodrigues; trad. Maria das Mercês Pacheco. 2ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas 120 p. il. 22 x 29 cm. Ed. bilingue em português e inglês. ISBN 978-989-735-020-7
- (2014) PSD-Açores: 40 anos ao serviço das 9 ilhas, 1974-2014, org. José Andrade. Ponta Delgada: Partido Social Democrata, 377 p.: il. 24 cm. - Bibliografia, p. 377
- (2015). Ruas com rosto. Dicionário biográfico da toponímia de Ponta Delgada, prefácio José Manuel Bolieiro. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada; 21 cm. Bibliografia, p. 155-163. 1ª v. Freguesias citadinas: São Pedro, São Sebastião, São José e Santa Clara. 163 p. ISBN 978-972-98780-3-9 (v. 1)
- (2015). Santo Cristo - álbum de emoções e roteiro de razões = Santo Cristo = album of emotions and logbook of reasons / José Andrade; foto José António Rodrigues [et al.]. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 83, XXXI p. a 2 colns: il. 15 x 20 cm. - Ed. bilingue em português e inglês. - Bibliografia, p. 83. - ISBN 978-989-735-077-1
- (2015). 1975 Independência? O verão quente nos Açores. (Prefácio Álvaro Monjardino), Ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2015). Anos decisivos. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 3 v. Il. 23 cm. (Anos decisivos). Contém bibliografia. - 1º v. 1974 democracia: o 25 de abril nos Açores. - 383 p. 2º v. 1975 independência: o "Verão Quente" nos Açores. - 2015. - 469 p. 3º v. 1976 autonomia! O governo próprio dos Açores. 2016. 355 p. - ISBN 978-989-735-053-5 (v. 1). - ISBN 978-989-735-081-8 (v. 2). - ISBN 978-989-735-101-3: v. 3
- (2016). Aqui Portugal - Os primeiros anos da telefonia nos Açores. 75 anos da rádio nos Açores. Ponta Delgada, ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2016). Poder local nos Açores, 40 anos - 1000 presidentes, 399 p. il. 24 cm. ISBN 978-989-735-119-8 ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2016). Antero, 125 anos depois, ed. da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental e AICL, Colóquios da Lusofonia. Publiçor
- (2016). "A (s) Cidade(s) de Antero." 26º Colóquio da Lusofonia. Lomba da Maia. Açores
- (2016). Banda da Relva & Filarmónica dos Açores, 1866-2016: edição comemorativa do 150º aniversário da Filarmónica de N. Sra das Neves,. Ponta Delgada: Letras Lavadas 143 p. il. 23 cm. - ISBN 989-989-735-113-6
- (2016). "Dois livros com música dentro. 1. Aqui Portugal. Os primeiros anos da rádio nos Açores. 2. Banda da Relva & Filarmónicas dos Açores." 26º Colóquio da Lusofonia. Lomba da Maia.
- (2016). Fajã de Baixo 1936, Ed. da Casa do Povo da Fajã de Baixo,
- (2017). Açores no mundo: as 15 Casas dos Açores; prefácio Marcelo Rebelo de Sousa. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 203 p. il. 23 cm. ISBN 978-989-735-136-5
- (2017). O livro dos livros, dez anos da Publiçor, prefácio José Ernesto Rezendes. [s.l.] Letras Lavadas 191 p. il. 28 cm. - ISBN 978-989-735-139-6
- (2017) Coliseu Micaelense 100 anos de cultura, prefácio José Manuel Bolieiro; posfácio Berta Cabral; foto António Araújo... [et al.] Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, 237, [1] p. il. 23 cm
- (2017) Coliseu Micaelense 100 anos de cultura, 100 testemunhos, foto António Araújo. [s.l.] Letras Lavadas, [108] p. 16 cm
- (2017) N9ve, Colefânea, coord. José Andrade, poemas de Daniel Gonçalves, Emanuel Jorge Botelho, Álamo Oliveira, Victor Rui Soares, Norberto Ávila, Urbano Bettencourt, Ângela Almeida, Gabriela Silva, Palmira Jorge, ed. Letras Lavadas
- (2018). Top Azores, texto Ana Oliveira, José Andrade; foto José António Rodrigues... [et al.]. Ponta Delgada: Publiçor, 150, [2] p. il. 17 cm. - ISBN 978-989-735-165-5
- (2018). Pinto palavras: poemas de mim e de ti, Ana Isabel d'Arruda; prefácio José Andrade; il. Luís Geraldes. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, 90, [1] p. il. 30 cm
- (2018). "Missionários açorianos em Timor," Atas do 30º colóquio da lusofonia, Madalena do Pico
- (2019). John Correia, de aprendiz de canalizador a Presidente do Senado, José Andrade; prefácio João Bosco Mota Amaral. Ponta Delgada: Letras Lavadas 170 p. 23 cm. - ISBN 978-989-735-211-9
- (2019) Bombeiros de Ponta Delgada, roteiro de 140 anos / org. José Andrade; Prefácio Conceição Tavares. - Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2019. - 160 p.: il. 24 cm. - ISBN 978-989-735-223-2
- (2019) "Açores no Mundo: as 15 Casas dos Açores", Atas do 31º colóquio da lusofonia, Belmonte
- (2019) APRESENTOU livro "Missionários açorianos em Timor vol. 2." Atas do 31º colóquio da lusofonia, Belmonte
- (2019) John Correia, de aprendiz de canalizador a Presidente do Senado. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2020). A vontade dos açorianos, órgãos de governo próprio da Região Autónoma dos Açores, 1976-2020 org. José Andrade; prefácio Mota Amaral, Carlos César. [s.l.] Letras Lavadas, 420 p. il. 23 cm. ISBN 978-989-735-273-7s
- (2020). A cidade dos poetas, III Encontro Internacional de Poesia; textos Adélio Amaro... [et al.]; prefácio Mª José Lemos Duarte; coord. José de Almeida Mello; foto Sandra Melo. Câmara Municipal de Ponta Delgada, 172 p. il.
- (2021) "Homenagem a Onésimo T Almeida," Atas do 34º colóquio da lusofonia, Ponta Delgada
- (2021) Silêncio, Ângela Almeida... [et al.]; trad. Coloma Casals; prefácio José Andrade. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 76, [8] p. 20 cm. (Confraria do silêncio). - Ed. bilingue em português e castelhano
- (2022) "A diáspora açoriana e a Direção Regional das Comunidades" 36º colóquio da lusofonia Ponta delgada
- (2022) Escritos insulares, Eduardo Brito Coelho; prefácio José Andrade. 1ª ed. Linda-a-Velha. 113 p. il. 21 cm
- (2023). Transatlântico, as migrações nos Açores, ed Letras Lavadas
- (2023). "Da Lusofonia da América do Norte nos 70 anos da emigração para o Canadá" in Atas do 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande.

(2024). *Transatlântico II – Açorianidade e Interculturalidade*. Ed Letras Lavadas
(2024). *Conversas da diáspora 50 açorianos elo mundo*. Ed Letras Lavadas
(2024). *50 anos de abril, democracia e autonomia*, ed Letras Lavadas

DISCURSO DE ABERTURA do Colóquio da Lusofonia

Vila do Porto, 3 de outubro de 2024

Senhores Presidentes
Senhoras e Senhores

Na ilha que primeiro trouxe a língua portuguesa para o arquipélago açoriano, com o início do povoamento há quase 600 anos, começa hoje o XXXIX Colóquio da Lusofonia. E começo por saudar o senhor presidente da Associação Internacional Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello, que nos convida, e a senhora presidente da Câmara Municipal de Vila do Porto, Bárbara Chaves, que nos acolhe.

Saúdo também todos os participantes das 20 sessões com 50 comunicações, destacando, se me permitem, os que nos chegam de mais longe - Onésimo Teotónio de Almeida, dos Estados Unidos, e Eduardo Bettencourt Pinto, do Canadá - sem esquecer o Gira-Teatro da “décima ilha” de Santa Catarina, no Brasil.

Tenho tido o gosto de participar nalguns destes interessantes colóquios e não me canso de reafirmar o contributo da Açorianidade para a projeção da Lusofonia. Por exemplo, na Califórnia, a maior comunidade estadual da América do Norte, vivem cerca de 350.000 portugueses ou lusodescendentes e mais de 90% dos quais são nascidos nos Açores ou descendentes de açorianos.

Por exemplo, no território ultramarino britânico da Bermuda, onde um quarto da população residente corresponde a portugueses de origem açoriana, a língua de Camões é ensinada às novas gerações graças à Escola Oficial Portuguesa que funciona com o apoio do Governo dos Açores.

Proponho-me, aliás, desenvolver este ponto, amanhã, na mesa redonda da diáspora açoriana.

Portanto, os açorianos contribuem para a expansão do português tanto quanto estes colóquios para a valorização da lusofonia. Fazemos diferença. E isso deve ser reconhecido.

Na abertura do colóquio anterior, enalteci e agradei a resiliência do seu fundador e presidente, Chrys Chrystello, que completa no próximo ano quatro dezenas de edições no outro extremo do arquipélago.

Na abertura do presente colóquio, deixo aqui uma oportuna palavra de merecida homenagem à saudosa memória da sua companheira e nossa amiga Helena Chrystello. Professora por vocação e escritora por convicção, foi coautora de importantes antologias que muito contribuem para a devida promoção dos autores açorianos:

- Antologia bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos (2011)
- Antologia monolingue de autores açorianos contemporâneos em dois volumes (2012), que faz parte do Plano Regional de Leitura
- Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos (2014)
- 9 ilhas, 9 escritoras (2014)
- A Nova Antologia de Autores Açorianos (2022)
- 9 poetisas, 9 línguas (2023)
- Antologia do Humor Açoriano Contemporâneo (2024)

Valorizou, afinal, os artesãos da palavra açórica, que, como ela e com ela, valorizam, assim, o património lusófono.

Era vice-presidente da Associação Internacional Colóquios da Lusofonia e presidia à sua comissão executiva.

Era presença obrigatória em todos os colóquios, com uma força mental inversamente proporcional à fragilidade física.

Neste primeiro colóquio em que nos acompanha de longe, já todos sentimos e lamentamos a falta que nos faz.

Ficará, para sempre, na nossa memória e no nosso coração.

De cada vez que parte um de nós, calando a sua e nossa escrita, a Lusofonia fica mais pobre, mas a Saudade percorre e preenche o dicionário dos afetos.

A melhor homenagem que podemos prestar a Helena Chrystello, é fazer deste Colóquio mais um hino à Lusofonia, como ela, certamente, queria.

Que assim seja.

Bom trabalho para todos!

APRESENTOU 175 anos de emigração para a Bermuda – um exemplo de Açorianidade ao serviço da Lusofonia - Colóquio da Lusofonia, Vila do Porto, 4 de outubro de 2024

O arquipélago das Bermudas é um conjunto de 150 ilhas e ilhéus atlânticos nas Caraíbas, com pouco mais de 66 mil habitantes distribuídos por 53 quilómetros quadrados. Corresponde, praticamente, à população do concelho de Ponta Delgada e a quase metade da superfície da ilha de Santa Maria.

É um território britânico ultramarino regido por uma Constituição, de 1968, que garante autonomia ao governo local nas matérias de política interna, mas que depende da metrópole nas questões de defesa e política externa.

De alguma forma, equivalendo ao estatuto da Região Autónoma dos Açores.

A sua capital é Hamilton e é também aí que vive e trabalha a importante comunidade açoriana, tradicionalmente associada à jardinagem e à construção. A Bermuda foi o terceiro grande destino da emigração açoriana com características sistemáticas, a partir da segunda metade do século XIX, depois do Brasil e dos Estados Unidos, antes do Havai e do Canadá.

Os emigrantes portugueses na Bermuda são maioritariamente provenientes da ilha de São Miguel. Emigraram através dos contratos de trabalho que são tratados entre os serviços de imigração do Governo da Bermuda e a Direção Regional das Comunidades do Governo dos Açores, no âmbito do acordo bilateral de contratação de portugueses.

Ao abrigo desse acordo, a Direção Regional das Comunidades foi intermediária de 3.463 processos de emigração nos primeiros 20 anos deste século – mais na primeira década (2.741) do que na segunda (722).

Nos 60 anos em que há registo oficial, de 1960 a 2020, emigraram para a Bermuda 8.722 açorianos.

Os números anuais são muito variáveis, desde um máximo de 519 em 1962 até um mínimo de zero registos em 1993.

No ano de 2020, registaram-se 34 casos de emigração associados a processos de contratação.

Os açorianos constituem assim a mais representativa comunidade de imigrantes na Bermuda, proporcionalmente à população residente, e o português é por isso a segunda língua mais falada neste território anglófono.

Estima-se mesmo que quase um quarto da população da Bermuda, cerca de 25%, seja natural dos Açores ou descendente de açorianos.

Isto é um orgulho para a nossa Região e uma responsabilidade para a nossa Língua.

Vem tudo isto a propósito dos 175 anos da emigração portuguesa para a Bermuda, especialmente proveniente dos Açores, que se comemoram agora em 2024.

É de 1849 o primeiro movimento emigratório documentado para as ilhas britânicas do Atlântico Norte, que assim repartem o coração açoriano com os Estados Unidos e o Canadá.

Desde então, a comunidade açoriana tem vindo a afirmar-se, diligentemente e progressivamente, na sociedade bermudense.

Desde logo, através de instituições próprias, como o Clube Vasco da Gama, fundado em 1935, a Associação Cultural Portuguesa, fundada em 1970, ou a Casa dos Açores da Bermuda, fundada em 2015.

Mas, também, através de manifestações populares tão representativas da cultura açoriana como a festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres ou o culto do Divino Espírito Santo.

O Governo dos Açores tem muito orgulho na comunidade açoriana da Bermuda. E traduz esse orgulho em cooperação.

Por um lado, mantém um protocolo de cooperação financeira anualmente renovado com a jovem e dinâmica Casa dos Açores da Bermuda.

Por outro lado, assegura o devido apoio financeiro ao importante funcionamento da Escola Oficial Portuguesa da Bermuda, que é gerida pela Associação Cultural Portuguesa nas instalações do Clube Vasco da Gama, garantindo o cofinanciamento do serviço regular de aprendizagem daquela que é considerada a segunda língua da Bermuda.

A própria escola é dirigida pelo jovem advogado Richard Ambrósio, já nascido na Bermuda, filho de dois emigrantes do concelho da Lagoa, na ilha de São Miguel.

A Escola Oficial Portuguesa da Bermuda acolheu 129 alunos nos últimos cinco anos letivos.

Entre 2019 e 2023, o número de alunos anualmente matriculados foi, respetivamente, de 26, 22, 21, 23 e 37.

Estes 37 alunos matriculados no ano letivo de 2023/2024 correspondiam a 16 rapazes e 21 raparigas.

O programa pedagógico utilizado procura contemplar as particularidades do Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro, do Instituto Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, cujo principal objetivo aponta para o desenvolvimento do diálogo na língua materna e para o conhecimento da cultura dos seus pais.

As aulas decorrem em período extracurricular, das 16h00 às 18h45, de segunda a sexta-feira, prevendo-se que cada criança tenha duas horas e meia de ensino de língua portuguesa por semana.

As aulas ministradas pela Escola Oficial Portuguesa da Bermuda procuram abordar temáticas relacionadas com as particularidades dos alunos, as suas realidades e experiências vividas, como sejam:

- Identificação pessoal
- Cores
- Números
- Corpo Humano
- Vestuário
- Tempo
- Natureza
- Tempos livres
- Família
- Escola
- Casa
- Alimentação

- Comunicação Social
- Transportes

O programa adotado desenvolve a oralidade focando os seguintes aspetos:

- Contactos sociais (identificar-se / apresentar-se / despedir-se)
- Relacionamento com o mundo exterior (pedir ou dar informações sobre pessoas, objetos, tempo, lugares)
- Ações sobre interlocutores (convida, pedir, etc.)

São abordados aspetos de morfossintaxe, tendo sempre presente o nível dos alunos e as suas capacidades:

- Artigos
- Pronomes
- Substantivos
- Numerais
- Adjetivos
- Verbos regulares

A par da sua componente pedagógica, a Escola Oficial Portuguesa da Bermuda proporciona aos seus alunos e a toda a comunidade portuguesa, eventos sociais, como:

- Festa do Dia das Bruxas
- Ceia do Thanksgiving
- Festa de Natal das Crianças
- Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Agora que a Associação Cultural Portuguesa passou a estar associada ao Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, aproveitará os próximos meses para analisar todos os aspetos do ensino, incluindo o currículo, o desenvolvimento profissional contínuo da sua única professora e o número de horas de contato com os alunos, entre outros.

A longo prazo, a Escola Oficial Portuguesa da Bermuda propõe-se desenvolver uma forma de reconhecimento internacional para os certificados de aproveitamento, o que poderá incluir a realização de provas de português do “Certificado Geral do Ensino Secundário” – a credencial geralmente conferida no Reino Unido e na Bermuda para os alunos com mais idade.

É este o retrato, diligente e motivador, do ensino da língua portuguesa na comunidade açoriana da Bermuda.

Quando agora passam 175 anos sobre o início da emigração açoriana para a Bermuda, saudamos o trabalho desenvolvido no passado e no presente e confiamos no seu bom resultado para o futuro.

Graças aos açorianos, a língua portuguesa ensina-se e preserva-se no território anglófono da Bermuda.

Aqui está a Açorianidade ao serviço da Lusofonia.

ESTEVE NA APRESENTAÇÃO DA BGA EM PDL 2017 E NA DOS 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DE CHRYS CHRYSTELLO EM NOV 2022

JÁ PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO NA MAIA EM 2013, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 30º COLÓQUIO NA MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 36º PONTA DELGADA 2022 REPRESENTANDO O PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL, E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 REPRESENTANDO O PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL, ESTEVE NO 39º SANTA MARIA 2024

25. JOSÉ CARLOS TEIXEIRA, UNIVERSIDADE DA BRITISH COLUMBIA, OKANAGAN, CANADÁ, AICL. ONLINE



38º RIBEIRA GRANDE 2023

38º RIBEIRA GRANDE 2023



22º SEIA 2014

13º BRASIL FLORIPA SANTA CATARINA 2010



5.10.2023



Nasceu na Ribeira Grande em 1959, emigrando para o Canadá em 1978, Conclui o seu BA e M.Sc na Universidade do Quebec, e o doutoramento na Universidade York em Ontário.

Título da tese: *The Role of "Ethnic" Sources of Information in the Relocation Decision - Making Process: A Case Study of the Portuguese In Mississauga*. Ph.D. Geography, York University, 1993 (M.Sc. Geography, UNIVERSITÉ du Québec à Montréal, 1986 (Título da tese: *La Mobilité Résidentielle Intra-Urbaine des Portugais de Première Génération à Montréal, Université du Québec à Montréal*). Tem sido nacional e internacionalmente premiado pelo seu trabalho em geografia Humana, sendo um prolífico autor nessa área. Professor catedrático desde 2014 no Department of Geography, University of British Columbia Okanagan, Canadá.

É autor de mais de 70 publicações que incluem dissertações, monografias, artigos e relatórios de pesquisas na área da geografia social.



Entre as muitas distinções já recebidas, em 2008, 2010 e 2011, foi galardoado com alguns prémios, onde se destacam o “Premio de Investigación da Universidade da Columbia Britânica – Okanagan”, o “UBC Okanagan Provost's Award for Public Education through Media Award” e pela Association of American Geographers, o “Ethnic Geography Distinguished Scholar Award”, em reconhecimento pela excelência do trabalho que tem desenvolvido. É conselheiro do projeto da “Rede Prestige Azores.”. (carlos.teixeira@ubc.ca)

PARTICIPOU NA MESA REDONDA DA DIÁSPORA, associativismo comunitário em Toronto / Montreal

Imigrantes e descendentes de açorianos na cidade de Toronto: Desafios da Diáspora e Ajustamentos

Migração transatlântica

A reestruturação económica alterou o mercado de trabalho dos imigrantes no Canadá, tornando as competências laborais dos imigrantes portugueses menos procuradas do que as de outros imigrantes mais instruídos e qualificados.

Chegada e fixação – As “ilhas” luso-açorianas na Toronto multicultural

Desde o início da década de 60, que, Toronto e os subúrbios, sendo a maior porta de entrada de imigrantes no Canadá, se transformou na cidade com maior diversidade cultural e racial do país e um dos destinos favoritos para imigrantes e refugiados na América do Norte. Nesse período, o aumento da internacionalização da imigração para o Canadá implicou uma mudança drástica no mosaico etnocultural de Toronto e na sua rica e complexa geografia social urbana.

Neste âmbito...os açorianos mostram elevados níveis de concentração (voluntária) nalguns subúrbios da cidade, pois criaram comunidades autossuficientes e autónomas com elevados níveis de posse de habitação.

Os Idosos portugueses e açorianos no Little Portugal de Toronto resistem à gentrificação e à deslocalização?

Um em cada quatro imigrantes portugueses (da primeira geração) tem 65 anos ou mais. Este processo de envelhecimento foi acelerado pela drástica diminuição – nas últimas décadas – da imigração portuguesa para o Canadá e de as gerações portuguesas e açorianas nascidas no Canadá terem um nível de fertilidade relativamente baixo.

Estamos, pois, perante uma primeira geração de população portuguesa e açoriana que envelhece progressivamente. Se a imigração de Portugal abranda nos próximos anos, então serão realidade as probabilidades de aumento de população envelhecida entre a primeira geração.

Little Portugal é um bairro em transição sendo a gentrificação uma das principais causas das alterações recentes no mercado imobiliário local; sobretudo, a subida do valor das casas e as rendas elevadas que afetam os residentes portugueses, idosos, e não-portugueses. Há muitas famílias portuguesas e açorianas a saírem do bairro.

Então, como é que ainda permanecem em Little Portugal idosos portugueses e açorianos? ...

Alguns recusam-se a deixar as casas que renovaram e onde criaram os filhos e resistem à gentrificação. Alguns dos mais idosos arrendam parte das suas casas numa estratégia para enfrentarem os aumentos drásticos de impostos sobre a propriedade e os custos de manutenção e de serviços públicos causados pela gentrificação.

O envelhecimento da população de Little Portugal é uma das principais preocupações dos membros da comunidade que entendem ser preciso mais para acomodar as necessidades e preferências de habitação dos idosos portugueses – desde encorajá-los a “envelhecer no local ou em casa,” a fornecer mais assistência pessoal e financeira para os ajudar a cuidar das suas casas e continuarem a viver nelas, até à necessidade urgente de habitação a preços acessíveis para idosos num “ambiente e estilo de vida portugueses”.

Reconhecendo a necessidade urgente de apoiar os idosos portugueses, a Magellan Community Foundation tem planos para lhes construir um edifício culturalmente sensível. Para além de lhes oferecer vários serviços de apoio, o “Magellan Centre” na Lansdowne Avenue nº 640, no centro da comunidade portuguesa de Toronto, terá 57 moradias a preços acessíveis e 256 camas de cuidados prolongados para idosos portugueses a necessitar de cuidados complexos.

O problema do envelhecimento da comunidade portuguesa e açoriana, em especial da primeira geração, não recebeu, até agora, grande atenção de académicos e decisores políticos canadianos, mas as necessidades e preferências culturais deste grupo em cuidados de saúde e bem-estar, serviços sociais étnicos (de preferência em português), bem como habitação a preços acessíveis, incluindo cuidados de longa duração, merecem, futuramente, mais detalhada atenção.

Família - parentesco, religião e vida económica

Aos primeiros imigrantes juntaram-se parentes ou amigos trabalhadores da construção civil, serviços e indústria. A rede de contactos à chegada irá definir, de forma marcante, as oportunidades de emprego do imigrante.

Em 1981, a maioria dos portugueses no Canadá tinha menos de nove anos de escolaridade, sendo idênticos os valores para a comunidade luso-açoriana em Toronto. Este facto refletia-se no seu emprego, quase metade estava na indústria transformadora e construção 47%; escritórios, vendas e serviços 37%; administração, ciências, saúde, ensino e artes, 5,8%. Neste contexto, os trabalhadores braçais, portugueses e açorianos, tinham reputação de laboriosos, fiáveis e baratos. Era normal que vários membros duma família tivessem mais do que um emprego, para poupar e alcançar o “sonho” de ter casa em terras canadianas. Assim, as pressões socioeconómicas, como o desejo de ter casa, obrigaram as mulheres portuguesas e açorianas a entrar no mercado de trabalho remunerado, deixando-as com dois empregos: o de trabalhadora a tempo inteiro e o de dona de casa tradicional. Esta sobrecarga excessiva afetou muitas vezes a saúde das mulheres. A emancipação da primeira geração foi gradual, mas alterações nos papéis sexuais podem reconfigurar a família portuguesa e açoriana (Giles 2002), sendo assinaladas importantes vitórias neste campo entre as mulheres luso-açorianas de segunda e terceira geração.

Os imigrantes mais recentes, sobretudo os chegados depois de 1975, e as segundas e terceiras gerações, sofrem de menor segregação profissional. Têm mais oportunidades de educação, um estatuto profissional mais elevado e rendimentos mais elevados. [2021] Os níveis de educação dos portugueses (com 15 anos ou mais) em Toronto são, em geral, mais elevados do que os níveis da primeira geração chegada antes de 1981. ...

Estes níveis mais elevados de educação... refletem-se nas suas ocupações. Em 2021, dos 46 450 portugueses na população ativa (24 155 homens e 22 300 mulheres), as profissões mais representativas (Classificação Nacional de Profissões) eram por ordem de importância...

As novas gerações têm empregos bem distintos que são socialmente mais prestigiados do que os dos seus pais (por exº, manufatura e construção), o que levanta a questão: Até que ponto o aumento do “prestígio” destes empregos reflete a mobilidade social e de classe desta nova geração? Isto sugere que, apesar de ter mais oportunidades educacionais e um estatuto profissional mais elevado, a “mobilidade de classe / estatuto” não se traduz em rendimentos mais elevados, dado que a maioria dos membros da nova geração em Toronto tem “empregos mal pagos”.

A primeira geração de portugueses e açorianos não participava muito em política. Durante décadas, a comunidade de Toronto nem consciência política tinha para defender e promover os seus interesses e direitos. ... Faltava um “voto comunitário” forte. ... Foi preciso uma longa espera por uma “voz” portuguesa na política, mas parece que as novas gerações têm maior consciência da importância do voto nos diferentes níveis de governo. Em 2021, a maioria dos portugueses (origem étnica) na cidade de Toronto declarava-se “cidadão canadiano” (71 880 ou 84,4%, Statistics Canada 2024), o que será um incentivo para que os portugueses e açorianos, em particular os da primeira geração (que se tornaram cidadãos canadianos), se envolvam mais na política do seu novo país.

Os imigrantes luso-açorianos no Canadá valorizam a família. A emigração pode ser perturbadora mas, mau grado o choque cultural inicial, muitas famílias portuguesas de primeira geração mantiveram os traços culturais (por exemplo, casando com um português ou açoriano; constituindo famílias numerosas; valorizando a família alargada, como os avós, e a religião como instituição). Os avós são respeitados e muito estimados pelas famílias de primeira geração, que entendem ser sua responsabilidade o cuidar deles. Em termos de “tipo de agregado familiar”, em 2021, 10,8% (9 170) viviam sozinhos (agregados unipessoais talvez maioritariamente idosos), 9,6% (8 210) estavam em agregados familiares multigeracionais. Os avós frequentemente ajudam na educação dos netos. Contudo não sendo estática, a família luso-açoriana, as novas gerações desafiam os padrões e valores culturais tradicionais. Por exemplo, as novas gerações têm – em geral – famílias mais pequenas, menos pessoas por agregado, e menos filhos do que a primeira geração. Em 2021, 56% dos portugueses em Toronto eram casados ou em união de facto, sendo poucos os divorciados (4%) ou separados (1,5%). Espera-se que, com a assimilação geracional, o enfraquecimento das redes sociais e culturais, a escassez de recursos financeiros e de tempo, os membros desta nova geração não tenham a capacidade de cuidar a longo prazo dos pais e/ou avós, e que uma combinação de serviços sociais, profissionais e estaduais desempenhe um papel mais relevante nesse campo.

Para muitos portugueses e açorianos, sobretudo os de primeira geração, a igreja é uma instituição central das suas vidas... Os açorianos preferem um ritual da igreja semelhante ao que deixaram, pelo que a maioria dos padres veio diretamente de Portugal continental ou dos Açores. Os ritos de passagem como o batismo, o casamento e os funerais são muito importantes, mesmo entre as “novas” gerações e católicos não-praticantes.

Em 2021, a maioria dos portugueses (81,5%) em Toronto eram cristãos, na sua maioria católicos (91%). Todavia, o recenseamento mostra que muitos membros da comunidade já aderiram a outras denominações nas últimas décadas. No entanto, 17% dos portugueses de todas as gerações a viver em Toronto referiram não ter “quaisquer perspetivas religiosas e seculares”, apontando um maior nível de assimilação social e cultural entre as novas gerações nascidas no Canadá. Existe a sensação de que a segunda e terceira gerações estão gradualmente a perder o interesse pela prática religiosa, embora não seja ainda claro até que ponto.

Cultura, língua e as “novas” gerações de portugueses e açorianos

Muitos portugueses e açorianos sentem que, no Canadá, a sua cultura está em transição. Separá-los da cultura e língua de origem seria despojá-los da sua identidade. Nesta fase, o que sabemos sobre as “novas” gerações de portugueses e açorianos em Toronto? Quais são as realidades das novas gerações nascidas no Canadá em relação à cultura dos seus pais?

Por exemplo, a retenção comunitária da língua (língua materna) é tida como relevante na manutenção da identidade etnocultural. A língua também está muito ligada à identidade étnica e pode afetar a comunicação entre agregados familiares multigeracionais. Há muitos indícios de que os portugueses e os açorianos consideram a língua como um poderoso fator comunitário de coesão. Porém, já é um facto a diminuição do uso e da fluência da língua portuguesa, sobretudo em cidades de pequena e média dimensão e em comunidades luso-açorianas rurais, isoladas, dispersas de uma costa a outra no Canadá, incluindo a província de Ontário.

No Canadá, e no Ontário, onde vive a maioria dos luso-açorianos, a língua portuguesa está em transição, com as novas gerações (segunda e terceira) a usarem menos a língua materna dos pais (português) em casa e a preferirem o inglês em público. De acordo com o censo de 2021, Ontário é a província com maior número de pessoas de língua materna portuguesa (153 750 ou 63,9%), com destaque para Toronto. Em 85 165, a maioria (60 360, ou 70,9%) declarou o português como língua materna.

A chegada continuada, ao longo das décadas, de novos imigrantes de Portugal e das ilhas a Toronto - o principal “ponto de entrada” no Canadá - explica em parte a elevada percentagem dos que declaram o português como língua materna. Em contraste, a área fora de Toronto, especialmente subúrbios e pequenas comunidades dentro dos limites da TCMA (excluindo Toronto), apresenta percentagens mais baixas de portugueses com conhecimento da língua portuguesa, com apenas (43,8%) dos residentes a indicarem o português como língua materna. Isto sugere um nível mais elevado de assimilação cultural entre as “novas” gerações (segunda e terceira), para quem o uso e o conhecimento da língua são menos importante e diminui gradualmente fora de Toronto e seus subúrbios. Assim, a dualidade linguística que caracteriza, de uma forma geral, o fosso geracional em agregados familiares imigrantes - onde os filhos falam uma língua e os pais outra - está a tornar-se preponderante neste grupo. Muitos jovens portugueses e açorianos praticam uma prática a que os linguistas chamam “code switching”, misturando inglês e português numa mesma conversa. A perda gradual da língua e da cultura portuguesas leva a que alguns jovens portugueses e açorianos (segunda e terceira geração) se sintam isolados dos pais e distantes da comunidade luso-açoriana no seu todo. Assim, as novas gerações recorrem menos aos meios de comunicação social portugueses, participam menos em eventos sociais e culturais e não dão preferência a empresas e serviços portugueses.

Contudo, de um modo geral, as comunidades luso-açorianas esforçam-se por manter a língua e cultura. Em Toronto, quando a comunidade se tornou mais “madura” e se fixou, construiu a Little Portugal, compacta e bem delimitada, e criou um grande número de organizações para satisfazer as necessidades dos imigrantes e descendentes açorianos.

A política de multiculturalismo patrocinada pelo Estado canadiano pode ter encorajado os imigrantes portugueses a criar organizações de índole étnica, e a preservar a sua cultura. Estas organizações não só preservam e fomentam a língua e a cultura portuguesas junto das gerações mais novas, mas com atividades sociais, culturais e recreativas, promovem a amizade e a solidariedade como ponte entre a cultura luso-açoriana e a canadiana.

Parece que a juventude portuguesa no Canadá atravessa uma importante fase de mudança que talvez influencie a sua atitude em relação a Portugal ou às ilhas dos Açores - o local onde uns nasceram e/ou foi a terra natal de pais ou avós. O que se observa sugere que a identificação cultural é um conflito decisivo para os jovens portugueses - quer se considerem canadianos, portugueses e/ou açorianos portugueses.

Como grupo, os açorianos estão apenas há sete décadas no Canadá e no Ontário. A maioria (primeira geração) veio para ficar. Com diferentes níveis de lealdade à herança cultural portuguesa e açoriana, parece bem adaptada / integrada na sociedade de acolhimento. À medida que as novas gerações do Ontário atingem a maturidade, os seus níveis de educação aumentam e é expectável que também a assimilação aumente. Se a identidade étnica é uma fonte de enriquecimento para uns, para outros pode ser um conflito, que os leva a rejeitar o seu património cultural. Não é evidente se a segunda e terceira gerações seguirão o caminho dos seus pais e avós e, não o fazendo, serão capazes de preservar a cultura e as tradições mais antigas? Nesta fase da vida das comunidades luso-açorianas no Canadá e no Ontário, a evidência da "dualidade cultural" / "conflito cultural" é a melhor forma de definir a juventude luso-açoriana. Se, futuramente, conseguirá reconciliar este conflito continua a ser uma questão em aberto.

Não podem ser subestimados nem o papel nem o impacto de imigrantes e descendentes de açorianos como agentes de mudança na vida social, cultural, política e económica do Canadá e de Toronto, onde a maioria se estabeleceu e criou família. No entanto, nas últimas três décadas, a imigração portuguesa e açoriana diminuiu drasticamente e as suas comunidades, dispersas pelo Canadá, estão em transição. As novas gerações de portugueses e açorianos, nascidos no Canadá, devem encarar as décadas vindouras numa variedade de potenciais cenários, de aspetos demográficos, socioculturais, políticos e económicos. É adequado apelar para uma maior investigação e pesquisa sobre estas comunidades, seus "pioneiros" e descendentes nascidos no país. São segmentos importantes da população canadiana, mas é limitado o trabalho académico comparativo sobre a rica história das suas trajetórias migratórias, experiências de colonização, formação de comunidades, experiências de integração - incluindo a retenção cultural e da língua materna, o "envelhecimento" da comunidade, a sua "marca étnica" nas cidades e comunidades locais. Devido à escassez de literatura especificamente dedicada à imigração açoriana para o Canadá e ao papel e impacto dos imigrantes açorianos (primeira geração) e seus descendentes, é difícil obter uma imagem completa deste grupo em solo canadiano. No início do século XXI, há mais perguntas do que respostas relativamente às "novas" gerações nascidas no Canadá, bem como à sua rica diáspora global de 1,5 milhões, cuja maioria tem um limitado conhecimento da terra natal e da cultura dos seus antepassados.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PARTICIPOU NO 5º COLÓQUIO 2007 RIBEIRA GRANDE, 9º LAGOA 2008, 11º NA LAGOA 2009, 13º NO BRASIL 2010, 22º SEIA 2014, 38º NA RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

26. JOSÉ DE ANDRADE MELO, PROFESSOR, SANTA MARIA

José de Andrade Melo nasceu em Vila do Porto em 1/8/1962, ilha de Santa Maria, onde reside.

Estudou no Externato de Santa Maria e completou o ensino secundário no Liceu Antero de Quental.

Profissionalmente é docente licenciado do Ensino Básico, tendo a vertente de especialização em Administração Educacional, direcionada para Gestão e Avaliação de Projetos, pela Escola Superior de Educação de Leiria.

Desempenhou o cargo de diretor de escola e coordenador de núcleo escolar, durante 21 anos, foi membro do Conselho Pedagógico, da Assembleia de Escola e pertenceu às equipas de elaboração do Projeto Educativo, Projeto Curricular, e Regulamento Interno da Escola Básica e Secundária de Santa Maria.

Na área do Desporto destacou-se no atletismo tendo sido, campeão de ilha e regional de juvenis e juniores, nos 80 e 100 metros e, no futebol, foi jogador do Asas do Atlântico, do Gonçalo Velho e Marienses, em Santa Maria, e do União Sportiva e União Micaelense, em S. Miguel.

Foi docente de Educação Física, durante três anos, no Externato de Santa Maria, e possui os cursos de treinador de futebol de onze e futsal, tendo treinado a seleção de juvenis da ilha, a equipa sénior do Asas do Atlântico e a equipa de veteranos do Clube ANA.

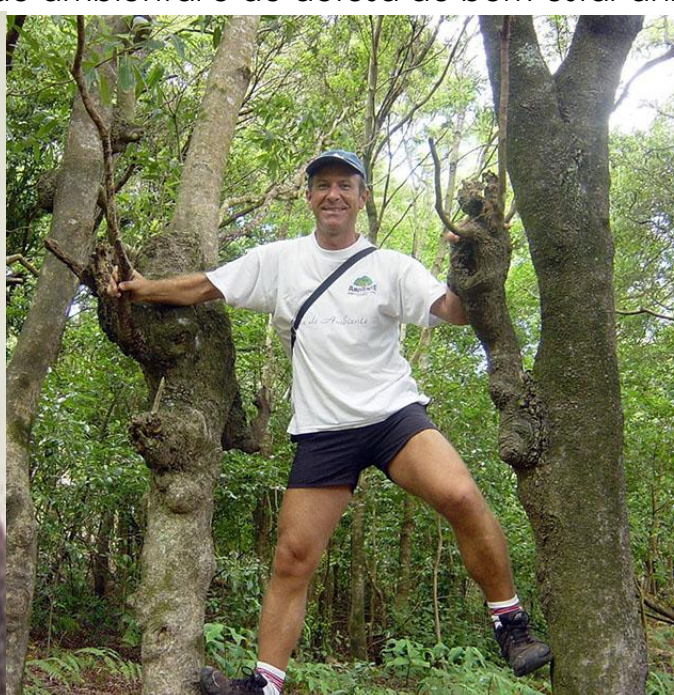
É autor de três Roteiros Pedestres, do Livro "Figuras do Desporto Mariense" (Gala do Desporto Mariense); sendo também coautor do livros "Vila do Porto" (Publiçor), "Lugares a Visitar em Portugal" (Seleções Reader's Digest) e colaborador regular do jornal "O Baluarte" e da Revista ambiental "Vidália", escrevendo esporadicamente para outros jornais e revistas dos Açores, sobre temáticas de ambiente, cultura e turismo.

Na área ambiental é "Formador Acreditado de Educação Ambiental", pela Universidade do Minho e Direção Regional de Educação;

Coordenou a Campanha Bandeira Azul da Europa em Santa Maria, durante os primeiros 12 anos;

Fundou e coordena o Clube dos Amigos e Defensores do Património-Cultural e Natural, desde 1991;

Representa A Associação Ecológica "Amigos dos Açores", em Santa Maria e pertence aos seus corpos sociais, tendo concebido quatro dos cinco Percursos Pedestres PR homologadas da ilha, colaborado nos outros e realizado diversas ações de educação/sensibilização ambiental e de defesa do bem-estar animal dirigidas aos jovens e comunidade em geral.



39º STA Mª 2024

Ainda, criou e é mentor do Blogue "Naturmariense" e do Grupo "Trilhos e Veredas de Santa Maria".

Foi o pioneiro da Campanha SOS-Cagarro em Sta Maria, em 1994, tendo dinamizado/coordenado com o CADEP-CN ações de resgate de aves, durante os primeiros 13 anos da Campanha na ilha.

É Júri do Programa Ecofreguesias, desde 2010 e foi o mentor do Programa radiofónico "Património Humano de Santa Maria", no CAA, durante 2 anos, tendo homenageado 24 ilustres marienses. Possui os Cursos de Implementação de Percursos Pedestres e de Guia de Percursos de Interpretação Ambiental, administrados pela Federação Portuguesa de Montanhismo e Associação "Amigos dos Açores".

Criou a Bolsa de Voluntários do CAMAC de Vila do Porto e o Núcleo de Pedestrianismo e Ambiente do Grupo Desportivo Gonçalo Velho, sendo o responsável pelo Projeto "Pedestrianismo Cultura e Ambiente de Mãos Dadas, em Sta Maria".

Na área social e política é deputado da Assembleia Municipal de Vila do Porto e membro do Conselho de Ilha de Santa Maria.

Foi preletor e apresentou diversas comunicações sobre Ambiente, Turismo e Património Natural e Cultural, em vários seminários e encontros de Educação Ambiental.



39º STA Mª 2024

Homenageamos o destacado mariense Arsénio Puim, um apaixonado por Sta Maria, relevante investigador cultural, jornalista, escritor, humanista e lutador antifascismo, que muito honra a sua ilha, os Açores, a liberdade, a Língua Lusa e Portugal

Arsénio Chaves Puim, nasceu, no pitoresco lugar da Calheta, freguesia de Santo Espírito, no dia 8 de maio de 1936, ilha de Santa Maria, onde frequentou o ensino primário. Ingressou mais tarde no Seminário de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, no qual concluiu o curso de Teologia (1960), adquirindo assim uma sólida e marcante cultura intelectual e humanística, visível em todo o seu exemplar percurso de vida.

Em paralelo com as funções sacerdotais, ainda foi professor de História e Português no Externato do Aeroporto, Santa Maria, na década de 60. Como docente é recordado pelos seus ex-alunos, pelo seu humanismo, competência científico-pedagógica.

Para além da sua inestimável obra de investigação e escrita, nas comemorações dos "50 anos do 25 de abril", que decorrem ao longo de 2024, Arsénio Puim deve ser relevado também como ativista pela democracia e opositor político ao Estado Novo, tendo Participado em movimentos contra o regime fascista.

Em 1970, foi mobilizado para a Guiné-Bissau, como Capelão Militar e patente de Alferes, tendo lá desenvolvido, além das suas funções sacerdotais, uma luta pela liberdade e de combate a injustiças decorrentes dos ideais e ações fascistas, o que lhe valeu a detenção pela PIDE e a expulsão do Batalhão e do CTIG, em maio de 1971.

Regressado aos Açores, ainda exerceu alguns anos de sacerdócio, opondo-se sempre à ligação "promíscua" entre a Igreja e o Estado Novo, Participando ativamente em movimentos contra o Regime Fascista e lutando pela democracia. A sua ficha da PIDE, existente nos arquivos da torre do Tombo, atesta o quanto ele incomodava o Regime Fascista.

Mais tarde, enveredou por outros caminhos e concluiu o curso de enfermagem, em 1976, profissão que, de forma competente, exerceu até ao ano de 1995. Casou-se com Maria Leonor Garoupa Albergaria Bicudo, e teve dois filhos (Pedro e Miguel) e já é avô de outras tantas netas (Maria Emília e Maria Margarida).

Para além da sua nobre riqueza humana, coragem de não se calar e de se insurgir perante ditames políticos e religiosos errados, injustiças e opressões, Arsénio Puim, RELEVADAMENTE, deve ser enaltecido pela sua fina inteligência, vasta cultura, capacidade discursiva, competência de investigação histórico etnográfica e patrimonial, assim como pela sua produção de escrita jornalística e de livros de suma importância para a memória coletiva e registo documental dos costumes, tradições, história e património físico de Santa Maria.

Arsénio Puim, para além de distinto Açoriano, é um dos mais eminentes e reputados filhos de Sta Maria da contemporaneidade. A sua vasta obra histórico etnográfica,

As bastas funções/ações políticas e socioculturais que desempenhou na sua ilha e em Vila Franca do Campo (onde reside atualmente), assim como a sua abnegada luta pela liberdade, constituem préstimos inestimáveis e uma honra para Sta Maria e para os Açores.

Defendo que seja alvo de uma homenagem pública, por parte do Município de Vila do Porto, em parceria com a Edilidade de Vila Franca do Campo, que seja proposto pelos nossos deputados para ser condecorado com a Insígnia Autónoma de Reconhecimento, no dia da Autonomia e que venha a ter uma rua com o seu nome, na Freguesia de Sto Espírito, atribuído pela Junta e Freguesia da sua naturalidade, comprometimento que já consegui da parte desta autarquia.

O “nosso” Arsénio Puim fez 88 anos no passado dia 8 de maio e com esta ajustada homenagem no 39º Colóquio da Lusofonia, reiteramos os parabéns pela vida e pela sua inestimável obra sobre Sta Maria, expressando-lhe também a nossa gratidão e profunda admiração, integrando-o, justamente, no leque das figuras ilustres do Património Humano de Santa Maria.

HOMENAGEM AO "ARSÉNIO PUIM"

ARSÉNIO CHAVES PUIM, filho de António Carvalho Puim e de Maria da Encarnação Chaves, é um ilustre mariense de gema, que nasceu no dia 8 de maio de 1936, na Freguesia de Santo Espírito, tendo passado a sua infância no lugar da Calheta, onde fez a instrução primária. Faz parte de uma família numerosa de 9 irmãos (4 raparigas e 5 rapazes), sendo ele o único filho ainda vivo, assim como três das irmãs.

Ainda adolescente, ingressou no Seminário de Angra, onde completou o Curso de Teologia em 1960. Exerceu a função de sacerdote durante 15 anos, sendo mais de metade desse tempo na igreja de S. Pedro, na ilha de Sta Maria. Aquando das Comemorações dos 400 anos daquele templo, em 2011, Arsénio Puim expressou assim: *“Não sou natural desta freguesia, mas tendo com ela uma indelével ligação, que me deram 8 anos de boa vivência aqui na década de 60, como pároco, é com alegria e emoção que recordo tão significativa efeméride e expresso o meu carinho à sua comunidade”.*

Em paralelo com as funções sacerdotais, ainda foi professor de História e Português no Externato do Aeroporto, Santa Maria, na década de 60. Como docente é recordado pelos seus ex-alunos, pelo seu humanismo, competência científico-pedagógica e por se fazer transportar, na sua lambreta, trajando uma capa académica preta.

Para além da sua inestimável obra de investigação etnocultural, que mais abaixo vou destacar, neste ano das comemorações dos “50 anos do 25 de abril”, QUE ESTE COLÓQUIO TAMBÉM DEU DESTAQUE, Arsénio Puim deve também ser relevado/relembrado como ativista pela democracia e opositor político ao Estado Novo, tendo Participado em movimentos contra o regime fascista. Entre outras ações, foi signatário da Declaração de Ponta Delgada, manifesto da candidatura à então Assembleia Nacional do Major Melo Antunes, pela oposição democrática, em 1969. Em 1970, foi mobilizado para a Guiné-Bissau, como Capelão Militar e patente de Alferes, tendo lá desenvolvido, além das suas funções sacerdotais, uma luta pela liberdade e de combate a injustiças decorrentes dos ideais e ações fascistas, o que lhe valeu a detenção pela PIDE e a expulsão do Batalhão e do CTIG, em maio de 1971.

Nalguns conteúdos das suas homilias, relevando os valores cristãos corajosamente sacudia os ditames da ditadura e da subjugação dos povos pela força, o que muito incomodava o regime, sendo exemplo o seguinte excerto:

“...Cristo apareceu num determinado ponto do curso da história humana e, num programa de autêntico revolucionário, destruiu erros, descentralizou frases legalistas, focalizou as grandes virtudes do amor e da justiça e aperfeiçoou o âmbito dos conhecimentos e da Fé dos homens” E mais a frente: “....Os exércitos também têm a sua mística altamente humanitária, que não a guerra, essa nunca poderá ser um ideal ou valor em si, mas a defesa do direito de todos, a garantia da liberdade dos povos, a consecução da paz justa, o compromisso apenas com verdade.”

Era preciso ter muito arrojo para verbalizar estas ideias, naquele tempo!

Luís Graça, um camarada militar do Arsénio Puim na Guiné, no seu Blogue, descreve assim uma das lutas/insurgimento dele, assim como as consequências do seu arrojo:

“O Puim, enquanto português, capelão de justiça e corajoso oficial do Exército Português, insurgiu-se, protestou ou chamou à atenção para a situação desumana, degradante, em que viviam, numa espécie de galinheiro, em Bambadinca, velhos, mulheres e crianças que foram “recuperados” de uma tabanca no mato, sob controlo do PAIGC (que “eles” chamavam, pomposamente, “áreas libertadas”, na famigerada área do Poindon / Ponta do Inglês onde levámos muita porrada ao longo da guerra...)!

(...) Alguém, discreto, fez-me chegar a nova de que algo de grave se passava com o Puim. Fui ver. Encontro o Puim sentado na cama, nervoso mas determinado, olhando uns sujeitos que impiedosamente lhe desmantelavam o quarto descarnado, de asceta, à cata de ... Abriam, fechavam gavetas, apressados ... Acabei expulso do quarto. (...) O que fizeram depois ao Puim, os seus comandantes, os do BART 2917, o AC e o BB, foi de uma grande pulhice humana."

Depois de grossamente importunado pela PIDE e expulso, regressou aos Açores. Aqui, ainda exerceu alguns anos de sacerdócio, opondo-se sempre à ligação "promíscua" entre a Igreja e o Estado Novo, Participando ativamente em movimentos contra o Regime Fascista e lutando pela democracia. A sua ficha da PIDE, existente nos arquivos da torre do Tombo, atesta o quanto ele incomodava o Regime Fascista.

Mais tarde, enveredou por outros caminhos e concluiu o curso de enfermagem, em 1976, profissão que, de forma competente, exerceu até ao ano de 1995, quando se aposentou.

Casou-se com Maria Leonor Garoupa Albergaria Bicudo, em 1979 (sendo a constituição de uma família um dos móveis que o fez sair do clero), teve dois filhos (Pedro e Miguel) e já é avô de duas netas e de um neto (Maria Emília, Maria Margarida e o Pedro).

Para além da sua nobre riqueza humana, coragem de não se calar e de se insurgir perante ditames políticos e religiosos errados, injustiças e opressões, o investigador/escritor Arsénio Puim, relevantemente, deve ser apreciado pela sua fina inteligência, vasta cultura, capacidade de escrita clara e direta, competência de investigação histórico etnográfica e patrimonial, assim como pela sua produção de escrita jornalística e de livros de suma importância para a memória coletiva e registo documental das atividades económicas, costumes, tradições e património físico de Santa Maria, pois se não o fizesse em registo físico, cairiam no esquecimento e deixariam de fazer parte da história da ilha e da afirmação do seu povo.

Tal como dizia Hermann Hesse: **"Sem palavras, sem escrita e sem livros não haveria história, não poderia haver conceito de humanidade"**. Não podemos falar em "memória" sem falarmos simultaneamente em "história", pois são dois temas/áreas que por norma andam em paralelo, mas os seus conceitos são distintos, embora complementares.

A "memória" é a capacidade que o homem (ou povo) tem em colecionar em si determinadas informações experimentais, visuais ou não, de um determinado evento, lugar ou tempo que tenha vivenciado anteriormente, enquanto "história" é a sistematização, interpretação e perpetuação dessas memórias, associadas a outras e complementadas por registos corroborativos/contributivos, devendo ser plasmados em escritos palpáveis, a fim de sobreviverem aos tempos e às gerações.

Assim, o fez Arsénio Puim, e muito bem!

Uma certeza é que uma terra sem memória e sem história é um espaço vazio, incaraterístico e sem "ADN", qual corpo sem alma, que se desfaz e jaz no esquecimento.

Outra certeza é que a história quando é "construída", não só através dos registos documentais, mas alicerçada nas experiências pessoais e vivências reais, a tornam muito mais viva e mais nos transporta para dentro dela.

O Arsénio Puim, através dos seus livros dá supremo contributo para não acontecer a "1ª certeza" e, relevantemente, para acontecer a "2ª certeza", pois o conteúdo das suas obras comportam uma forte base vivencial do seu autor, como ele próprio o diz:

"Convivi dia a dia e sempre estive dentro das muitas vivências laborais, festivas e culturais do povo mariense, assim como do seu singular e fascinante linguajar, vivenciando-as e até praticando-as, conservando, talvez um pouco emoldurada pelas imagens da infância e pela distância no tempo, a recordação das azáfamas, dos sacrifícios, das animações e emoções que aquelas atividades outrora representavam, sendo, muito por isso, imbuído a transportá-las para a escrita, misturadas com o meu sentir, fazendo-as assim perdurar, de forma viva, na memória coletiva".

Arsénio Puim, em muito do que reportou para a escrita, foi uma espécie de "investigador/escritor Participante"!

A acesa paixão, ligação estreita e colada identificação com as suas raízes e "ilha-berço" sempre foram constantes na vida de Arsénio Puim, expressas nas suas bastas vindas e longas estadas na ilha, mas sobretudo nos seus muitos escritos de investigação, defesa, valorização e de promoção da identidade cultural e humana de Santa Maria, **não sendo de descurar também a sua ação/contribuição política como vereador e depois Presidente da Câmara Municipal de Vila do Porto, na década de oitenta.**

Durante uma cerimónia pública de apresentação de uma das suas obras em S. Miguel, Arsénio Puim expressou que com os seus escritos, para além do contributo documental que possam constituir, *"Pretendo manter viva a chama de Santa Maria no seu coração, pois é daquela Ilha que brota o sangue das minhas veias e a terra que sinto nas batidas do meu coração."*

Atualmente, a residir em Vila Franca do Campo, Arsénio Puim diz que *"jamais me esquecerei do meu amor à Ilha, que foi meu berço, primeiro agasalhou e me vinculou a alma."* (Correio dos Açores, 2008)

Nas áreas da investigação, da escrita documental e do jornalismo, apresento abaixo alguns dos seus brilhantes e inestimáveis trabalhos:

- Lançamento do desafio/convite a um grupo de marienses, para o avanço da II Série do Jornal "O Baluarte", tendo sido cofundador junto com os também reputados marienses João de Braga e José Dinis Resendes. Foi diretor deste mensário entre 1977 e 1982.

- Publicação de articulados jornalísticos em diversos jornais de S. Miguel e de Sta Maria, destacando as muitas publicações, durante mais de 40 anos, no “seu” (nosso) “Baluarte”, de trabalhos resultantes das suas investigações histórico etnográficas e do património de Sta Maria, assim como das idiossincrasias e *modus vivendi* do seu povo, tais como: tecelagem (lã, linho, retalhos.) trajes típicos, folclore e folias, trabalhos e alfaías agrícolas (carro de bois, vindimas, debulhas...), festividades religiosas (Natal, impérios e outras), linguajar mariense, baleação, olaria, ermidas e igrejas, moinhos de vento e azenhas, ribeiras e grutas, tendo sido também um grande companheiro de causas comuns, nomeadamente na defesa e valorização da nossa singular e identitária “casa típica mariense”, que urge de um elenco camarário com sensibilidade e responsabilidade para avançar com um Plano de Salvaguarda.

- Publicação do livro **«A Pesca à Baleia na Ilha de Santa Maria»** (2001). Edição do Museu de Sta Maria e da junta de Freguesia de Sto Espírito.

Trata-se de um livro-documento sobre a baleação na Ilha de Sta Maria, com a imagem de capa da “Foto Pepe”, tendo o autor o dedicado “ A todos aqueles que, com as suas vidas, o seu saber e a sua bravura, e na busca do pão de cada dia, realizaram a história baleeira da ilha de Santa Maria”

- Publicação do livro **«O Povo de Santa Maria - Seu Falar e Suas Vivências»** (2008). Edição da Câmara Municipal de Vila do Porto.

O livro foi lançado no dia 10 de agosto, de 2008, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, com a apresentação do Senhor João de Braga, que sobre o seu conteúdo expressou o seguinte:

“ Santa Maria passou a dispor de um documento que será a memória viva, através dos tempos, da nossa índole de povo, que povoou e desbravou com muito esforço e coragem este “naco de terra”, assim como das árduas labutas para nele sobreviver. O Livro reflete toda esta realidade de vida, sendo um autêntico monumento descritivo e etnográfico do linguajar e “modus vivendi” marienses que estabelece uma ligação entre as gerações antigas e as novas.”

No dia 12 de dezembro de 2009, a obra teve relançamentos em Vila Franca do Campo, Vila irmã de Vila do Porto, desde 1984 e localidade onde o Arsénio Puim reside atualmente.

- Publicação do livro **«As Ribeiras de Santa Maria - Seus Percursos e História»** (2009). Edição do Jornal “O Baluarte”.

A obra foi lançada no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Vila do Porto, no dia 14 de agosto de 2009. Na apresentação do livro, Arsénio Puim expressou que: *“A importância das ribeiras de Sta Maria, vai muito para além da realidade física e geográfica, tendo uma relação estreita com a vida das pessoas, apontando alguns dos seus préstimos, tais como o lavar da roupa, colocar o linho de “infusão”, plantação de inhames nas margens, saciar a sede ao gado, força motriz das azenhas, etc.”* Relevou também o autor que *“As ribeiras também encerram uma marcante vertente histórica. E essa história começou no séc. XV, à altura do povoamento, tendo os cursos de água sido determinantes para a fixação das pessoas e para a sua sobrevivência.”* Aproveito o ensejo para agradecer novamente e “de coração”, ao grande Arsénio Puim pelo reconhecimento público que ele me fez, pelo facto de ter colaborado neste livro e fornecido várias fotos das ribeiras que ele descreveu na obra, tendo ficado emocionado quando expressou que *“Além de agradecer à Foto Pepe pela imagem da capa, estendo uma gratidão especial ao Professor José de Melo, homem que conhece como ninguém as ribeiras, o património e os recantos naturais de Sta Maria e a quem a ilha deve um trabalho invulgar a favor da etnografia e na defesa abnegada do património histórico, dos fósseis, da geologia, dos animais e do ambiente da mesma”*.

Este elogio talvez regado de algum exagero, mas vindo de uma ilustre figura, que muito aprecio e me proporcionou referências, constituiu (ainda constitui), sobretudo, incentivo para continuar na luta e ação na defesa, valorização e divulgação do património natural e cultural da nossa ilha de paixão.

Relevo, ainda, que este livro e outras obras suas foram apresentadas junto da “diáspora”, no dia 10 de outubro de 2010, no Clube Português de Hudson, tendo recebido grande apreciação e alegria junto dos nossos emigrantes, com os quais ele sempre teve um carinho e ligação especiais.

-- A sua Publicação mais recente, foi no passado dia 29 de agosto, com o excelente livro **«A Pesca à Baleia na Ilha de Santa Maria e Açores»**. Edição Letras Lavadas, com o apoio da Câmara Municipal de Vila do Porto, tendo eu tido o privilégio de fazer o prefácio e a apresentação do mesmo, aqui nesta sala, que esteve totalmente cheia, o que atesta a grande apreciação, enorme carinho para com o Arsénio Puim e elevado interesse pela obra do investigador/escritor.

O distinto investigador cultural, jornalista e escritor Arsénio Puim já recebeu alguns reconhecimentos públicos em S. Miguel (nomeadamente em Vila Franca), junto da diáspora e, por maioria de razão, em Sta Maria, tendo o seu amigo e companheiro do Baluarte, João de Braga, conjugado os eventos das apresentações dos seus livros, na Câmara Municipal de Vila do Porto, com pequenas homenagens ao autor.

“Arsénio Puim, é um homem de sentimentos e emoções fortes, muito ligado à sua Calheta e a Sta Maria, atuando sempre nos cargos que ocupou, no Baluarte, na Câmara Municipal e na sua vida profissional, com muita competência e de forma sensata e inteligente. Além de nos presentear com seus escritos fabulosos, tem sempre uma historinha para contar, de pessoas e acontecimentos ligados a Sta Maria, o que faz com graça, humor cativante e uma ternura filantrópica”. (Extrato do discurso do J. Braga, na apresentação do Livro “O Povo de Sta Maria o Seu Falar”, (10/08/2008).

Outra faceta marcante na vida do Arsénio Puim foi ter sobrevivido ao naufrágio do Arnel, onde faleceu, infelizmente, a sua mãe, Maria da Encarnação Chaves, e também o meu avô Joaquim Soares de Melo, em 19 de setembro de 1958. Três anos mais tarde, o meu pai também faleceu num acidente no mar, tendo ele para mim e para o Arsénio um sabor “agridoce”, que tanto dá e também tira, “tendo muito do seu sal, lágrimas nossas e de Portugal”.

Radicalizou-se em Vila Franca do Campo em 1982, e fazendo valer a sua dinâmica intrínseca, fina inteligência, amor à cultura e vontade de servir, também desenvolveu neste concelho uma vasta ação comunitária, política e cultural, tendo sido colaborador regular do Jornal “A Crença”, vereador e membro da Assembleia Municipal de Vila Franca do Campo e Presidente das Assembleias das Freguesias da Ribeira das Tainhas e da Ribeira Seca e membro da Mesa da Santa Casa da Misericórdia. Ainda exerceu as funções de Presidente da Associação de Pais na Escola Secundária de Vila Franca do Campo e de Lagoa, membro da Comissão de Proteção de Menores e de Delegado Sindical (Sindicato dos Enfermeiros Portugueses).

Neste derradeiro ciclo social, o projeto de conhecimento antropológico de Arsénio Puim ganha dimensão e prestígio, construindo-se numa rede relacional entre dois espaços insulares, Santa Maria, a sua “Ilha Mãe” assumida, objeto vivido, observado, pensado e descrito, espaço estrategicamente privilegiado de produção-transmissão, editorial-receção das recolhas efetuadas e a ilha de São Miguel (Vila Franca do Campo), espaço de residência familiar, terreno-laboratório de transcrição e processamento das pesquisas de terreno.

Em suma, os estudos de Arsénio Puim ocupam posições distintas na configuração dos campos antropológicos da ilha de Santa Maria (centralidade) e de Vila Franca do Campo, lugar que, desde as primeiras décadas do século XX, se tornou um espaço singular de conhecimento etnológico da cultura açoriana, graças aos trabalhos pioneiros do advogado e intelectual Urbano de Mendonça Dias (1878-1951) e do Padre Manuel Ernesto Ferreira (1880 -1943).

Arsénio Puim, para além de distinto Açoriano, é um dos mais eminentes e reputados filhos de Sta Maria da contemporaneidade. A sua vasta obra histórico etnográfica, as bastas funções/ações políticas e socioculturais que desempenhou na sua ilha e em Vila Franca do Campo, assim como a sua abnegada luta pela liberdade, constituem préstimos inestimáveis e uma honra para Sta Maria, Vila Franca do Campo e para os Açores.

Defendo que seja alvo de uma homenagem pública, por parte do Município de Vila do Porto, em parceria com a Edilidade de Vila Franca do Campo, no decorrer da Festas do Concelho (15 de agosto); que seja proposto pelos nossos deputados para ser condecorado com a Insígnia Autónoma de Reconhecimento, no dia da Autonomia e que venha a ter uma rua com o seu nome, na Freguesia de Sto Espírito, atribuído pela Junta e Freguesia da sua naturalidade, comprometimento que já consegui da parte desta autarquia.

O “nosso” Arsénio Puim fez 88 anos no passado dia 8 de maio e com esta ajustada homenagem, aqui no 39º Colóquio da Lusofonia, reiteramos os parabéns pela vida e pela sua inestimável obra sobre Sta Maria, também relevante para a cultura açoriana, expressando-lhe a nossa gratidão e profunda admiração, integrando-o, justamente, no leque das figuras ilustres do Património Humano de Santa Maria.

BAM HAJAS ARSÉNIO PUIM!

_Vila do Porto, 6 de outubro de 2024

- José de Andrade Melo

Caro e ilustre presidente da AICL Chrys Chrystello,

Restantes elementos da Organização do 39º Colóquio da Lusofonia, entidades presentes, ilustres escritores lusófonos e demais congressistas

A minha saudação a todos(as) vós e enorme gratidão aos organizadores, pela deferência de um espaço para a homenagem que me vão fazer, integrada nesse prestigiado evento, me sentido triplicadamente honrado:

1 - pela lembrança do reconhecimento; 2 - pelo nobre âmbito da sua integração e 3 - por acontecer na minha querida Santa Maria, cujo falar tradicional do seu povo contém características e elementos muito ricos da nossa lusofonia.

Agradecimentos especiais ao amigo José Melo, proeminente professor, destacado ecologista, e também investigador e obreiro de bastos artigos sobre o património, humano, cultural e natural da “ilha mãe”, assim como à arreigada amante e defensora da nossa terra, Ângela Loura, pelo contributo que deu para que tal acontecesse.

Fico muito pesaroso por não poder fruir da tríplice honra, a que aludi, “em presença física”, pelo motivo inadiável de estar em Lisboa na mesma altura, em exames e tratamentos médicos, que muito tempo levou para terem vacatura

Apresento as minhas desculpas e agradeço a vossa compreensão, sentindo-me presente de alma e coração.

Congratulo-me com a realização deste colóquio na ilha de Santa Maria, cuja linguagem e cultura populares constituíram o objeto da minha primeira aprendizagem da fala e, posteriormente, têm merecido o meu interesse e estudo.

Reiterada gratidão, parabéns pela organização do evento e votos de bom trabalho, com rendíveis êxitos a bem da Língua Portuguesa e da Cultura Açoriana.

Bem hajam!

Vila Franca do Campo, 06/10/2024

Arsénio Puim

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º SANTA MARIA 2024

27. JOSÉ LUÍS JÁCOME, EMPREENDEDOR, MONTREAL, QUEBEQUE, CANADÁ, AICL, ZOOM ONLINE



José Luís Raposo da Silva Jácome (nome original) nasceu na Ribeira Grande, São Miguel, Açores, em maio de 1949, tendo chegado a Montreal com parte da sua família em março de 1958. Vinham juntar-se ao pai que chegara ao Canadá quatro anos antes a bordo do navio *Homeland*. Fez os seus estudos universitários no Canadá em Comunicações e Ciências, respetivamente na Universidade de Montreal e na Universidade de Sherbrooke. Fez igualmente estudos sobre a indústria aeronáutica na *École Nationale d'Aérotechnique*. No início da década de 1980, foi cofundador do *Symposium de maintenance d'aéronefs du Québec*, organismo que ao longo de 20 anos deu formação a especialistas da aviação. Ocupou cargos de elevada responsabilidade na empresa *Pratt & Whitney Canada*, um expoente mundial no domínio aeronáutico, tendo aí exercido funções durante 25 anos. Entre os cargos desempenhados, foi Assistente Executivo do Presidente e Chefe de Direção (6 anos) e Diretor das relações públicas da empresa (10 anos). Entre 2002 e 2015 foi igualmente Diretor-Geral e Presidente da divisão do Quebec da *Canadian Manufacturers and Exporters Association (CME)*, Paralelamente à sua carreira profissional, exerceu funções em regime de voluntariado em vários organismos de vocação social, artística e económica: *Centech*, um ninho de empresas tecnológicas da *École technologie Supérieure* (15 anos), *Orchestre symphonique de Longueuil* como Vice-Presidente e Governador (20 anos). Em 1995, contribuiu para a criação do *Club des petits déjeuners*, um organismo que promove a alimentação de cerca de milhares de crianças no Canadá. José-Louis Jácome, Montreal, Quebec, Canadá, atualmente coach e mentor (*Réseau Mentorat*) junto de empresas tecnológicas em formação sediadas em Montreal. Enquanto voluntário para *Catalyste+* (Serviço de assistência canadiano a organismos), coordenou um projeto de desenvolvimento económico na Tanzânia (2016-2020) e executa mandatos em diversos países do terceiro mundo. As suas intervenções tanto em Montreal como nesses países incidem especialmente sobre a planificação estratégica e a eficiência operacional e organizacional bem como sobre a criação de ninhos de empresas tecnológicas. Em 2018, publicou o livro autobiográfico, "De uma ilha para outra" que foi editado em três línguas portuguesa, francesa e inglesa. O livro e/ou a exposição que o acompanha foram apresentados em Montreal, S. Miguel, Toronto e áreas à volta de Boston. Publicou vários artigos sobre a primeira vaga de imigração açoriana para o Canadá na década de 1950 no seu site jljacome.com. Também produziu ou participou em várias exposições no Canadá e nos Açores sobre esta temática. Em 2023, será publicado um segundo livro, uma coletânea de receitas açorianas da mãe, a propósito das comemorações dos 70 anos do início desta imigração em maio de 1953.

PARTICIPOU NA MESA REDONDA DA DIÁSPORA



2024
71 anos
da emigração
portuguesa para o
Canadá



Em 1958, José Luís Raposo da Silva Jácome, pouco antes da grande partida.



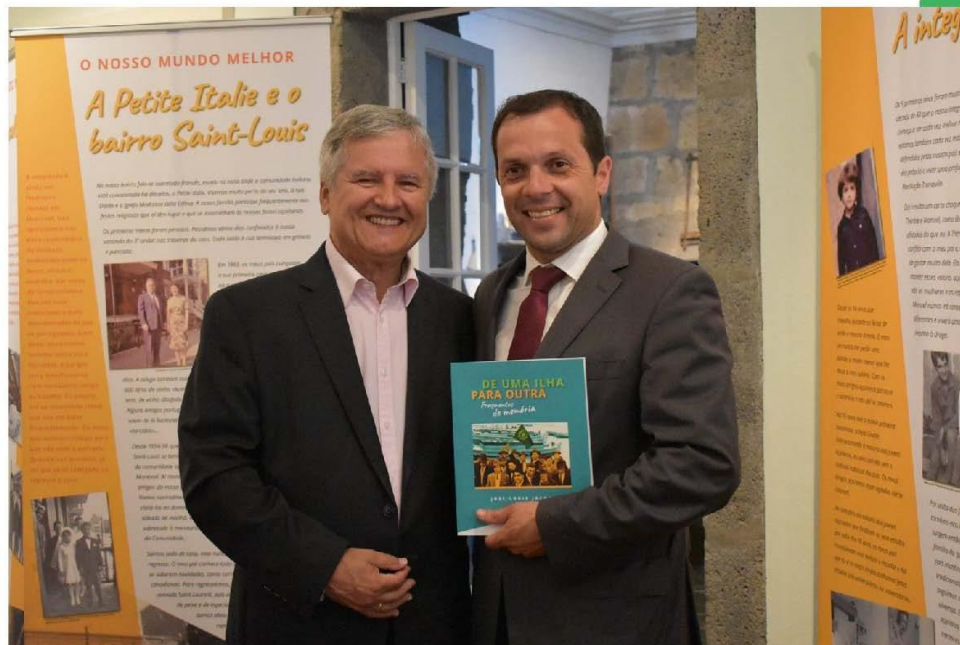
« Eu também sou donde venho »

DE UMA ILHA PARA OUTRA

Fragmentos
de memória

JOSÉ-LOUIS JACOME

Lançamento do livro - junho de 2018



O contexto, **precariedade**



- Fim dos anos 1940, camponês ganhava 4 escudos por dia
- 1954-55, 10-15 escudos por dia
- Apenas o bilhete (5.300 escudos) Canadá, 3,84 anos
- Famílias eram grandes
- Comida era pouca, a carne só nos dias de festa

O contexto, **precariedade**, excesso demografico

No ano de 1952 assiste-se a uma importante intervenção, na Assembleia Nacional, do deputado pelo distrito de Ponta Delgada, **Armando Cândido**, precisamente sobre a problemática do "excesso demográfico". Baseando-se num estudo desenvolvido pelo Engº. **Pedro Cymbron**, também deputado e Presidente da Junta Geral de Ponta Delgada.

- **30 400 trabalhadores rurais**
- **2 800 000 jornas disponíveis**
- **92 dias por ano, ou 3 ½ meses - para 85 % dos camponeses**
- **só 15 % dos camponeses, salário garantido**

Carlos Cordeiro, Artur Boavida Madeira. **Nos primórdios da emigração açoriana para o Canadá: Leituras e contextos**

Condições mínimas

14 fevereiro 1953 (p 153 A-C)

Diario dos Açores

- Homens, idade entre os 22 e os 35 anos
- Habilitações literárias, 3.ª classe
- Capacidade financeira, 10 000 es
- Forte robustez física,
 - emigrante e família
- Registo criminal limpo
- Pelo menos 1 ano no Canadá
- Proibido de ir do Canadá para os EU
- Inscrições de 18 a 28 fevereiro

O DIÁRIO DOS AÇORES. LDA

A SAÍDA DE MICAELENSES para o Canadá

Condições a que devem obedecer as pessoas que desejem emigrar

As condições mínimas que devem reunir os pretendentes emigrantes, com destino ao Canadá, são as seguintes:

- a) — serem portugueses, do sexo masculino e de maior idade compreendida entre os 22 e os 35 anos;
- b) — possuírem como habilitações literárias mínimas o conhecimento da leitura e escrita da língua portuguesa;
- c) — possuírem forte robustez física necessária para o desempenho da sua profissão.

A robustez requerida será oportunamente verificada, tanto para o pretendente emigrante, como para as respectivas famílias, por meio de radiografias do tórax e análises, mesmo não seguindo agora as pessoas de família na sua companhia.

Não deverão possuir qualquer defeito físico ou deficiência mental, nem serem portadores de enfermidade contagiosa ou evolutiva, tuberculose, tracoma ou sífilis.

Para a família, isto é, mulher e filhos, é exigida a mesma sanidade física e mental.

- d) — possuírem capacidade financeira susceptível de fazer face às despesas de deslocação e restantes;
- e) — possuírem idoneidade moral oportunamente atestada pelo Registo Criminal.

NOTA: — Só serão aceites «trabalhadores agrícolas» e «operários indiferenciados», habituados a trabalhos pesados. Os artifices e todos os demais empregados serão excluídos.

Os trabalhos de selecção das pessoas que desejem emigrar começam já na próxima segunda-feira, e seguem-se de harmonia com o horário seguinte.

2.ª-Feira, 2 de Novembro — às 9.30 horas — na Câmara Municipal de Nordeste; às 14 horas — idem da Povoação.

3.ª-Feira, 3 de Novembro — às 9.30 horas — na Câmara Municipal de Vila Franca do Campo; às 14 horas — idem da Ribeira Grande.

4.ª-Feira, 4 de Novembro — às 9.30 horas — Na Câmara Municipal da Lagoa; às 14 horas — Na Inspeção de Saúde em Ponta Delgada.

5.ª-Feira, 5 de Novembro — às 9 horas — No Hospital do concelho de Nordeste; às 14 horas — idem da Povoação.

6.ª-Feira, 6 de Novembro — às 9 horas — No Hospital do concelho de Vila Franca do Campo; às 14 horas — idem da Ribeira Grande.

Sábado, 7 de Novembro — às 9 horas — na Câmara Municipal da Lagoa; às 14 horas — Na Inspeção de Saúde, em Ponta Delgada.

23 de abril de 1954



Grupo de emigrantes açorianos no porto de Ponta Delgada, São Miguel, antes da partida a bordo do Homelands, a 23 de abril de 1954, para Halifax, Canadá.
O meu pai, Manuel da Costa Jacome, agita a bandeira portuguesa. À sua esquerda, um dos seus grandes amigos, o Jaime Pinheiro.

ATAS 39º colóquio da lusofonia 2024

A partida do meu pai, 23 de abril 1954

HOME LINES									
HOME LINES INC. GENERAL AGENTS									
IN THE UNITED STATES: HOME LINES AGENCY INC. 40 BROADWAY, NEW YORK 10, N.Y.									
IN CANADA: HOME LINES AGENCY INC. 1000 MOUNTAIN VIEW, MONTREAL, P.Q.									
TOURIST CLASS PASSAGE TICKET AND CONTRACT N° W. 127298									
FROM PONTA DELGADA					TO HALIFAX - CANADA				
PER VESSEL HOMELAND					SAILING 23/4/54 AT				
NAME OF PASSENGER									
Mr. MANUEL DA COSTA JACOME									
CABIN									
SEX M									
NATIONALITY Portug.									
AGE Ad 1									
FARE 4,872\$00									
TOTAL PASSENGER FARES 4,872\$00									
TOTAL PASSENGER TAXES 428\$00									
TOTALS 5,300\$00									

5300 escudos = 176\$ canadanas = 353 dias = 3,84 anos

Testemunho do Gil Andrade

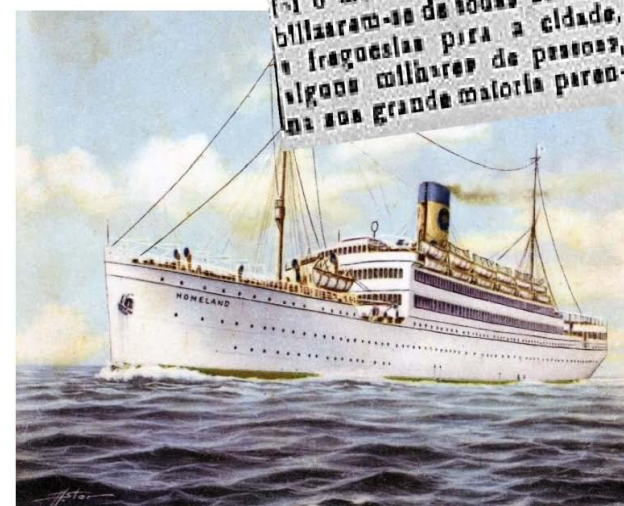


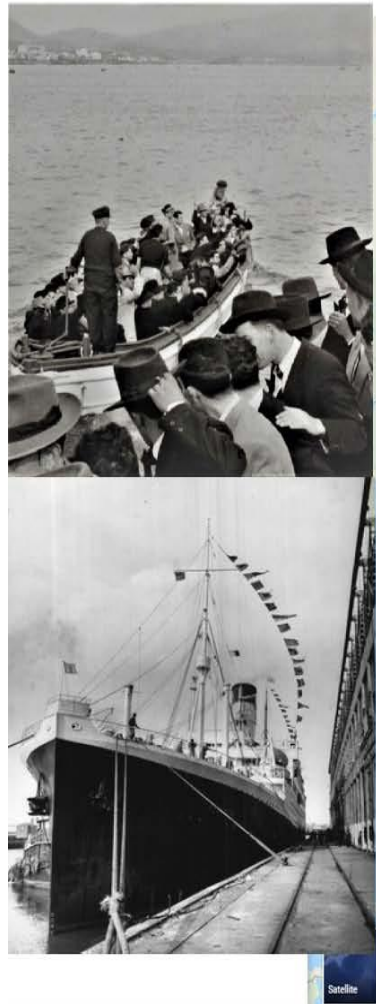
1954, o ano Micaelense

23 de abril

Viagem 2

O **Homeland** fez sua segunda viagem entre São Miguel, Açores e Halifax, Canadá. Levava **450 micaelenses**. O navio chegou às 13:20 e o embarque começou às 14h no molhe Salazar





4 anos mais tarde, 25 de março de 1958





Hoje vamo-nos encontrar com o meu pai em Montre
Embarcámos num minúsculo bimotor da SATA, um Do
104. Tanto a minha mãe, como o Manuel, a Teresinha e
próprio estávamos nervosos e sentimo-nos perdidos quan
o avião se lançou na pista de Santana. Alguns segund
depois, passou por cima duma falésia abrupta e, de reper
encontrámo-nos por cima desse monstro que evitamos com
a peste, o mar, suspensos e projetados no vazio. O vo
horrível, gritamos e agarramo-nos uns aos outros como pa
nos salvamos, como para evitar o pior.

Dois voos e 15 horas depois, chegamos a uma outra il
Montreal! A paisagem é muito diferente, branca e fi
parece um outro planeta... No aeroporto, a Teresinha
Manuel viram o papá pela primeira vez. Só tinham 2
anos quando ele partiu de S. Miguel.



José Luis Jácome, 1958



Rua das Rosas, Ribeira Grande, S. Miguel, Açores, 1976



Um mundo completamente diferente

- Meu pai tinha escrito que o Canadá era
- Um país muito frio:
- Chegamos de calça curta, casaco pequeno e sapatos em um dia muito tempestuoso
- Um país muito grande:
- Para nós, Ponta Delgada, a 13 km, era o fim do mundo
- Fomos parar para o terceiro andar de um prédio, sem quintal
- Durante os primeiros meses, nosso playground era uma varanda no terceiro andar
- Quando saíamos para brincar na rua, os jovens batiam na gente

O salto vertiginoso, o que vimos pela primeira vez:

- Um avião
- Neve
- Uma televisão e imagens em movimento
- Um rádio
- Um jornal
- Um telefone
- Um frigorífico
- Um fogão
- Uma máquina de lavar roupa
- Eletricidade (casa e rua)
- Água corrente em casa
- Casa de banho
- Sons, outros que vozes, em casa
- Carros nas ruas



- E encontramos o nosso pai
- Quando ele saiu, eu tinha quase 5 anos, Manuel, 3 1/2 anos, Terezinha, 2 anos
- Quando chegamos a Montreal; Eu com quase 9 anos, o Manuel com 7 anos 1/2 e a Terezinha com 6 anos. (Passaporte da minha mãe, arquivo da família, 1958)

Fotos que nos contaram pouco sobre o Canadá



Temas menos falados; as mulheres e, ainda menos, as crianças



Em 1958, José Luís Raposo da Silva Jácome, pouco antes da grande partida.

Não me recordo de que o assunto da integração num novo país e das suas dificuldades tenha alguma vez sido discutido na nossa família nos Açores ou durante os nossos primeiros dias em Montreal.



« Eu também sou donde venho »

O NOSSO MUNDO MELHOR



Em 1958, José Luís Raposo da Silva Jácome, pouco antes da grande partida.

À nossa volta, na escola, na igreja, vivíamos numa sociedade homogénea, católica, francófona e branca. Éramos católicos, brancos, mas não éramos francófonos. Além disso, eu tinha uma tez bronzeada permanente que rapidamente **me tornou um estrangeiro**.



A nossa integração



De março até setembro 1958, a varanda do 3º andar foi, muitos dias, o nosso novo campo de jogos

Antes era a rua das Rosas, a praia de Monte Verde e a casa do Dr Albano, acima da rua do Vencimento

A nossa integração



A emigração é ainda um fenómeno recente em Montreal.

Tinha italianos, gregos mas muita tensão entre canadenses e imigrantes.

Cada saída à rua terminava em gritaria e pancada.

Eu próprio, até ao secundário (1964), tive que me bater frequentemente.

A escola como as atividades paraescolares facilitaram a nossa integração

A nossa integração



No nosso bairro falava-se sobretudo francês, exceto na zona onde a comunidade italiana estava concentrada há décadas.

Festas que se assemelham às nossas festas açorianas.

A nossa integração



Turma do 5º ano, escola de St-Jean-de-la-Croix na Petite Italie. Estou no centro, na última fila, único com um aspeto bronzeado. O único imigrante na turma. Hoje, a maioria destas turmas certamente é constituída por imigrantes. 1962

A nossa integração



Como imigrantes, fazíamos tudo para nos integrarmos na nova comunidade, mas nem sempre foi fácil.

A diferença nos hábitos culinários entre os imigrantes e a comunidade anfitriã causava vários problemas de integração. Na escola, as sandes e os lanches que a minha mãe preparava geravam observações depreciativas e sorrisos humilhantes. Os nossos camaradas diziam-nos: «Cheira mal, grrr...» apertando o nariz e fazendo uma careta. Era mesmo humilhante! Quantas vezes pedimos à minha mãe um lanche à canadiana?

Eu até desenvolvi uma «técnica» astuciosa para que a saborosa sandes escapasse à curiosidade dos amigos. Envolvia a sandes com as duas mãos para esconder o seu conteúdo estranho e rústico aos olhos dos meus amigos.

A nossa integração

No final da minha escola primária, em 1963-1964, cinco ou seis anos após a minha chegada a Montreal, dá-se uma revolução musical mundial com os *Beatles* e com um novo som que vinha da Inglaterra.



A nossa integração

Celebrações da vitória de Portugal no Euro 2016 no coração do bairro português em Montreal, na avenida Saint-Laurent, na esquina com a rua Rachel.

A minha filha Marie-Élaine com o meu filho Philippe. À direita está o Samuel, filho do meu irmão Marc, nascido em Montreal. Atrás, vestida de branco, Fernande, a minha esposa.



FIM



Cesto de vime levado pela minha mãe em 1958

PARTICIPOU (ONLINE) PELA PRIMEIRA VEZ NO 38º NA RIBEIRA GRANDE EM 2023 REPRESENTANDO A AEA E A SOLO ONLINE EM 2024 NO 39º EM SANTA MARIA

28. LEONOR SIMAS-ALMEIDA, PROFESSORA CATEDRÁTICA EMÉRITA DE ESTUDOS PORTUGUESES E BRASILEIROS DA UNIV BROWN, EUA, PRESENCIAL,

Leonor Simas-Almeida

Professora Catedrática Emérita de Estudos Portugueses e Brasileiros

Leonor Simas-Almeida nasceu em Lisboa, Portugal, onde em 1975 se licenciou em Literatura Portuguesa e em 1979 em Filologia Românica.

Durante catorze anos foi professora em Portugal.

Em 1989, foi enviada pelo ICALP (atual Instituto Camões) para a Universidade de Brown para ensinar língua e cultura portuguesas.

Na Brown, obteve o Mestrado (1999) e o Doutoramento (2004) em Literatura Comparada.

Desde 1989 até ao presente, tem lecionado cursos de língua, cultura e literatura portuguesas e, mais recentemente, de Literatura Africana Lusófona no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros.

O ensino e a investigação da Dra. Simas-Almeida abrangem diferentes períodos e diferentes géneros da literatura portuguesa.

No entanto, o seu trabalho centra-se mais particularmente na ficção narrativa e, ultimamente, tem vindo a refletir um forte interesse no papel cognitivo das emoções na análise literária. Tendo começado por aplicar o seu enfoque nas “emoções inteligentes” à narrativa do século XIX e à literatura comparada (o seu principal campo de estudo), tem vindo a alargar a sua abordagem teórica à ficção portuguesa do século XX e à literatura africana lusófona.

A tradução literária é outra área de especial interesse para a Dra. Simas-Almeida, que publicou traduções de ensaios e contos do inglês para o francês e, na sua maioria, do inglês para o português.



38º COLÓQUIO ribeira grande 2023

39º sta mª 2024



ESTEVE PRESENTE NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E PARTICIPOU NO 39º EM SANTA MARIA 2024



19º MAIA 2013



21º MOINHOS 2014



39º sta mº 2024

LAURA AREIAS Nasceu em Portugal.

PhD, Tulane University, Luisiana. EUA

De 1884 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA); Professora convidada em Baucau (Timor-Leste) e Porto Rico.

Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono.

Conferências, artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos.

Integra o Grupo 6 do CLEPUL desde 2008.

Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fantoques. Licenciada em Filologia Clássica, na Universidade de Lisboa, Doutora pela Tulane University da Luisiana, Nova Orleães, USA, em estudos portugueses e brasileiros.

Desde 1973 tem lecionado em Portugal, Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães, Timor-Leste, e Porto Rico.

Tem publicado livros e artigos nas áreas da sua especialidade: Humor e Insularidade.

É membro fundador da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies, Filadélfia, desde 1996 e, de 2008 investigadora do Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da FL, Universidade de Lisboa.

É violinista amadora.



25º MONTALEGRE 2016



25º MONTALEGRE 2016



27º BELMONTE 2017

BIBLIOGRAFIA

(1983) **Cesário Verde. Uma proposta de trabalho**, Bom, Laurinda & Laura Areias, Lisboa: Livros Horizonte 1983

(1994) *Portugál Nyelvkönyv. (Manual de Português)* Laura Areias / Bernardette Godinho / Vera Lantos. Budapeste, Nemzeti Tankönyvkiadó, 419 p., português/húngaro. (Edição apoiada pelo Instituto Camões)

(1996). *Por onde correm os ventos*, [s.n.]

(1998). *Eu e o profeta*, [s.n.]

(1999). *Ilhas riqueza, ilhas miséria: uma expressão literária da insularidade num triângulo atlântico lusófono*. Lisboa ed. Novo Imbondeiro

(2002) *Ilhas riqueza, ilhas miséria: uma expressão literária da insularidade num triângulo atlântico lusófono*, Lisboa: Novo Imbondeiro, 166, [1] p. 24 cm, ISBN: 972-8102-28-3.

. (2011) *Um certo olhar sobre as mulheres. Alguns perfis femininos no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

Navegações, 4 (2) 193 –198. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/10181>

(2011) *Unidade e diversidade na Lusofonia - ensino do português no estrangeiro*, FL - CLEPUL - Artigos em Revistas Internacionais, <http://hdl.handle.net/10451/28928>

(2011) *Um certo olhar sobre as mulheres. Alguns perfis femininos no Almanaque de lembranças Luso-Brasileiro*, Laura Areias 2011, CLEPUL UNIV LISBOA

(2011) *Um certo olhar sobre as mulheres. Alguns perfis femininos no Almanaque de lembranças Luso-Brasileiro*, Laura Areias 2011, CLEPUL UNIV LISBOA

(2013). “Os anseios das insulanas.” 19º Colóquio da Lusofonia. Maia. Açores

(2013). Pinheiro, Luís da Cunha. (org.). *De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso-hispânico*, tomo 1, pp. 113-127. CLEPUL

(2013). Pinheiro, Luís da Cunha. (org.). *De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso-hispânico*, tomo II, 2013, CLEPUL

(2014). “Murmúrios com vinho de mesa de Álamo Oliveira, um grande romance sobre a solidão.” *Atas do 21º Colóquio da Lusofonia*. Moinhos de Porto Formoso. Açores

(2016). “Duas difaduras, dois romances: num mesmo sofrimento, tragédia e sarcasmo (Maria José Silveira e Álamo Oliveira).” *Atas do 25º Colóquio da Lusofonia*. Montalegre

(2017) “Portugueses outrora, havaianos hoje”, *Atas do 27º Colóquio da Lusofonia*, Belmonte



25º MONTALEGRE 2016



APRESENTOU Manuel Couto o poeta da saudade madeirense, no Hawai'i. Saudades das Ilhas: Madeirense M. Jesus Coito, Poeta de Honolulu (1876-1957)

Tenho um interesse muito especial em apresentar este livro pois fui eu que peguei no material e lutei 5 anos na Universidade de Lisboa, para que ele fosse publicado, enquanto o prof Paul Chandler da Universidade do Hawaii, seu compilador, e a família de Manuel Couto, a quem eu lho prometera, neta, bisnetos e trinnetos esperavam, confiantes, lá no Pacífico.

Quão semelhante é a ilha pátria à outra, a ilha do seu destino, para que Manuel Couto estando numa recorda pari passu a outra? A paisagem, as belas moças? A música? Os muitos portugueses que ali há?

A obra poética de Manuel Couto é plurifacetada, como a sua própria vida, o seu percurso, as suas atividades.

Mas é sobretudo uma saudosa homenagem de um homem que foi levado pelos tios, com 7 anos aí trabalhou, lutou com grande inteligência e dinâmica, fez-se homem, estimado pelos seus, por todos.

Tenho um carinho muito especial pela literatura migrante porque a conheci de muito perto, sobretudo no “novo mundo” onde tenho trabalhado e onde ainda vivo.

Manuel Couto merece esta simples homenagem e esta ilha, como as outras ilhas, tão semelhantes em tanta coisa, merecem conhecê-lo.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM 2013 NA MAIA, NO 21º MOINHOS EM 2014, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, E ONLINE NO 39º SANTA MARIA 2024

30. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco nasceu em São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona Português há trinta e três anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português-Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região (crónica, conto e escrita memorialística) e em revistas como a *Insulana* (Instituto Cultural de Ponta Delgada).

Tem colaborado, igualmente, em diversas edições coletivas (autores da Macaronésia e autores luso-brasileiros, entre outros).

Tem, igualmente, prefaciado alguns livros.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – numa coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas-Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.



36º PDL 2022



27º BELMONTE 2017



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



36º PDL 2022

É membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e secretária da Comissão de Toponímia e Património da Câmara Municipal da mesma cidade, pertencendo à Comissão Consultiva da candidatura desta cidade a Capital Europeia da Cultura.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

Em 2017 publicou “Um punhado de areias nas mãos”, cuja 2ª ed. foi apresentada no 30º Colóquio na Madalena do Pico 2018

Foi uma das 3 autoras homenageadas em 2023 no 38º colóquio da lusofonia.

Bibliografia:

7 Pecados, parte II (s.i.)

(2011) *Fernando Aires, era uma vez o seu tempo, homenagem de amigos e admiradores coord. Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo Sousa, Onésimo Teotónio Almeida; pref. Onésimo Teotónio Almeida; il. Tomás Borba Vieira.*

Ponta Delgada: Instituto Cultural, 366 p. il. 21 cm. ISBN 978-072-9216-97-8



36º PDL 2022



39º STA Mº2024



- (2012). ““Andamentos de um Diário”, in *Insulana LXVIII*, Instituto Cultural de Ponta Delgada
- (2013). *Sentir(es) a preto e branco*. José Franco, Maria João Ruivo; rev. e textos Maria João Ruivo ; foto José Franco. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 40, [1] p. il. 22 cm. - ISBN 978-989-735-040-5
- (2014). *Memórias do meu Liceu*. Ponta Delgada, Ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2014) in “O Liceu”, ESAQ n.º 7 jun
- (2016). “Antero de Quental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje”, *Atas do 26º Colóquio da Lusofonia, Lomba da Maia. Açores*
- (2016). “Antero de Quental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje” in *Antero, 125 anos depois*, Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada,
- (2017). *Um punhado de areia nas mãos*, 1ª ed. 183 p. 23 cm. ISBN 978-989-735-128-0
- (2017). *Um punhado de areia nas mãos*, 2ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 183 p. 24 cm. ISBN 978-989-735-128-0
- (2018). “Um punhado de areia nas mãos”, 2ª ed. *Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico*
- (2018). “O Exame”, in *Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros*. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil,
- (2018). “Era uma vez...aquele tempo”, in *O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.)*. Ed. O Liberal - Funchal,
- (2018). “Um punhado de areia nas mãos”, 2ª ed. *Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico*
- (2020). “A Casa” e “Abraço Atlântico”, in *Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.)*. Edições Fraternitas Funchal,
- (2020) “Minha casa, minha brasa”, in *Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos*, António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil
- (2020) “Memórias Soltas de uma Novela do Minho”, in *Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras*. Ed. Alma Letra. Lisboa
- (2021). “Eduíno de Jesus – o som e o silêncio” *Atas do 33º colóquio da lusofonia*, Belmonte
- (2022). “Homenagem a Onésimo,” *Atas do 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada*
- (2022). Pré-apresentação de “Crónica do Quotidiano Inútil, vols 1 a 6, 50 anos de vida literária” de J Chrys Chrystello, *Atas do 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada*



35º Belmonte 2022



36º PDL 2022



- (2022) "Entre-Margens" in *Avenida Marginal – Ficções*, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras
- (2022) "Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)" in *Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas*, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL,
- (2022) in *Nova antologia de autores açorianos*, coord Helena Chrystello, Ed. Letras Lavadas
- (2022) Apresentou "Crónica do quotidiano inútil, volumes 1 a 6, obras completas nos 50 anos de vida literária de Chrys Chrystello", Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
- (2022). *Um punhado de areia nas mãos, Diário II*, vol II. [s.l.] Letras Lavadas, 167 p. 20 cm. - ISBN 978-989-735-400-7
- (2022). Apresentou "Um punhado de areia nas mãos, Diário II", Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
- (2022). "Considerações do Poeta sobre o Poder Corruptor do Dinheiro, Canto VIII." Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
- (2022). "Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)." Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
- (2023) apresentou de Chrystello, Helena "9 poemas, 9 línguas" in Atas 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande.

Colaborações em Publicações conjuntas:

"Andamentos de um Diário", in *Insulana LXVIII*, 2012 – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada

Sentir(es) a Preto e Branco – Fotografias (José Franco) e *Textos* (Maria João Ruivo). Letras Lavadas, 2013

"Antero de Quental – Esboço de uma abordagem para os alunos de hoje", in *Antero 125 anos depois – Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo*. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental. Ponta Delgada, 2016

"O Exame", in Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil, 2018

"Era uma vez...aquele tempo", in O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal, 2018

"A Casa" e "Abraço Atlântico", in Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas – Funchal, 2020

"Minha casa, minha brasa", in Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos – António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil, 2020

"Memórias Soltas de uma Novela do Minho", in Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa, 2020

"Entre-Margens" in Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras, 2022

"Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)" in Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL, 2021

Um Punhado de Areia nas Mãos – Diário II, 2022, Letras Lavadas



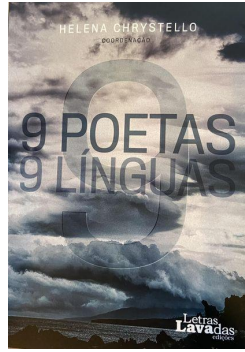
38ª Ribeira Grande 2023



34ª PDL 2021

APRESENTOU 9 POETAS 9 LÍNGUAS DE HELENA CHRYSTELLO ED 2023

9 Poetas 9 Línguas, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro connosco. E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.



Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o *que se diz* e o *como isso é expresso*. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba
e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

E há também esse “Homem imperfeito junto ao mar”, bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

*Agora eu
Suspeito dessa perfeição de postal
Confio mais nas rugas dos arrependimentos
Nas ruas com inacabamentos de primeira*



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



30º PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. “Orgulhoso e mudo”, esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho/ ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,
e mais dizem as gentes que o rei,
por ser tão cruel,
tão de duro coração,
mandou que se apartassem
a princesa e o pastor,
tomados do benquerer
que chega com a Primavera.*

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.



36º PDL 2022



Ponta Delgada, outubro de 2023



O texto de Aníbal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um "Tu", mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

Diz ele, por exemplo:

*partilhamos culturas e genes
somos um pouco do mundo
(...)*

*lutando pela dignidade
de ser (apenas) o que somos
humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua Maria Nobody, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. Não deixes nada por dar!, diz ela, Ama o instante e serás... eternidade...

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da "voragem da partida" e "dos dias que já não nascem".

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de "imprecisas" e "volúveis", elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia. O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre a reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor. Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: "Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo seja esse." (fim de citação) E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua. E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente,

também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometê-lo. O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha. O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu. Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador. (Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade. Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

INTERVEIO NA HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO

- SÓCIA DA AICL.

– VOGAL SUPLENTE DA DIREÇÃO –

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, -

PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024

31. MARIZÉ SILVA PROSDÓCIMO, BRASIL, PRESENCIAL



30º GRACIOSA 2019



39º STA Mª 2024

Marize Prosdócimo é Cirurgiã-Dentista em Itajaí, SC - Brasil.
Possui graduação em odontologia pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1986.
Atua como clínico geral. Faz parte do iDent desde maio de 2012.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM 2019 NO 30º NA GRACIOSA E NO 39º SANTA MARIA 2024

32. MIGUEL LOPES, TRADUTOR, PROFESSOR ESC SEC ANTERO DE QUENTAL. S MIGUEL



38º ribeira grande



38º RIBEIRA GRANDE 2023



24º Graciosa 2015



24º GRACIOSA 2015



Também faz falta publicar mais traduções e queria realçar o mérito e a originalidade desta edição multilingue, que torna estes textos acessíveis a um espectro alargado de leitores, Puro produto da diáspora portuguesa em França, nasce no ano de 1975 nos subúrbios parisienses, para onde a família se havia mudado no final da década de 60. Após o regresso definitivo a Portugal em 1991 e imbuído desta dupla cultura, solo fértil e inesgotável, licencia-se em Ensino de Português e Francês pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, 1998).

Prossegue a sua formação, ao sabor das suas experiências e interesses pessoais, com uma Pós-Graduação em Língua e Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL, 2011) e um Mestrado em Tradução pela Universidade dos Açores (UAC, 2018).

Excetuando um interregno de 3 anos entre 2007 e 2010, durante o qual foi agente de cooperação em Timor Leste no projeto de Reintrodução da Língua Portuguesa, leciona há 25 anos por terras lusas de aquém e além-mar.

Ciente de ser esse o papel em que está plasmada a sua identidade e alicerçada a sua legitimidade, é docente de Francês da Escola Secundária Antero de Quental



7.10.2023



7.10.2023

38ª ribeira grande

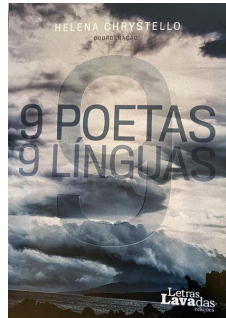


39ª santa maria 2024



39º STA Mª 2024

APRESENTOU 9 POETAS 9 LÍNGUAS DE HELENA CHRYSTELLO - Sobre a Tradução



1. Em primeiro lugar, cabe-me agradecer à Helena e ao Chrys Chrystello a oportunidade que me deram de ter feito parte deste projeto. Estou muito grato pela confiança que depositaram em mim. Encarei esta minha participação como um privilégio, desde logo, por ter tido acesso aos poemas dos escritores (por questões de economia de tempo e de espaço, inibo-me de recorrer nesta comunicação à novíngua inclusiva) que fazem parte da coletânea. Nunca será demais enunciar os seus nomes em voz alta: Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Aníbal Pires, Chrys Chrystello, Eduíno de Jesus, Malvina Sousa, Nuno Costa Santos, Paula de Sousa Lima e Telmo Nunes. Acredito que estes autores não têm o reconhecimento público que deviam, pois têm feito muito pela nossa cultura e ver-me no meio deles é um motivo de grande orgulho.

2. Em segundo lugar, queria dar os parabéns a todos aqueles que contribuíram para a execução deste livro e, em particular, uma vez mais, à Helena e ao Chrys pela iniciativa e pela devoção incansável a esta causa que constitui a divulgação da literatura açoriana. Queria também enaltecer o papel que têm tido as Letras Lavadas como parceiro indispensável em todo este processo. Num tempo de globalização homogeneizante, faz falta publicar autores açorianos ou inspirados pelos Açores e, assim, permitir a uma cultura periférica existir num mercado livreiro dominado por produtos prontos a consumir (por vezes, de origem duvidosa).

despertando curiosidade e dando a conhecer os autores a leitores de outros países. É, consequentemente, um gesto humanista pelo quanto contribui para a aproximação das culturas e dos povos. A esse respeito, deixem-me citar Umberto Eco que, na obra laudatória intitulada "Dizer quase a mesma coisa", classificava a Tradução como a língua da Europa.

Além disso, este livro "9 poemas 9 línguas" afigura-se como uma verdadeira ferramenta didática pelo quanto possibilita o cotejo imediato entre 9 línguas diferentes. De uma forma muito pragmática, estes poemas podem fazer parte de um corpus e constituir um objeto de estudo em aulas de língua estrangeira e/ou em aulas de Tradução.

Por outro lado, como é sabido, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor conhecimento da nossa própria língua e, por conseguinte, da nossa própria cultura, ou seja, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor autoconhecimento. É terapêutico. Perfilho aqui as teses de Barbara Cassin, autora do famoso Dicionário dos Intraduzíveis, que apregoa a capacidade salvífica da Tradução.

3. Gostaria agora de tecer algumas considerações sobre a função do tradutor e sobre o ato de traduzir. O tradutor começa por ser um leitor, encara a leitura como um momento de fruição e a tradução como uma grande responsabilidade, na medida em que pretende fazer chegar um texto que não lhe pertence a leitores de uma outra língua. Neste sentido, o tradutor é uma espécie de elo intercultural, faz a ponte entre duas línguas (recorrendo aqui à metáfora utilizada por João Barrento, que, em “O poço de Babel”, explorava o sentido etimológico da palavra “traduzir”: “tra-ducere”, conduzir para a outra margem).

Mas, se, por um lado, o tradutor é um elo (neste sentido, une, liga, aproxima), a verdade é que a tradução, como texto de chegada, também se afasta, de alguma forma, do texto de partida. Traduzir não equivale a copiar um texto noutra língua. Quando se traduz não se trata de fazer igual. Isto é, o tradutor reinterpreta o texto.

Posso usar aqui duas imagens para ilustrar melhor esta ideia tiradas de outros campos da atividade humana. Pensem na mesma receita preparada pelo mesmo chefe que nunca resulta duas vezes exatamente da mesma maneira. Ou na mesma sinfonia que nunca é tocada duas vezes pela mesma orquestra exatamente da mesma maneira.

Talvez um dia, quando os robôs se encarregarem disso. E, neste caso, o desempenho e as obras perderão a sua originalidade, a sua capacidade para espantar, para se reinventarem.

Ora, uma tradução tem a sua dose de originalidade. O tradutor e o seu leitor devem estar cientes disso mesmo e aceitar que a tradução é um texto reescrito (ou será escrito “a quatro mãos”?).

Não é uma segunda mão, é uma outra versão, com todos os riscos que comportam as versões.

O tradutor não imita, tenta recriar (o que etimologicamente significa “reanimar”, dar novo fôlego). Mudar de língua é mudar de código, é mudar de mundividência.

Mas o tradutor nunca abandona o autor, nunca perde de vista o texto de partida.

Mais do que isso, o tradutor é cúmplice do autor. Cúmplice na transgressão, pois o poeta é um criador que inova e deturpa o sentido das palavras com propostas, por vezes, arrojadas e, até mesmo, disruptivas.

Apresentando, agora, alguns exemplos daquilo que foi o meu trabalho neste livro, começo por lembrar o poema insondável de Alexandre Borges (“Um homem imperfeito junto ao mar”). É transgressivo no uso da anáfora “hás de encontrá-lo”, complexo verbal, e “ás de encontrar”, locução nominal. Por muito solidário que eu tenha tentado ser, este foi um tropo que não consegui replicar totalmente. Mantive a anáfora, no entanto perdeu-se o atrevimento da escolha lexical que PARTICIPOU, simultaneamente, da construção de um campo em torno do jogo de cartas, “ás, naípe, trunfo, renúncia”. Por sua vez, o termo “renúncia” também é usado duas vezes no poema com sentidos diferentes: com o sentido de “abdicação”, a primeira vez e de “violação das regras”, a segunda. Na língua francesa, são duas palavras distintas: “renoncement” e “renonce”, respetivamente. Portanto, é justo reconhecer que, com a tradução, se dá, por vezes, um certo empobrecimento do texto de partida.

De facto, a criatividade dos autores converte-se, proporcionalmente, em dificuldades para o tradutor. Manter a rima no poema de Malvina Sousa foi um desafio (Um exemplo: Agarra os silêncios e sê o grito/sê pequeno... sempre aspirante a mito = Saisis les silences et sois le cri/sois petit... aspire sans cesse à l'utopie), *idem* no que tocou a replicar o estilo da prosa poética de Paula Sousa Lima (veja-se a sequência: “E dizem ainda as gentes... em lagoas se tornaram”).

Portanto, mais do que obter, no texto de chegada, uma equivalência perfeita palavra a palavra, o objetivo é reproduzir os efeitos do texto de partida de modo a não defraudar, a não trair o espírito do texto (desmentindo, assim, o aforismo italiano em forma de paronomásia, segundo o qual o “traduttore” é um “traditore”), e indo assim ao encontro do que Walter Benjamin, preconiza na sua obra “A tarefa do Tradutor”. Nesta linha de pensamento, era pois fundamental encontrar as soluções adequadas de modo a preservar, no poema de Nuno Costa Santos, por exemplo, a personificação do “mar”, “orgulhoso e mudo”, “fière et muette”, que “vai envelhecendo” (qui vieillit peu à peu) ou a prosopopeia com que Eduíno de Jesus descreve as “palavras” “imprecisas” e “volúveis” (escavam os abismos, abrem as asas e desferem o voo = ils creusent les abîmes, ouvrent les ailes et déploient le vol). Ou ainda a homenagem pungente ao povo ucraniano no tom acusatório de Álamo Oliveira: “amanhã vai haver outro povo que não fala/ e tudo será apagado sem mais remorso = demain un autre peuple se taira/et tout sera effacé sans plus de remords”. No conjunto dos 9 poemas, caracterizados por uma grande diversidade de temas e de estilos, era importante ser solidário com as propostas lexicais mais imaginativas dos autores desde os “nados náufragos” = “naufragés-nés” e das “manhãs paridas” = “matins vélés” do Telmo Nunes até à “espuma dos homens-a-dias” = “l'écume des hommes de ménage” do Alexandre Borges (eventual aparte sobre os papéis de género), passando pelo “teu jeito tão desigual, tão nosso” = “tes manières si inégales, si nôtres” de Aníbal Pires.

Para alguns teóricos, uma boa tradução é invisível, ou seja, deve garantir que o texto de chegada não pareça uma tradução e não cause estranheza. Ora, como Antoine Berman (em “L'épreuve de l'étranger”), sou apologista de uma tradução ética, promotora de uma relação dialógica entre línguas e culturas, que não neutraliza os elementos mais marcados do texto de partida para aumentar artificialmente a sua legibilidade. Talvez o poema “Maria nobody” de Chrys Chrystello, poema da rima discreta, poema dos monossílabos e dos dissílabos, poema dos anglicismos, seja o poema que melhor evidencia esse desiderato.

Diria que o ato de traduzir é um trabalho sempre inacabado, que fica, muitas vezes, na sombra e que, por isso, carece de ser explicado, ideia sustentada noutros termos por Lawrence Venuti, no livro “The translator's invisibility”.

Só assim se consegue promover a transparência e uma maior aceitação da tradução.

E atenuar no tradutor o sentimento de insatisfação ou, até mesmo de alguma frustração gerada pela convicção de uma incompletude natural do ato de traduzir. Foi o que tentei fazer hoje, obrigado por me terem ouvido.

Ribeira Grande,

7 de outubro de 2023 Miguel Lopes

“9 poemas 9 línguas”

A tradução para Francês: entre experiência e reflexão

1. Homenagem à Helena

Conheci a Helena em 2002. Nesse ano, fui contactado pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB) para dar aulas de Francês e quando fui à entrevista, ia nervoso. A Helena estava na sala e emanava do seu sorriso uma benquerença que me deixou logo mais confortável. A entrevista correu bem. Voltei a encontrar a Helena em 2014 aqui na Maia. Não perdera o sorriso. E, uma vez mais, teve um efeito imediato, pois foi a Helena que me convenceu a dedicar-me à tradução. E, assim, **reencontrei-me**. Devo-lhe muito.

2. O papel da tradução

Tecendo algumas considerações gerais sobre o ato de tradução, ilustrando as minhas ideias com exemplos práticos retirados do processo de tradução dos 9 poemas da coletânea que aqui nos traz, começaria por dizer o seguinte:

- Primeiro, traduzir é **um privilégio**: o tradutor tem acesso aos textos em primeira mão, às vezes, antes de serem editados (no caso, por exemplo, das edições multilingues simultâneas, ou da legendagem de documentos audiovisuais).
- Depois, é **um dever**: dar a oportunidade a um texto de chegar a um maior número de leitores (de outros países, de outras línguas). Por vezes, a tradução dá um novo fôlego a uma obra, abrindo-lhe as portas de novos mercados.
- Uma **responsabilidade** na defesa da diversidade linguística (Umberto Eco: “A língua da Europa é a Tradução”). Pense-se no caso das línguas minoritárias como o mirandês, por exemplo, para as quais a tradução pode ajudar a garantir a sua subsistência.
- Um **contributo** na divulgação cultural. Muitos de nós ficámos a conhecer aspetos da cultura de determinados povos e nações a partir da leitura de traduções de obras literárias escritas originalmente numa língua que éramos incapazes de ler. Por vezes, essa leitura despertou a nossa curiosidade para aprofundar o nosso conhecimento e deu-nos vontade de viajar para determinados países.

Na coletânea que hoje se apresenta, temos o caso do poema de Paula de Sousa Lima que revisita a lenda da lagoa das Sete Cidades que, como se compreende, participa do encanto do lugar, dando-lhe uma espécie de significado místico. Com esta tradução, o leitor/turista francófono pode apreciar toda a dimensão da sua descoberta.

- Portanto, o tradutor é cúmplice do autor, visa manter os efeitos do texto de partida

Exemplos:

- A prosopopeia com a qual Eduíno de Jesus descreve as palavras

“elas próprias escavam os abismos, abrem as asas / e o voo (elas só afinal) desferem. ”	“eux-mêmes creusent les abysses, ouvrent les ailes / et le vol (eux seuls après tout) déploient. ”
---	--

Neste caso, foi necessário ter em atenção a natureza da expressão idiomática “desferir o voo”, na qual o verbo “desferir” adquire um sentido diferente daquele que possui na expressão “desferir um golpe”.

- A homenagem ao povo ucraniano de Álvaro Oliveira

“amanhã vai haver outro povo que não fala e tudo será apagado sem mais remorso sem	“demain un autre peuple se taira et tout sera effacé sans plus de remords sans”
--	---

Neste exemplo, por uma questão de economia de palavras e de métrica, por conseguinte, evitou-se a fórmula menos fluida: “il y aura un autre peuple qui ne parle pas”.

- Os tropos de Telmo R. Nunes:

“ Nados náufragos sem azimute.	“ Naufragés-nés sans azimut.
---------------------------------------	-------------------------------------

Falo das manhãs paridas sem luz”	Je parle des matins vélés sans lumière”
---	--

- E de Alexandre Borges:

“Tenho ressalga nas teclas A espuma dos homens-a-dias ”	“J’ai de l’embrun sur les touches L’écume des hommes de ménage ”
---	--

...constituem, por si só, exemplos que ilustram a necessidade de interpretar o texto de partida e de ser solidário com algumas escolhas mais disruptivas dos autores, mas que fazem a essência da mensagem.

3. O papel do tradutor

Quando traduzimos, questionamo-nos :
suas origens e a sua história, o que
aprofundado da nossa própria língua
mundo, em geral.

- No poema “diferente e igual”, *A*
basalto” (do latim *oliva* = azeito
Este exemplo espelha a dupla
latina, o que a distingue de outra
nomeadamente.
- E no poema “dias que já não nasce
“[as vozes] amplificadas nos sorr
que se afasta da raiz) e que reme
do linho.
- Traduzir, que provém etimologic
metáfora usada por João Barrent
conduzir para a outra margem]
aproximação.
- Mas é também um ato de **recri**

- É justo reconhecer que, com a
empobrecimento do texto de part
- i. uma vez mais, no poema de Al
junto ao mar”

Escrita a fazer-se passar por vida, vida
A passar-se proscrita entre a perfeição
Dos anúncios e a **renúncia**

Hás de encontrá-lo
E talvez ainda lhe saibas o nome
E ainda te saiba a salvação
Ás de encontrar
Um homem com janelas para o mar
O trunfo prometido, naipes escondido
renúncia anunciada

Neste excerto, fica patente a dificuldade
todos os recursos presentes no texto de
palíndromo de palavras) dos dois prime
da segunda estrofe que participa sim
lexical em torno do jogo de cartas.

Neste exemplo, a opção mais à direita, minha opinião, iria desvirtuar, senão a opção pela texto de chegada situado no n

- Diria que o ato de traduzir é um muitas vezes, na sombra e que, sustentada noutros termos por "translator's invisibility".
- Só assim se consegue promover a tradução. E atenuar no tradutor mesmo de alguma frustração gera natural do ato de traduzir.
- Na perspetiva do leitor, estando poesia e face a este público jovem de outros poemas e, enquanto t mais atentos às traduções e que s livros, por vezes, que também são

Uma vez mais, bom dia. Quero agradecer ao Chrys e à AICL a oportunidade para me poder expressar num dia em que prestamos este tributo à Helena.

Eu vou ser breve. Quis estar presente hoje para poder partilhar convosco a minha experiência e manifestar publicamente todo o meu reconhecimento à Helena.

Nestas situações, em francês, fala-se em “rendre hommage”, expressão na qual o verbo “rendre” também significa “devolver”, ou “restituir”. Como será o caso hoje, a expressão é usada quando aquilo que se pretende é testemunhar a nossa gratidão.

Conheci a Helena em 2002. O Instituto Politécnico de Bragança andava à procura de um professor de Francês para colmatar umas horas supervenientes nos cursos de Línguas. Fui contactado e apresentei-me na entrevista com o desconforto natural destas ocasiões. A Helena fazia parte do júri e emanava do seu sorriso uma **benquerença** que me deixou logo muito mais descontraído. Talvez seja esta a primeira característica da Helena que eu queria aqui hoje recordar: aquele seu sorriso **cúmplice**, que eu via como a expressão de uma **empatia natural**. A entrevista correu bem e acabamos por ser colegas durante alguns meses, embora só nos tivéssemos visto por mais uma ou duas vezes em reuniões de grupo.

O destino voltou a juntar-nos, em São Miguel, na EBI da Maia, em 2014. Apesar de nos termos perdido de vista, tínhamos guardado uma memória viva do nosso primeiro encontro e surgiu rapidamente um primeiro convite por parte da Helena para Participar nos Colóquios da Lusofonia, que teriam lugar na ilha Graciosa, em outubro desse mesmo ano. A partir daí, a Helena propôs-me traduzir para francês alguns poemas de autores açorianos e a colaboração foi-se mantendo ao ponto de ter sido ela a incentivar-me a frequentar o Mestrado em Tradução, na Universidade dos Açores, algo que acabei por concretizar entre 2015 e 2017.

De certa forma, este reencontro feliz com a Helena proporcionou-me um reencontro comigo mesmo. Nos bilingues, nem sempre o convívio das línguas se faz de uma forma pacífica e linear (depende muito do ambiente linguístico em que estão inseridos). Seja como for, com as traduções voltei a vivenciar uma coabitação mais harmoniosa e equilibrada entre as minhas duas línguas maternas e as duas culturas que definem a minha identidade.

Esta talvez fosse a outra característica da Helena que vou recordar: esta capacidade que ela tinha para dar atenção aos outros e para trazer ao de cima o que há de melhor nas pessoas.

Como sei que também eram temas caros à Helena, queria agora abrir um PARÊNTESE e deixar algumas notas SOBRE O BI(PLURI)LINGUISMO E AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA em Portugal.

A realidade cada vez mais plurilingue das nossas escolas é inelutável: nos últimos cinco anos, o número de alunos migrantes aumentou 160%. No último ano letivo para o qual temos dados, 2021-22, tivemos matriculados mais 18 mil alunos de pais estrangeiros do que no ano anterior nos ensinos básico e secundário, enquanto o número de nacionais teve menos 17 mil inscritos. Em números absolutos, aproximam-se dos 200 000 e ultrapassam seguramente os 15% do total dos alunos naqueles níveis de ensino.

Os alunos brasileiros são quase 50 000, os angolanos 25 000, os franceses 15 000, mas já temos mais de 1200 alunos nepaleses nas nossas escolas. E há escolas a lidar com mais de 50% de alunos de origem estrangeira, com mais de 50 nacionalidades diferentes, entre os quais a maioria não fala português (da Índia, do Nepal, do Bangladesh, da Ucrânia).

Esta realidade deve suscitar a nossa atenção para a necessidade de integrar melhor os alunos estrangeiros.

Sobretudo quando não subsistem dúvidas de que se trata de uma mais-valia para todos:

“As línguas definem a identidade de cada pessoa, mas fazem parte igualmente de uma herança comum. Podem servir de ponte para chegar a outras pessoas e permitir o acesso a outros países e culturas, promovendo a compreensão mútua. Uma política de multilinguismo bem-sucedida pode traduzir-se em novas oportunidades para os cidadãos: pode aumentar a sua empregabilidade, facilitar o acesso aos serviços e o exercício dos seus direitos, e contribuir para a solidariedade através da promoção do diálogo intercultural e da coesão social. Nesta perspetiva, a diversidade linguística pode representar uma mais-valia preciosa, sobretudo tendo em conta o mundo globalizado em que vivemos hoje.”⁶

Mas a realidade mostra que a integração desses alunos ainda deixa muito a desejar — Taxas de retenção a rondar os 40% (5 vezes superior à dos alunos nacionais) e de abandono escolar a ultrapassar os 25% (3 vezes superior à média nacional).

Sabe-se que para sermos bem-sucedidos na integração destes alunos, se preconiza um ensino das línguas maternas.

⁶ “Multilinguismo: uma mais-valia para a Europa e um compromisso comum”, Comissão Europeia, (2008: 5), disponível em: http://ec.europa.eu/languages/documents/2008_0566_pt.pdf, consultado em janeiro de 2012.

“Solicita aos governos dos Estados-Membros que assegurem o ensino aos filhos dos migrantes legais, incluindo o ensino das línguas oficiais do país de acolhimento, mas também a promoção da língua e da cultura dos países de origem dessas crianças”⁷

O ensino do Português como Língua não Materna (PLNM) padece de graves limitações: uma carga horária semanal de 5 horas, no máximo e a abertura de turmas/grupos a partir de 10 alunos, no mínimo.

Excetuando algumas experiências voluntárias muito dispersas, podemos descrever o nosso sistema de ensino como um sistema monolíngue assimilacionista de submersão, num ambiente linguístico subtrativo.

Ouçó falar na constituição de turmas exclusivamente compostas por alunos brasileiros, por exemplo. É uma aberração.

A questão da variante brasileira do português! Custa-me a entender o desconhecimento profundo que grassa na sociedade portuguesa sobre a língua que se fala no Brasil. Continuamos a ouvir falar de uma língua brasileira como se não fosse português. Todos sabemos o quanto o português do Brasil influencia o português que é falado por cá e, por isso mesmo, devíamos dar uma maior importância nos currículos às diferenças linguísticas e culturais que existem entre os nossos países.

Pensando na questão dos outros migrantes: há falta de informação da comunidade em geral (quem são os migrantes? como chegam a Portugal? porque estão cá?)

Algumas medidas para remediar a esta situação e às discriminações/estereótipos de que são alvo passariam por:

- a promoção de clubes interculturais nas escolas,
- a organização de “Jornadas” dedicadas à interculturalidade,
- a celebração de datas como o Dia Europeu das Línguas: 26 de setembro e
- o Dia Internacional da Língua Materna: 21 de fevereiro e
- o envolvimento dos pais dos alunos migrantes nessas atividades.

Sei que, se a Helena me estiver a ouvir, aprovará estas ideias e é, por isso, com saudade, mas também com uma firme convicção que continuarei a defender (a pugnar por) uma escola cada vez mais inclusiva e respeitadora de toda a diversidade que alberga.

**FOI SÓCIO AICL 2015-2016,
PARTICIPOU NO 24º NA GRACIOSA 2015, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024**

⁷ Resolução do Parlamento Europeu, de 2 de Abril de 2009, sobre a educação dos filhos dos migrantes, disponível em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2010:137E:0001:0005:PT:PDF>, consultada em 01/2012

33. NUNO COSTA SANTOS, ESCRITOR, SÃO MIGUEL



38º Ribeira Grande 2023

Nuno Costa Santos, 47 anos, escritor, argumentista, diretor da revista literária açoriana *Grotta* e do Encontro Arquipélago de Escritores.

É autor de livros como

"Às Vezes é um Inseto que Faz Disparar o Alarme" (poesia),

"Melancómico" (aforismos),

"A Mais Absurda das Religiões" (crónica),

"Trabalhos e Paixões de Fernando Assis Pacheco" (biografia)

"Céu Nublado com Boas Abertas", escolhido para representar Portugal, em 2017, no Festival do Primeiro Romance (Chambery, França).

Também tem escrito peças como

"É Preciso Ir Ver - uma Viagem com Jacques Brel", a partir da passagem ao artista pela Ilha do Faial em 1974,

"Mundo Distante",

"Em Mudanças",

"I Don't Belong Here", sobre o fenómeno da deportação,

"Mundo Distante"

"Tu de Quem És?" (em parceria), sobre as alegadas rivalidades entre as ilhas açorianas



36º PONTA DELGADA 2022



38º Ribeira Grande 2023

No audiovisual, fez parte da equipa de programas como "Zapping", "Os Contemporâneos", "Mal-Amanhados — Os Novos Corsários das Ilhas".

A personagem melancómico que criou e protagoniza, teve diversas consagrações — do livro à rádio.

Assina colaborações em diferentes jornais e revistas e integra o painel do programa *Novo Normal*.

É dos fundadores da produtora *Alga Viva*, com sede nos Açores, dirige a revista literária *Grotta* e o Encontro Arquipélago de Escritores.

No audiovisual é coautor de "Discos Perdidos/Lost Records", sobre o regresso aos Açores em busca dos discos de adolescência, e de vários documentários biográficos como "J.H. Santos Barros: Fazer Versos Dói", "Saudade Burra de Fernando Assis Pacheco", "Ruy Belo, Era uma Vez" e "José-Augusto França: Liberdade Cor de Homem".

É também um dos autores de "Viagem Autónómica", filme que, a partir de um dispositivo ficcional, resume a História da Autonomia açoriana e da série de televisão "Mal-Amanhados - Os Novos Corsários das Ilhas", que passou na RTP-Açores e na RTP 1.

Bibliografia

(2003). *Dez Regressos*. Lisboa, ed. Salamandra

(2004) *Portugal, uma comédia musical*, coautoria com Nuno Artur Silva, encenação de António Feio, Teatro Municipal São Luiz

(2005) *Os dias não estão para isso*, ed. Livramento

(2005) *Manobras de diversão*: o best-seller / Produções Fictícias; coord., sel. de textos Maria João Cruz, Nuno Costa Santos. 1ª ed. Lisboa: Oficina do livro, 214, [7] p. 23 cm. Ficção. ISBN 989-555-173-8

(2006) in *Ponta Delgada, Ficções* coord. Carmo Rodeia e José de Almeida Mello, ed. Câmara Municipal de Ponta Delgada.

(2006). *O inferno do condomínio: como sobreviver à vizinhança*. Nuno Costa Santos; il. João Pedro Gomes. - 1ª ed. - Lisboa: Gradiva, [100] p. muito il. 21 cm. - (Fora de coleção; 258). - ISBN 989-616-114-3

(2007) *Melancómico, aforismos de pastelaria*, Lisboa: Guerra & Paz: Produções Fictícias, 85, [1] p. 19 cm. ISBN 978-989-8014-40-5

(2007) *Mundo distante. Teatro*, encenador João Rosa

(2011). *Melancómico, aforismos de pastelaria*, rev. Texto Susana Baeta. [Lisboa]: Escritório, 126, [1] p. il. 19 cm. ISBN 978-989-8507-02-0

(2012). *Às vezes é um inseto que faz disparar o alarme*, 1ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 41, [3] p. 15 cm. (Transeatlântico; 1). ISBN 978-989-8592-00-2

(2012). *Às vezes é um inseto que faz disparar o alarme*, 2ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 41, [3] p. 15 cm. (Transeatlântico; 1). ISBN 978-989-8592-00-2

(2012). *Às vezes é um inseto que faz disparar o alarme*. 3ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 41, [3] p. 15 cm. (Transeatlântico; 1). ISBN 978-989-8592-00-2

(2012). In *Resumo*, antologia de poesia em 2012 ed. Documenta. 184 pp. EAN: 9789898618443

(2012). *Trabalhos e paixões de Fernando Assis Pacheco, crónica biográfica*, 1ª ed. - Lisboa: Tinta-da-China, 212, [3] p. il. 21 cm. Bibliografia, p. 205-209. ISBN 978-989-671-109-2

(2013). *Condomínio de rua, teatro*, encenação João Mota, coord Daniel Sampaio, Sala Garrett TNDMII

(2013). *A mochila mágica*, Nuno Costa Santos, Luís Costa Santos, Rodrigo Costa Santos. (s.l.) Escritório, Póvoa de Sto. Adrião: Europress. [34] p. muito il. 22 cm. ISBN 978-989-8598-07-3

(2014). *Transeatlântico*, ed. Companhia das Ilhas

(2014). *Vou emigrar para o meu país*. Escritório Ed.

(2015). *I don't belong here*, Teatro no Festival Gil Vicente, Guimarães.

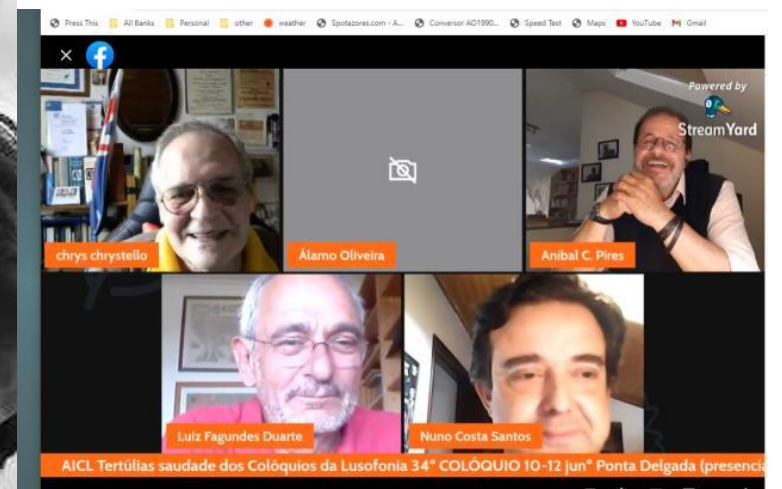
(2015). *Em mudanças*. Encenação de Sara Leal. Teatro Amélia Rey Colaço, Algés

(2016). *Céu nublado com boas abertas*, 1ª ed. Lisboa: Quetzal, 249, [7] p. il. 24 cm. (Língua comum). ISBN 978-989-722-264-1

(2016). *Grotta, arquipélago de escritores*, dir. Nuno Costa Santos. Nº 1 Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições, 22 cm. – Anual



Fotos p&b Vitorino Coragem



- (2016). *Os filhos dos nazis*, Tania Crasnianski; trad. Nuno Costa Santos, Rui Lopo. 1ª ed. Lisboa: Guerra & Paz, 239, [1] p. 23 cm. - Título original. Enfants de Nazis. - ISBN 978-989-702-233-3
- (2016). *Às vezes é um inseto que faz disparar o alarme*, 4ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 41, [3] p.; 15 cm. (Transeatlântico; 1). ISBN 978-989-8592-00-2
- (2017). Revista Groffa nº 2, Arquipélago de escritores, ed. Letras Lavadas
- (2017). *A mais absurda das religiões*. 1ª ed. (s.l.) Escritório 208 p. 19 cm. ISBN 978-989-8507-54-9
- (2017). Guionista de "Discos Perdidos" de Tiago Pedro de Carvalho, Oficina de Filmes
- (2018) *Alecrim, alecrim aos molhos*, José Martins Garcia; abertura Nuno Costa Santos. 1ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 89, [3] p. 22 cm. (Obras de José Martins Garcia; 7) (Biblioteca açoreana; 8). ISBN 978-989-8828-52-1
- (2019) *Avenida Marginal*, Ficções ed. Artes e Letras
- (2019) *Tirem-me deste livro*, Diogo Ourique; Prefácio Nuno Costa Santos (s.l.) Letras Lavadas, 159 p. 24 cm. ISBN 978-989-735-236-2
- (2019) Guionista do Documentário Claudio Torres, arqueologia de uma vida, RTP com Ricardo Clara Couto.
- (2019) Revista Groffa nº 3, Arquipélago de escritores, Diogo Ourique e Nuno Costa Santos, ed. Letras Lavadas
- (2019) *Morrer é não ter nada nas mãos*. 1ª ed. - Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 39, [5] p. 22 cm. Azulcobalto; 79). ISBN 978-989-8828-96-5
- . (2020) "Miguel Torga: o lobo transmontano morreu há 25 anos", in "Observador" de 18 janº
- . (2020) *Os filhos dos nazis*. Tania Crasnianski; trad. Nuno Costa Santos, Rui Lopo. 2ª ed. Lisboa: Guerra & Paz, 239, [1] p. il. 23 cm. - Título original: Enfants de Nazis. - ISBN 978-989-702-541-9
- . (2020) *Mal-amanhados*: os novos corsários das ilhas, coord. Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Nuno Costa Santos; imagens Diogo Rola; Prefácio Onésimo Teotónio de Almeida. 1ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 351 p., [64] p. il. 24 cm. ISBN 978-989-735-301-7
- (2020) "De como ficámos bem amanhados", com Luís Filipe Borges, *Mal-amanhados* (Ponta Delgada: Ponta Delgada, Letras Lavadas,
- (2020) *Viagens*, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2021) *Às vezes é um inseto que faz disparar o alarme*, ed. Companhia das Ilhas.
- (2021) *Natureza humana*: Azores 2027, coord., ed. e textos António Pedro Lopes; textos Nuno Costa Santos... [et al.]; trad. Sílvia Tavares, António Pedro Lopes, Gina Ávila Macedo; foto Vera Marmelo... [et al.]. Câmara Municipal de Ponta Delgada, 76 p. il. 30 cm
- (2021) *Mal-amanhados*: os novos corsários das ilhas, coord. Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Nuno Costa Santos; imagens Diogo Rola; Prefácio Onésimo Teotónio de Almeida. 2ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 351, [64] p. il. 24 cm. ISBN 978-989-735-306-2
- (2022) in Chrystello, Helena (2022) *Nova antologia de autores açorianos*, ed. Letras Lavadas
- (2022) *O autor na primeira pessoa*, Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022) *Mal-amanhados: os novos corsários das ilhas* / coord. Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Nuno Costa Santos; imagens Diogo Rola; Prefácio Onésimo Teotónio de Almeida. 3ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 351 p., [64] p. il. 23 cm. ISBN 978-989-735-368-0

(2022) *9 bairros*, propr. Câmara Municipal de Ponta Delgada; dir. Nuno Costa Santos. Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, 30 cm

(2023) *Como um marinheiro, eu partirei*, Uma Viagem Com Jacques Brel. 1ª ed. Lisboa: Elsinore, 149, [8] p. il. 23 cm. ISBN 978-989-623-984-8

(2023) “Escritoterapia” Sessão de lamentação de quatro guionistas sobre as condições da indústria em Portugal (com: Alexandre Borges, Nuno Costa Santos e Diogo Ourique) in *Atas do 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande*

(2024) *Mal-Amanhados: The New Azorean Pirates*, coord. Luís Filipe Borges, Alexandre Borges, Nuno Costa Santos; imagens Diogo Rola; Prefácio Onésimo Teotónio de Almeida. – Bruma Publications &: Letras Lavadas,



APRESENTOU HUMOR NOS AÇORES HOJE (PARA ALÉM DA LITERATURA, FENÓMENOS DA NET, DO RAP, DA TV - COM IMAGENS PROJETADAS).

Fazer Humor nos Açores Hoje

Numa edição dos Colóquios da Lusofonia em que é lançada uma antologia do humor literário açoriano, achei que se poderia contribuir para se espreitar o que se anda a fazer no humor açoriano em geral, hoje.

Lanço já um vídeo de Hélder Medeiros, conhecido como Helfimed como abrir de jogo.

(entra vídeo Helfimed)

Existe, como sabemos, uma tradição satírica nos Açores, muita dela vinda do teatro popular e das cantigas ao desafio. Que apesar de já não terem o fulgor e a importância de outrora ainda existem. Há cerca de um mês, tive o prazer de conhecer, em Ponta Garça, um nome das cantigas ao desafio: António da Silva Pacheco Ele, António da Silva Pacheco, que, vim depois a saber, integra um livro sobre improvisadores da ilha de São Miguel da autoria de Liduíno Borba. Contou-me de um combate de boxe – da palavra, entenda-se – que teve há uns tempos na Lomba do Loução, na Povoação.

No teatro popular, ocorre-me falar de José Barbosa, poeta, jornalista impulsionador do teatro de revista, a partir dos anos 60, na freguesia da Fajã de Baixo. Lembremos que José Barbosa também diretor do semanário *A Ilha*, e cofundador da revista *Os Açores*, uma das raras publicações com dimensão verdadeiramente arquipelágica que conheci. Ainda hoje são lembrados em São Miguel, por uma certa geração, o humor, cheio de sentido crítico, das peças da sua autoria, representadas desde 1914 até aos anos 60.

Descendente do teatro popular, na sua vertente satírica, existe um fenómeno já clássico nos Açores chamado Ti Maria do Nordeste, levado a cabo por José Maria Pacheco, com consagrações audiovisuais, em espetáculos e por escrito.

Hoje, além da Ti Maria do Nordeste, existe a Prima Gertrudes das Furnas. Não se chama assim a personagem inventada por Bruno Costa, ou Bruno Malako. A personagem por ele criada chama-se, como sabemos, Gertrudes Labaça.

Tal como acontece com a Ti Maria do Nordeste, Gertrudes Labaça usa do desembaraço verbal para dizer as “verdades” sobre os costumes populares. Ambos chegam ao humor pelo exagero, pela caricatura que começa na pronúncia e termina nos gestos. Com uma componente assumida de teatro de revista à micaelense.

A personagem Gertrudes Labaça surgiu durante a pandemia como forma de animar os locais. Cedo se propagou a outros públicos, residentes na ilha de São Miguel, no arquipélago e fora. Tornou-se uma comédia virtual, cheia de expressões micalenses, conduzida por Bruno Costa, cabeleireiro de 36 anos. Com as suas vestes, o seu sotaque, o seu jeito para a caricatura, o seu transformismo burlesco, muitos divertiu e diverte – adultos, adolescentes, crianças – nos seus diretos. Alvo primeiro da sátira: quem, em cada freguesia, se dedica à coscuvilhice e ao cerzir de enredos à base do balanço venenoso da má-língua.

Também possuidor de um sotaque carregado é Balada Brassado, autor de temas como “Um Cão Chamado Leão” e “Funk de São Miguel” e de uma série de campanhas publicitárias. Invenção de Francisco Bradford da Câmara, é um rapper que trata de assuntos variados, desde os maus-tratos aos animais até à violência doméstica, passando pelo eleitoralismo e outros oportunismos. Tem colaborado, numa campanha publicitária, com um grupo conhecido da Terceira, os Fala Quem Sabe, com origem no conhecido Carnaval da Ilha Terceira, que já cumprem 20 anos de existência. É interessante como, pelo humor, se reuniu esta colaboração entre os Fala Quem Sabe e o Balada Brassado.

Como fenómeno recente da internet, existe a página Marrafa ao Lado - Ofissial“, na qual o humor baseia-se muito na relação entre São Miguel e Terceira. O ponto de vista é micalense. Exemplo: a verdadeira razão pela qual a SATA está na falência – foto das Sanjoaninas. Um dos pratos fortes desta página é o de usar fotografias de determinadas zonas emblemáticas do arquipélago não micalenses e colocar uma legenda a dizer que são São Miguel.

Exemplo recente uma foto da Horta com a seguinte legenda: “Baía dos Arrifes, Piedade, Conçeilho de Ponta Delgada”. A página pode cansar pelo mecanismo da repetição. Mas também se pode dizer que essa repetição é o segredo do seu sucesso.

Uma nota curiosa: Gertrudes Labaça e Marrafa ao Lado são dois “produtos humorísticos” patrocinados por dois estabelecimentos das Furnas. Gertrudes Labaça da casa XX, nas Furnas. E o “Marrafa ao Lado” do restaurante Miroma. Aqui podia-se falar da questão dos patrocínios privados, garantidores, por certo, de maior liberdade humorística do que os promovidos por governos e câmaras municipais.

Helfimed ou Helder Medeiros. É uma das figuras mais importantes do humor dos Açores nos últimos anos. É, no mínimo, pioneiro na mudança de direcção do humor nos Açores. Ele que também tem um pé na literatura e no jornalismo – um dos seus livros é a “Balada do Ouro Nazi”. E foi um dos fundadores da revista literária Neo, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores. Mas é no humor que hoje assume maior proeminência. Nos últimos anos, tem-se destacado internacionalmente na área do entretenimento, sendo o autor do site Helfimed e do canal de YouTube HELFIMED, onde conta atualmente com milhares de subscritores. Muitos de nós nos lembramos da série de vídeos do “e se”. “E se o Hitler fosse feito nos Açores” ou “E se o Ruca fosse feito nos Açores”. Prossegue o seu trabalho. Fez a série da RTP “9 Coisas que Não Sabes Sobre...” e é autor de minivídeos do “Tóni – o coach motivacional micalense”.

Ele cruza um certo sentido do nonsense com o humor mais tradicional.

No campo dos que estão fora, um destaque para João Nuno Gonçalo, um médico açoriano que vive no continente e que faz stand-up comedy de forma regular e, diremos, profissional.

Entra vídeo JNG.

Por fim, podem ser destacados figuras como Diogo Lima, realizador que merece destaque neste campo porque ele próprio, enquanto realizador, enquanto criador de vídeos, usa o humor. A sua persona, que entra nos seus vídeos, é cómica. E ainda o rapper Grafeno, que lançou uma música muito popular na altura do confinamento: “Rabo de Peixe Está Fechado”! Uma sátira a quem ordenou a cerca sanitária à freguesia na altura do Covid.

Entra vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=66JwnrCPgpQ>

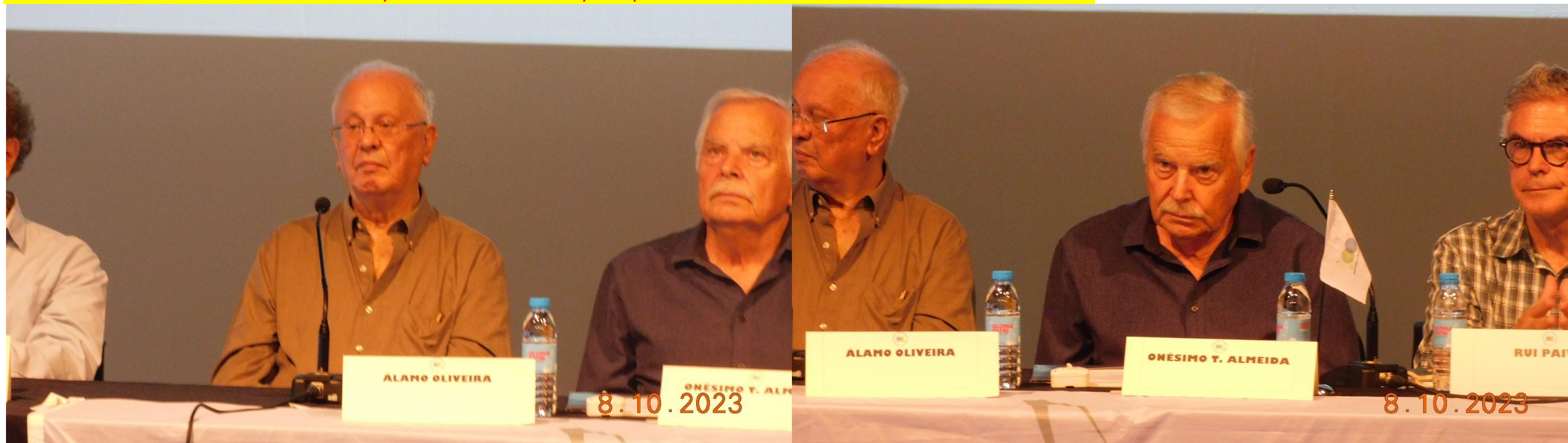
Faial
Fala Quem Sabe
João Nuno Gonçalo
Balada Brassado
Marrafa ao lado
Grafeno

<https://www.youtube.com/watch?v=66JwnrCPgpQ>

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE 2021

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 36º EM PONTA DELGADA 2022, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA EM 2024

34. ONÉSIMO TEOTÓNIO DE ALMEIDA, BROWN UNIVERSITY, USA, AICL. AUTOR HOMENAGEADO AICL 2020-2021



38º RIBEIRA GRANDE 2023

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Natural do Pico da Pedra, S. Miguel, Açores.

Doutorado em Filosofia em 1980 pela Universidade Brown (Department of Philosophy), em Providence, Rhode Island, onde também fez Mestrado em 1977.

Obteve o Bacharelato na Universidade Católica Portuguesa em 1972, e antes frequentou o Seminário de Angra, nos Açores.

Em 1972 emigrou para os EUA.

Ainda enquanto aluno de pós-graduação na Brown University, começou a lecionar no Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros dessa mesma Universidade, que ajudou a criar.

Em 1981 foi nomeado Assistente nesse Centro; em 1987, promovido a Professor Associado; em 1991, a Professor Catedrático.

O Centro entretanto passou a Departamento e foi dele seu diretor de 1991-2003.

É Fellow do Wayland Collegium for Liberal Learning, um Instituto de Estudos Interdisciplinares na Brown University, onde leciona uma cadeira sobre Valores e Mundividências.



Leciona também no Center for Early Modern Studies, da mesma Universidade.

Para além das obras em livro, tem centenas de escritos em revistas e livros coletivos.

Em 2023 a Brown criou uma cátedra com o seu nome.

Fundou e dirige a editora Gávea-Brown, dedicada à edição em inglês de obras de literatura e cultura portuguesas, que edita também a revista Gávea-Brown – a Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies, que ele fundou e codirige.

É coeditor do e-Journal of Portuguese History e de Pessoa Plural, ambas revistas eletrónicas editadas em cooperação internacional e publicadas na Brown University.

É coeditor de uma coleção de obras de Lusophone Studies na Sussex Academic Press e codirige a série Bellis Azorica, de obras açorianas em tradução inglesa, na Tagus Press / University of Massachusetts Press.

Desde 1979 mantém um programa bimensal no Portuguese Channel, de New Bedford, Massachusetts, e durante dois anos manteve um programa semanal – “Onésimo à conversa com...” – na RTP-Açores.

Foi colaborador regular n' O Jornal e no Diário de Notícias.

É colaborador regular na revista LER, na PNETLiteratura e no Jornal de Letras.

Entre as organizações a que pertence, é membro da direção da PALCUS – Portuguese-American Leadership Council of the United States.

Foi Vice-Presidente do Rhode Island Council for the Humanities e da Associação Internacional de Lusitanistas.

É Trustee do New Bedford Whaling Museum.

Deu a sua última aula na Brown em maio 2024.

Foi eleito Membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa

Sócio-Correspondente da Academia da Marinha e da Academia das Ciências de Lisboa.

Em 2013 recebeu um Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Aveiro.

A 9 de junho de 1997, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

A 28 de setembro de 2018, recebeu a Grã-Cruz da mesma Ordem

Em 2019 o Presidente da República nomeou-o Presidente da Comissão de Honra do Dia de Portugal. Nessa qualidade, foi o orador oficial nas celebrações do 10 de junho.

Foi o Presidente da Comissão de Honra da campanha Ponta Delgada, Capital Europeia da Cultura 2027.

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA foi HOMENAGEADO PELA AICL NO 36º COLÓQUIO EM 2020-2021 PDL



BIBLIOGRAFIA ONÉSIMO T ALMEIDA

Estudos e ensaios

O Século dos Prodígios - A Ciência no Portugal da Expansão (2018). Prémio Gulbenkian Portugal no Mundo, Academia Portuguesa de História, 2018; Prémio D. Diniz, Solar Casa de Mateus, 2019.

Humanidades. Uma inutilidade mais do que necessária (Braga: Universidade do Minho, 2017).

Com Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, orgs., *A Condição de Ilhéu*. (Lisboa: CEPCEP, 2017.)

A Obsessão da Portugalidade. (Lisboa: Quetzal, 2017).

Despenteando Parágrafos. Polémicas Suaves (Lisboa: Quetzal, 2015)

Mínima Azorica. (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2014)

Pessoa, Portugal e o Futuro (Lisboa: Gradiva, 2014)

Com Artur Goulart Melo Borges e Olegário Sousa Paz, orgs., "Casa Santa Mimosa... Olhares sobre o Seminário de Angra, 1950-1970 (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2014).

Utopias em Dóí Menor - conversas transatlânticas com Onésimo. Conduzidas por João Maurício Brás (Lisboa: Gradiva, 2012)

Com Otilia Pires Martins, (org.), Eugénio Lisboa: Vário Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem (Guimarães: Opera Omnia, 2011.

Com Leonor Simas-Almeida e Maria João Ruivo, (org.) Fernando Aires – Era Uma vez o Seu Tempo. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011.

O Peso do Hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2010.

Açores, Europa – uma Antologia. Seleção, Organização e Introdução. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2010.

De Marx a Darwin - A desconfiança das ideologias. Lisboa: Gradiva, 2009. 2010 Prémio Seeds of Science para Humanidades e Ciências Sociais.

Com Leonor Simas-Almeida, Eduíno de Jesus – A Ca(u)sa dos Açores em Lisboa. Homenagem de amigos e admiradores. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2009.

Com Alice Clemente, (org.) George Monteiro: *The Discreet Charm of a Portuguese-American Scholar*. Providence, RI: Gávea-Brown, 2005.

National Identity - a Revisitation of the Portuguese Debate. NUI Maynooth Papers in Spanish, Portuguese and Latin American Studies n.º. 5. Maynooth, Ireland: National University, 2002.

Com Manuela Rêgo, (org.), José Rodrigues Miguéis – *Uma Vida em Papéis Repartida*. Atas do Colóquio no Padrão dos Descobrimentos. Lisboa: Câmara Municipal, 2001.

José Rodrigues Miguéis - *Lisboa em Manhattan*, edição traduzida e alargada e com posfácio. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

Com Manuela Rêgo, (org.), José Rodrigues Miguéis - 1901-1980, Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento. Lisboa: Câmara Municipal, 2001.

Seleção, Introdução e Organização, José Rodrigues Miguéis, *Aforismos e Desaforismos de Aparício*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, e Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

Edition of Richard Beale Davies, *The Abbé Corrêa in America 1812-1820 The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life*. Preface by Gordon S. Wood Afterward by Léon Bourdon. Providence, RI: Gávea-Brown Publications, 1993.

Seleção, Introdução e Organização, João Teixeira de Medeiros, *Ilha em Terra*. Ponta Delgada: Eurosigno, 1992.

Açores, Açorianos, Açorianidade – *Um Espaço Cultural*. Ponta Delgada: Signo, 1989. 2ª edição alargada (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011).

L(USA)lândia – *A Décima Ilha*. Angra do Heroísmo: Coleção Diáspora, Sec. Reg. Assuntos Sociais e Dir. Serviços de Emigração, 1988.

Mensagem – *Uma Tentativa de Reinterpretação*. Prémio de Ensaio Roberto de Mesquita, Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores. Angra do Heroísmo: SREC, 1987.

Organização e Introdução, *Da Literatura Açoriana – Subsídios para um Balanço*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1986.

Editor, José Rodrigues Miguéis: *Lisbon in Manhattan*. Providence, RI: Gávea-Brown, 1985.

A Questão da Literatura Açoriana. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.

Selection, Introduction and Notes of *The Sea Within*. A Selection of Azorean Poetry. Providence, RI: Gávea-Brown, 1983.

Seleção, Organização e Introdução, João Teixeira de Medeiros, *Do Tempo e de Mim*. Providence, RI: Gávea-Brown, 1982. 2ª edição alargada: Lisboa: Peregrinação, 1988. 3ª edição, Lisboa: Salamandra, 2001.

Imprensa, Rádio-TV e Cinema - *Cérebros do Grande Público* (Angra do Heroísmo: União Gráfica Angrense, 1970).



38º RIBEIRA GRANDE 2023

Escrita criativa

Correntes d'Escritas & Correntes Descritas (Guimarães: Opera Omnia, 2019).

Quando os Bobos Uivam (Lisboa: Clube do Autor, 2013)

Onésimo. *Português sem Filtro – uma Antologia*. Posfácio de Miguel Real Lisboa: Clube do Autor, 2011.

Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche. Lisboa: Bertrand Editora, 2007.

Tales from the Tenth Island. Translation and Introduction by David Brookshaw. Bristol, UK: Seagull/Faoileán, 2006.

Livro-me do Desassossego. Lisboa: Temas & Debates, 2006.

Onze Prosemas (e um final merencório), Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.

Viagens na Minha Era. Lisboa: Temas & Debates, 2001; Círculo de Leitores, 2001.

Que Nome é Esse, ó Néximo? – e Outros Advérbios de Dúvida. Lisboa: Salamandra, 1994. 2ª edição, 2002. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

Rio Atlântico (crónicas). Lisboa: Edições Salamandra, 1997.

No Seio Desse Amargo Mar - (featro). Lisboa: Salamandra, 1991.

(Sapa)feia Americana (contos), Lisboa: Editora Vega, 1983. Edição revista, com posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Salamandra, 2001, e Círculo de Leitores, 2001.

Ah! Mònim dum Corisco! (featro) (New Bedford - Providence: Gávea - Chama, 1978). 2ª edição, Ponta Delgada: Eurosigno, 1991. 3ª edição Lisboa: Salamandra, 1998.

Da Vida Quotidiana na L(USA)lândia. Coimbra: Atlântida Editora, 1975.

Esperança-21 (featro), Angra do Heroísmo, 1969.

O Centenário (poema-paródia). Angra do Heroísmo, 1963.



Bibliografia in BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)

- (1963). "O centenário, poema-paródia". Angra, [s.i.]
- (1969). *Esperança 21*, teatro. Angra, [s.i.]
- (1970). *Cérebros do grande público* (Ensaio), [s.i.]
- (1972). Portuguese is my second language: differentiated learning package. Fall River Public Schools Bilingual Education Program
- (1975). "Prefácio" a José Brites. "Poemas sem poesia" (Lisboa): 7-11.
- (1975). *Da vida quotidiana na LUSAlândia*. Coimbra: Atlântida Ed.
- (1975). *Ah! Mònim dum corisco! da vida quotidiana na L(USA)lândia* (Teatro) [s.i.]
- (1976). *LUSAlândia, A décima ilha*. Angra: col. Diáspora. DRAC, Direção Serviços de Emigração.
- (1978). *Ah! Mònim dum corisco! Teatro Nova Bedford*. Providence: Gávea-Brown
- (1978). "(Sapa)teia quotidiana" in João de Melo, ed., *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*. Lisboa: Vega: 71-76.
- (1978). "Os Portugueses na América num livro pobre e cheio de preconceitos". *A Memória de Água-Viva* nº 0: 13-15.
- (1978). "Values and ideology in the school curriculum". *Culture Education and Community*. 2nd National Portuguese Conference. Cambridge, Mass. NADC: 32-49
- (1980). "A profile of the Azorean" in Donaldo Macedo, ed., *Issues in Portuguese Bilingual Education*: 113-164. Ensaio. Cambridge, National Assessment and Dissemination Center for Bilingual Bicultural Education
- (1980). "Mrs. Cavalo. Professora de ESL" in Yvette Tessaro et al., eds., *Saudades Não Pagam Dívidas*. Paris: Association L'Oeil Étranger: 86-96.
- (1980). "Português(es) de diáspora." Gávea-Brown. 1: 2-6.
- (1980). "Nota crítica à crítica de Teodoro Matos e I. Rosa Pereira a Caetano V. Serpa: A Gente dos Açores in *A Memória de Água-Viva* nº 7 (outº): 21-24.
- (1980). "The concept of ideology: a critical analysis". Tese de doutoramento em Filosofia. Brown. Providence. Rhode Island. EUA
- (1981). "On doing scientific research", in Anna Brito and June Goodfield's *An Imagined World*. Ed. Gávea-Brown vol. 2 nº 2: 39-44.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1981). "Em memória de J. Rodrigues Miguéis". Gávea-Brown vol. 1 nº 2: 3-4. Reprinted in *Diário de Notícias, Cultura*, mai 7.
- (1981). "Recent bibliography on the Portuguese in the United States". *The Journal of Ethnic Studies* 9 nº 1: 96-98.
- (1981). com Nancy Baden, Vamberto Freitas, Urbino de San-Payo, Eduardo M. Dias. "O futuro da literatura luso-americana". Gávea-Brown vol. 2: 14-32.
- (1982). Selection, introduction and edition of João Teixeira de Medeiros *Do tempo e de mim*. Providence. RI Gávea-Brown.
- (1983). "Identidade cultural: conflitos solúveis e insolúveis". *Comunicação no Portugueses na América do Norte*. Universidade da Califórnia. Peregrinação Publications
- (1983). "Mannheim's dual conception of ideology: a critical look". *Ideologies & Literature* 4 (2nd Cycle): 220-237.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1983). *In The sea within. A Selection of Azorean Poetry*, (org.), Providence. Gávea-Brown
- (1983). "Uma cadeira de Literatura Açoriana nos Estados Unidos. Explicação de comos e porquês". *Aresta* nº 6: 10-24.
- (1983). *SapaTeia americana*. Lisboa. Vega 1ª ed.
- Almeida. Onésimo Teotónio, (1983). *A questão da literatura açoriana, Ensaio. Recolha de intervenções e revisitação [as diversas posições teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas] org., Angra. SREC*
- (1983). José Rodrigues Miguéis, *Lisbon in Manhattan* (Ensaio) [s.i.]
- (1983). «Da ausência de produção teórica na literatura açoriana» in Almeida, Onésimo Teotónio (org. e sel.) *A Questão da literatura Açoriana, Recolha de intervenções e revisitação*. Angra. SREC: 217-222 [1ª ed. 1982]
- (1983). "A família do Jânim Rapoza", "Mr. John Hartmeinsh" & "Americanos descendentes de Portugueses" in Fausto Avendaño, ed., *Literatura de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos*. Lisboa: Publicações Europa-América: 35-53.
- (1983). "Carta de um Banco a um Português" in Luís de Miranda Correia, ed., *Sílabas*. Providence. RI Portuguese Cultural Foundation: 41-43.
- (1983). "The new outlook in Azorean Literature" in Nelson H. Vieira, ed., *Roads to Today's Portugal: Literature and the Arts 1950-1975*. Providence. RI: Gávea-Brown: 97-115.
- (1984). "Value conflicts and the struggle for cultural adjustment. The case of Portuguese in Canada". Gávea-Brown 5-8: 28-34.
- Almeida. Onésimo Teotónio (1984). *The sea within. A selection of Azorean Poetry, Selection, introduction & notes*. Providence. RI Gávea-Brown. Excerpts, reprinted in *Açores, Poetas. Special Edition II Conference of European Insular Regions*. Council of Europe. Ponta Delgada
- (1985). "Filosofia portuguesa: alguns equívocos" in *Cultura, História e Filosofia*. Lisboa vol. 4: 219-255
- (1985). "Da filosofia do humor ao humor em filosofia". Ensaio. JL. Lisboa vol. 5 160 30 julº-5 ago: 16-17.
- (1985). "A obra de Eduardo Mayone Dias, ou de como se leva a imigração à Universidade e vice-versa". *Peregrinação Publications* nº 8: 11-15.
- (1985). José Rodrigues Miguéis: *Lisbon in Manhattan*, ed., Providence. RI Gávea-Brown
- (1985). "(Sapa)teia Quotidiana" in A.M. Pires Cabral, ed., *A Emigração na Literatura Portuguesa: Uma coletânea de textos*. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração: 212-215



39º STA Mº 2024

- (1985). "Filosofia portuguesa. Alguns equívocos". *Cultura, História e Filosofia*, vol. 4: 219-255.
- (1985). "O filósofo W. V. Quine e os Açores". *Atlântida* vol. 30: 93-101.
- (1985). "Filosofia brasileira vs. Filosofia no Brasil". *Revista Brasileira de Filosofia* vol. 36 nº 140: 400-413
- (1985). José Rodrigues Miguéis, *Lisboa em Manhattan*, ed. revista e aumentada, Lisboa; ed. Estampa;
- (1986) (org.) "Da literatura açoriana, subsídios para um balanço". *Comunicação I Simpósio sobre literatura açoriana, Universidade de Brown, EUA 22-23 abr 1983.*
- (1986). *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um balanço*, org., intro e notas. Angra. SREC. 327 pp.
- (1986). "Usos e abusos do conceito de Açorianidade". *II Congresso das Comunidades Açorianas. Angra DRAC: 547-553.*
- (1986). "Merton, Pessoa-Caeiro e o Zen". *Nova Renascença* nº. 22 abr-jun: 146-152.
- (1986). "Identidade cultural, conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., *Portugueses na América, estudos e perspectivas*. Baden. Suíça: Peregrinação Publications: 41-55.
- (1986). "Açorianidade: equívocos estéticos e éticos" org, intro e notas, in *Da literatura açoriana, subsídios para um balanço*. Angra. Direção Regional dos Assuntos Regionais. SREC: 303-314.
- (1987). *LUSALândia. A décima ilha*. Angra: col. Diáspora. Sec. Reg. Assuntos Sociais e Direção de Serviços de Emigração.
- (1987). "Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII" in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal (sécs. XVI-XIX)*. Lisboa: Academia das Ciências, 2º vol.: 1173-1222.
- (1987). In Ron Goulart, "Uma costela faialense na ficção científica americana". *Atlântida* vol. 33: 141-146.
- (1987). "Sobre o sentido de A minha pátria é a língua portuguesa (Pessoa - B. Soares) ". *Colóquio-Letras* nº 97: 37-47
- (1987). "Aculturação: algumas observações". *Ensaio. Arquipélago-Ciências Sociais*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores 2: 229-237
- (1987). "Um português na América", excerto de "(Sapa)teia Americana" in P. Soares and P. Ferreira Welcome 5th Grade English Textbook. Lisboa: Ed. O Livro: 8-9.
- (1987). *Prémio de Ensaio Roberto de Mesquita (Ensaio)*. Angra. SREC.
- (1987). "Antero de Quental no Diário de Tolstoi" *Atlântida* 32: 103-108.
- (1987). "Sobre o papel de Portugal na revolução científica do séc. XVII" *Ensaio in História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal sécs. XVI-XIX*. Lisboa. Academia das Ciências 2: 1173-1222
- (1987). "Aculturação, algumas observações". *Arquipélago, Ciências Sociais* 2: 229-237.
- (1987). "Açores, açorianidade e literatura açoriana". *Bulletin d'Études Portugaises et Bresiliennes* nº 46-47: 7-16
- (1988) "Geografia: insularidade e clima, a suposta influência psíquica" *Separata do Boletim IHIT* vol. 45: 143-169.
- (1988). "O Sebastianismo revisitado" in Claude L. Hulet, ed., *Encruzilhadas, Crossroads*. Los Angeles: University of California. Symposium on Portuguese Traditions, vol. 3.
- (1988). "Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano". *Separata Arquipélago Línguas e Literaturas* vol. 10: 13-25
- (1988). "Prefácio" to the Portuguese translation of *Está a brincar Senhor Feynman!* Lisboa: Gradiva: 7-11.
- (1988). "Uma nota de introdução a R. Feynmann: *Está a brincar Sr. Feynmann. Retrato de um Físico enquanto Homem*". *Ensaio*. Lisboa. Gradiva: 7-11
- (1988). "Vitorino Nemésio e a tipologia do açoriano". *Arquipélago Letras*. 10: 13-25.
- (1988). "Brazilian Philosophy and national thought." Irwin Stern, ed., *Dictionary of Brazilian Literature*. Westport. CT: Greenwood Press: 240-242.
- (1988). "Literatura, sociedade e política: o caso açoriano" in *Conhecimento dos Açores através da Literatura, Ensaio*. Angra IAC: 71-84
- (1988). "O renascimento da Morte da Ideologia. Ensaio. *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa. 6-7: 63-69
- (1988). Seleção, intro e ed. de João Teixeira de Medeiros, *Do tempo e de mim*. 2ª ed. alargada. Lisboa: Peregrinação Publications.
- (1989). *Ah! Mònim dum corisco!* 2ª ed.; Teatro. New Bedford, Providence: Gávea Chama.
- (1989). *No seio desse amargo mar*. Peça em 3 Atos. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1989). "De Angra nos anos 60", introdução a um texto de Francisco Carmo. *Atlântida* 34 nº 2: 119-120.
- (1989). "A presença portuguesa na América do Norte". *Oceanos* vol. 1 nº 1: 93-95.
- (1989). "Two entries" in Paul Dickinson, *The new official rules*. Reading. MA. Addison-Wesley Publ. Co. Inc.: 7 - 19.
- (1989). "On the diversity of Brazilian philosophical expression" in Jorge E. Gracia and Mireya Camurati, eds., *Philosophy and Literature in Latin America*. Albany: State University of New York Press: 18-24; 213-215.

(1989). "Literatura, sociedade e política, o caso açoriano. Conhecimento dos Açores pela Literatura." IX Semana de Estudos dos Açores. Angra, IAC: 71-84

(1989). "Antero de Quental and the causes of decline of the Iberian Peoples, a revisitation". Benjamin F. Taggie and Richard Clement, eds., *Iberia and the Mediterranean*. Warrensburg: Central Missouri State University: 131-144.



39º STA Mº 2024



(1989). Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural, Ensaio. Ponta Delgada, Signo

(1989). Quadro panorâmico da literatura açoriana nos últimos cinquenta anos. [s.l.]

(1989). "L(USA)lândia" excerto de "(Sapa)teia Americana" in Dora Matos et al. *Pela Pátria é que vamos*. 7th Grade Language Arts Textbook (Lisboa: ASA): 95

(1989). "L(USA)lândia. A décima ilha". German Translation of parts of Chapter 8 by Walter Frey in *Tranvia, Revue der Iberischen Halbinsel* (no. 15 Dec.).

(1990). "Antero de Quental no Diário de Tolstoi". *Atlântida* 32 (1987) 103-108. Reprinted in *Ínsula* nº 5

(1990). "Fernando Pessoa e Verdade(s)" in *Um século de Pessoa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura: 195-203.

(1990). "Plutarco como possível origem do nome das Ilhas Santanazes do mapa de 1424". *Boletim IHIT* vol. 47: 75-84

(1990). "Segundo recado para Miguel Torga sobre o determinismo geográfico. A propósito da insularidade de Vitorino Nemésio". *Revista Açoriana de Cultura* 2: 89-106.

(1990). "Açores. O futuro e a doce tirania do passado", Ensaio. *Arquipélago-Ciências Sociais*. Ponta Delgada, 5: 205-214

(1990). "De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade". *Boletim da Casa dos Açores do Norte* nº 31

(1991). *Ah! Mònim dum corisco! Teatro*. 2ª ed. Ponta Delgada, Eurosigno

(1991). *No seio desse amargo mar, peça em 3 atos*. 2ª ed. Lisboa, ed. Salamandra

(1991). "Flores no aeroporto" in Fernando Venâncio: *Oefenboek Bij Boa Sorte*. Muiderberg, Holland: Dick Coutinho: 111-112 (reprint)

(1991). "Pessoa, Mensagem e o mito em George Sorel". IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos. Secção brasileira vol. 2. Porto: Fundação Eng. António de Almeida: 211-222.

(1991). "A questão da identidade nacional na escrita portuguesa contemporânea". *Hispania* vol. 74: 492-500.

(1991). "Portugal and the concern with national identity". *Social History Society Newsletter* 17 (Spring)

(1992). "Jorge de Sena e o Ensaio teórico" in Francisco Cota Fagundes e José N. Ornelas (org.) *Jorge de Sena: O homem que sempre foi*. Lisboa: ICALP: 211-219

(1992). "Another day (short story)", *James River Review* (Winter) 3: 16-18.

(1992). "Christmas card (short story)", *James River Review* 1 (Winter) 3: 20-21.

(1992). "Trois modes de présence européenne sur le continent américain". *Europe. Special issue on L'Invention d'Amérique* 70 (April) 756: 57-64.

(1992). "Da inevitabilidade da ética e do imperativo dialógico entre alternativas". Ensaio. *Revista de Comunicação e Linguagens*. 15-16: 51-60

(1992). "De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade". Reprinted in *Pulsar Açoriano Oriental* 2 (janº) 26.

(1992). "Estruturas culturais profundas? - A propósito do duplo regresso dos emigrantes". *Revista da Semana Cultural das Velas* (abril): 86-90.

(1992). "Sant'Anna Dionísio e a não-participação da inteligência ibérica na criação da ciência", Ensaio in *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal séc. XX*. Lisboa. Academia das Ciências 3: 1707-1731

(1992). sel., intro., org. João Teixeira de Medeiros, *Ilha em Terra*. Ponta Delgada, Eurosigno

(1992). *No seio desse amargo mar, peça em 3 atos*, 3ª ed. col Garajau nº 9 ed. Salamandra

(1992). "Ideas in context, cultural impositions on the thought of Silvestre Pinheiro Ferreira" in Helder Macedo, ed., *Studies in Portuguese Literature and History in Honor of Luís de Sousa Rebelo*. London: Tamesis Books: 171-179

(1992). "Prefácio" a Vamberto A. Freitas: *Pátria ao longe*. *Jornal da emigração* 2. Ponta Delgada: Eurosigno: 11-13.

(1992-1993). "Sobre o aparente renascimento de Heidegger, carta dos Estados Unidos". *Atlântida* vol. 37 nº 1, 2: 107-118.

(1992-1993). "Marx e a ideologia, ou a ideologia em Marx". *Arquipélago-Ciências Sociais* nº 7-8: 135-161.

(1993). "O Ensaio teórico a la Jorge de Sena". *Colóquio-Letras* 125-126: 119-128.

(1993). *The Abbé Corrêa in America (1812-1820). The Contributions of the Diplomat and Natural Philosopher to the Foundations of Our National Life*. Edition of Richard Beale Davies, Prefácio Gordon S. Wood. Posfácio Léon Bourdon. Providence. R. I. Gávea-Brown Publications.

(1993). *L'humeur dans la littérature portugaise-un bilain critique*. Archives du Centre Culturel Gulbenkian (Paris).

(1993). "Antero e as Causas, entre Marx e Weber." Congresso Anteriano Internacional. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 33-43.

- (1993). "Açores. O futuro e a doce tirania do passado" in Irwin Karnick, *A Trilogia Açoriana: o espírito, o povo e a terra (Foto álbum)*. Ennismore. Ontário: One World Communications: 186-187
- (1993). *A L(USA)lândia e a lenta osmose da assimilação. Uma década de desenvolvimento: 1983-1993*. Velas: Câmara Municipal: 12-19.
- (1993). "A ideologia da Mensagem" in José Augusto Seabra, ed., *Fernando Pessoa Mensagem. Poemas Esotéricos*. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO: 329-33
- Almeida. Onésimo Teotónio (1993). "Antero et les causes du déclin des peuples ibériques. Esquisse d'une analyse critique" in M. Lourdes Belchior, ed., *Antero de Quental et l'Europe*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais: 121-135.
- (1993). "Prefácio" in Fernando Aires. *Era uma vez o tempo vol. 3*. Lisboa: Salamandra: 7-17.
- (1994). *Que nome é esse. Ó Nézimo? – E outros advérbios de dúvida, crónicas*. 1ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1994). "A ideologia dos factos, a subjetividade do objetivo" in Mário Mesquita e José Rebelo, eds., *O 25 abril nos Media Internacionais*. Porto: Ed. Afrontamento: 221-234
- (1994). "Portugal and the concern with national identity" in Ann L. MacKenzie, ed., *Portugal: its culture influence and civilization. Special issue of the Bulletin of Hispanic Studies*, vol. 71 nº 1. Liverpool: University Press: 155-163.
- (1995). "Ah! Mònim dum corisco" (partial reprint) in A. Oliveira, A. Bruno, M. Mesquita, S. Rocha, eds., *Papai, a sua bênção! Antologia de Textos de Autores Açorianos*. Angra, DRAC. Com. Reg. Ano Internacional da Família: 249-258.
- (1995). "A LUSAlândia e a lenta osmose da assimilação". Congresso das Comunidades Açorianas. Angra. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.
- (1995). "Prefácio" a Irene Dias: *Jardim saudoso*. E. Providence. RI Casa dos Açores: 11-13.
- (1995). "Açores, a aculturação entre a Europa e a América" 4º Congresso das Comunidades Açorianas. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388
- (1995). "Em busca de clarificação do conceito de identidade cultural". Livro comemorativo 1º Centenário da Autonomia dos Açores vol. 2. *A Autonomia no Plano Sociocultural*. Ponta Delgada: *Jornal de Cultura*: 65-90. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura nº 15-16 jul 27 e setº 14.
- (1995) "Introdução desnecessária", introduction to the Portuguese edition of Daniel Goleman *Inteligência emocional*. Lisboa: Círculo de Leitores: 9-15: mais de dez edições.
- (1995). "Das excelências axiológicas do Bremontismo". *Atlântida* vol. 40 (1º sem.): 107-127.
- (1995). "Ideologia, revisitação de um conceito". *Revista de Comunicação e Linguagens*. Nº especial "Comunicação e Política" nº 21-22: 69-79
- (1995). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno." *Insulana*, vol. 51: 63-73.
- (1995). "Da experiência açoriana, literária e existencial de José Enes". *Atlântida* 41 nº 2: 35-52
- (1995). "Portugal and the dawn of Modern Science" in George D. Winus, ed., *Portugal, the pathfinder: Journeys from the medieval toward the modern world*. 1300-ca. 1600. Madison, Wisconsin: 341-368
- (1996). "A ideologia da Mensagem" in José Augusto Seabra, 2ª ed., *Fernando Pessoa, Mensagem. Poemas esotéricos*. Nanterre. France: col. Archivos. UNESCO.
- (1996). "Canto da Maya. Introduction to the catalogue of the Art Exhibit of the Works of Canto da Maya". Paris: Centre Culturel Portugais, Foundation C. Gulbenkian: 8-11. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, *Correio dos Açores* nº 13 jul 13, *Boletim Cultural e Informativo*. Casa dos Açores do Norte nº 35 dezº: 13-14
- (1996). "Açores, a aculturação entre a Europa e a América", 4º Congresso das Comunidades Açorianas. Angra, Gab. de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas: 381-388.
- (1996). "Distinguishing cultural identity from national character". 5th Conference of the International Society for the study of European Ideas. University for Humanist Studies. CD-ROM. Utreque. Holanda, ago: 19-24.
- (1996). *Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa. Ed. Estampa
- (1996). *Aforismos & desaforismos de Aparício, de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa. Círculo de Leitores
- (1996). "Tiquete de sepide no riãuei" in A. Veríssimo et al., eds., *O gosto das palavras*. Porto: Areal Editores: 130-133 (reprint)
- (1996). "The ideological background of Pessoa's Mensagem." *Indiana Journal of Hispanic Literatures*. Special issue on Fernando Pessoa nº 9. Fall: 225-236.
- (1996). "J. Rodrigues Miguéis - um estrangeirado que nunca foi". *Revista da Faculdade de Letras Lisboa* nº 19-20: 149-158
- (1996). "O caso do Big Dan's, revisitação seguida de algumas considerações sobre acontecimentos media made". *Arquipélago-Ciências Sociais* 9-10: 161-176.
- (1996-97) "Da pátria da língua, de Pessoa e de cada qual". *Revista Faculdade de Letras Lisboa* 21-22: 15-21.
- (1997). "On the contemporary Portuguese essay" *Ensaio*, in Haufman, H.; Klobucka, A., eds., *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994*, Lewisburg, Bucknell University Press: 127-142
- (1997). "R. Hooykaas and his Science in Manueline Style, the place of the works of D. João de Castro in the history of science". *Ibero-Americana Pragencia* 31: 95-101.
- (1997). "Os Açores entre Portugal e os EUA. Equívocos de um período quente 1975-76" in António J. Telo: *O fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa*. Lisboa, Cosmos: 43-60.
- (1997). "Portuguese Essay" in Tracy Chevalier, ed., *The Encyclopedia of the Essay*. London: Fitzroy Dearborn Publishers: 668-671.
- (1997). "O humor (ou a ausência de) no Camilo polémico", in Isabel Pires de Lima et al., ed., *O Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras: 45-54.
- (1997). "Vergílio Ferreira" and "Eduardo Lourenço" in Tracy Chevalier, ed., *The Encyclopedia of the Essay*. London: Fitzroy Dearborn Publishers: 277-8; 496-7.
- (1997). "Jacinto do Prado Coelho e a sua serena conceção de crítica literária", in Ana Hatherly e Silvina R. Lopes (org.) *O sentido e os sentidos. Homenageando Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa. Cosmos: 57-69.
- (1997) in *After the Revolution: twenty years of Portuguese Literature 1974-1994*, Helena Kaufman, Anna Klobucka, Bucknell University Press,
- (1997). *Rio Atlântico, ensaios curtos*. Lisboa, ed. Salamandra
- (1998). *Portuguese Spinner. An American Story. Stories of History. Culture & Life from Portuguese-Americans in Southeastern New England*. New Bedford. In Adrian, Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas, eds., *Spinner Publications*: 186-191.
- (1998). "On distinguishing cultural identity from national character" in Frank Brinkhuis & Sascha Talmor, eds., "Memory, history and critique: European identity at the end of the millennium". 5th Conference of the International Society for the Study of European Ideas at the University for Humanist Studies. Utreque. Holanda, CD-ROM.
- (1998). "Azorean Dreams" in *Portuguese Spinner: An American Story. Stories of History. Culture and Life from Portuguese-Americans in Southeastern New England*. Ed. Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas. New Bedford, MA: *Spinner Publications*: 20-29
- (1998). "Who was João T. Medeiros?". *Portuguese Spinner*. New Bedford, MA: *Spinner Publications*: 98-99
- (1998). "Ah, Adrian", Marsha L. McCabe & Joseph D. Thomas. Eds., *Portuguese Spinner: An American Story. Stories of history, culture and life from Portuguese-Americans in Southeastern New England*. New Bedford, MA *Spinner Publications*: 186-191.
- (1998). "Aldeia ou freguesia? Gentes e o mar" in *Il Semana Cultural Açoriana* nº 2: 32.
- (1998). "Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998." *Veredas* 1: 327-347.
- (1998). *No seio desse amargo mar (1991) Viagens na minha era (peça em 3 atos)* 3ª ed.
- (1998). *Ah! Mònim dum corisco! Teatro*. 3ª ed. Lisboa, ed. Salamandra
- (1998). "Sobre a revolução da experiência no Portugal do séc. XVI: na pista do conceito de experiência, a madre das cousas". T. F. Earle, ed., *V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas vol. 3 Oxford-Coimbra*: 1617-1625.
- (1998). "Tales of three cities, ou olhares sobre três comunidades na Costa Leste dos EUA na década de 20". *Arquipélago-Ciências Sociais* 11-12: 505-533
- (1998). "O mistério da pedra de Dighton" in *Ah! Mònim dum corisco!* Lisboa. Salamandra col. Garajau: 81-99.

- (1999) "Introduction" to the Portuguese translation of Steven Shapin *The Scientific Revolution*, Difel: 7-12.
- (1999). "No mesmo banco". Prefácio a Octávio Ribeiro Medeiros: *Urbanização humanizante*. Ponta Delgada: Câmara Municipal da Povoação: 7-12. Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores, outº 28.
- (1999). "Nemésio, o humanista; ponte entre as "duas culturas" uma revisitação de Era do Átomo, Crise do Homem in António Machado Pires et al., eds., Vítorino Nemésio Vinte Anos depois. Colóquio Internacional fevº 98. Lisboa: Ed. Cosmos e Seminário Internacional de Estudos Nemesianos: 535-541.
- (1999). "L(USA)lândia - um olhar interrogativo sobre o futuro" in Ponta Delgada, *Cinco séculos de Concelho 1499-1999*. Ponta Delgada: Câmara Municipal: 133-141.
- (1999). "The Portuguese-American communities and politics, a look at the cultural roots of a distant relationship" in Frank Fagundes, *Ecos de uma viagem*. Em honra de Eduardo Mayone Dias. Providence. RI: Gávea-Brown: 229-243
- (1999). "Duas décadas de literatura luso-(norte)americana: um balanço 1978-1998". Reprinted in Supl. Açoriano de Cultura, Correio dos Açores nº 100 novº 11.
- (1999). "Various essays included in Vida e Obra de Fernando Pessoa". CD-ROM. Porto: Porto Editora.
- (1999). "Luís de Albuquerque, the historian of science". *Bulletin international Center for Mathematics* 7: 8-9.
- (1999). "Variationen über die Obsession der Identität" (trad. Orlando Grossegeisse). *Tranvia. Revue der Iberischen Halbinsel* 53: 65-67.
- (1999). "A osmose literária açor-americana - o caso de My Californian Friends, de Vasco P. Costa" *Margem* nº 14: 16-22
- (1999). "...fique a dúvida para Pedro Nunes' (D. João de Castro) sobre a cooperação entre 'cientistas' e navegadores." *Oceanos* nº 49: 9-17. Republished in Instituto Camões.
- (1999). "Portugal e a aurora da ciência moderna, uma revisitação". *Anais Universidade de Évora* nº 12: 19-61.
- (1999). "National identity, a revisitation of the Portuguese debate", Nui Mainouth Papers, Spanish, Portuguese & Latin American Studies 5 Mainouth Ireland National University
- (1999). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural," in I Jornadas 'Emigração-Comunidades'. Lisboa. Horta: Direção Regional das Comunidades
- (1999). "De Eça ao projeto de modernidade de Antero". *Estudos Anterianos. Special Issue Eça. Antero e a Geração de 70*, nº 9-10: 91-98
- (1999). "William Wood, uma figura (desconhecida) da história da emigração açoriana para os EUA" in M. Simões. H. Madeira. L. C. da Rosa, org., *Textos da Diáspora. Homenagem a J. David Rosa*. Berlim. Alemanha: Avinus Verlag: 135-145
- (1999). "A case of "Up Syndrome" in José Brites, ed., *Ronnie, a smiling life with Down Syndrome*. Rumford: Peregrinação Publications: 61-63.
- (1999). "Osmose literária açor-americana: o caso de My Californian friends" in *Margem 2 Funchal* nº 14 dezº: 16-22
- (1999). "Notas à margem sobre a imagem de Portugal" in *A Imagem de Portugal*. Seminário Diplomático. Lisboa: Instituto Diplomático: 103-121.
- (1999). "Spanish and Portuguese Literature" in *Context vol. 5 of World Literature and Its Times. Profiles of Notable Literary Works and the Historical Events that Influenced Them*. Detroit. MI: Gale Group: 477-485.
- (1999). "Escrever num mundo em permanente mudança". *Raia sem fronteiras*. Castelo Branco: Câmara Municipal: 37-41.
- (1999). "Da Póvoa..." in Rui Sousa: *Imagens d'Escritas. Póvoa de Varzim*: Câmara Municipal: 52-53.
- (1999). *Que nome é esse Ó Néximo?* Lisboa, ed. Salamandra 2ª ed.
- (2000). *SapaTeia americana*. 2ª ed. Lisboa. Salamandra.
- (2000). "Identidade cultural. Conflitos solúveis e insolúveis" in Eduardo M. Dias, ed., *Portugueses na América, Estudos e Perspetivas*. Baden. Suíça: 2ª ed. Rumford: Peregrinação Publications: 39-51
- (2000). "Value conflicts and cultural adjustment in North America" em Carlos Teixeira e Victor M. P. da Rosa, org., *Indices of naturalization patterns in the United States: a theory revisited*. Toronto. University of Toronto Press: 112-124
- (2000). *Açores, Europa, uma Antologia, seleção, org. e intro. Angra, IAC: 355 [4]*
- (2000). "Prosema ao Brasil" in João Almino e Arnaldo Saraiva, eds., *Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto: CNCDP: 7-11. Reprinted in Ciberkiosk, Online Journal of Arts and Letters n. 9 July.
- (2000) "Introdução supérflua" in José F. Costa: *E da carne se fez verbo*. Lisboa: Salamandra: 5-7.
- (2000). Translation of José Enes My Philosophical trajectory in Raul Fornet-Betancourt, ed., *World survey on the situation of Philosophy at the end of the Twentieth Century*. [s.i.]
- (2001). *Viagens na minha era*. Lisboa. Temas e Debates
- (2001). *Viagens na minha era*. Lisboa. Círculo de Leitores
- (2001). *(Sapa)teia americana (short stories)*, ed. revista, posfácio de Frank Fagundes. Lisboa: Salamandra. / Lisboa: Círculo de Leitores.
- (2001). "Prosema a Monhegan" in Maria Armandina Maia, ed., *Da outra margem*. Antologia de Poesia de Autores Portugueses. 2ª ed. Lisboa: Instituto Camões: 65-70.
- (2001). "A décima ilha e o estreitamento das pontes sobre o Rio Atlântico" *O Dia da Região Autónoma dos Açores, a bilingual edition*. Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores: 12-35. Correio da Horta ago 13.
- (2001). "Two decades of Portuguese-American Literature: an overview" in Asela R. Laguna, ed., *The Global Impact of the Portuguese Language*. New Brunswick. NJ: Transaction Publications: 231-254.
- (2001). "Uma educação para o séc. XX. Nota introdutória", in António M. Frias Martins, org., *A Investigação Portuguesa: desafios de um novo milénio*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 11-12
- (2001). "As ilhas e os mundos. Literaturas & literaturas" in *Caminhos do mar*. Colóquio Funchal: Câmara Municipal: 187-192.
- (2001). Sel., intro e edição de João Teixeira de Medeiros: *Do tempo e de mim*. 3ª ed. Lisboa: Salamandra.
- (2001). Coeditor com Manuela Rêgo, José Rodrigues Miguéis 1901-1980 *Catálogo da Exposição Comemorativa Centenário de Nascimento*. Lisboa: Câmara Municipal, intro a "José Rodrigues Miguéis, filho de Lisboa": *O espólio não cai do céu*: 27-29
- (2001). "Uma vida em papéis repartida", coeditor com Manuela Rêgo, org., "José Rodrigues Miguéis". *Colóquio no Padrão dos Descobrimentos*. Lisboa: Câmara Municipal
- (2001). José Rodrigues Miguéis, *Lisboa em Manhattan*, ed. trad., alargada com posfácio. Lisboa: Ed. Estampa
- (2001). "Francisco Sanches: o 'elo perdido' entre os descobrimentos e a ciência moderna". *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias* vol. 12 2nd series (Spring): 221-229.
- (2001). "Francisco Sanches, the "lost link" between the discoveries and modern science". *Science in Portugal*. Centro Virtual Camões
- (2001). "Identidade nacional, algumas achegas ao debate português". *Semear* nº 5: 151-165
- (2001-2004) "Coração despedaçado a morrer devagar, da experiência americana de J. Martins Garcia". *Arquipélago Línguas e Literaturas* vol. 17: 29-46.
- (2003). "A propos de la Lusophonie: ce que la langue n'est pas" in Francisco Bethencourt, ed., *Lusophonie et Multiculturalisme*. Paris: Archives du Centre Culturel Calouste Gulbenkian: 139-145
- (2003). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal". *Estudos Anterianos* 11-12 abr-out: 43-53.
- (2003). "Livros açorianos em inglês, um pequeno projeto de sobrevivência cultural" in I Jornadas 'Emigração, Comunidades' Lisboa Reprinted in SAAL, *Saber* nº 4: 7-8
- (2003). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., *Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa*. Lisboa: Ed. Colibri: 545-551. Reprinted in SAAL *Saber* nº 8: 4-7.
- (2003). "A osmose literária açor-americana - o caso de My Californian Friends, de Vasco P. Costa". Reprinted in SAAL, *Saber* 4 nº 9: 9-11
- (2003). "Os descobrimentos e a emergência da ciência moderna, revisitando um decantado tema". *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa* nº 30: 259-273
- (2003). "A mundividência saramaguiana ou a coerência na busca da materialização da ordem necessária" in M. L. Sousa et al. *Em Louvor da Linguagem. Homenagem a M. L. Buescu*. Lisboa: Ed. Colibri: 23-30. Reprinted in SAAL 1 nº 1: 4-6
- (2003). "Jean Baudrillard, uma apressadíssima visão da América". M. L. M. Sousa, ed., *Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses. FCSH: 663-669. Partially reprinted in SAAL

- (2003), com A. Canas, L. M. Carolino e J. C. Brigola: *Dois vultos portugueses nos alvares da modernidade científica*. Évora. Universidade de Évora (parcialmente publicado no site do Instituto Camões).
- (2003). "Chegam novas do Brasil!". Prefácio Luiz A. Assis Brasil: *Escritores Açorianos: a viagem de retorno*. Lisboa: Salamandra: 9-12 Reprinted in SAAL Saber 5 nº 11: 9
- (2003). "José Enes, o professor nas lembranças de um aluno". Partially reprinted in *Boletim da Casa dos Açores da Nova Inglaterra* vol. 1 nº 21 nov-dez: 17.
- (2003). "Vitorino Nemésio, corsário das ilhas: travels in his land". *Portuguese Literary & Cultural Studies* 11 (Fall): 291-301.
- (2003). "Nemésio, corsário das ilhas: viagens na sua terra". *Revista da Universidade Autónoma*.
- (2003). "Responsabilidade nos media" in Mário Mesquita, ed., *Os Media e a Transmissão dos Saberes*. Lisboa: Cosmos.
- (2004). "De Eça ao projeto de modernidade de Antero". *Estudos Anterianos*. Partially reprinted in SAAL, Saber 5 nº 22: 4-6
- (2004). *Que nome é esse Ó Nézimo?* 2ª ed. Lisboa. Círculo de Leitores
- (2004). *Onze prosemas e um final merencório*. Vila Nova de Gaia. Ausência.
- (2004). "Saudades frutuosas", prefácio a Alfredo da Ponte: *Os Fusíadas, apontamentos sobre a Ribeira Grande, sua história e sua gente*, vol. 2, Fall River. MA: Casa dos Açores da Nova Inglaterra: 5-7.
- (2004). "Irmãos Côrte-Real - os mitos e os factos e a sua importância identitária". Luís Arruda, ed., *O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX*. Horta: 37-43.
- (2004). "Esquilo erudito" in Fernando Venâncio: *Crónica Jornalística séc. XX*, Lisboa: Círculo de Leitores: 317-318.
- (2004). "O ensaio de Vergílio Ferreira" in Maria Joaquina Nobre Júlio, ed., *In Memoriam de Vergílio Ferreira*. Partially reprinted in SAAL, Saber 5 nº 17: 17-19
- Almeida. Onésimo T. (2004). "Identidade nacional - algumas achegas ao debate português". Partially reprinted in SAAL Saber 5 nº 19: 19-21
- (2004). "Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós - a propósito do conceito de humor na literatura portuguesa". *Estudos Anterianos* 13-14 (abr-out): 9-66
- (2004). "O(s) Adrianos" in Francisco C. Fagundes: *Um passo mais no Português Moderno: gramática avançada, leituras, composição e conversação*. Nth Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture. UMass Dartmouth: 635-656.
- (2004). "A cidade e as ilhas - valores e escolhas" in M. A. Homem, ed., *Escritores e Cidades*. Funchal: Câmara Municipal: 125-129. Partially reprinted in SAAL Saber 5 nº 12: 4-6
- (2004). "Identidade nacional - a doce tirania do passado" in Orlando Grossegeisse, ed., *O estado do nosso futuro: Brasil e Portugal entre identidade nacional e globalização*. Berlim: Tranvia: 10-24
- (2004). "Saudade e saudosismo, uma revisitação da polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes". *Via Atlântica* nº 7: 131-145
- (2004). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal". Partial reprint SAAL Saber 5 nº 15: 4-6.
- (2004). "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal" in M. C. Ribeiro. J. Perkins, P. Rothwell, eds., *A primavera toda para ti. A tribute to Helder Macedo*. Lisboa: Ed. Presença: 235-242. Reprinted in SAAL Saber 5 nº 15: 4-7.
- (2005). "Lusofonia, some thoughts on language in language communities or cultural empires? The impact of European languages in former colonial territories". Berkeley. CA: Institute of European Studies (May 21) Paper 050521.
- (2005). "Língua e mundividência, uma revisitação da hipótese de Sapir-Whorf" in Gramática e Humanismo. Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres vol. 1. Braga: Faculdade de Filosofia: 93-111.
- (2005). "Posfácio, Eduíno de Jesus: nota biobibliográfica e alguma fortuna crítica", in Eduíno de Jesus: *Os Silos do Silêncio*. Poesia 1948-2004 Lisboa IN-CM: 349-366 Partially reprinted in SAAL vol. 6 33: 4-8
- (2005). *Advertência em prefácio a Machado Ribeiro. Retalhos da Alma*. San José. CA: PHPC: 6-7.
- (2005). "Cristóvão de Aguiar e algumas das suas ralações de bordo" in Ana Paula Arnaut, org. *Homenagem a Cristóvão de Aguiar. 40 Anos de vida Literária*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 182-185.
- (2005). "Portuguese-American literature: some thoughts and questions." *Hispania* vol. 88 nº 4: 733-738.
- (2005). *Portuguese Encyclopedia of New England*, ed. Burt Feintuch & David H. Watters. New Haven Yale University Press: 395-397.
- (2005). "Over the clouds" (trad. George Monteiro). *Atlantis* 25 nº 2 (mai-jun): 98-99
- (2005). *Mensagem, uma revisitação à luz da interminável torrente do espólio, documento eletrónico [s.i.]*
- (2005), coeditor com Alice Clemente, George Monteiro: *The discrete charm of a Portuguese-American Scholar*. Providence. RI. Gávea-Brown
- (2005-06), "Of José Blanco, Gulbenkian and Brown". *Gávea-Brown* 24-5: 31-35.
- (2006). "Escrita em autodiagnóstico", in Maria da Penha Campos Fernandes: *História(s) da Literatura*. Coimbra, Almedina: 538-542.
- (2006). "A natureza humana e inovações: um argumento contra o determinismo biológico." *Revista Portuguesa de Humanidades* vol. 10: 421-430.
- (2006). "SapaTeia Americana". Tradução parcial por David Brookshaw: *Tales from the tenth island*. Bristol. UK. Seagull-Faoilán.
- (2006). "Pedro da Silveira: uma homenagem em três andamentos". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 15: 39-49
- (2006). "José Enes e a autonomia da arte: uma injustamente tardia revisitação" in J. L. Brandão da Luz, ed., *Caminhos do pensamento. Estudos em homenagem ao Professor José Enes*. Lisboa: Ed. Colibri, Universidade dos Açores: 29-42. Partially reprinted *Arquipélagos do Desejo*. Funchal: Dept.º de Cultura, Câmara Municipal do Funchal: 100-110.
- (2006). "Línguas, pátria de uma língua expatriada" in Maria da Penha Campos Fernandes, org., *História(s) da Literatura*. Coimbra: Almedina: 29-38.
- (2006). "Contrarregras" in Margem 2. Funchal nº 21 abril: 41-43
- (2006). "At home with the safety belt on" in Teresa Alves and Teresa Cid, eds., *From the edge. Portuguese short stories*. University of Lisbon Centre for English Studies: 109-123 (Trad. John Elliott)
- (2006). "On Lusofonia: an expatriate language as mother tongue" in Anthony Soares, ed., "Towards a Portuguese Postcolonialism", a special issue of *Lusophone Studies* nº 4. Bristol. UK: Department of Hispanic. Portuguese & Latin American Studies: 79-90
- (2006). *Livro-Me do desassossego*. Lisboa: Temas e Debates.
- (2006). Prefácio a "Concerto internacional": Américo Teixeira Moreira e Gabriela Silva: *Concerto a quatro mãos*. Porto: Ed. Triunvirato: 7-10.
- (2006). "Lusofonia e modernidade, antigos conflitos e atuais desafios". 5º Colóquio da Lusofonia. Ribeira Grande. Açores
- (2006). "O fu(tu)ro das Humanidades na Universidade portuguesa". *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa* n. 33: 143-149.
- (2006). "Modernidade, pós-modernidade e outras nublosidades". *Cultura, História e Filosofia* 22: 49-69.
- (2007). "Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano" in Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil, eds., *Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: PUC, Rio Grande do Sul: 23-32.
- (2007). "A comunidade açor-americana e a Universidade". *AndarILHagem* nº 1: 34-37
- (2007). In *Leiamos hoje morreremos amanhã* de Carlos Tomé. Os meus Livros 6, nº 55: 44-45
- (2007). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., "Pessoano" in Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., *A arca de Pessoa. Novos ensaios*. Lisboa: ICS: 203-216
- (2007). "The Azores and their place in the Portuguese cultural scene". *Lusophone Studies*. Special issue edited by John Kinsella and Carmen R. Vilar "Mid-Atlantic Margins. Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context" 5 (July): 19-30.
- (2007). "Quase criação ex nihilo". Prefácio a Duarte Mendonça: *Da Madeira a Nova Bedford. Um capítulo ignorado da emigração portuguesa nos EUA*. Funchal: DRAC: 15-16
- (2007). "Darwin e os Açores, das referências às ilhas à receção da sua teoria no arquipélago" in O Faial e a Periferia Açoriana. IV Colóquio, Horta: *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*: 521-538.

- (2007). "On the Portuguese struggle for modernity, the weight of the past at home and abroad" in Irene Blayer and Frank Fagundes, eds., *Tradições portuguesas, Portuguese traditions: in honor of Claude L. Hulet*. San Jose. CA: PHPC: 449+
- (2007). "O Professor Dr., von Igelfeld e outros "products of Portugal", um retrato simbólico de uma certa imagem nossa no exterior" in Ofília Martins: *Portugal e o Outro: imagens. mitos e estereótipos*. Aveiro: CLC - Universidade de Aveiro: 23-30
- (2007). *Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduiche*. 1ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
- (2007). *Aventuras de um nabogador & outras estórias-em-sanduiche*. 2ª ed. Lisboa: Bertrand Ed.
- (2007) "Paradigma perdido? O confronto do Portugal da Contrarreforma com a modernidade" in J E Franco e Hermínio Rico, eds "Padre Manuel Antunes (1915-85) Interface entre Portugal e Europa. Colóquio de Homenagem ao Pe. Manuel Antunes". Porto: Campo das Letras 146-162.
- (2008). "Sena Freitas e o evolucionismo darwinista" in Luís Machado de Abreu, José Eduardo Franco, Anabela Rita e Jorge Croce Rivera: *Homem de palavra, Padre Sena Freitas. Estudos inéditos e autobiografia*. Lisboa: Roma Ed: 283-293.
- (2008). "L(USA)land. the tenth island" and "Our communities and access to higher education" in Tony Goulart, ed., "Capelinhos: A Volcano of Synergies. Azorean Emigration to America". San Jose. CA: PHPC: 131-136; 211-215.
- (2008). "Sobre o peso da geografia no imaginário literário açoriano" in "Mar horizonte, literaturas insulares lusófonas" de Jane Tutikian e Luiz Antônio de Assis Brasil. EDIPUC. RS. Brasil
- (2008). "Value conflicts and cultural adjustments in North America". 2ª ed. in Carlos Teixeira and Victor P. da Rosa: *The Portuguese in Canada*. Toronto University Press: 255-268
- (2008). "A propósito de Lusofonia: o que a língua não é" in Carlos Ceia, Isabel Lousada e M. João R. Afonso, eds., "Estudos Anglo-Portugueses. Livro de Homenagem a Maria Leonor M. Sousa". Reprinted in expanded version in Miguel Jasmínes Rodrigues, (org.), *Futuro e História da Lusofonia Global*. Lisboa: IICT: 195-204
- (2008). "Do (re)conhecimento da ignorância como saudável atitude fundacional" in Victor Trindade, Maria Nazareth Trindade e Adelinda Araújo Candeias, eds., *A Unicidade do conhecimento*. Coimbra: Quarteto Ed: 13-28.
- (2008). "Quanto vale um pioneiro". Prefácio a Francisco Cota Fagundes: *No vale dos pioneiros*. Praia da Vitória: Câmara Municipal: 11-16.
- (2008). "Devolvido à sua terra". "Prefácio à obra científica de Francisco de Arruda Furtado", introdução, levantamento e estudo de Luís M. Arruda. Ponta Delgada: ICPD: 7-14
- (2008). "Out of Africa". Prefácio a Rui Balsemão da Silva: *A voz de dentro*. Victoria. BC: Pritium Bookworks: 11-14.
- (2008). "O jardim como extensão da casa-do-estar, uma amostra luso-americana" in José Eduardo Franco e Ana Cristina da C. Gomes, ed., *Jardins do mundo. Discursos e práticas*. Lisboa Gradiva: 301-307.
- (2008). "Cânone, cânones em reflexões dialogadas" with Leonor Simas-Almeida. *Veredas* nº 10: 165-171
- (2008). "Fernando Pessoa and Antero de Quental (with Shakespeare in between)". *Portuguese Studies. Special issue on Fernando Pessoa* vol. 24 nº 2: 51-68
- (2008). "O verbo e a verve de Mons. José Machado Lourenço: aulas que o vento não levou". *Atlântida* vol. 58: 19-34.
- (2008). "Science during the Portuguese maritime discoveries, a telling case of interaction between experimenters and theoreticians" in Daniela Bleichmar, Paula de Vos, Kristin Huffine & Kevin Sheehan, eds., *Science in the Spanish and Portuguese Empires 1500-1800*. Palo Alto. CA: Stanford University Press: 78-92; 348-351.
- (2008). "Stormy isles: an Azorean tale by Vitorino Nemésio" in Joyce Moss, ed., "Pessoano" Stephen Dix e Jerónimo Pizarro, eds., *A arca de Pessoa. Novos Ensaios*. 2ª ed. Lisboa: ICS.
- (2009). "O ensaio de Eduardo Lourenço: Existo, logo penso (e sinto)". Ed. especial "Eduardo Lourenço 85 anos" *Colóquio-Letras* nº 170 (janº-abril): 113-117.
- (2009). "José Bruno Carreiro, homem de cultura - ou sobre o biógrafo e os subsídios para uma biografia de Antero de Quental" ed. especial José Bruno Carreiro. *O homem e a obra Insulana* vol. 65: 85-94
- (2009). "Media made events: revisiting the case of Big Dan's" in Kimberly da Costa Holton e Andrea Klimt, org., *Community, Culture and the Makings of Identity: Portuguese-Americans Along the Eastern Seaboard*. Dartmouth. UMass Dartmouth: 247-264.
- (2009). coeditor com Leonor Simas-Almeida: *Eduíno de Jesus, a ca(u)sa dos Açores em Lisboa. Homenagem de amigos e admiradores*. Angra: IAC.
- (2009). *De Marx a Darwin: a desconfiança das ideologias*. Lisboa ed. Gradiva. Prémio 2010 Seeds of Science para Humanidades e Ciências Sociais
- (2009). "Prefácio" em Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, org., *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa. ICS.
- (2009). "Companheiros de jornada" in Resendes Ventura: *Papel a mais. Papéis de um livreiro com inéditos de escritores*. Lisboa: Esfera do Caos: 185-188.
- (2009). "João Medina e os naufragos do Mar da Palha" in António Ventura et al., eds., *João Medina. Pensar e sentir a história*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa: 43-46
- (2009). "Jorge de Sena estrangeirado, ou era-lhe apertada a camisa da pátria? in Francisco C. Fagundes e Jorge Fazenda Lourenço, (org.), *Jorge de Sena. Novas perspetivas 30 anos depois*. Lisboa: Universidade Católica Ed: 323-329.
- (2009). *Over the clouds. The Prairie Schooner*
- (2009). "Comunidades portuguesas dos EUA: identidade, assimilação, aculturação" em A. T. de Matos e M. Lages, (org.), *Portugal. Percursos de interculturalidade: desafios à identidade*. Lisboa ACIDI: 339-422.
- (2009). *Quando as correntes engatinhavam. Dez anos de Correntes de Escritas*. Póvoa de Varzim.
- (2009). *Viana do alto de Santa Luzia. Viana a várias vozes*. Viana do Castelo: Câmara Municipal: 387-389.
- (2009). "Prefácio" a P. Alfredo Vieira de Freitas: *Impressões de uma viagem à América*. Ed. revista e comentada por Duarte Barcelos Mendonça. Santa Cruz. Madeira: Câmara Municipal: 7-8.
- (2009). "As receitas do Dinis". Prefácio a Dinis Paiva: *Cozinha com peso e medida*. Fall River. MA: Express: 5-7.
- (2009). "Cac(o)fonía em dói menor". Prefácio a André Moa: *Mau tempo no canal*. Lisboa: Quid Novi: 13-19
- (2009). "Umas linhas a abrir". Prefácio a J. Carlos Tavares: *Fajã de Cima. Memória da terra e da sua gente*. Ponta Delgada: Nova Gráfica: 5-7.
- (2009). "Da nossa diáspora". Prefácio a Daniel Melo e Eduardo Caetano da Silva, (eds.), *Construção da nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais: 15-19.
- (2009). "Prólogo" a Fátima Martins: *América*. San José. CA: PHPC Inc: 13
- (2009). "Identidade cultural: desdobrando polissemias em busca de clareza" in Hermenegildo Fernandes, I. Castro Henriques, J. Silva Horta, Sérgio Campos Matos, eds., *Nação e identidades. Portugal, os portugueses e os outros*. Lisboa: Caleidoscópio: 51-63
- (2010). "Açorianidade, prolongando antigas reflexões" in Berta Miúdo e Gabriela Castro, eds., *Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores: 45-58.
- (2010). "Um Pico de sonho", in Nuno Costa Santos: *O Sonho, Companhia das Ilhas*
- (2010). "Da ficção embrulhada na vida e vice-versa em nota de abertura". "Prefácio" a Maria Marado: *A Magia dos encontros e reencontros*. Aveiro: Casa da Cultura: 5-7
- (2010). "A autodescoberta de uma europeia na América - ou quando Natália Correia descobriu que era Natália" in M. Fernanda Abreu: *Natália Correia, A Festa da escrita*. Lisboa: Colibri: 35-51
- (2010). "A minha lista de listas. Ou amostras da" in João Pombeiro: *O livro das listas*. Lisboa: Quetzal: 151-156.
- (2010). "O calor dos sorvetes" in Aida Baptista, Manuela Marujo, eds., *Passos de nossos avós*. Ponta Delgada: Publiçor: 109-111.
- (2010). "Postal de Boas Festas", reprinted in *Na noite de Natal. Textos escolhidos. Seleção e Organização de J. Leon Machado*. Kindle Edition.
- (2010). "Fernando Pessoa, uma conceção pragmática de verdade". *Letras Com Vida* nº 2 (2º sem.): 100-104.
- (2010). "Manuel Pereira Medeiros, um livreiro Honoris Causa pela Universidade Sénior de Setúbal". *Insulana*
- (2010). "Saramago, o bicho harmonioso" in Fundação José Saramago, ed., *Palavras para José Saramago*. Lisboa: Caminho: 343-344. Reprinted from *LER Livros & Leituras* nº 93, 2ª série (jul. ago): 65

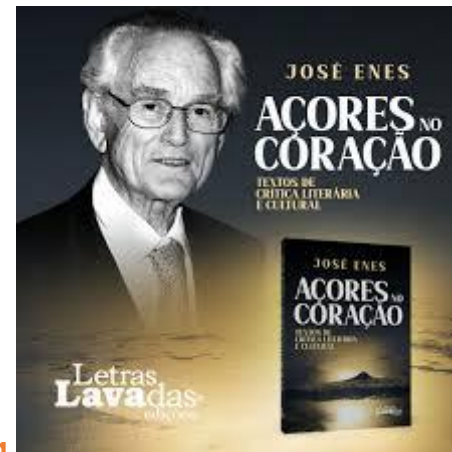
- (2010). O peso do hífen. *Ensaio sobre a experiência luso-americana*, ed. ICS da Universidade de Lisboa
- (2010). “Mensagem em três tempos para a Maria Aurora” in Thierry Proença dos Santos, org., *Leituras e afetos: Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*. Vila Nova de Gaia: Exodus: 69-71
- (2010). “Diáspora e emigração, sobre as comunidades portuguesas dos EUA e Canadá” in J. Carlos Vasconcelos, J. Luís Dicenta, org., *Língua portuguesa e culturas lusófonas num universo globalizado*. Lisboa: União Latina, Fund. Calouste Gulbenkian: 85-93.
- (2010). *Açores, Europa, uma Antologia*. Seleção, org. e introdução. DRAC e Angra: IAC.
- (2011). “O jovem Vergílio Ferreira em tête à tête com Sartre”, Petar Petrov and Marcelo Oliveira, eds., *A primazia do texto. Ensaio em homenagem a Maria Lúcia Lepecki*. Lisboa: Esfera do Caos: 397-402.
- (2011). “The garden as an extension of the self-in-the-world-a Luso-American sample” in J. E. Franco, A. C. C. Gomes, B. E. Cieszyńska, eds., *Gardens of Madeira, gardens of the world*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing: 226-234.
- (2011). “Una comunidad insular” and “Sobre el peso de la geografía en el imaginario literario azorense” in Juan Carlos de Sancho, ed., *Las Islas de los Secretos. As Ilhas dos Segredos*. Las Palmas. Gran Canaria: Anroart Ediciones: 15-17; 123-145.
- (2011). “Valores e ideologia do salazarismo, ou o imaginário de duas gerações escolares” in Irene Tomé, M. Emília Stone, M. Teresa Santos, eds., *Olhares sobre as mulheres. Homenagem a Zília Osório de Castro*. Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia da Nova: 435-442
- (2011). “Usos e abusos do conceito de açorianidade” in Açores, açorianos, açorianidade 1989. Um espaço cultural. 2ª ed. revista e ampliada. Angra IAC
- (2011). “Experiência a madre das cousas, /Experience, the mother of things on the revolution of experience in 16th-century Portuguese maritime discoveries and its foundational role in the emergence of the scientific worldview”, in Maria Berbara and Karl A. E. Enenkel, eds., *Portuguese Humanism*. Leiden. Holland: Intersections Book Series, Brill: 381-400
- (2011). “De partes (de África) não se faz um todo”. *Letras com(n)Vida* nº 4 2º sem: 88-94.
- (2011). “Vitorino Nemésio, entre a geografia e a história”. *Relâmpago Revista de Poesia* nº 28: 138-141.
- (2011). “Açores, Europa e a modernidade”. *Boletim IHIT*
- (2011). “Da fugaz e distante presença americana na escrita de J Martins Garcia, um manso temporal na imitação da vida” in O Faial e a periferia açoriana nos sécs. XV a XX. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*: 163-175
- (2011). Onésimo, português sem filtro, uma Antologia. Posfácio de Miguel Real, ed. Clube do Autor
- (2011). In Miguel Real. “Onésimo Teotónio Almeida, a afirmação da modernidade” capítulo “O pensamento português contemporâneo 1890-2010”. Lisboa: IN-CM: 966-1003.
- (2011) com Leonor Simas-Almeida e Maria João Ruivo, org., *Fernando Aires, Era uma vez o seu tempo*. Ponta Delgada, ICPD
- (2011). “Selected Crónicas”, translated by Rex P. Nielson in Robert Henry Moser & António Luciano A. Toste, eds., *Luso-American Literature: writings by Portuguese-Speaking authors in North America*. New Brunswick. NJ: Rutgers University Press: 136-141
- (2011). “Como se fosse um prefácio”, in João M. Constância: Sumários. Revisões. Memórias de um professor. Ponta Delgada: ICPD
- (2011). “Por ares nunca dantes” (short story) in O Prazer da Leitura. Lisboa: Teodolito, FNAC: 37-62
- (2011) in *Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Writers, Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, Helena Chrystello e Rosário Girão, trad. Chrys Chrystello. AICL, Colóquios da Lusofonia. VNGaia: Calendário de Letras: 170-187.
- (2012). Jean-Charles, amor de calções. Lisboa: DN, Contos Digitais Series
- (2012). “O Abade Correia da Serra nos EUA e a sua ligação com os iluministas americanos” in *Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilustração e romantismo e a sua irradiação na atualidade*, org. Dept.º de Português, Fac. Letras Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Associação Internacional dos Lusitanistas
- (2012) in “Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos” de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- (2012). “O labirinto da identidade, ou sobre Eduardo Lourenço e as suas razões”. *Correntes d'Escritas* 11 (fevº): 60-65.
- (2012). “Identidade, considerações à porta de casa, thoughts for home consumption”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 21: 17-26
- (2012). “Identidade nacional face à modernidade europeia, algumas destrições conceituais, confrontos e ajustamentos” in José Gama, ed., *Cultura portuguesa, interculturalidade e Lusofonia*. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- (2012). “Sobre a mundividência de Fernando Pessoa ortónimo” in Peter Petrov, Pedro Q. Sousa, Roberto Samartino e Elias Torres Feijó, eds., *Avanços em literatura e cultura portuguesas, de Eça de Queirós a Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela: Através Ed: 221-232.
- (2012). “Enlightenment’s Wake? or the condemnation to modernity as the only exit for a European identity” in Teresa Pinheiro, Beata Cieszyńska & J. Edº Franco, eds., *Ideas of-for Europe: an interdisciplinary approach to European identity*. Frankfurt am Main: Peter Lang: 381-388.
- (2012). “O conceito de natureza humana, breve revisitação do debate contemporâneo”. *Revista Portuguesa de Filosofia* vol. 68 nº 4: 643-656.
- (2012), com Ofília Pires Martins, ed., Eugénio Lisboa: vário, intrépido e fecundo, Uma homenagem. Guimarães: Opera Omnia.
- (2012). *Utopias em Dó Menor, conversas transatlânticas com Onésimo, conduzidas por João Maurício Brás*. Lisboa: Gradiva
- (2013). “Esta foto evoca em mim...” in Rodrigo Sá da Bandeira, org., *Sonhos*. Lisboa: Chiado Ed: 26.
- (2013). “Prosema ao mar” in *Antologia de Autores Portugueses sécs. XX e XXI*. Lisboa: Feira Internacional de Lisboa
- (2013). “Prosema al mar” in *De La Orilla del Atlántico, Portugal en la Filbo, Antologia*. Bogotá Lisboa: 209-213.
- (2013). “S. Jorge, the unknown island”. Trad. Katharine F. Baker. *Comunidades-RTP outº*.
- (2013). Quando os bobos uivam. Clube do autor
- (2013). «Portugal: a glance at a long history» in Miguel Amado, org. Joana Vasconcelos, Trafaria Praia. 55th International Art Exhibition. La Biennale di Venezia, Paris: Éditions Dileta: 21-25. French translation. Portugal: coup d’œil sur une longue histoire: 178-181
- (2013). “Le labyrinthe de l’identité-ou sur Eduardo Lourenço et ses raisons” in Graciette Besse, org., *Eduardo Lourenço et la passion humaine*. Paris: Éditions Convivium Lusophone: 99-111.
- (2013). “Fernando Pessoa, ironia, mas não só” in Gabriel Magalhães & Fátima F. da Silva, org., *El Dreñ Al Futur, O direito ao futuro*. V. N. Famalicão: Ed. Húmus: 47-52.
- (2013). “O humor na literatura portuguesa - um balanço crítico” in Laura Areias, ed., *De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso hispânico*. Lisboa: CLEPUL.
- (2013), excertos “No seio desse amargo mar” in Helena Chrystello e Lucília Roxo, org., *Coletânea de Textos Dramáticos de Autores Açorianos*. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia: 91-109
- (2013). “Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis, Alberto de Lacerda e outros escritores lusos exilados (asilados?) no universo norte-americano” in Irene Blayer, Francisco C. Fagundes, Teresa Cid e Teresa Alves, ed., *Portugal pelo mundo disperso*. Lisboa: Tinta-da-china: 215-229.
- (2013). “O despertar do Iluminismo ou a condenação à modernidade como a única saída para a identidade europeia” in J. Eduardo Franco, Béata Cieszyńska, Teresa Pinheiro, org. *Repensar a Europa: Europa de longe, Europa de perto*. Lisboa: Gradiva: 75-84
- (2013). «Estrangeirados. Iluminismo. Enlightenment - uma revisitação de conceitos no contexto português» in Raquel Bello Vázquez & E. Torres Feijó, ed. *Novos trilhos de pesquisa. Barroco, ilustração e romantismo e a sua irradiação na atualidade: 1580-1834*. Santiago de Compostela.

- (2013). "Manoel da Silveira Cardozo (1911-1985), um historiador picoense nos Estados Unidos". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 2213: 123-136.
- (2013). "Sobre universo literário luso-americano atual, de osmoses intersecções e diferenças". *International Journal of the Portuguese Diaspora*
- (2013). "Explicação em jeito de prefácio". Portuguese edition of Richard Beale Davis: *O Abade Correia da Serra na América*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais: 9-12.
- (2013). "Prefácio" a Fernanda Viveiros, ed., *Memória: Anthology of Portuguese Canadian writers*. Vancouver: Fidalgo: 7-19
- (2014). Pessoa, Portugal e o futuro. Lisboa. Gradiva
- (2014). Despentendo parágrafos. Lisboa ed. Quetzal
- (2014). Mínima Azorica. O meu mundo é deste reino. Ensaios. Lajes do Pico, ed. Companhia das Ilhas
- (2014). "O angrense Alfredo de Mesquita: um Tocqueville português", prefácio a Alfredo de Mesquita: *A América do Norte*. Lisboa: Tinta-da-china: 13-36.
- (2014). Onze proemas e um final merencório. 2ª ed., Braga, ed. Vercial
- (2014). "Prefácio" a Georges da Costa: *Esthétique et éthique d'ironie chez José Rodrigues Miguéis*. Paris.
- (2014). "Prefácio" a Prosa com dentro de Tomaz de Figueiredo. Pedra D'Armas. Guimarães: Opera Omnia: 7-9.
- Almeida. Onésimo Teotónio, (2014) com Lélia Nunes, "Prefácio" a Sérgio Costa Ramos: *Molecagens vernáculas: crônicas de um país crónico*. Florianópolis. Santa Catarina: Ed. UNISUL.
- (2014). "A note: João. You are a good guy! on João Ubaldo Ribeiro". Trad. Katharine T. Baker. Comunidades-RTP julº 30.
- (2014). "José Rodrigues Miguéis, escrevente de primeira classe" in Humberto Lima de Aragão Filho, ed., *Um exílio chamado saudade: Antologia sobre José Rodrigues Miguéis*. S. Paulo. Ed. Intermeios: 129-134.
- (2014). "José Enes, a geografia (a montanha do Pico) e o seu percurso histórico". VI Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos sécs. XV a XX. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*
- (2014). "O exílio na poética de José Martins Garcia". *Colóquio-Letras*: 188-197.
- (2014). "O pessimismo derrotista inimigo fatal da cidadania". *Atlântida* vol. 59: 19-24.
- (2014). "Alice in Libraryland" trad. Katharine F. Baker. Comunidades-RTP setº 7.
- (2014) in Onésimo, único e multímido de Brás, João Maurício, org., ed., *Opera Omni*. Guimarães
- (2015) in Brás, João Maurício: *Identidade, valores e modernidade. O pensamento de Onésimo Teotónio Almeida*, ed. Gradiva
- (2015). "Portugal en los labores de la modernidad científica (s. XVI) " in Isabel Soler, ed., *Fronteras de tres océanos: viajes renacentistas desde Portugal*. Bogotá: Ed. Uniandes
- (2015). "O mito na Mensagem de Fernando Pessoa" in Edvaldo Bergamo, ed., *Pessoa Convida pessoas nos 80 Anos de Mensagem*. Universidade de Brasília
- (2015). J. Medeiros Ferreira, nota de rodapé para um balanço. Homenagem a J Medeiros Ferreira. Lisboa: Tinta-da-china.
- (2015). Despentendo parágrafos. Ensaios polémicos. Lisboa: Quetzal
- (2015). "Ei-los que partem...". Prefácio a Tiago Salazar: *Quo Vadis? Escritos do exílio*
- (2015) with José Mariano Gago. "Prefácio a quatro mãos" in Manuela Bairos: *Cinco anos de postais portugueses e luso-americanos 2004-2009*. Boston. MA.
- (2015). "Prefácio, or a short introduction to an unknown world" in João de Melo: *Happy people in tears (a novel)*. Dartmouth: Tagus Press: 9-12.
- (2015). "Açores. Cultura", in J. Eduardo Franco, ed., *Dicionário Enciclopédico Madeirense*. Funchal
- (2015). "Vergílio Ferreira e o humor em Eça de Queirós" in A. Campos Matos, ed., *Dicionário de Eça de Queirós*. 3ª ed. Lisboa: Caminho
- (2017) "O livro Um Perigoso Leitor de Jornais é um senhor romance, *Diário dos Açores*, janº 24, 2017.
- (2017) Com Roberto Carneiro e Artur Teodoro de Matos, orgs., *A Condição de Ilhéu*, Lisboa: Centro de Estudos de Povos e Culturas, 2017).
- (2017) Prefácio, Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* (Ponta Delgada: Artes e Letras, 2017), pp. 7-27.
- (2017) Interview on A Obsessão da Portugalidade, entrevistado por Mafalda Anjos, *Visão*, fevº 9, 2017, pp. 12-14.
- (2017) Prefácio, Duarte Mendonça, *A Visão Madeirense da América*. Antologia anotada de crônicas de viagem (Funchal: Editora Madeirense, 2017), pp. 1-3.
- (2017) Prefácio, Manuel Botelho, *Saudades da Minha Terra*. 2ª edição revista e aumentada (Junta de Freguesia: Água Retorta: 2017), pp. 5-7.
- (2017) Prefácio, Gilberta Pavão, Álvaro Borralho e Derrick Mendes, *Duplas Pertenças: Emigração e Deportação nos Açores* (Húmus / Debater Social, 2017).
- (2017) Posfácio, Chrys Chrystello, BGA, *Bibliografia Geral da Açorianidade vol. II* (Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2017), pp. 835-838.
- (2017) "Era uma vez uma filha" Prefácio to Maria João Ruivo, *Um Punhado de Areia nas Mãos* (Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2017), pp. 7-9.
- (2017). "O suposto equívoco de Vasco da Gama e sua tripulação no encontro de cristas na Índia – uma revisitação carregada de dúvidas, in Sandra Patrício, org., Sines, *História e Património. O porto e o Mar* (Sines: Arquivo Municipal, 2017), pp. 11-25
- (2017). *A obsessão da Portugalidade*, Lisboa, Quetzal Editores
- (2017). "Pessoa e razão – ou como ele a tinha", Congresso Internacional de Fernando Pessoa (Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 2017) http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/fileadmin/casa_fernando_pessoa/cfp_actas_2017.pdf
- (2017). Odes Modernas de Antero de Quental - o manifesto português da modernidade", in Artur Teodoro de Matos, Guilherme d'Oliveira Martins e Peter Hanenberg orgs., *O Futuro ao Nosso Alcance. Homenagem a Roberto Carneiro* (Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, UCP, 2017), pp. 713-727
- (2017). "Cânone, cânones – o bom gosto e o bom senso", À Beira. Revista do Departamento de Letras da UBI, n. 11 (2017), pp. 9-19.
- (2017). " "Vergílio Ferreira e a filosofia anglo-americana", Santa Barbara Portuguese Studies, vol. I (2017), 1-13.
- (2017). Program "A Força das Coisas", RDP-Antena 2, Lisbon, março, 2017
- (2017). Entrevistado por Natália Bebianno, Luís de Albuquerque e a ciência durante os descobrimentos", in Lembranças de Luís Albuquerque, *Gazeta de Matemática*, nº 182, pp. 34-37. Reprinted in *Diário dos Açores*, April 30, 2017.
- (2017). Entrevistado por Patricia Carreiro, AzoresNews, abr 25, 2017 "Não emigrei, alarguei fronteiras", <http://azoresnews.org/2017/04/24/costumo-dizer-que-nao-emigrei-simplesmente-alarguei-fronteiras/>
- (2017). Entrevistado por Luís Caetano in "A Ronda da Noite", RDP, Lisbon, Portugal, abr 4 & 5, 2017. [https://www.rtp.pt/play/p1299/e282049/a_ronda_da_noite_\(one_hour_and_1_2_\)](https://www.rtp.pt/play/p1299/e282049/a_ronda_da_noite_(one_hour_and_1_2_).). Re-broadcast on Dec. 28, 2017.
- (2017). Entrevistado por António Vieira, Rádio Amália, Lisbon, Portugal, março 30, 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=550XXNRN7sl>
- (2017). Entrevistado por Nelson Marques, Expresso / Revista, April 14, 2017. Reprinted in Expresso online, abr 23, 2017: (7 pages)
- (2017). "Onésimo – O nosso primo na América", entrevistado por Filipa Melo, *Ler. Livros & Leitores*, Nº 145 (Spring 2017), pp. 26-41.
- (2017). "“Olifaque - o émigrês de João Magueijo”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, novº. 23, 2017.
- (2017). "Literatura: uma questão de inteligência visível", *Artes & Letras*, n. 23/ Açoriano Oriental, janº. 23, 2017, pp. 15-17.
- (2017). "Pessoa nas visões e ritmos de José Gil", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, janº 4, 2017.
- (2017). Backcover endorsement, Eduardo A. O. Rocha, *Memórias de um Burocrata Invisível* (San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications of California, Inc, 2017.
- (2017). "Génesis na ilha", in *A Ilha em Nós*, special issue of Povos e Culturas, nº 21 (2017), pp. 407-410.
- (2017). "Entrevista com Onésimo Teotónio Almeida", entrevistado por Ana Loura, in *Baluartes*, maio 2017, pp. 19-20

- (2017). "A brilhante carreira académica do Professor Francisco Fagundes", *Diário dos Açores*, 24 de maio de 2017.
- (2017). Miguel Real, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, in *Colóquio-Letras*, nº 198 (mai-ago 2017), pp. 276-279.
- (2017). "Voltas da diáspora e da vida", *Diário dos Açores*, jun 18, 2017.
- (2017). Entrevistado por Carlos Picassinos, *Rádio Macau*, RAE, China, jul 28, 2017.
- (2017). Entrevistado por Vivência Tavares, *Rádio Sines*, Sines, Portugal, setº 7, 2017.
- (2017). "A língua e o mistério dos sotaques", TED talk, TEDx Funchal, Madeira, Portugal, outº 29, 2017 https://www.academia.edu/35779386/A_l%C3%ADngua_e_o_mist%C3%A9rio_dos_sotaques
- (2017). Entrevistado por Lília Mata, RDP-Madeira, outº 27, 2017 <https://www.rtp.pt/play/p1133/e314395/paginas-de-cultura>
- (2017). Entrevistado por RTP-Madeira, outº 28, 2017 https://www.rtp.pt/madeira/sociedade/historia-da-madeira-devia-ser-mais-divulgada-entre-turistas-_13131
- (2017). Entrevistado por Filipa Lino, *Jornal de Negócios*, dezº 29, 2017 (Printed edition: Front cover and 6 pages) Online edition: http://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/onesimo-teotonio-almeida-nunca-vi-portugal-tantas-vezes-referido-nem-tao-positivamente-como-hoje?ref=weekend_destaque~
- (2017). "Três 'notas bárbaras' (de um quase-diário)", Apêndice a José Luís Brandão da Luz, "Mateus de Andrade e a ideia de epistemologia", in *Nova Águia*, 2º 20 (º Semestre, 2017), pp. 188-190.
- (2018) *A Obsessão da Portugalidade* (Lisboa: Quetzal, 2017; 2ª ed. 2018)
- (2018) "José Nuno da Câmara Pereira – In memoriam", *Diário dos Açores*, janº 17, 2018.
- (2018) "Estórias faialenses", *Diário dos Açores*, fevº 1, 2018.
- (2018) "A dupla S. Jorge – Pico", *SATA – Revista de Bordo* (fevº. 2018).
- (2018) "Miguel Real - Uma abordagem hermenêutica de Portugal", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, março 14, 2018.
- (2018) "O mito na Mensagem, de Fernando Pessoa", in Sandra Ferreira e Evaldo Bérnago, orgs., *Em Pessoa. Estudos sobre a Poesia e a Prosa de Fernando Pessoa* (Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2018), pp. 77-86.
- (2018) "Um olhar sobre o mundo à minha volta", Manuel Assunção, *Discursos dos Doutorados Honoris Causa na Universidade de Aveiro (2001-2018)*. (Aveiro: Imprensa da Universidade, forthcoming)
- (2018) "Mensagem de aniversário", *Diário dos Açores*, fevº 5, 2018.
- (2018) "Haverá Uma Ética Para A Idade Global? Possibilidades, Dúvidas E Alguns Condicionamentos", In José Eduardo Franco, (org.) *Valores Globais* (Lisboa: Universidade Aberta / Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, Forthcoming)
- (2018) "Experience in 16th century Western Europe – the spreading of an idea (Leonardo da Vinci, Andreas Vesalius, Paracelsus, and Montaigne) ", in Amélia Polónia, Fabiano Bracht, Gisele C. Conceição, eds., *Connecting Worlds: Production and circulation of knowledge in the first Global Age* (Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars, 2018), pp. 74-96
- (2018) "Carlos Tomé – um fogoso narrador e algo mais", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, fevº 14, 2018.
- (2018) "As crónicas de Luís Fernando Veríssimo, Revista das Correntes d'Escritas, vol. 17 (fevº 2018), pp. 74-77.
- (2018) "Revisitando A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, de Max Weber ou sobre a interface da ideologia com o real", in Brissos Lino, ed., *Um Construtor da Modernidade – Lutero. Teses 500 anos* (Lisboa: Univ. Lusófona).
- (2018) Prefácio, "Os segredos do alfenim", Maria Manuela Sousa, *Alfenim. Tradição e Arte* (Angra do Heroísmo: Edições Bleu, 2018)
- (2018) "Edmund Dinis – Portugal na América", *Malomil*, fevº. 12, 2018. <http://malomil.blogspot.com/2018/02/portugal-na-america.html>
- (2018) "Prefácio – por um suplente de Daniel de Sá", Roberto Rodrigues, *Os Guardadores de Memórias* (Maia: Junta de Freguesia da Maia, 2018), pp. II-III.
- (2018) Prefácio, "Como se o mar não existisse", Lélia Nunes, *Corpo de Ilhas* (Florianópolis, Santa Catarina: Dois Por Quatro Editora, 2018), pp. 13-15.
- (2018) "Prefácio – ou nota de um turista do mar", José Alberto Postiga, *Inventário do Sal* (Porto: Insubmisso Rumor, 2018)
- (2018) "Futurismo, Modernismo, Modernidade – Clarificando Conceitos", In Dionísio Vila Maior E Annabela Rita, orgs., *100 Futurismo* (Lisboa: Edições Esgotadas, 2018), pp. 29-42.
- (2018) "Estória pouco original do medo", in A. Soares, E. Coelho, S. Gonzaga, eds., *Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II* (Porto Alegre, Rio Grande do Sul: IPC – Casa dos Açores), pp. 80-86
- (2018) "Nemésio – eu, comovido a oeste do Atlântico", in Vitorino Nemésio (Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores).
- (2018) Entrevistado por José Manuel Portugal, "Palavra aos diretores", *RTP Internacional*, March 28, 2018, <https://www.rtp.pt/play/p4240/e338525/palavra-aos-diretores>
- (2018) "Do poeta António Moreno – Duas estórias", *Diário dos Açores*, abr 13, 2018.
- (2018) "A dupla Pico-S. Jorge", *My Plan – SATA*, nº 12 mar-abr, 2018, pp. 54-57.
- (2018) Back cover blurb for Bridget Fowler et al, eds, *Time, Science, and the Critique of Technological Reason. A Festschrift for Herminio Martins* (London: Palgrave, 2018).
- (2018) Entrevistado por José Mário Silva and Inês Bernardo, *Biblioteca de Bolso Blog*, Ep. 91, mar 201 (2018) <https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-91-onesimo-teotonio-almeida>
- (2018) "Pluralismo em Portugal", in Nuno Costa Santos "Passados 44 anos do 25 de abril", *Observador*, April 25, 2018 <https://observador.pt/especiais/passados-44-anos-do-25-de-abril-ja-sabemos-discutir/>
- (2018) "Nemésio – Eu comovido a oeste do Atlântico", in *Uma Página Sobre Nemésio*, vol. 1 (2018), p. 55.
- (2018) "O Dia da Língua Portuguesa na ONU", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, maio 9, 2018.
- (2018) entrevista para programa da Fundação Francisco Manuel dos Santos - RTP, maio 25, 2018
- (2018) Entrevistado por Maria Flor Pedroso, *Rádio Difusão de Portugal*, maio 25, 2018. <https://www.rtp.pt/play/p280/e349425/maria-flor-pedroso>
- (2018) "Estória pouco original do medo" in *Contos Geminados Açores-Brasil* (Porto Alegre: Feira do Livro, 2018), pp. 74-79.
- (2018) "Magical Realism", translated into Spanish by Raquel Madrigal, *Luvina 93. Special Issue Travessia Portugal. Universidad de Guadalajara, México, Winter 2018*, pp. 540-550.
- (2018) Entrevistado por José Manuel Portugal, "Palavra aos diretores", *RTP Internacional*, maio 29, 2018, <https://www.rtp.pt/play/p4240/e338525/palavra-aos-diretores>
- (2018) "Alocução, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas 10 junho, *Diário dos Açores e Correio dos Açores*, jun 14. Observatório da Língua Portuguesa. <https://dererummundi.blogspot.com/2018/06/alocuciao-do-prof-onesimo-teotonio.html>
- (2018) Entrevista João Medeiros LUSA, junho 7. <https://www.ojogo.pt/extra/lusa/interior/10-junho-emigrantes-nos-eua-sofreram-grande-processo-de-integracao-cultural---onesimo-almeida-9417663.html?ut>
- (2018) "A ciência no Portugal da Expansão", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, setº 26, 2018.
- (2018) "A Maia de há décadas em preciosas estórias", *Diário dos Açores*, September 1, 2018.
- (2018) "Ler tudo para tudo entender – Miguel Real na UBI", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, novº 21, 2018.
- (2018) "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas – Alocução", *Letras Con/mvida. Revista de Literatura, Cultura e Arte. Nova Série, I – Nº 9, 2018-2-19*, pp. 95-101
- (2018) Entrevistado por Rui Couceiro and Filipa Martins, "A Biblioteca de ...", *Rádio Renascença*, Lisboa, setº 26, 2018.
- (2018) Entrevistado por Filipa Martins for a TV documentary on Natália Correia", *Curia, Portugal*, September 27, 2018
- (2018) "Da história da emigração, documentário de TV para os EUA", *Diário dos Açores*, setº 16, 2018.
- (2018) "Identidade cultural – uma dúzia de notas avulsas", *Perspetiva. Revista de Partes*, nº 3 (2018), pp. 70-73.
- (2018) "O que interessa hoje é falar dos dominados", entrevistado por Marco Alves. *Sábado*, outº 25, 2018, pp. 30-31. Reprinted online on dezº. 3, 2018 https://www.sabado.pt/vida/detalhe/os-espanhois-sao-muito-mais-agressivos-do-que-nos?ref=SEC_Grupo3_vida

- (2018) entrevista RTP3 – Ponta Delgada, novº 16, 2108.
- (2018) entrevista RTP Internacional Portuguese-American politicians elected to Congress, Ponta Delgada RTP novº 12, 2018.
- (2018) “O fascínio do novo aconteceu aqui”, entrevistado por José Riço Direitinho, Público, novº 13, 2018, pp. 28-29.
- (2018) Entrevistado por António Vieira, Rádio Amália, novº. 13, 2018. <https://madragoas.wordpress.com/2018/11/14/madragoas-com-onesimo-teotonio-almeida-13-11-2018/>
- (2018) O Século dos Prodígios. Entrevistado por Luís Caetano, RDP – Antena 2, Lisbon, novº. <https://player.fm/series/a-fora-das-coisas-1770794/onesimo-teotonio-almeida-em-entrevista-a-luis-caetano-a-proposito-de-o-seculo-dos-prodigios-editado-pela-quezal-tambem-paulo-branco-que-ontem-anunciou-o-encerramento-dos-cinemas-monumental-numa-conversa-sobre-as-razoes-da-decisao-publicos-da-cultura>
- (2018) Entrevistado por Lina Santos for Diário de Notícias, Lisbon, dezº. 6, 2018.
- (2018) “Haverá uma ética para a idade global? Possibilidades, dúvidas e alguns condicionamentos, e-Letras Com Vida, nº 1 (jul.-dez 2018), pp. 195-203
- (2018) On O Século dos Prodígios. Entrevistado por Fernando Alvim, “Prova Oral”, RDP-3, Lisbon, dezº 6, 2018. https://cdn-ondemand.rtp.pt/nas2.share/wavrss/at3/1812/5574549_280120-1812062027.mp3
- (2019) “Notas (bárbaras) de viagem”, Atlântida, vol. 64 (2019), pp. 187-204.
- (2019). Gulbenkian Prémio Academia Portuguesa de História, 2018: Prémio D. Diniz, Fundação Casa de Mateus, 2019; Prémio Mariano Gago, SPA, 2019; Prémio John Dos Passos, Sec Educação e Cultura, Região Autónoma da Madeira.
- (2019): On O Século dos Prodígios. Entrevistado por Ana Daniela Soares, RTP3, Lisbon, janº 5, 2019.
- (2019): “Costumo dizer que não se emigra, alarga-se fronteiras”. Entrevistado por Patrícia Carreiro. Correio dos Açores, janº 13, 2019.
- (2019). Correntes D’Escritas & Correntes Descritas (Guimarães: Opera Omnia, 2019; 2ª edição, 2019)
- (2019). “Correntes d’Escritas & Correntes descritas”, Jornal de Letras, Artes e ideias, fevº 13, 2019.
- (2019). “Nunca vi Portugal com tão boa reputação”, entrevistado por Filipa Teixeira, Observador, fevº 17, 2019 <https://theworldnews.net/pt-news/onesimo-teotonio-almeida-nunca-vi-portugal-com-tao-bou-reputacao>
- (2019) Entrevistado por Maria João Costa, in Obra Aberta / Rádio Renascença, fevº 22, 2019 <https://rr.sapo.pt/artigo/142212/onesimo-teotonio-almeida-e-correntes-descritas>
- (2019) “From ‘Vera Cruz Island’ to ‘Brazil’ – a critical revisitation of an old belief”, in Domingues, Francisco Contente e Silva, Susana Serpa, coord. (2019), Navegação no Atlântico. XVIII Reunião Internacional de História da Náutica / Atlantic Navigation. XVIII International Reunion for the History of Nautical Science, Ponta Delgada, CHAM Açores - Universidade dos Açores, pp. 365-380. ISBN 978-989-33-0132-6
- (2019) “Jorge de Sena e as suas ‘Noções de Linguística’ aprendidas na diáspora”, in Gilda Santos, Jorge de Sena – 100. Metamorfoses. (Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2019), pp. 162-163.
- (2019) “Nota bárbara sobre frio bárbaro”, Página Negra, fevº. 26, 2019 <https://pagananegra.pt/2019/02/26/meus-kambas-onesimo-teotonio-de-almeida/#comments>
- (2019) “Rijo Indomável Portuga”, Malomil, fevº 19, 2019. [Http://malomil.blogspot.com/2019/02/rijo-indomavel-portuga.html](http://malomil.blogspot.com/2019/02/rijo-indomavel-portuga.html)
- (2019) “Padre Manuel Antunes – humanista e paladino das Humanidades, in XXX, Centenário do P. Manuel Antunes (Lisboa: CLEPUL, forthcoming)
- (2019). “O futuro já não é o que era, mas terá de ser melhor do que promete”, Oração de Sapiência - 2019, Edições da Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa: 2020
- (2019). “De loucuras do mundo, ainda não manicómio total”, Jornal de Letras, Artes e ideias, abr 2019.
- (2019). “Os tempos estão maus para os países colonizadores”, entrevistado por Hélder Beja, Plataformamedia.com, abr 4, 2019. https://www.plataformamedia.com/pt-pt/cultura/livros/interior/os-tempos-estao-maus-para-os-paises-colonizadores--10788470.html?target=conteudo_fechado
- (2019). “Portugal no divã?!” , Jornal de Notícias, Suplemento “Portugal ao Espelho”, jun 2, 2019, <https://www.jn.pt/nacional/interior/ensaio-portugal-no-diva-10971758.html>
- (2019). Entrevistado por Fátima Campos Ferreira, “Prós e Contras”, Program on Portugal, RTP-Lisboa, jun 10, 2019. <https://www.rtp.pt/play/p5337/e412051/pros-contras>
- (2019). “História do Chá em S. Miguel – um livro de Mário Moura”, Correio dos Açores, jul 8, 2019.
- (2019). Entrevistado por José Alberto Lemos, “VOTE - Os Portugueses na política dos EUA”, RTP-Lisboa, Episode 11, jul 17, 2019. <https://www.rtp.pt/play/p5786/vote-portugueses-politica-eua> (27’)
- (2019). Entrevistado por Helena Fagundes, “Nem tudo foi mau na expansão marítima,” Diário Insular, ago 28, 2019, pp. 12-13.
- (2019). “Livros para dar e oferecer”, RTP-Comunidades, ago 18, 2019 https://www.rtp.pt/acores/comunidades/notas-barbaras-de-onesimo-t-almeida-2-livros-para-dar-e-oferecer-e-duas-estorias-colhidas-num-deles-_62292,
- (2019). “A Humidade dos Dias”, de Luís Mesquita de Melo, RTP-Comunidades, ago 17, 2019 https://www.rtp.pt/acores/comunidades/notas-barbaras-de-onesimo-t-almeida-1-a-humidade-dos-dias_62291
- (2019). “Barro Vermelho. Ilha Branca, um colorido livro de João C. Bendito”, Diário Insular, ago 30, 2019
- (2019). Entrevistado por Osvaldo Cabral, “Falta um grande centro interpretativo sobre o papel dos Açores nos Descobrimentos”, Diário dos Açores, setº 1, 2019.
- (2019). “O registo escrito da presença açoriana nos EUA – um balanço”, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 2019 (forthcoming)
- (2019). “Ética e literatura açoriana”, Fórum Teológico, vol. II 2019, pp. 51-68.
- (2019). “A Vida no Campo, ou a idílica prosa do diário de Joel Neto”, Jornal de Letras, Artes e Ideias, setº 11, 2019.
- (2019). “Peito à Janela sem Coração ao Largo, de António J. Borges, Nova Águia, nº 24 – 2nd Semester (2019), pp. 264-266.
- (2019). Ana Paula Arnaut, ed., Identity (ies). A multicultural and multidisciplinary approach. Coimbra: University of Coimbra Press, in Revista de Estudos Literários, vol. 9 (2019), pp. 368-370.
- (2019). Entrevistado por Ricardo Farias, “Hora Quente” (one hour), The Portuguese Channel, New Bedford, MA, setº 30, 2019.
- (2019). “Morte à PIDE”, Diário dos Açores, outº 25, 2019.
- (2019). “O Pico-Faial vistos (revividos) de Macau”, Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº 6, 2019.
- (2019). Backcover endorsement, Manuel Paiva, Um Inventor em Aldoar e a Busca de Vida no Universo (Aldoar: O Progresso da Foz, 2019).
- (2019). “George Monteiro (1932-2019) – uma estrela luso-americana que nos deixou”, Portuguese Times, novº 13, 2019.
- (2019). Entrevistado por Luís Caetano in “A Ronda da Noite”, RDP-Rádio, Lisbon, Portugal, novº 15, 2019. <https://www.rtp.pt/play/p1299/e438993/a-ronda-da-noite>
- (2019). “George Monteiro – uma estrela que nos deixou”, Jornal de Letras, Artes e Ideias, novº 20, 2019.
- (2019). “Festa em Rhode Island: Manuel Pedroso – Cem anos”, Diário dos Açores, novº 23, 2019.
- (2019). Entrevistado por Sandra Sousa, “Página 2” (15 minutes), RTP-TV, Portugal, outº 6, 2019.
- (2019). “Um saco de notas bárbaras (ou excertos de um quase-diário-em-estórias”, RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro – Letras, forthcoming 2019
- (2019). “On Miguel Real”, Commentary for a Video on the Life and Works of Miguel Real, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2019.
- (2020) “Mário Mesquita – Da personagem jornalística singular a uma excursão narrativa da sua exemplar deontologia”, in Isabel Vargues et al., eds., Mário Mesquita – A Comunicação Social e a Ética (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, forthcoming
- (2020) “Posfácio – ou os sinos da sua Vila”, Dionísio Sousa, Apontamentos para a História da Vila (S. Sebastião: Doralice
- (2020) Preface, Brianna Medeiros, The Eruption of Insular Identities. A comparative study of Azorean and Cape Verdean Prose, London: Sussex Academic Press, 2020
- (2020) “Prefácio – ou sete anos de labor”, Olegário Paz, Porque Hoje É Sábado (Ponta Delgada: Ponta Delgada, Letras Lavadas, forthcoming
- (2020) “Prefácio”, Jerónimo Pizarro, Fernando Pessoa: a critical introduction. Sussex Academic Press, forthcoming
- (2020) “De como ficámos bem amanhados”, Nuno Costa Santos e Luís Filipe Borges, Mal-amanhados (Ponta Delgada: Ponta Delgada, Letras Lavadas, forthcoming

- (2020) “Small world, piccolo mondo”, *Malomil*, jan. 7, <http://malomil.blogspot.com/search/label/On%C3%A9simo%20Teot%C3%B3nio%20de%20Almeida>
- (2020) entrevistado por José Andrade Navarro, in *Tanto Barulho para Nada*, RTP-2, Lisbon, Portugal, jan 8, 2020. <https://www.rtp.pt/play/p6190/muito-barulho-para-nada>
- (2020) “Sugestões de leituras”, *A Crença*, Ano 105, nº 5079, jan. 10, 2020.
- (2020) *Lembranças do Diário dos Açores de há 50 anos*, *Diário dos Açores*, fev 5, 2020. LusoPress (Montréal), fev 6, 2020
- (2020) Entrevista conduzida por João Morales, “Conversas de Correntes: Entrevista com Onésimo Teotónio Almeida”, *Póvoa de Varzim, Portugal*, fev 23, 2020. <https://www.branmorrighan.com/2020/05/conversas-de-correntes-joao-morales.html>
- (2020) “Um olhar sobre Guardadores de Memórias – II, de Roberto Rodrigues, *Diário dos Açores*, fev 2, 2020.
- (2020) “In Memoriam – Maria de Sousa (1939-2020) – Webpage, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, abril 14, 2020
- (2020) “Maria de Sousa – Um mundo imaginado... tornado real”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, abril 22, 2020
- (2020) “À língua portuguesa”, in *Dia Mundial da Língua Portuguesa*, documentário, Camões; Lisbon, Portugal, maio 5, 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=IOq4buh3YA4>
- (2020) “Dos Estados Unidos – sobre o vírus COVID-19”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, maio 6, 2020
- (2020) Entrevista conduzida por Daniel Vidal, “Onésimo Almeida, o professor que defendeu os emigrantes portugueses nos EUA”, *NIT – New In Town Magazine*, jun 4, 2020 <https://nit.pt/coolit/televisao/onesimo-almeida-professor-defendeu-os-emigrantes-portugueses-nos-eua>
- (2020) Entrevista conduzida por Hugo Monteiro, “Sobre o racismo nos EUA”, *Rádio Renascença*, Lisbon, Portugal, jun 9, 2020. <https://rr.sapo.pt/2020/06/09/mundo/manifestacoes-nos-eua-so-vao-resultar-se-tiverem-expressao-nas-umas/noticia/196042>
- (2020) Entrevista conduzida por Teresa Firmino, “Se a esperança faltar, estamos completamente tramados” *Público*, jun 27, 2020 <https://www.publico.pt/2020/06/27/ciencia/entrevista/esperanca-faltar-completamente-tramados-1921953>
- (2020) “Amália, amá-la”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, jul 15, 2020
- (2020) “Álamo, seis vezes pensei em ti...”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, forthcoming
- (2020) Texto na contracapa, *Júlio Oliveira, Redenção Humana*. Lisboa: Chiado Editora, 2020.
- (2020) “Mário Mesquita – Da personagem jornalística singular a uma excursão narrativa da sua exemplar deontologia”, in Isabel Vargues et al; eds; *Mário Mesquita – A Comunicação Social e a Ética* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, forthcoming).
- (2020) “O poema “Ulisses”, em Mensagem, de Fernando Pessoa – um olhar à lupa sobre o seu contexto”, M. L. Marques Pereira, ed; *Homenaje a Perfecto Cuadrado* (Palma de Maiorca: Universidad de las Baleares, forthcoming).
- (2020) “José Amado Mendes: de como a história sólida e dura pode proporcionar leitura gostosa”, in Irene Vaquinhas, *Festschrift - José Amado Mendes* (Coimbra: Universidade de Coimbra Press, forthcoming).
- (2020) “Da internacionalização da literatura portuguesa: Pessoa e Saramago”, in Carlos Fiolhais e José Pedro Paiva, *Portugal no Mundo* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2020), pp. 643-649
- (2020) “De estórias e memórias faialenses”, *Tribuna das Ilhas* (forthcoming)
- (2020) “Do poeta António Moreno, duas estórias”, *Diário dos Açores* (forthcoming)
- (2020) “António Sérgio: o pensador-ensaísta – uma revisitação”, Alfredo Campos Matos, *António Sérgio – Fotobiografia*, Lisbon, forthcoming)
- (2020) “Portugal no panoptikon de Miguel Real”, Carla Luís, Miguel Real – *Literatura, Filosofia e Cultura* (Covilhã: Universidade da Beira Interior, forthcoming)
- (2020) Prefácio, Carlos J. Fagundes, *Entre o Mar e a Rocha* (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, forthcoming).
- (2020) Postácio, Ricardo Jardim, *Saias de Balão* (Funchal: Imprensa Académica, 2019), pp. 221-227.
- (2020) “Um prefácio a mais”, Osvaldo Cabral, *Os Açores e os Novos Media* (Ponta Delgada, 2018), pp. 5-8.
- (2020) “George Monteiro e os Açores - uma afeição intelectual”, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, (forthcoming)
- (2020) “The magic of George Monteiro’s osmosis – American Literature in the Lusophone world, Portuguese literature in America”, *International Journal of Portuguese Diaspora Studies* (forthcoming)
- (2020) “Da ‘Ilha de Vera Cruz’ a ‘Brasil’ – uma revisitação serena de uma antiga crença”, *Memórias da Academia da Marinha* (forthcoming)
- (2020) “Portugal en los albores de la modernidad científica (siglo XV), *Abriu. Estudos de Textualidade do Brasil, Galicia e Portugal*, nº 8 (2019), pp. 137-152
- (2020) “João de Melo – autópsia de um mar de livros”, *Letras Com Vida*, (forthcoming)
- (2020) Backcover endorsement, Vasco Medeiros Rosa, Raul Brandão e os Açores (Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, forthcoming).
- (2020) “Cabo Verde – excertos de um diário de viagem”, *Viagens: Ponta Delgada, Letras Lavadas*, 2020,
- (2021) *Homenagem a Onésimo*, 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada
- (2022) in *Avenida Marginal III*, ed. Artes e Letras
- (2022) *Ideias claras e distintas – cada vez mais caras (& extintas)*. A Revista, Supremo Tribunal de Justiça



APRESENTOU “No centenário de José Enes - Um olhar de relance sobre a sua filosofia de vida

Resumo: O pensamento filosófico de José Enes é platónico mas na sua vida real foi fundamentalmente um aristotélico, muito agarrado ao real.

Na complexa questão da identidade cultural há duas forças opostas: uma evocando a importância da memória, reclamando atenção ao passado e exigindo a sua continuidade; a outra, apontando para o futuro, por vezes exigindo mesmo uma rutura com o passado.

Não há solução teoricamente defensável para esta dicotomia.

A tensão dinâmica entre ambas as tendências é antiga e não se antevê como possível de ser eliminada.

Uma solução intermédia entre ambas as perspetivas parece a mais sensata das saídas.

PARTICIPOU NA MESA REDONDA *Encontro de gerações* COM ALEXANDRE BORGES, EDUÍNO DE JESUS E NUNO COSTA SANTOS

VÍDEO HOMENAGEM 2021 [HTTPS://STUDIO.YOUTUBE.COM/VIDEO/861MSAZGNAE/EDIT](https://studio.youtube.com/video/861MSAZGNAE/edit)

É SÓCIO DA AICL,

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE,

PARTICIPOU NO 5º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, RIBEIRA GRANDE 2006, NO 34º PDL 2021, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

35. PEDRO ALMEIDA MAIA, ESCRITOR, S MIGUEL, AÇORES, AICL, AUTOR HOMENAGEADO EM 2024

Pedro Filipe Almeida Maia nasceu em 1979 na cidade de Ponta Delgada e é psicólogo organizacional, mestre em Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos pelas Universidades de Coimbra e de Barcelona.

Viveu na Irlanda e regressou aos Açores em 2017. Publicou pela primeira vez em 2012, o romance no estilo policial “Bom Tempo no Canal”, que lhe valeu o Prémio Literário Letras em Movimento. Seguiu-se “Capítulo 41” em 2013.



32º GRACIOSA 2019

34º PONTA DELGADA 2021



39º STA Mª 2024



39º STA Mª 2024

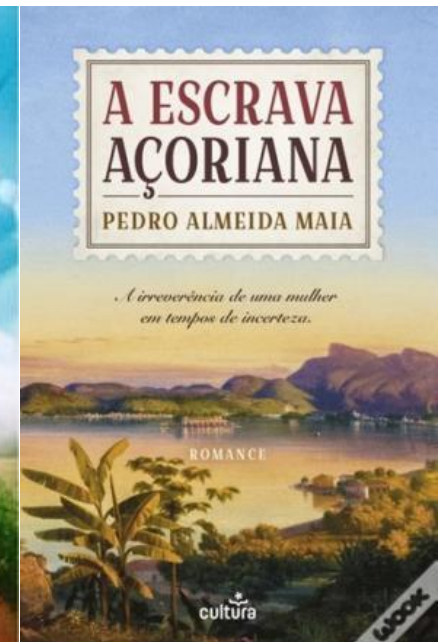
Em 2014 foi selecionado para a Mostra LabJovem com o drama “Nove Estações”, escreveu literatura infantil, venceu o Prémio Discover Azores com a poesia “Vinhos e Epigeus” e foi considerado Escritor do Ano pelo jornal Correio dos Açores. Participou em várias coletâneas no género do conto, foi selecionado para a Antologia do Centro de Estudos Mário Cláudio em 2018, participou na edição comemorativa do centenário do PEN Clube Os Dias da Peste, escreveu crónica, ensaio e argumento, além de outras contribuições regulares.

Com alguns dos seus trabalhos no Plano Regional de Leitura, como a ficção científica “A Viagem de Juno” (2019), e o eco obtido junto dos leitores e da crítica com “Ilha-América” (2020), o autor apresentou em 2022 no 36º colóquio, (Ponta Delgada) “A Escrava Açoriana”, o seu sexto romance, no ano em que comemora dez anos de publicações.

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2024



38º RIBEIRA GRANDE 2023



39º STA Mª 2024





39º STA Mª 2024



Agradeço à AICL pelos momentos inesquecíveis deste 39.º Colóquio da Lusofonia. Reunidos na Biblioteca Municipal de Vila do Porto, ilha de Santa Maria, ouvimos uma sublime carta de **Helena Barros** a mim endereçada, assistimos à apresentação do artigo de Susana Antunes «O Silêncio da Memória em A Força das Sentenças» diretamente da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, e ainda testemunhos de pessoas que me são queridas e que estavam na plateia. Aconteceu tudo com a organização de **Chrys Chrystello** e exemplar moderação de **José Andrade**. O meu sincero obrigado a todos!

«Deixo uma especial palavra à saudosa Helena Chrystello, uma das pessoas que mais me incentivou a escrever: “Vais continuar a escrever porque tens de continuar a escrever”, afincava ela. Muitas das pessoas que me motivaram foram, ou são, comunicadores, a maioria professores: profissão tão nobre como desprezada neste país. Noutras pátrias, são cada vez mais respeitados. O que podemos fazer para os preservar, agradecer e aplaudir? São eles os principais merecedores das homenagens que o mundo ainda não fez. Dedicamos-lhes esta também. Aos que me acompanharam, o maior e mais nobre reconhecimento. Aos professores, o meu muito, muito obrigado.»

Fotografias gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Vila do Porto, **Telmo R. Nunes** e **Diogo Ourique**, Rolf Kemmler

VER [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MIUQMTKGHZU](https://www.youtube.com/watch?v=MIUQMTKGHZU)

LANÇAMENTO DO LIVRO ILHAMÉRICA 2020 [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/WATCH/LIVE/?V=2414550608841461&REF=WATCH_PERMALINK](https://www.facebook.com/watch/live/?v=2414550608841461&ref=watch_permalink)

LANÇAMENTO DE BOM TEMPO NO CANAL [HTTPS://ALMEIDAMAIA.COM/LIVROS/BOM-TEMPO-NO-CANAL/](https://almeidamaia.com/livros/bom-tempo-no-canal/)

ALMEIDA MAIA EM NOTICIA [HTTPS://ALMEIDAMAIA.COM/](https://almeidamaia.com/)

SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE,

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º GRACIOSA 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 36º PONTA DELGADA 2022, 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024

36. PEDRO PAULO CÂMARA, DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, PROFESSOR ESC ARRIFES, S MIGUEL, ESCRITOR, AICL



32º GRACIOSA 2019



27º BELMONTE 2017



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

PEDRO PAULO CÂMARA, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Curso de Especialização em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, também pela Universidade dos Açores, É professor desde 2003, sendo, na atualidade, doutorando na Universidade do Açores e professor da Escola dos Arrifes em S. Miguel.

Foi coordenador do Centro de Ocupação Circum-Escolar "Farol dos Sonhos" e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; Portefólio Reflexivo de Aprendizagem; Cultura, Comunicação e Media; Culturas de Urbanismo e Mobilidade; Língua Estrangeira-Inglês (Iniciação e Continuação) e Aprender com Autonomia. Desde setembro de 2019 leciona Inglês na Academia Sénior da Universidade dos Açores.

É mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares, com a classificação de 19 valores, por unanimidade, com a dissertação *Violante de Cysneiros: o outro lado do Espelho de Armando Côrtes-Rodrigues?*

É autor das obras *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), *Na Casa do Homem Sem Voz* (Poesia, 2016), *Contos da Imprudência* (2020) ed. Letras Lavadas e colaboração em coletâneas a Luz de Natal, da Editora Sui Generis que visa a promoção da leitura em ambiente prisional, em 2015, em *Coletânea Literária I* da Academia de Letras e Artes de Portugal e em *O Livro da Amizade*, uma obra que visa promover a aproximação literária entre os Arquipélagos da Madeira e Açores.

É culturalmente bastante ativo, tendo dinamizado diversos encontros literários e conversas literárias dentro e fora da Região Autónoma dos Açores.

Apresentou, ainda, diversas obras de escritores regionais e nacionais e é autor de diversos prefácios, sendo frequentemente convidado para realizar palestras em escolas.

Durante o período da sua existência, foi colaborador da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Ainda no que diz respeito a revistas, em 2017, foi convidado a Participar na revista *Sem Equívocos*, e, ainda, em 2017, assinou uma crónica quinzenal na *Bird Magazine*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto "Madrugadas", pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MiratecArts, com o conto (Re) Descobrir Açores, sendo que, desde então, colaborou na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e tem Participado em diversos eventos do mesmo.



26º LOMBA DA MAIA 2016



27º BELMONTE 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018

Participou, anteriormente, na coletânea *Entre o Sono e o Sonho*, da Chiado Editora, em 2013, em *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto

Em 2016 foi reconhecido pela Junta de Freguesia de Ginetes, na Gala "Prémios Evidência", na categoria Arte, com atribuição de Troféu, em reconhecimento pelo "importante contributo na dinamização cultural e promoção cultural local e regional".

Em 2016, recebeu, ainda, a distinção Cruz de São Jorge – 3ª classe – Bronze, do Corpo Nacional de Escutas, em reconhecimento pelos serviços prestados. É, desde 1993, membro do Agrupamento 1065 – São Sebastião, do Corpo Nacional de Escutas, tendo assumido, em 2015 as funções de Chefe de Agrupamento, imprimindo uma nova dinâmica ao Agrupamento.

Foi, em 2014, colaborador do magazine local *O Poente* e, nos anos de 2014, 2015 e 2016, o coordenador dos saraus poéticos "Vozes de Lava".

De 2006 a 2010 foi membro da Assembleia de Freguesia de Ginetes e membro da Direção da Casa do Povo de Ginetes.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística *Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural*, na freguesia de Ginetes, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte. Foi, em 2017, representante, em São Miguel, da Chiado Editora.

Desde 2015, é membro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, tendo sido em 2017, secretário do Conselho Fiscal. Em 2018 passou a assumir funções de Adjunto da Direção, tendo apresentado, já, diversas comunicações nos Colóquios organizados pela Associação e sido responsável pelos serviços de Secretariado dos mesmos Colóquios. Tem desempenhado funções, ainda, de moderador de diversos painéis. É, desde julho de 2017, Académico Correspondente da Academia de Letras e Artes de Portugal, vulgo ALA, com sede em Cascais. É, desde abril de 2018, Académico da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas.

Em 2018, foi o vencedor do Concurso Literário "Até que a Vida nos Separe", promovido pela editora Papel d'Arroz, com o conto "Não te quero Assim".

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2022

BIBLIOGRAFIA PEDRO PAULO CÂMARA - Breves elementos literário-culturais

2011 – Lançamento da obra *Perfumes*

2011 – Vencedor de menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto "Madrugadas", pela Câmara Municipal de Aveiro

2011 – setembro – Organização de Roteiro Anteriano e declamação de poesia ao público

2012 – janeiro – Declamação de Poesia de Autores Açorianos (Escola Profissional APRODAZ)

2012 – Visita orientada ao Cemitério de São Joaquim e declamação de poesia de Antero de Quental e Alice Moderno

2013 – junho – Sessão de Poesia (Os mundos da PENA) – Afeneu de Ponta Delgada

2013 – Vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MIRATECARTS, com o conto (Re) Descobrir Açores

2013 – Lançamento da obra *Saliências*

2013 – setembro – Palestra SALIÊNCIAS EM MOVIMENTO COMEMORAÇÕES - DO 90º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE NATÁLIA CORREIA

2013 – novembro – Participação no Serão Cultural "da Poesia à Prosa, com Pedro Paulo Câmara e Patrícia Carreiro (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2013 – novembro – Curador da exposição de pintura "Na Raiz das palavras", da autoria de Daniel Fernandes (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2014 – março – Palestra Natália Correia: mulher de lava - Escola Secundária da Lagoa

2014 – abril – Palestra Comemoração do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor – Escola Básica Integrada de Ginetes

2014 – maio – Palestra Natália: Hoje e Sempre - Escola Secundária da Povoação

2014 – junho – Lançamento da obra *Cinzas de Sabrina*

2014 – junho – Entrevista 105fm



39º STA Mª 2024

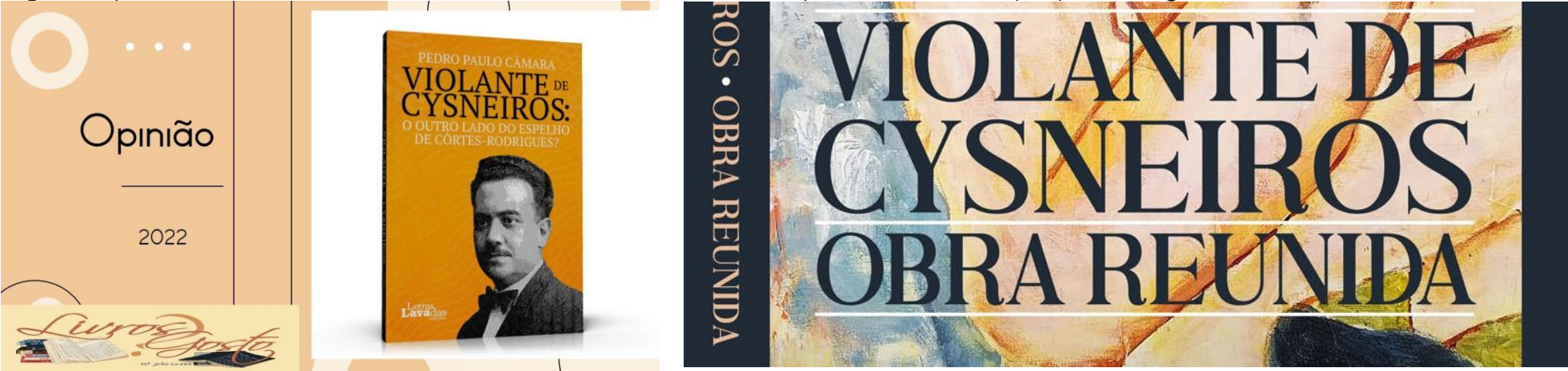
- 2014 – junho – Entrevista Programa de rádio AGRIDOCE
- 2014 – junho – Apresentação da obra Reflexões de uma Adolescência, de João Pedro Couto
- 2014 – julho – Declamação de Poesia Ateneu Criativo de Ponta Delgada
- 2014 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava I
- 2014 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
- 2014 – setembro – Participação no 22º Colóquio da Lusofonia (presencial) – Seia
- 2014 – outubro – Apresentação da obra Esvaziamento Precoce, de Tiago Vieira Andrade
- 2014 – dezembro – Organização e gestão do Acantonamento “Literatura Radical”
- 2015 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
- 2015 – maio – Participação no jornal o Poente - LETRA SOLTA
- 2015 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
- 2015 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II
- 2015 – junho – Apresentação da obra Naquele Tempo, de Carolina Cordeiro
- 2015 – junho – Participação e Organização e de Declamação: “Poesia: palavra que cura”, no Festival da Luz (Solar do Loreto)
- 2015 – setembro – Organização do Percorso Cidadino “Na Rota dos Autores” (Ponta Delgada)
- 2016 – abril – Participação no 25º Colóquio da Lusofonia (orador) – Montalegre
- 2016 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
- 2016 – junho - Participação no Azores Fringe Festival
- 2016 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II
- 2016 – agosto – Atribuição do Prémio de Mérito Cultural pela Filarmónica Minera e Junta de Freguesia de Ginetes
- 2016 – setembro – Participação no 26º Colóquio da Lusofonia (orador e moderador) – Lomba da Maia
- 2016 – outubro – Lançamento da obra Na Casa do Homem Sem Voz
- 2016 – dezembro - Apresentação da obra Se os Carvalhos Falassem e organização de tertúlia, da autoria de Concha ROUSIA (Junta de Freguesia de Ginetes)
- 2016 – dezembro - Apresentação da obra Fortuna, da autoria de Anamar (Casa Hintze Ribeiro)
- 2016 – dezembro – Colaboração no jornal Correio dos Açores, com o poema Um Sonho Colorido Nasceu Virgem
- 2016 – dezembro – Vencedor do Troféu “Artes” na Gala “Prémios Evidência”, promovida pela Junta de Freguesia de Ginetes

2017 - Representante, em São Miguel, da Chiado Editora
 2017 - Eleito Secretário do Conselho Fiscal da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
 2017 - Contribuição para a Bird Magazine (crónicas)
 2017 - Contribuição para a revista Sem Equívocos
 2017 - abril - Participação no 27º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Belmonte
 2017 - abril - Declamação de poesia judaica na Sinagoga "Portas do Céu", de Ponta Delgada
 2017 - abril - Convidado especial Termas da Ferrari (discurso Dia do Livro) e inauguração da biblioteca
 2017 - maio - Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2017 - junho - Participação no Azores Fringe Festival
 2017 - julho - membro Académico Correspondente, na área de Letras, da Academia de Letras e Artes de Portugal.
 2017 - setembro - Apresentação da obra Olhos nas Letras, de Adelaide Vilela
 2017 - setembro - Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Vila do Ponto (Santa Maria)
 2017 - outubro - Apresentação na Casa dos Açores do Norte em "À conversa com os escritores micaelenses Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro"
 2017 - outubro - revisão da obra Olhos nas Letras, de Adelaide Vilela
 2017 - novembro - Criador, Dinamizador e Moderador da Sessão "À Conversa com o Escritor", com a presença das escritoras Manuela Bulcão e Liliana Ribeiro
 2018 - Vencedor do Concurso Literário "Até que a Vida nos Separe", promovido pela editora Papel d'Arroz, com o conto "Não te quero Assim"
 2018 - fevereiro - Apresentação da obra Tatuagem: uma das artes móveis, de Rodrigo Moniz
 2018 - abril - Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Belmonte
 2018 - abril - Instituído Adjunto da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
 2018 - abril - Membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas
 2018 - maio - Colaboração no jornal Correio dos Açores com o texto Mães-mil
 2018 - maio - Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
 2018 - junho - Participação no Azores Fringe Festival
 2018 - outubro - Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Madalena (Ilha do Pico)
 2018 - novembro - Participação na coletânea O Livro da Amizade (Casa Hintze Ribeiro)
 2018 - novembro - Autor do texto do catálogo da exposição Lena Gal
 2018 - novembro - Intervenção na Abertura da Exposição Lena Gal (Palácio do Egito - Oeiras)
 2018 - dezembro - Participação na coletânea Luz de Natal - Coletânea Lusófona (Editora Sui Generis)
 2019 - fevereiro - Palestra Livros Humanos: não me julgues pela capa (Escola Profissional da Câmara do Comércio de Ponta Delgada)
 2019 - abril - Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Belmonte
 2019 - abril - Declamação de Poesia / Sessão Pedagógica, a convite da CMPDL, na Escola Secundária das Laranjeiras
 2019 - junho - Sessão Pública e Conversa Aberta na Feira do livro da Ribeira Grande
 2019 - julho - Participação e apresentação de palestra no encontro internacional Disquiet (Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada)
 2019 - julho - Apresentação da obra As Casas do Povo da Ilha do Pico, da autoria de José Carlos Costa (Casa do Povo do Pico da Pedra)
 2019 - outubro - Participação no 32º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) - Ilha Graciosa
 2019 - novembro - Participação na coletânea Ideários
 2019 - novembro - Membro do Júri Contos da Montanha, Festival Montanha Pico Festival
 2019 - novembro - Apresentação da obra 12 Meses 12 Histórias, de Flávia Medeiros
 2019 - dezembro - Apresentação da coletânea Ideários e declamação de poesia, no Palácio do Egito, Oeiras
 2019 - dezembro - Defesa da Dissertação de Mestrado Violante de Cysneiros: o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?
 2020 - fevereiro - Lançamento da obra Contos da Imprudência
 2021 "Violante de Cysneiros: O Outro Lado do Espelho de Côrtes-Rodrigues? Ed. Câmara Municipal de Vila Franca do Campo
 2024 Violante de Cysneiros: obra reunida, no 39º colóquio da lusofonia em Santa maria
 2024 Violante de Cysneiros: obra reunida, ed. Letras lavadas

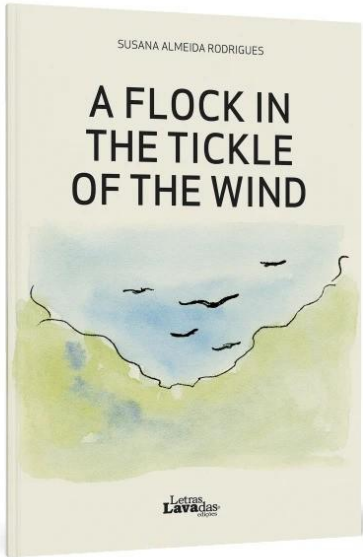
APRESENTOU VIOLANTE DE CYSNEIROS, OBRA REUNIDA

É já tempo de compilar a obra dispersa de Violante de Cysneiros, figura criada e alimentada por Armando Côrtes-Rodrigues, após sugestão do companheiro de escrita, Fernando Pessoa, para que continuasse a ser possível, mesmo que camuflada, a sua Participação na revista Orpheu, após o polémico número de estreia. Da presente compilação fazem parte os nove textos poéticos assinados por [Um anónimo ou anónima que diz chamar-se] Violante de Cysneiros, presentes no segundo número da revista Orpheu, em 1915, a respeito dos quais os diretores, Pessoa e Sá Carneiro, afirmam: "Apareceram-nos na Redacção estes belos poemas, que um engenho doente realizou. Publicamo-los, porque disso são dignos, importando-nos pouco a personalidade vital de que possam emanar. Toda a obra de arte é a justificação de si-própria."; os onze textos atribuídos a Violante de Cysneiros, presentes em Cantares da Noite, seguidos dos poemas de Orfeu, de Armando Côrtes-Rodrigues, de 1942, bem como um ex-inédito, apontado por Anabela Almeida; a carta enviada a Fernando Pessoa, assinada Violante de Cysneiros, datada de 5 de junho de 1915; e os textos dispersos por jornais insulares. São estes: dezoito textos, inseridos na rubrica Azulejos, no jornal vilafranquense O Autónimo, em 1916; dois textos ("O Passado - Integralismo artístico", datado de 2 de setembro, e "Natal", datado de 15 de dezembro), no jornal vilafranquense O Autónimo, em 1916; um texto epistolar, inserido na rubrica Cartas de Mulheres (III), no jornal angrense Folha d'Angra, em 1922; e cinco textos, dispersos pela rubrica Comentários e Ruy Belo, no jornal ponta-delgadense, A Actualidade, em 1923. A listagem elencada diz respeito

aos textos assinados por Violante identificados até à data. Tal não querará significar que a busca, e por consequência a descoberta, esteja concluída. Nas centenas de números dos jornais regionais publicados no início do século XX, deixamos em aberto a possibilidade de que possa surgir um novo texto, sob o olhar de outra investigação.



APRESENTOU A flock in the tickle of the wind, (de Susana A Rodrigues, Um bando nas cócegas do vento, trad de Chrys Chrystello



pedro paulo
camara.mp4

ouça aqui

APRESENTOU TEXTO DE HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML#)
 SÓCIO DA AICL.
 FOI ADJUNTO DA DIREÇÃO,
 FOI VICE-PRESIDENTE,
 FOI MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA,
 FOI MEMBRO DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO
 FOI SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL
 PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE
 PARTICIPOU 22º COLÓQUIO SEIA 2014, 25º MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022. FALTOU NO 38º RIBEIRA GRANDRE 2023, REGRESSOU NO 39º SANTA MARIA 2024

37. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA



36º COLÓQUIO PDL 2022



1. 10. 2022



1. 10. 2022



25º FUNDÃO 2015



27º BELMONTE 2017



15º MACAU 2010 17º Lagoa 2012



20º SEIA 2013



24º GRACIOSA 2015



19º MAIA 2013



25º MONTALEGRE 2016



32º GRACIOSA 2019



ROLF KEMMLER, Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é desempregado, sendo membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD.

É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor. Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha). Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal. A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997.

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa).

Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo). É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia).

Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitæ: <https://www.cienciavita.pt/pt/E316-9F0E-D494>



36º COLÓQUIO PDL 2022



28º VILA DO PORTO 2017

36º COLÓQUIO PDL 2022

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL,

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL. -

- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 33º BELMONTE 2021, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022. AUSENTE POR MOTIVO DE SAÚDE NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023. REGRESSOU NO 39º SANTA MARIA 2024

38. **RUI PAIVA, ARTISTA PLÁSTICO** [HTTPS://RUIPAIVA.COM/](https://rui.paiva.com/)



com chrys c e nick griffin Macau. Hác Sa, Pousada de Coloane jun80

Rui Paiva nasce em 1954 em Moçambique, Lourenço Marques, hoje Maputo.

Vive até aos 13 anos no Planalto do Chimoio, completando o liceu, bem como os três primeiros anos do Curso de Economia na capital.

Dá alfabetização nos arredores de Maputo e, enquanto sócio (militante) do mítico Cine Clube de Lourenço Marques, faz um curso de Cinema.

Licenciando-se em Lisboa no ISEG, leciona por alguns anos (Economia Política). Tomando conhecimento de uma vaga para o lançamento de um novo Departamento de Comércio Interno, abraça esse desafio, iniciando o seu percurso em Macau, em abril de 1979. Por três anos e meio, trabalha nos Serviços de Economia de Macau, chegando a ser, por um ano, Responsável pelos mesmos, reestruturando os serviços e Participando com a tutela na elaboração de uma Nova Lei de Comércio Externo (que vigora por décadas). Ingressa em Lisboa no BPA, onde inicia uma carreira de banca internacional em Portugal.



38º RIBEIRA GRANDE 2023

Mais tarde, em Macau (BPA:1988-91), BNU (1991-1993) e em Hong Kong (1993-4).

Em 1986 interrompe o seu percurso na banca para regressar a Macau como Chefe de Gabinete do Secretário para a Economia, Finanças e Turismo e substituto do Governador.

Em simultâneo, é Delegado do Governo para empresas da STDM e, mais tarde, Administrador do Fundo de Pensões de Macau (PARTICIPOU desde a sua Comissão Instaladora) e membro da Comissão de Fiscalização da Autoridade Monetária de Macau. Rui Paiva é "descoberto" como artista, em Macau, nos anos 80, por um curador muito conceituado na comunidade chinesa.

Inicia uma carreira nas Artes Plásticas, no final da década, com exposições a um ritmo quase anual. Em 1989, em Macau, tendo no currículo dezenas de exposições individuais também por Portugal, Hong Kong e Vietname, mais precisamente em Ho Chi Minh (inaugurada pelo retratista e escultor privativo do líder Ho Chi Minh). Mais de uma centena de Exposições Coletivas em Macau, HK, Japão, Malásia, Singapura, Portugal.



38º ribeira grande 2023

Como escritor, edita três livros de artista: *Desenhos em 1982 em Macau*, *Nuvem Branca* (vários festivais literários de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Folio* em Óbidos e *The Script Road - Macau Literary Festival* (2018) e *Porto Moniz*, com lançamento em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.



8.10.2023



8.10.2023



38º ribeira grande 2023



8.10.2023

CHRY APRESENTOU RUI BARATA PAIVA NO 38º

RUI BARATA PAIVA chegou timidamente a Macau em 1979, já eu ali estava há mais de dois anos e cedo demonstrou ser um jovem inteligente e culto nas tertúlias que iam surgindo aqui e ali, aos almoços e jantares no Clube Militar, no Clube de Macau, no restaurante Henry's e tantos outros locais como a Pousada de Coloane em Hác Sá, ou mesmo a sempre agitada casa do arquiteto Manuel Vicente.

Nesse tempo eram as pessoas que faziam os locais e começava a chegar gente diferente e interessante, jornalistas, arquitetos, gente da Banca como o Rui.

Em janeiro 1983 deixei Macau para me fixar definitivamente na Austrália e passaram-se décadas sem saber dele até descobrir que depois da minha saída criara um alter ego artístico e sobressaía agora no meio da aquarela.

Convidei-o a juntar-se a nós na AICL e a vir ao 38º COLÓQUIO NA RIBEIRA GRANDE, PARECE TER GOSTADO, POIS É NOSSO ASSOCIADO E VOLTA AGORA NO 39º

este colóquio sem imaginar que ele me iria pedir o impensável para o apresentar a si e à sua obra, coisa que se torna notoriamente impossível pela minha incapacidade e incultura de artes



Livros de Rui Barata Paiva "Nuvem Branca" e "Porto Moniz"



Museu Nacional Soares dos Reis

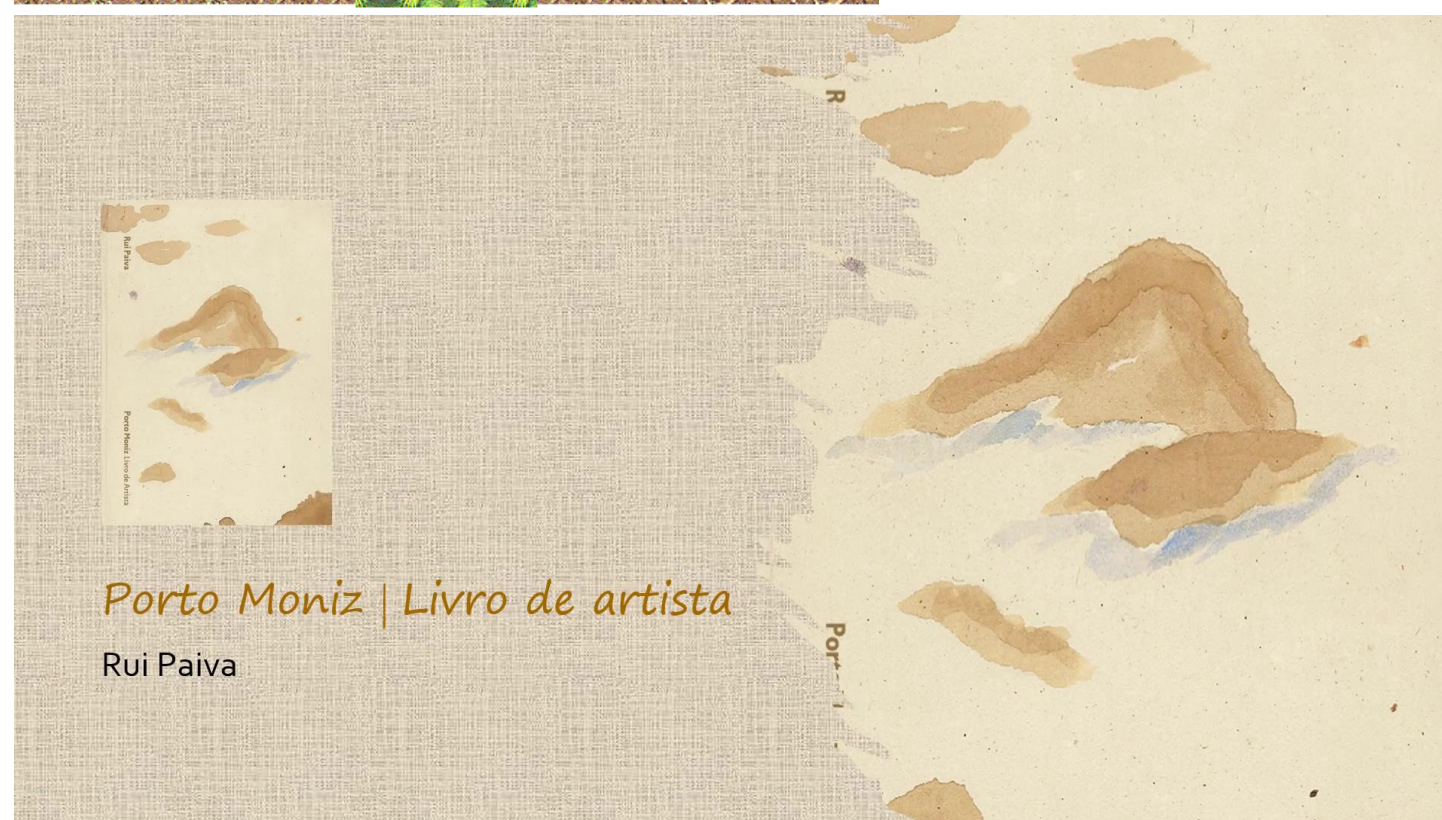
Livros
18 de junho
16h30

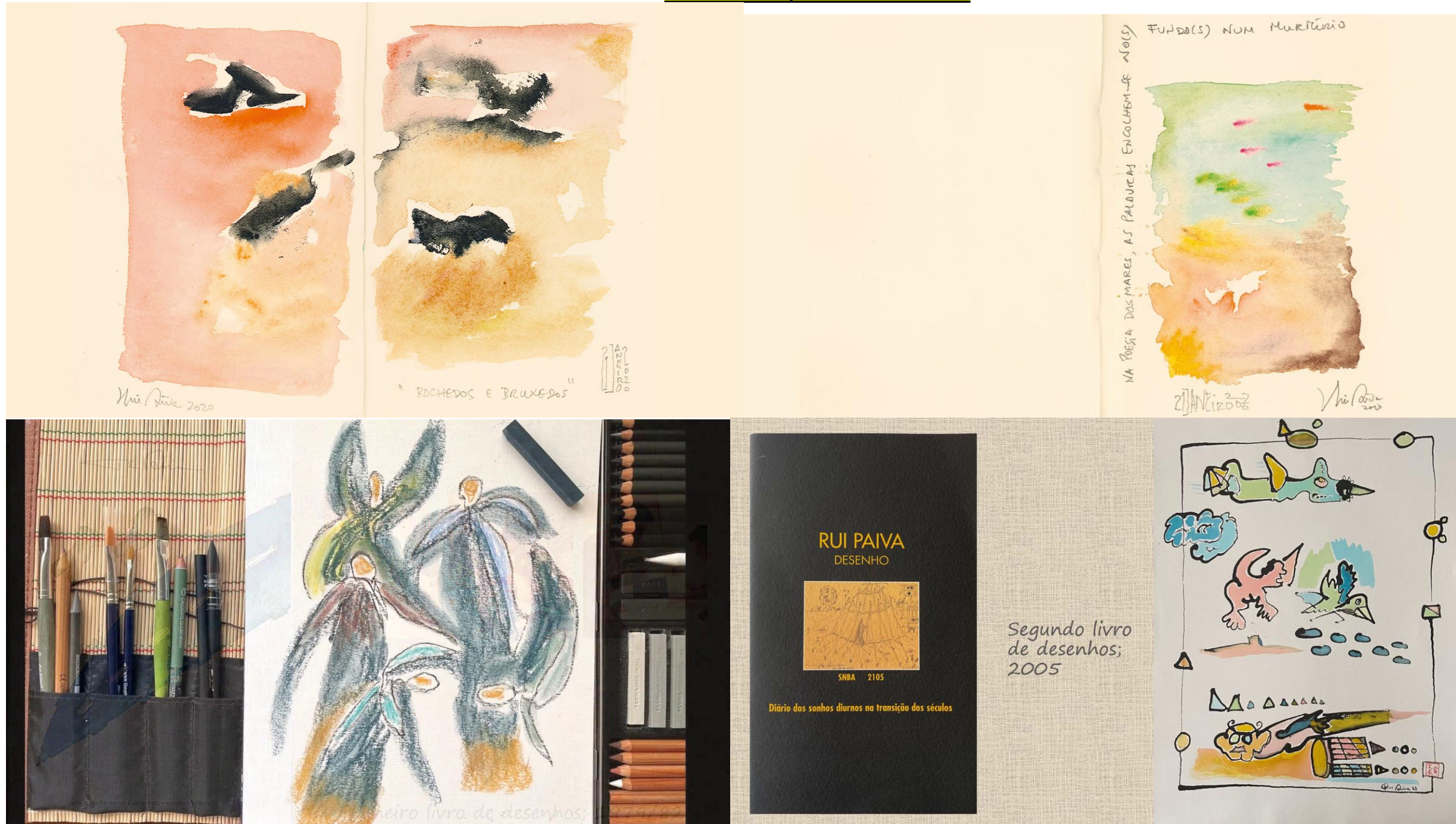
Nuvem Branca e Porto Moniz
Apresentação dos livros de Rui Paiva
Museu Nacional Soares dos Reis

REPUBLICA PORTUGUESA
PATRIMÓNIO CULTURAL
Museu Nacional Soares dos Reis

Nuvem Branca
Rumando Oriente
White Cloud Heading to East

RUI PAIVA
LIVRO DE ARTISTA - ARTIST'S BOOK







36- FORMAÇÃO NA SNBA 1984/1985

I was a student of João Vieira at the National Society of Fine Arts (NSFA), in 1984/1985, a year that I spend much of my time dedicated to arts.

João Vieira was a gentleman, a kind-hearted man, and a magnificent professor.

The class name was "Plastic Experiences" and it was very diverse and comprehensive in what concerns the plastic arts subjects studied. It was a year of mind openness and intense learning, and much work on painting and drawing techniques. Some of the classes were very useful in my future.

João Vieira was lecturing. He never paid special attention to any particular individual, but he was very strong on awaking enthusiasm among the body of his students. One day I thought I would like to

Fui aluno de João Vieira na SNBA, em 1984/1985, num ano de intensa actividade de artes plásticas.

João Vieira era um "Senhor" enquanto homem e um professor magnífico.

O Curso de Experiências Plásticas era muito diversificado e abrangente nas disciplinas das artes plásticas, contendo uma tal diversidade de matérias que se revelou um ano de abertura e de conhecimento muito enriquecedor, com intenso trabalho nas técnicas de pintura e desenho. Umas aulas que se revelaram muito válidas!

João Vieira falava para a turma. Não dedicava uma atenção especial a cada aluno mas espicaçava o colectivo. Um dia, como estava sem saber o que achava da minha actividade, pedi directamente uma opinião. Que não deu...

No final do ano lectivo organizou uma exposição colectiva em torno do Atelier Livre João Vieira e quando todos nós espalhámos os trabalhos pelas salas da SNBA, qual não foi o meu espanto e alegria quando escolheu um amplo conjunto diversificado de peças minhas:

Um "boneco" dedicado aos bonecos dos anos 80 de José de Guimarães; seis pastéis secos; um óleo em ocre numa

paisagem surrealista; um envelope desmultiplicável em pastel de óleo.

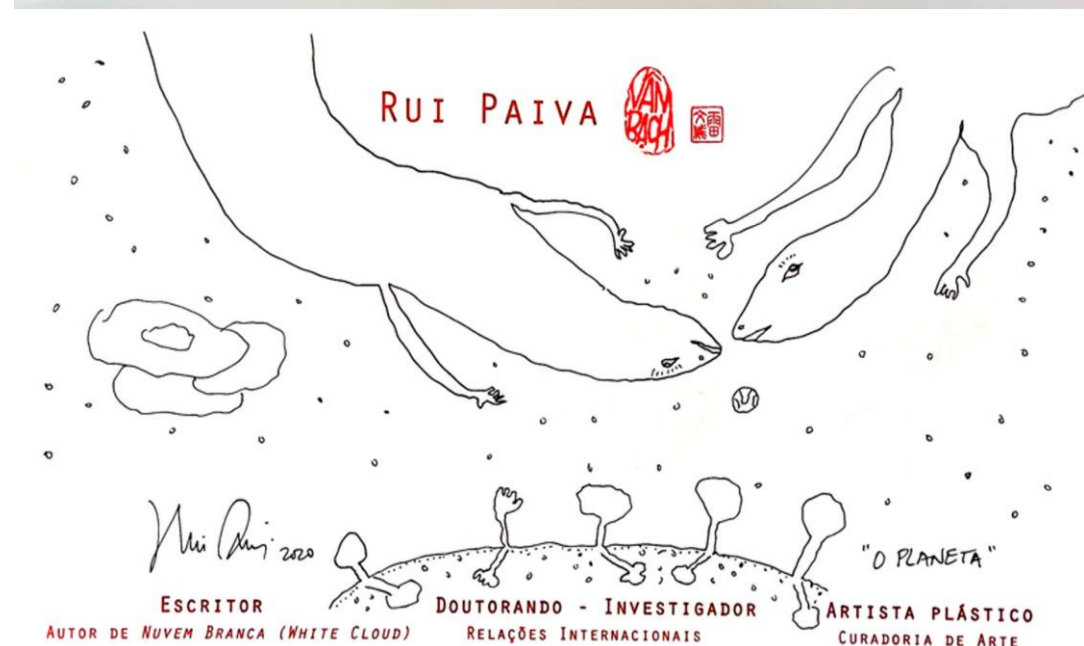
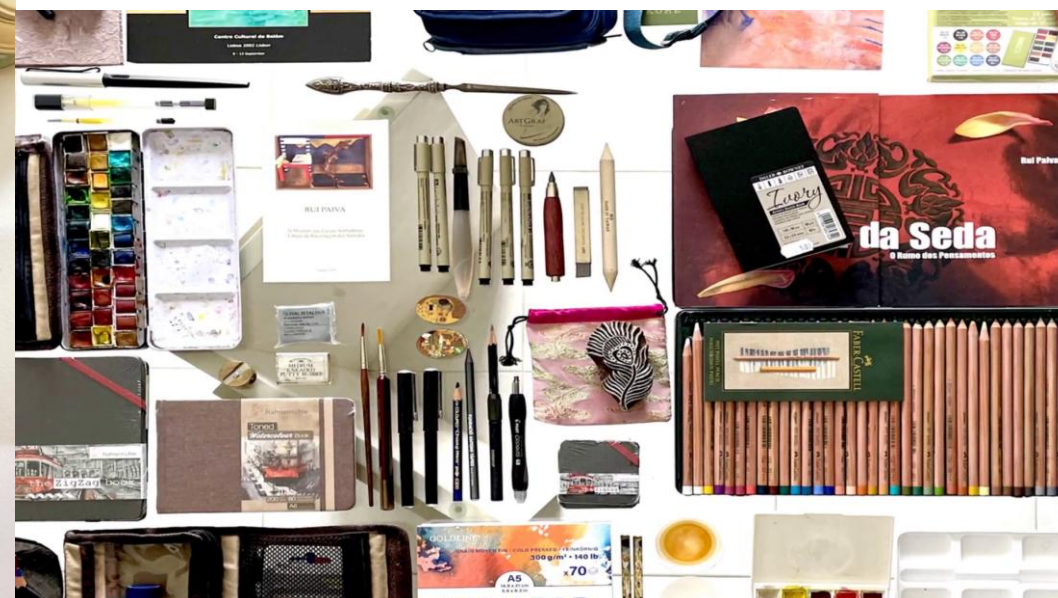
Mais tarde ia visitá-lo ao seu



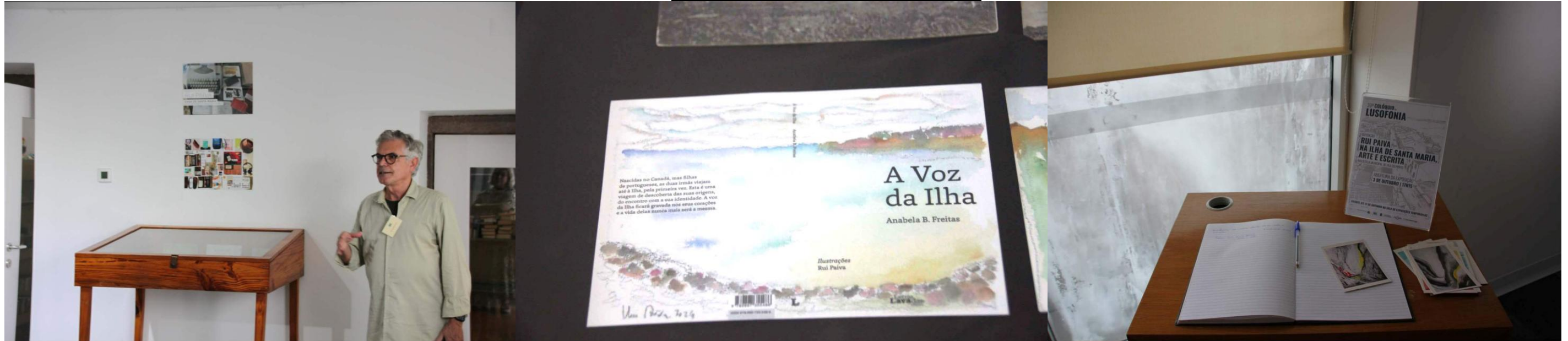
159



36- LEARNING AT NSFA 1984/1985



39º SANTA MARIA 2024

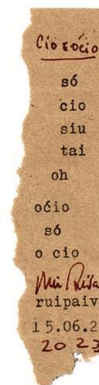


LANÇAMENTO DO LIVRO

A CARTA E O SILÊNCIO Rui Paiva

23 DE MARÇO, 15H
SALA BEIJING
MUSEU DO ORIENTE

AVENIDA DE BRASÍLIA
DOCA DE ALCÂNTARA (NORTE)
1350-352 LISBOA



WWW.RUIPAIVA.COM
INSTAGRAM RUIPAI38
FACEBOOK RUIPAIVA.FINEART'S
R.S.F.F. RUIPAIVA238@GMAIL.COM

VASCO MEDEIROS ROSA APRESENTOU O SEU NOVO LIVRO "A CARTA E O SILÊNCIO"



Escritor, Artista Plástico, Poeta, RUI PAIVA nasce em Moçambique em 1954, onde escreve o seu primeiro conto de ficção política, *O Fracasso* (1968) sobre o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da ex-URSS. Aos 20 anos, termina o curso de Economia em Lisboa, no ISEG onde lecciona até rumar para o Oriente. Três passagens por Macau e Hong Kong. 13 anos no seu conjunto, em

que foi responsável pelos Serviços de Economia, e quadro superior da banca internacional (BPA, BCM e Grupo Caixa). Descoberto – como artista – em 1980 por um curador chinês de Macau, participa dpis a nível nacional e internacional, em diversas colecções, participado em dezenas de exposições individuais, com destaque para Kong Kong, Macau, Ho Chi Minh no Vietname, Alentejo, Açores, Braga, Coimbra, Lisboa, e em dezenas de colectivas, em Singapura, Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Curador por 16 anos de uma das maiores colecções de arte portuguesas.

Para além dos livros por si ilustrados, editou quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal:

Desenhos 1979-1982

Nuvem Branca Livro de Vida e Livro de Artista

– Festivais Literários e Lançamentos

FIC de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Folio* de Óbidos, *The Script Road* – Macau Literary Festival, Museu Nacional Soares dos Reis.

Porto Moniz, Livro de Artista

– Feira do Livro do Funchal e Museu Nacional Soares dos Reis.

A Carta e o Comércio

– Museu do Oriente.

Nascidas no Canadá, mas filhas de portugueses, as duas irmãs viajam até à Ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da Ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

Ilustrações
Rui Paiva



Foto de Eduardo Bettencourt Pinto

ANABELA B. FREITAS nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida no Porto, onde frequentou o Liceu Carolina Michaelis, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História

da Cultura e depois o Doutoramento em Cultura.

Atualmente reside em Vila Nova de Gaia.

Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA MIMOSO que vai desde os manuais escolares, ao conto e novela infanto-juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura. Destacam-se:

1. na ficção infanto-juvenil - *D. Bruxa Gorducha*, distinguido pela Revista *White Ravens*, em 1996; “O Arrumador”, in *Contos da Cidade das Pontes*, Porto 2001; *O Tesouro do Castelo do Rei*, menção honrosa do Prémio Nacional de Ilustração, 2006; *Aquela Palavra Mar*, 2010 – PRL; *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Sanchez, João Pedro Mésseder e Paco Martín – projeto Estafeta do Conto da Xunta de Galicia e Direção Regional de Cultura do Norte); *Foz Cõa – Entre Céu e Rio*, 2007 (Projeto Pintar o Verde com Letras da Direção Regional de Cultura do Norte);

2. na ficção para adultos – *A Vida pela metade* (2007); *Quando nos matam os sonhos* (2012); *A Sagração do amor* (2013); *Viver sempre também cansa* (2018 - Prémio Florbela Espanca 2017);

3. nos estudos literários – *Contos Tradicionais do Povo Açoriano* (2010) PRL; *Os Congressos Pedagógicos do Ensino Secundário Oficial (1927-1931)*, em coautoria com Bento Cavadas, no âmbito do projeto de investigação “Percursos do associativismo e sindicalismo docentes em Portugal, 1890-1990”, financiado pela FCT; *Rebelo de Bettencourt: Raizes de Basalto*, 2014.

ilustrou *A Voz da Ilha*” de Anabela Freitas (Mimoso) QUE TELMO NUNES APRESENTOU



rui paiva Porto
 Moniz_FINAL_50_75.

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 38º NA RIBEIRA GRANDE 2023, E DEPOIS NO 39º SANTA MARIA 2024



TEXTO: "IMPREVISIBILIDADE"

Eu vim do planeta flor.

Não, lá também tem espinhos.

De onde eu venho, quase, mas quase, por pouco, por muito pouco, por muito pouquinho mesmo não perdemos o nosso brilho, a nossa ginga, o nosso jeito, a nossa cor.

Não somos do tempo em que se viajava pelo mundo, nem mesmo viagens *on-line*, mas hoje temos família com viajores... e, através de fotos, dessas redes que nos conectam num piscar de olhos.

Ah! No meio de tudo isso, descobri... descobri a imagem do «espalhador de alegrias». Por um *post*, por um *post*. Acreditem ou não, por um *post*. Através de uma foto e de um outro olhar, claro! Um olhar diferente, o olhar pela lente do meu anseio.

Chorar. Esquivar-se. Sombrio. Viver sombrio. Viver... Viver sem vida. Era isso? É assim? Viver é assim? O dia é assim . . . Prefiro a noite.

Ah! Então, vi fotos. Vi *posts*, fotos e mais fotos. Olhei por outro ângulo. A noite é assim . . . Prefiro o dia.

Olhei por outro olhar e me debati dizendo: o mundo está cheio de tristeza abaixo de mim, acima de mim, ao lado esquerdo, ao lado direito e por todo o meu redor. Mas eu... eu não quero ser conivente com a tristeza. Eu quero é saber viver a tristeza. Eu quero saber viver o momento triste. Eu optei por uma versão mais leve, por uma versão mais livre de mim no enfrentamento da vida.

A minha, a tua, a nossa pedra no sapato, sim, ela é um fato. É um expurgo ou não. É uma espécie de coração surpreendentemente humano.

Nessa minha versão mais livre, eu vou passar por todas as coisas com a qualidade da escolha, olhando de frente para a Imprevisibilidade e vivendo com a consciência e o entendimento da ambiguidade e da perplexidade. Sim, porque do planeta flor para este daqui a distância é só um intervalo.

Vamos mais além!


Texto criado para o 39º Colóquios da Lusofonia, de 03 a 06 de outubro de 2024, em Vila do Porto, ilha Santa Maria / Açores / Portugal.

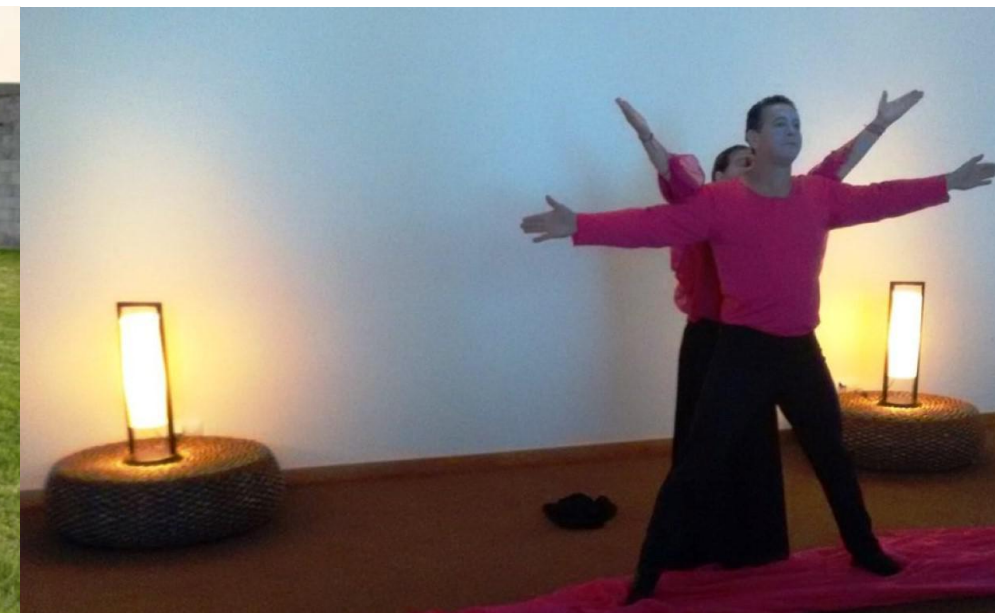
Autoria e direção artística:
Sandra Maria Canarin Prosdócimo.

Atuação:
Sérgio Da Silva Prosdócimo.

Colaboradores:
Brenda Canarin Prosdócimo,
Cristina Dreyer Machado,
Fábio Coura,
Júlia Polla Weber,
Maria Luiza Rosa Barbosa,
Marize Silva Prosdócimo,
Sara Canarin Prosdócimo.

Floripa/Desterro/junho de 2024.

 **GIRA - Teatro Multissensorial - Brasil**
Há 31 anos auxiliando no desabrochar da humanidade.



GRACIOSA 2015

APRESENTOU imprevisibilidade

Sinopse do grupo Gira-Teatro:

O Grupo Gira-Teatro foi fundado em 11 de abril de 1993, na cidade de Florianópolis.

Seus fundadores são atores e arte-educadores, com experiência na formação e capacitação artística. Em suas práticas teatrais buscam extrair e desenvolver as potencialidades do indivíduo e do coletivo a partir dos processos de montagem de peças, de esquetes teatrais, nos cursos, nas palestras, bem como, nos workshops que ministram no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional. Em suas produções artísticas tem como objetivo proporcionar aos participantes a ampliação das dimensões cognitivas, artísticas e culturais por meio de exercícios de introspecção e da improvisação. Desta forma, busca provocar no ser humano, o despertar dum estado sensível de consciência, a reflexão, a crítica e a valorização referente ao desenvolvimento do Ser Integral, possibilitando dessa maneira, a expansão de todos os seus sentidos no palco e mais além desse. Desde a sua criação, o grupo Gira-Teatro tem como objetivo desenvolver um trabalho de incentivo a mudança do ser humano, tendo como slogan: "Auxiliar no desabrochar da humanidade".

Fundadores do Grupo Gira-Teatro:

SANDRA MARIA CANARIN PROSDÓCIMO - Diretora Geral e Artística e Fundador do Grupo Gira-Teatro. Artista, Professora e Arte-educadora. Humanista;

Nasceu em Lauro Muller, Santa Catarina, Brasil, em 29 de abril de 1961. Graduada em Artes Cênicas (UDESC) e pós-graduada em Metodologia de Ensino das Técnicas Teatrais (UDESC).

Fundadora e Diretora Geral e Artística do Grupo Gira-Teatro. Fundou e dirigiu, também, os grupos de teatro Máskara e Projeção; foi integrante da Companhia de Arte Qaos; Autora e Ministrante de Projetos de Teatro para jovens e adultos; Arte-educadora; desenhista gráfica. Teatrista nacional e internacional. E-mail: scprosdocimo@gmail.com +55 48 99622 4980.

SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO – Diretor de Expansão e Fundador do Grupo Gira-Teatro;

Artista, Professor e Arte-educador.

Nasceu em Florianópolis/Santa Catarina/Brasil, em 05 de novembro de 1966. Inicia sua carreira no artesanato em 1982, expondo seus trabalhos na Grande Florianópolis, e em outras localidades do Estado Catarinense (1982 a 1987); Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (1990); Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: "A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas", pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo (1999); Atuou como Professor de Artes na Rede Municipal e Estadual de Educação de Florianópolis (1990 a 2005); É Fundador e Diretor de Expansão do "Grupo Gira-Teatro" (1993 até o presente); Atuou como Professor/Arte-educador, com ênfase na educação não formal por nove anos consecutivos, no Centro de Tratamento, Reeducação e Vivência Integral – CETREVI / SEEDE, Florianópolis/SC, junto com os alunos /pacientes e profissionais da saúde, por meio de atividades artísticas (artes plásticas, teatro, poesia e música), e também atividades de laborterapia (1997 a 2005); Autor e ministrante de cursos e workshops com o tema: "A Poética do Corpo" (1999); Atuou como membro do Conselho Gestor da Rede de Educadores em Museus em Santa Catarina – REM/SC (2010 a 2015); É um dos autores e ministrantes de cursos e workshops com o tema: "Teatro Multissensorial" e "Teatro Corporativo" (2011); Atualmente é coordenador do Núcleo de Ação Educativa/NAE, no Museu de Arte de Santa Catarina/MASC, na Fundação Catarinense de Cultura/FCC (2003 até o presente); É Membro Fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), situada na ilha São Miguel, na Região Autónoma dos Açores / Portugal/PT (2010 até o presente). E-mail: sergioprostdocimo@gmail.com +55 48 99997 8290

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 24º GRACIOSA 2015. NO 39º SANTA MARIA 2024

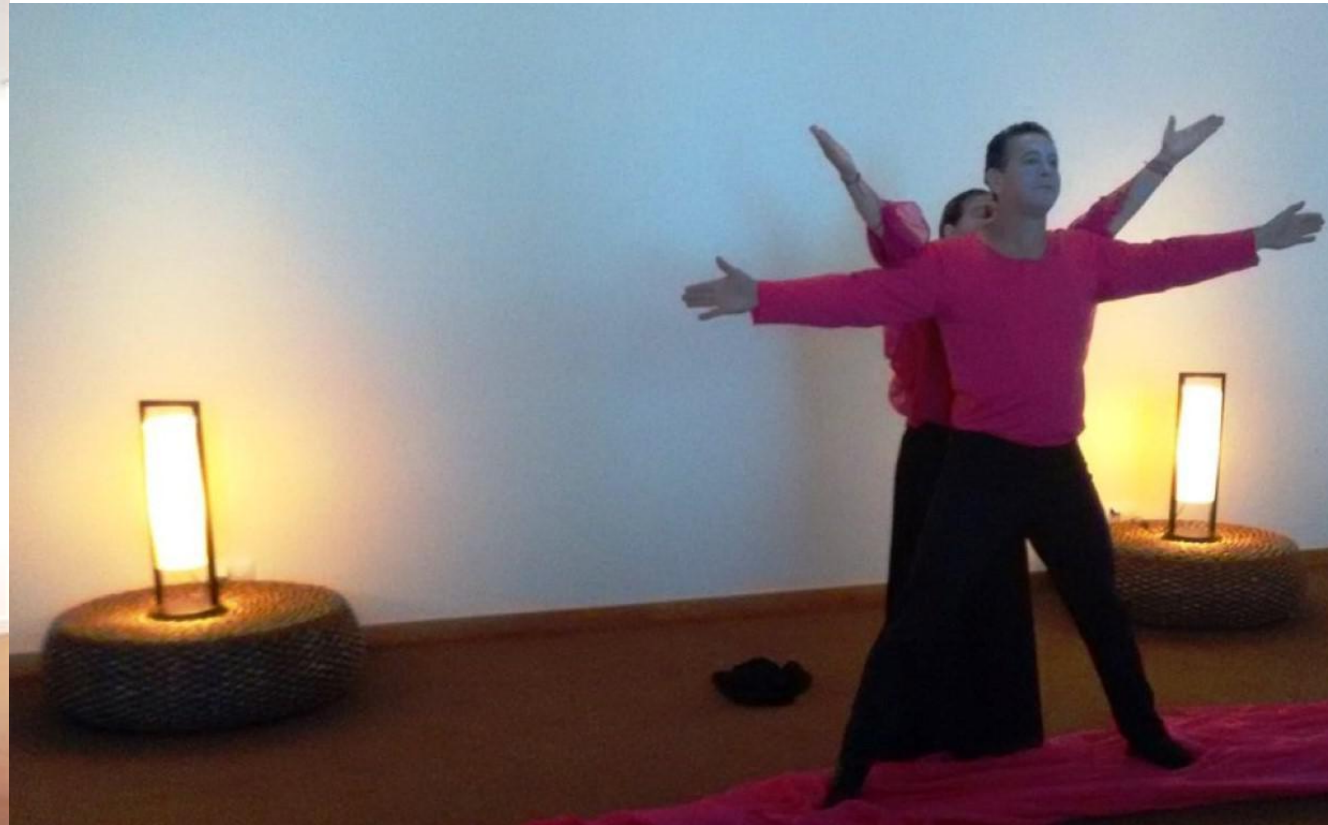
40. **SÉRGIO PROSDÓCIMO, DIRETOR GRUPO DE TEATRO GIRA TEATRO FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL, AICL**



LAGOA 2009



24º Graciosa 2015



9º LAGOA 2008



SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 05 de novembro de 1966.

Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC;

Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: “A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas”, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo;

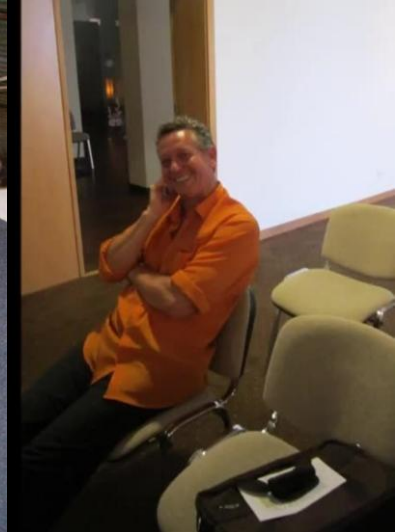
Atua como arte-educador no Núcleo de Arte Educação do MASC – Museu de Arte de Santa Catarina/FCC (Fundação Catarinense de Cultura); Realizador de projetos de luz cênica em teatros

e bandas; Ministra oficinas e workshops com o tema “A Poética do Corpo”; Músico; Ator; Performer; Gestor cultural; fundador e Diretor de expansão do Grupo Gira-Teatro. prosilva2004@yahoo.com.br /

+55 48 9997 8290



24º GRACIOSA 2015



GRACIOSA 2019



GRACIOSA 2019



24º GRACIOSA 2015



LAGOA 2009

Sinopse do grupo Gira-Teatro:

O Grupo Gira-Teatro foi fundado em 11 de abril de 1993, na cidade de Florianópolis.

Seus fundadores são atores e arte-educadores, com experiência na formação e capacitação artística. Em suas práticas teatrais buscam extrair e desenvolver as potencialidades do indivíduo e do coletivo a partir dos processos de montagem de peças, de esquetes teatrais, nos cursos, nas palestras, bem como, nos workshops que ministram no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional. Em suas produções artísticas tem como objetivo proporcionar aos participantes a ampliação das dimensões cognitivas, artísticas e culturais por meio de exercícios de introspecção e da improvisação. Desta forma, busca provocar no ser humano, o despertar dum estado sensível de consciência, a reflexão, a crítica e a valorização referente ao desenvolvimento do Ser Integral, possibilitando dessa maneira, a expansão de todos os seus sentidos no palco e mais além desse. Desde a sua criação, o grupo Gira-Teatro tem como objetivo desenvolver um trabalho de incentivo a mudança do ser humano, tendo como slogan: "Auxiliar no desabrochar da humanidade".

Fundadores do Grupo Gira-Teatro:

SANDRA MARIA CANARIN PROSDÓCIMO - Diretora Geral e Artística e Fundador do Grupo Gira-Teatro. Artista, Professora e Arte-educadora. Humanista;

Nasceu em Lauro Muller, Santa Catarina, Brasil, em 29 de abril de 1961. Graduada em Artes Cênicas (UDESC) e pós-graduada em Metodologia de Ensino das Técnicas Teatrais (UDESC).

Fundadora e Diretora Geral e Artística do Grupo Gira-Teatro. Fundou e dirigiu, também, os grupos de teatro Máskara e Projeção; foi integrante da Companhia de Arte Qaos; Autora e Ministrante de Projetos de Teatro para jovens e adultos; Arte-educadora; desenhista gráfica. Teatrística nacional e internacional. E- mail: scprosdocimo@gmail.com +55 48 99622 4980.

SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO – Diretor de Expansão e Fundador do Grupo Gira-Teatro;

Artista, Professor e Arte-educador.

Nasceu em Florianópolis/Santa Catarina/Brasil, em 05 de novembro de 1966. Inicia sua carreira no artesanato em 1982, expondo seus trabalhos na Grande Florianópolis, e em outras localidades do Estado Catarinense (1982 a 1987); Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (1990); Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: "A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas", pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo (1999); Atuou como Professor de Artes na Rede Municipal e Estadual de Educação de Florianópolis (1990 a 2005); É Fundador e Diretor de Expansão do "Grupo Gira-Teatro" (1993 até o presente); Atuou como Professor/Arte-educador, com ênfase na educação não formal por nove anos consecutivos, no Centro de Tratamento, Reeducação e Vivência Integral – CETREVI / SEEDE, Florianópolis/SC, junto com os alunos /pacientes e profissionais da saúde, por meio de atividades artísticas (artes plásticas, teatro, poesia e música), e também atividades de laborterapia (1997 a 2005); Autor e ministrante de cursos e workshops com o tema: "A Poética do Corpo" (1999); Atuou como membro do Conselho Gestor da Rede de Educadores em Museus em Santa Catarina – REM/SC (2010 a 2015); É um dos autores e ministrantes de cursos e workshops com o tema: "Teatro Multissensorial" e "Teatro Corporativo" (2011); Atualmente é coordenador do Núcleo de Ação Educativa/NAE, no Museu de Arte de Santa Catarina/MASC, na Fundação Catarinense de Cultura/FCC (2003 até o presente); É Membro Fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), situada na ilha São Miguel, na Região Autônoma dos Açores / Portugal/PT (2010 até o presente). E- mail: sergioproisdocimo@gmail.com +55 48 99997 8290



APRESENTOU imprevisibilidade



TEXTO: "IMPREVISIBILIDADE"

Eu vim do planeta flor.

Não, lá também tem espinhos.

De onde eu venho, quase, mas quase, por pouco, por muito pouco, por muito pouquinho mesmo não perdemos o nosso brilho, a nossa gíngua, o nosso jeito, a nossa cor.

Não somos do tempo em que se viajava pelo mundo, nem mesmo viagens *on-line*, mas hoje temos família com viajores... e, através de fotos, dessas redes que nos conectam num piscar de olhos.

Ah! No meio de tudo isso, descobri... descobri a imagem do «espalhador de alegrias». Por um *post*, por um *post*. Acreditem ou não, por um *post*. Através de uma foto e de um outro olhar, claro! Um olhar diferente, o olhar pela lente do meu anseio.

Chorar. Esquivar-se. Sombrio. Viver sombrio. Viver... Viver sem vida. Era isso? É assim? Viver é assim? O dia é assim . . . Prefiro a noite.

Ah! Então, vi fotos. Vi *posts*, fotos e mais fotos. Olhei por outro ângulo. A noite é assim . . . Prefiro o dia.

Olhei por outro olhar e me debati dizendo: o mundo está cheio de tristeza abaixo de mim, acima de mim, ao lado esquerdo, ao lado direito e por todo o meu redor. Mas eu... eu não quero ser conivente com a tristeza. Eu quero é saber viver a tristeza. Eu quero saber viver o momento triste. Eu optei por uma versão mais leve, por uma versão mais livre de mim no enfrentamento da vida.

A minha, a tua, a nossa pedra no sapato, sim, ela é um fato. É um expurgo ou não. É uma espécie de coração surpreendentemente humano.

Nessa minha versão mais livre, eu vou passar por todas as coisas com a qualidade da escolha, olhando de frente para a Imprevisibilidade e vivendo com a consciência e o entendimento da ambiguidade e da perplexidade. Sim, porque do planeta flor para este daqui a distância é só um intervalo.

Vamos mais além!


Texto criado para o 39º Colóquio da Lusofonia, de 03 a 06 de outubro de 2024, em Vila do Porto, ilha Santa Maria / Açores / Portugal.

Autoria e direção artística:
Sandra Maria Canarin Prosdócimo.

Atuação:
Sérgio Da Silva Prosdócimo.

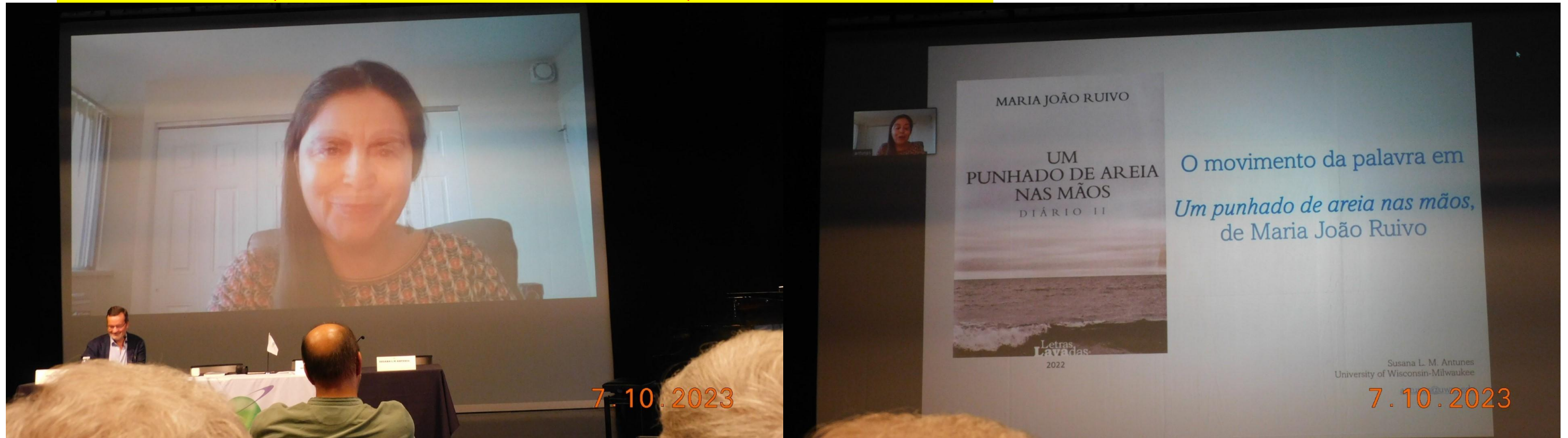
Colaboradores:
Brenda Canarin Prosdócimo,
Cristina Dreyer Machado,
Fábio Coura,
Júlia Polla Weber,
Maria Luíza Rosa Barbosa,
Marize Silva Prosdócimo,
Sara Canarin Prosdócimo.

Floripa/Desterro/junho de 2024.

 **IRA - Teatro Multissensorial - Brasil**
Há 31 anos auxiliando no desabrochar da humanidade.

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 24º GRACIOSA 2015, 32º GRACIOSA 2019, NO 39º SANTA MARIA 2024
SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

41. SUSANA L. M. ANTUNES, UNIVERSIDADE DE WISCONSIN-MILWAUKEE, AICL. TOMOU PARTE VIA ZOOM



38º colóquio na Ribeira Grande 2023



15º COLÓQUIO Macau 2011

Susana L M Antunes fez doutoramento na Universidade de Massachusetts, Amherst, É Professora Associada de Língua, Literatura e Culturas Lusófonas na Universidade de Wisconsin-Milwaukee, onde desempenha também as funções de coordenadora do Programa de Português. Os seus interesses de pesquisa repartem-se pela poesia contemporânea em língua portuguesa, literatura de viagem e literatura de ilhas (Ecocrítica, Geopoética) em português, francês e inglês numa perspetiva comparada, os quais tem apresentado em diversas conferências nacionais e internacionais. É investigadora no grupo de pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal Fluminense, Brasil, e no centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde PARTICIPOU no projeto de criação de uma Enciclopédia Digital em Estudos Insulares.



36º ponta delgada 2022



36º PDL 2022

39º STA Mº 2024



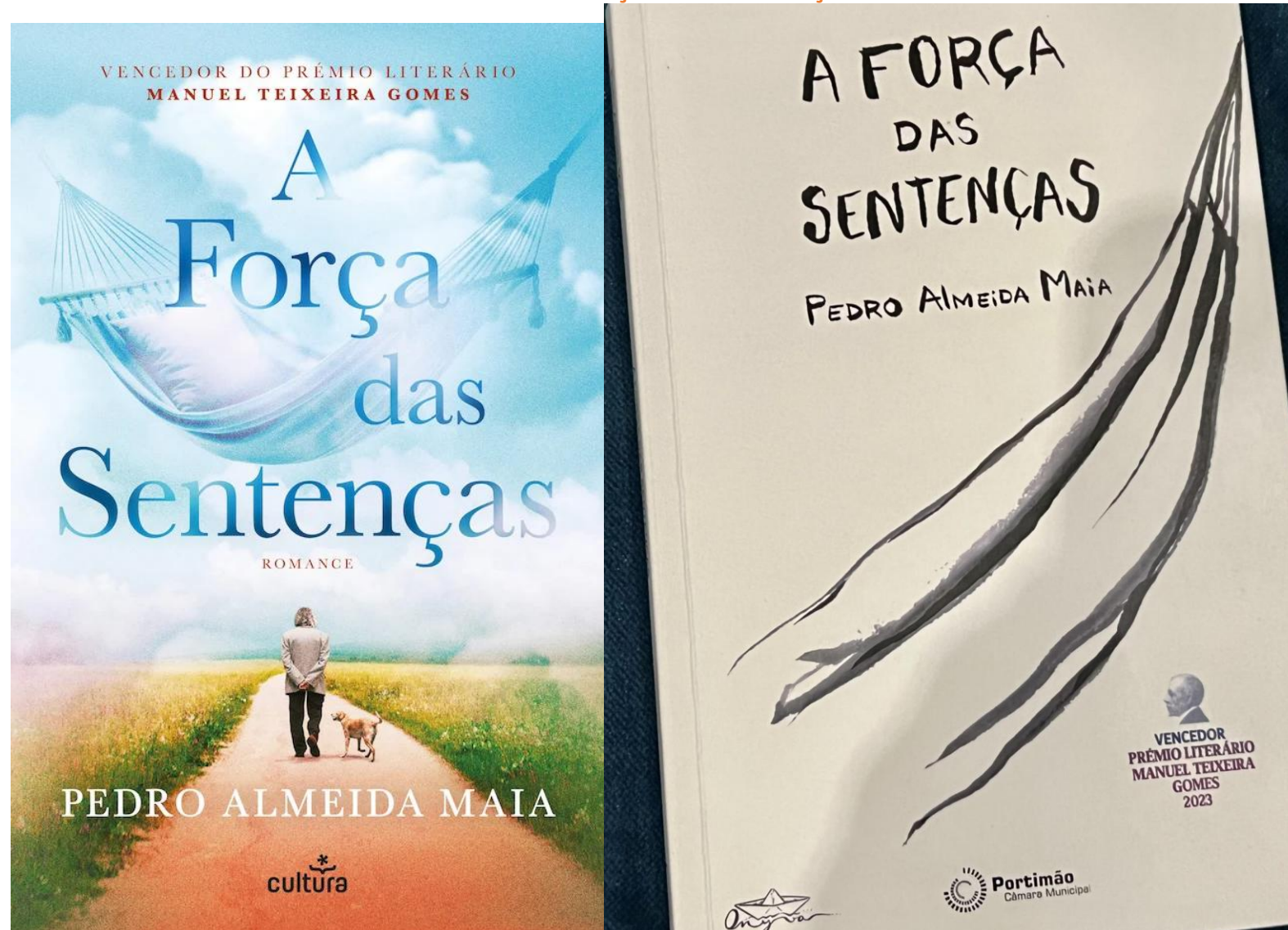
15º COLÓQUIO Macau 2011

Integra também o projeto *Escritoras de Língua Portuguesa no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e Países de Emigração*, o qual resulta de uma parceria internacional, envolvendo o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, o CICS.Nova / Faces de Eva, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e o CRILUS/UR Études Romanes, da Universidade Paris Nanterre.

É tradutora do Institut International de Gépoétique, França.

Autora do livro *De Errâncias e Viagens Poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles* (Afrontamento - 2020), o seu trabalho mais recente foi a edição e coordenação do volume *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados*, publicado em 2021, pela Quod Manet, Massachusetts.

APRESENTOU O SILÊNCIO DA MEMÓRIA EM A FORÇA DAS SENTENÇAS DE PEDRO ALMEIDA MAIA



SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

FEZ PARTE DAS TERTÚLIAS ONLINE

COORDENA OS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

PARTICIPOU NO 15º MACAU 2011, 36º EM PONTA DELGADA 2022, ONLINE NO 38º NA RIBEIRA GRANDE 2023, ONLINE NO 39º SANTA MARIA 2024

42. SUSANA A RODRIGUES, PROFESSORA ESCOLA DOS ARRIFES, ESCRITORA



PDL abril 2024



39ª SANTA MARIA 2024

Susana Almeida Rodrigues nasceu em 1965, na Matriz da Ribeira Grande.

Docente, especializada em Educação Especial,

Mestre em Filosofia Contemporânea – Valores e Sociedade, pela Universidade dos Açores.

Começou por publicar poesia em jornais (Atlântico Expresso, 2012/13).

Estreou-se no mundo da literatura com “Madrugada” (2017) e “Um Bando nas Cócegas do Vento” (2019), obra de carácter pedagógico e inclusivo que celebra diversidade.

Compilou e organizou “Ao Som do Búzio” (2019), livro de poesia de Laureano Almeida.

Participou nas coletâneas

“Este Ano Desembrulha o Espírito do Natal” (Contos, 2019);

“Os Açores nos Versos dos seus Poetas” (Poesia, 2020);

“Mulher Coração da Liberdade” (Poesia, 2021);

Ribeira Grande, uma Onda de Contos (Contos, 2023) e Maratona Literária (Letras Lavadas, 2023).

A sua obra Um Bando nas Cócegas do Vento foi traduzida para inglês, publicada em 2024 e será apresentada neste colóquio por Pedro Paulo Câmara.

Agradecimentos

Expresso a minha gratidão e apreço a todos os que tornaram possível o voo deste bando, agora numa edição em língua inglesa.

À belíssima dupla que desde logo aceitou amavelmente o convite para prefaciar o livro, com uma visão transatlântica, o que muito nos honra:

Paulo Vaz de Carvalho, **desde sempre ligado à causa da educação e inclusão dos alunos surdos, Coordenador da Unidade de Investigação do Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira (CEDJRP)**, profundo conhecedor da língua, cultura e história da Comunidade Surda;

E Fernanda de Oliveira Castro, igualmente votada à causa da educação e inclusão dos alunos surdos; educadora na Escola de Referência para a Educação Bilingue de Arrifes e profunda conhecedora da pedagogia e dos fenómenos de interculturalidade da comunidade Surda.

À Letras Lavadas, na pessoa de Ernesto Resendes, que muito tem contribuído para a divulgação do livro e dos escritores dos Açores, e a toda a sua equipa pela disponibilidade, empenho e competência.

À Ana Beatriz Rodrigues, que desde logo aceitou o desafio de voar neste bando com a beleza e delicadeza dos seus traços na ilustração do livro.

À intérprete de Língua Gestual Portuguesa, Ana Raquel Lima, pela glosa – transcrição para português escrito da comunicação em Língua Gestual.

À Ema Gonçalves, especialista em Língua Gestual Portuguesa.

Ao Luís Soares Almeida, que desde há muito me acompanha nesta aventura da escrita, pelo incentivo e apoio editorial à primeira edição.
 Às amigas e pré-leitores Paula Gouveia, Fernanda de Oliveira Castro, Elsa Gouveia e Conceição Medeiros, pelo incentivo e olhar atento.
 Ao José Alfredo Ferreira Almeida, e à Oficina da Língua, pela revisão dos textos (edição portuguesa).
 Ao Pedro Paulo Câmara, pela luz num caminho.
 Ao Chrys Chrystello, pela tradução desta edição para língua inglesa.
 Aos meus alunos, pequenos grandes mestres, e à Comunidade Surda pelo quanto me têm dado a aprender.
 Ao José Benjamim, por acalantar os sonhos e cuidar das minhas asas e à minha família, pela presença, carinho e apoio incondicional.
 A quantos, com empenho e dedicação, deram o seu contributo com o seu trabalho, aparentemente invisível e no anonimato.

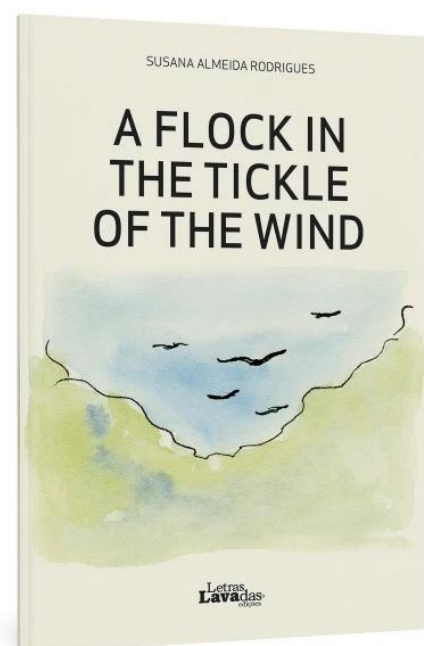
A todos, um enorme bem-haja e reconhecido agradecimento

Nota:

A edição portuguesa e original deste livro faz parte do Plano Regional de Leitura.

A obra foi selecionada pelo júri regional como obra de leitura obrigatória para o 3.º Ciclo do Ensino Básico, para a Fase Regional do Concurso Nacional de Leitura 2021/2022, conforme consta da Adaptação do Regulamento à Região Autónoma dos Açores.

PEDRO PAULO CÂMARA APRESENTOU A *FLOCK IN THE TICKLE OF THE WIND*, DE SUSANA RODRIGUES (TRAD DE UM BANDO NAS CÓCEGAS DO VENTO, DE CHRYS CHRYSTELLO)



**SÓCIA AICL
 PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 39º SANTA MARIA 2024**

43. TELMO R NUNES, PROFESSOR EBI MAIA, ESCRITOR



13º COLÓQUIO FLORIPA, BRASIL 2010



39º SANTA MARIA 2024

TELMO R. NUNES

Açoriano de coração nascido em Paços de Ferreira, em 1980. Formou-se em Português e Inglês, tendo lecionado essas áreas em diversas escolas e diferentes níveis de ensino. Em 2003, mudou-se para a ilha de São Miguel, onde ainda trabalha e reside.

Escreve por gosto, tendo dispersa obra pela imprensa regional açoriana e continental; integra antologias poéticas e antologias de contos;

É autor das obras *Reflexões de Uma Quase Vida*, (Menção Honrosa no Prémio Literário Gaspar Frutuoso, Câmara Municipal da Ribeira Grande), em 2009, *Inês, A Dualidade de Uma Vida*, em 2012 e *O Lugar da Trindade e Outras Narrativas*, em 2023.

Doutorando em Literaturas e Culturas Insulares, na Universidade dos Açores, sob o tema "Reflexos da cultura açoriana em *Raiz Comovida*, de Cristóvão de Aguiar: texto, contexto e elementos Identitários".

BIBLIOGRAFIA

(2012) *Inês a dualidade de uma vida*, Ed. Chiado

(2022) in *Chrystello, Helena (2022) Nova antologia de autores açorianos*, ed. Letras Lavadas

(2023) *O Lugar da Trindade e Outras Narrativas*

APRESENTOU “A Voz da Ilha” DE ANABELA FREITAS (MIMOSO) (com ilustrações de Rui Paiva):



Escritor, Artista Plástico, Poeta, RUI PAIVA nasce em Moçambique em 1954, onde escreve o seu primeiro conto de ficção política, *O Fracasso* (1968) sobre o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da ex-URSS. Aos 20 anos, termina o curso de Economia em Lisboa, no ISEG onde lecciona até rumar para o Oriente. Três passagens por Macau e Hong Kong, 13 anos no seu conjunto, em que foi responsável pelos Serviços de Economia, e quadro superior da banca internacional (BPA, BCM e Grupo Caixa). Descoberto – como artista – em 1980 por um curador chinês de Macau, participa dpis a nível nacional e internacional, em diversas colecções, participado em dezenas de exposições individuais, com destaque para Kong Kong, Macau, Ho Chi Minh no Vietname, Alentejo, Açores, Braga, Coimbra, Lisboa, e em dezenas de colectivas, em Singapura, Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Curador por 16 anos de uma das maiores colecções de arte portuguesas. Para além dos livros por si ilustrados, editou quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal:

Desenhos 1979-1982
Nuvem Branca Livro de Vida e Livro de Artista
 – Festivais Literários e Lançamentos
FIC de Cascais, *Escritaria* de Penafiel, *Fóio* de Óbidos, *The Script Road* – Macau Literary Festival, Museu Nacional Soares dos Reis.
Porto Moniz, Livro de Artista
 – Feira do Livro do Funchal e Museu Nacional Soares dos Reis.
A Carta e o Comércio
 – Museu do Oriente.

Nascidas no Canadá, mas filhas de portuguesas, as duas irmãs viajam até à Ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da Ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

A Voz da Ilha

Anabela B. Freitas

Ilustrações
Rui Paiva



ISBN 978-???-???-??-?



ANABELA B. FREITAS nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida no Porto, onde frequentou o Liceu Carolina Michaelis, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História da Cultura e depois o Doutoramento em Cultura. Atualmente reside em Vila Nova de Gaia. Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA MIMOSO que vai desde os manuais escolares, ao conto e novela infanto-juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura. Destacam-se:

1. na ficção infanto-juvenil - *D. Bruxa Gorducha*, distinguido pela Revista *White Ravens*, em 1996; “O Arrumador”, in *Contos da Cidade das Pontes*, Porto 2001; *O Tesouro do Castelo do Rei*, menção honrosa do Prémio Nacional de Ilustração, 2006; *Aquela Palavra Mar*, 2010 – PRL; *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Sanchez, João Pedro Méseder e Paco Martín – projeto Estafeta do Conto da Xunta de Galicia e Direção Regional de Cultura do Norte); *Foz Côa – Entre Céu e Rio*, 2007 (Projeto Pintar o Verde com Letras da Direção Regional de Cultura do Norte);
2. na ficção para adultos – *A Vida pela metade* (2007); *Quando nos matam os sonhos* (2012); *A Sagração do amor* (2013); *Viver sempre também cansa* (2018 - Prémio Florbela Espanca 2017);
3. nos estudos literários – *Contos Tradicionais do Povo Açoriano* (2010) PRL; *Os Congressos Pedagógicos do Ensino Secundário Oficial (1927-1931)*, em coautoria com Bento Cavadas, no âmbito do projeto de investigação “Percursos do associativismo e sindicalismo docentes em Portugal, 1890-1990”, financiado pela FCT; *Rebelo de Bettencourt: Raízes de Basalto*, 2014.

SÓCIO AICL,

PARTICIPOU NO LANÇAMENTO DA NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS DE HELENA CHRYSTELLOE NOS 50 ANOS E VIDA LITERÁRIA DE CHRYS CHRYSTELLO

PARTICIPOU NO 13º NO BRASIL 2010, 36º PDL 2022, PRESENTE NO 38º NA RIBEIRA GRANDE 2023. PARTICIPOU NO 39º SANTA MARIA 2024

44. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO. AICL, AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2015 E 2017

URBANO BETTENCOURT (Manuel U. B. Machado) nasceu na Piedade, ilha do Pico, 1949.

Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Reformado do ensino, integra o quadro de investigadores do CIERL-UMa e do CEHu-UAc.

Tem investigado sobretudo na área das literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores.

Uma parte dessa investigação encontra-se reunida nos seguintes volumes de ensaios:

O Gosto das Palavras (3 vols: 1983, 1995; 1999);

Emigração e Literatura (1989);

De Cabo Verde aos Açores – à luz da Claridade (1998);

Ilhas conforme as circunstâncias (2003)

O Amanhã não existe. Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia (2017),

Sala de Espelhos (2.ª ed. 2022).

FOI AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2012, 2015, 2017



38º RIBEIRA GRANDE 2023



7.10.2023



7.10.2023

BIBLIOGRAFIA

Raiz de Mágoa (1972);

Ilhas (de parceria com Santos Barros, 1977);

Marinheiro com residência fixa (1980);

Naufrágios Inscrições (1987);

Algumas das Cidades (1995);

Lugares sombras e afetos (2005);

Santo Amaro Sobre o Mar (2005; 2.ª ed., 2009);

Antero (2006);

Que paisagem apagarás (2010);

África frente e verso (2012);

Outros nomes outras guerras (2013);

O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (2013);

Com navalhas e navios (2019);

Com Navajas y Navíos. Poesia reunida y dos ensayos. Tradução de Javier Hernández Fernández (Biblioteca Atlántica, Canárias, 2019);

O inverno de passagem (2021);

O Pequeno livro amarelo de Ernesto Gregório (2021).

Santo Amaro sobre o mar (3ª ed.) Companhia das Ilhas

Em termos editoriais, participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

Caminhos do Mar. Antologia Poética Açoriano-Catariense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani), 2005;

Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel), 2006.

Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Letónia, 2009;

Preparou a edição da poesia completa de Pedro da Silveira, *Fui ao Mar Buscar Laranjas* (Instituto Açoriano de Cultura, 2019; edição revista em 2022, no âmbito do centenário do poeta). Tem colaboração dispersa na imprensa, na rádio e na televisão. Coordena com Carlos Alberto Machado a reedição das obras de José Martins Garcia, para a editora Companhia das Ilhas. Foi homenageado pela AICL em 2007, 2012

na BGA BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE

1972, *Raiz de Mágoa, Poesia, Setúbal*, ed. Autor

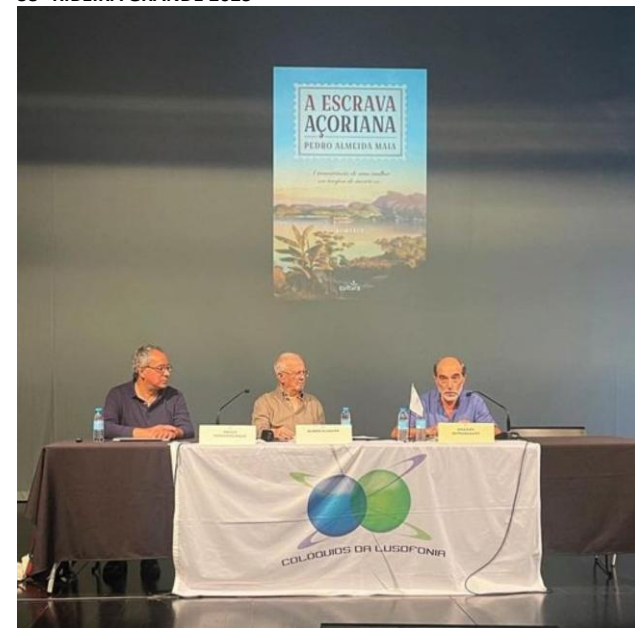
1976, *Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros*. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, *Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas*. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, *O Gosto Das Palavras I. Ensaio sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o carácter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo*. Col. Gaivota, SREC, pp. 77-87



38º RIBEIRA GRANDE 2023



38º Ribeira Grande 2023

1983, *Ensaio Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Carácter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo*. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, *Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I*. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. *Rota sibilina*; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal,

1986 Rodrigo Guerra. *Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço*. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987 *Naufrágios / Inscrições. Poesia e narrativas*. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.



28º VILA DO PORTO



26º LOMBA DA MAIA 2016



23º FUNDAÇÃO 2015



30º MADALENA DO PICO 2018



17º LAGOA 2012



17º Lagoa 2012



28º Vila do Porto 2017



36º PDL 2022

1987 *Algumas palavras a propósito*, in *Terra*, F. Água de verão, Ponta Delgada, Signo.

1989 *Emigração E Literatura*, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

1989, *Emigração E Literatura*. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.

1989 *O Gosto das Palavras I*. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, *Jornal de Cultura*,

1991, *Antero açoriano*. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229

1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in *Faria*, Carlos, São Jorge Ciclo da Esmeralda, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.

1993, "S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes", *Revista Insulana*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.

1995, *Algumas Das Cidades*, poemas em prosa. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, coleção *Insula*.



39º SANTA MARIA 2024

- 1995, *O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros.* Ponta Delgada, *Jornal De Cultura*, pp. 13-16
- 1995, *Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação*, In *O Gosto Das Palavras II*. Ponta Delgada, *Jornal Da Cultura*, pp. 13-16
- 1998, *De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.»*. Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
- 1998, *O Gosto Das Palavras III*, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
- 1998, *Bolos de mel*, in *Margem 2*, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51
- 1998, *A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal* in *Homem*, M.A. ed., atas do Colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
- 1999, *O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana*. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
- 2000, *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers.
- 2001 *Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio*, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura.
- 2002, *Introdução* in Vitorino Nemésio, *Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas*, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27.
- 2002, *Pedro da Silveira - escrita e o mundo* in *O Faial e a periferia açoriana, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo*, Atas do III Colóquio. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604
- 2003, *Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense*. Lisboa, Ed. Salamandra.
- 2004, *José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas*, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
- 2005, *Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas)*, com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
- 2004, *José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. XIII, pp. 59-64
- 2005, *Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo*. Arganil, Editorial Moura Pinto
- 2005, *Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo*, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
- 2005, *In Caminhos do mar, Antologia poética açoriano-catarinense* com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
- 2006, *Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores*, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15
- 2006, *Antero, com desenhos de Alberto Pêssimo (poesia)*. Arganil, Editorial Moura Pinto.
- 2006, *Frases Para Ter Na Algibeira*, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.
- 2006, *Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico*, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, *O guardador de freiras*, in *Margem 2*, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, *In Pontos luminosos, Açores e Madeira, Antologia poética do séc. XX* com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, *Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma*, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.



39ª SANTA MARIA 2024



30ª MADALENA DO PICO 2018



26ª LOMBA DA MAIA 2016



23ª FUNDÃO 2015



27ª BELMONTE 2017

- 2007, *Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem*, in John Kinsella & Carmen Ramos Villar, eds. *Lusophone Studies #5, Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context*. University of Bristol, July 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz António de Assis (org. de), *Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas*, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, coord Onésimo Almeida, *Caminhos do Mar*
- 2008, *A afirmação de uma cultura própria*, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. *História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX*, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, *O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta*, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, *Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras*, in *Jornal de Letras* n.º 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro *Caminhos do Divino* de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, *Pedras Negras*, Dias de Melo, in *Jornal de Letras* n.º 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, *Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo* in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), *Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas*. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), *O Ano Mágico de 2006, Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas*. Praia, Instº da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde.
- 2009, *Signo Atlântico* in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, *Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)*
- 2009, in Azoru. *Dzejas antologija* com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, *Santo Amaro Sobre O Mar*, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010 *Que paisagem apagarás? Ponta Delgada*, ed. Publiçor
- 2011, in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL Colóquios da Lusofonia ed. *Calendário de Letras V. N. de Gaia*
- 2011, IN *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), *Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva*, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia: Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 pp.
- 2011, *O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens* (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, *Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha*, Horta, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*
- 2012, *Fernando Aires e a Geração de 40*, in *Atas do 17º Colóquio da Lusofonia*, Lagoa, S Miguel, Açores

2012, *África frente e verso*, Ponta Delgada, Letras Lavadas

2012, in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL Colóquios da Lusofonia ed. *Calendário de Letras V. N. de Gaia*

2013, *O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens*, IN revista *Ponto Cardeal* nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrbettencourt3.html>

2013 *Outros nomes, outras guerras*, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,

2014, *Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais*, in *Boletim do Núcleo da Horta*,

2014, *Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia*, tese de dissertação

2015, *José Martins Garcia. A linguística vai à guerra*, in *Atas do 23º Colóquio da Lusofonia*, Fundão

2015 *Ser escritor nos Açores*, in *Atas do 23º Colóquio da Lusofonia*, Fundão

2016. *Germano Almeida in Atas 26º Colóquio da Lusofonia Lomba da Maia 2016*

2017, *Pedro da Silveira, – as ilhas da (sua) literatura* in *Atas do 27º Colóquio da Lusofonia*, Belmonte

2017, *O Amanhã não Existe (Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia)*. Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, 2017)

2018, «J. H. Santos Barros, poeta» e «Dossiê crítico», em J. H. Santos Barros, *Alexandrina, como era. Todos os poemas*. Edição e apresentação de Jorge Reis-Sá. Lisboa: Imprensa Nacional.

2018. *Vitorino Nemésio, Amor de Nunca Mais e Paço do Milhafre e O Mistério do Paço do Milhafre. Obra Completa. Teatro e Ficção I*. Edição e apresentação da ficção por Urbano Bettencourt. Lajes do Pico e Lisboa: Companhia das Ilhas e Imprensa Nacional.

2019. *Mulher de Porto Pim. Libreto sobre a obra homónima de António Tabucchi para cantata (filarmónica e coro) de Rui Souza*. Apresentação no Festival Muma (Horta, 9 de maio)

2019. *Com Navalhas e Navios [Poesia reunida]*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.

2019 *Con Navajas y Navios [Poesia reunida 1972-2018 y dos ensayos]*. Prologo y traduccion de Javier Hernández Fernandez. Biblioteca atlántica. Islas Canarias: Consejería de Turismo, Cultura y Deportes. Gobierno de Canarias.

2019. *Pedro da Silveira, Fui ao mar buscar laranjas [Poesia reunida]*. Coordenação, fixação do texto e introdução de Urbano Bettencourt. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

APRESENTOU SANTO AMARO SOBRE O MAR, 3ª ED DA COMPANHIA DAS ILHAS



APRESENTOU HOMENAGEM **Helena CHRYSTELLO, - Ensinar e divulgar literatura, Urbano Bettencourt**

Durante a sua atividade como docente, Helena Chrystello dedicou-se à divulgação de escritores e da sua escrita, particularmente no domínio da literatura açoriana.

Se isso foi notório no espaço escolar e na intervenção nos Colóquios da Lusofonia, há ainda um modo particular dessa divulgação: o da organização e edição de antologias que, sob ângulos e critérios diversos, contribuíram para um maior conhecimento dos autores e autoras e daquilo que escrevem, ao mesmo tempo que proporcionam uma visão mais alargado do contexto em que se integram.

Em boa verdade, ensinar também é divulgar. Mas falamos de coisas diferentes, na medida em que são diferentes o contexto, os métodos e os objetivos a atingir.

Neste caso concreto, interessa-me demarcar dois campos de atividade de Helena Chrystello, em torno da literatura: a docência e a edição; e, como todos sabemos, por observação direta, podíamos acrescentar ainda um terceiro, a sua intervenção na logística dos Colóquios da Lusofonia, com a afetividade e a disponibilidade que sempre colocou naquilo que fazia.

No campo da docência, há naturalmente o espaço da aula e desse poderão falar antigos alunos e colegas também. O meu conhecimento respeita apenas àquelas atividades promovidas ou dinamizadas pela Helena, mais tarde também pelo Telmo R. Nunes, e em que fui convidado a Participar.

Não vou chamar-lhes «extracurriculares», porque isso seria afunilar o ensino da literatura e burocratizar a aprendizagem, reduzindo-a a uma funcionalidade circunscrita a um tempo e um espaço – o da sala de aula; chamo-lhes, antes, atividades complementares ou expansivas, abrindo horizontes para questões culturais e cívicas, tornando a literatura objeto de investigação, trazendo-a para o espaço escolar e nisso comprometendo diretamente os alunos. Havia em tudo isso uma preocupação em fazer do ensino uma abertura para a palavra, para a cultura e para a cidadania; e também aí era evidente a relação afetiva existente entre os alunos e os dois professores, a Helena e o Telmo.

E, sem menosprezar outras ocasiões, queria destacar aqui um encontro que, em 2020, ambos me prepararam com alunos do 5.º Ano, um nível etário e escolar com que eu nunca trabalhara. Tornou-se um diálogo de adultos, surpreendente para mim pelo nível de preparação dos alunos, pelo seu desembaraço e à-vontade, o que pressupunha um rigoroso trabalho prévio (os encontros realizaram-se também com outros escritores, eles poderão dar conta da sua experiência). Nesse fevereiro de 2020, a pandemia já andava por perto e o projeto de escrevermos, eles e eu, sobre esse encontro só viria a concretizar-se mais tarde. Pelas suas características e pelas circunstâncias, esse encontro deixou-me uma impressão duradoira (como me aconteceria em 2022 na Escola Secundária das Flores, por outras razões e motivos).

A divulgação a que deseja referir-me expressamente reporta-se ao labor da Helena na organização de antologias referentes ao campo literário açoriano.

Uma antologia, pela sua dimensão abrangente, proporciona uma perspetiva panorâmica do tratamento de um tema, de um conjunto de autores e das suas particularidades discursivas, estéticas e temáticas, dá-nos a visão da representatividade geográfica, histórica, cultural ou linguística de um conjunto de autores, numa perspetiva diacrónica ou síncrona.

É neste contexto, genericamente traçado, que devemos abordar as antologias que a Helena organizou ao longo do tempo, e de algum modo enquadradas nos Colóquios da Lusofonia.

Organizadas por iniciativa individual ou em parceria com Rosário Girão, as sete antologias (uma delas em dois volumes) abrangeram um conjunto de quarenta e nove autores açorianos: trinta e dois autores e dezassete autoras, para sermos mais precisos, nove das quais representadas na antologia de género *9 Ilhas 9 Escritoras*.

Para lá de aspetos próprios de qualquer antologia, como seja o facto de disponibilizarem ao leitor interessado, e em versão concentrada, conjuntos de textos representativos, gostava de destacar ainda a tradução para inglês, com que o projeto começou em 2011, *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, e a também a experiência verificada com *9 poetas 9 Línguas* (2023), em que oito tradutores «transpuseram» nove poetas açorianos para oito línguas estrangeiras: alemão, castelhano, esloveno, francês, inglês, italiano, neerlandês e tétum – os dois casos facilitando a ultrapassagem de barreiras linguísticas e geográficas.

E se, nas primeiras antologias, o foco se centrava nos autores contemporâneos e de certa maneira reconhecidos por um cânone informal, a *Nova Antologia de Autores Açorianos* (2022) abriu espaço a alguns dos novos autores açorianos (tomando por critério o fator etário, mas também o tempo de revelação ou estreia de alguns deles); vendo bem, trata-se de um trabalho realizado na margem da atividade docente (uma atividade paralela, como afirmou a Helena em entrevista), mas em íntima ligação com ela na sua dimensão formativa e pedagógica, como uma projeção externa da sala de aula ou uma sua expansão.

Logo na *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, Helena Chrystello e Rosário Chorão suscitavam a reflexão sobre a diversidade de questões metodológicas que se colocam na organização de uma antologia: os critérios de escolha, quer de autores, quer de textos (afinal, antologiar é também excluir), o grau de representatividade da amostra conseguida, etc., etc.

Sendo essas, na verdade, questões inerentes ao ato de antologiar, a leitura que fizemos de todo esse trabalho final (que teve o apoio editorial da Calendário das Letras e Francisco Madrugá, e da Letras Lavadas ultimamente,) há de focar-se no essencial: dispomos hoje de uma panorâmica alargada daquilo que se vinha escrevendo na altura em que as antologias foram organizadas; a partir deles, é também possível detetar as tensões, os rumos que a escrita açoriana vai (ou não) tomando. E isso graças a um trabalho e uma dedicação que teve na Helena Chrystello o seu polo de irradiação.

Urbano Bettencourt

ANEXOS (edições e quadro de autores)

Helena Chrystello e Rosário Girão (2011), *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*. Vila Nova de Gaia, Calendário das Letras. [ABAAC]
 Helena Chrystello e Rosário Girão (2012), *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*, vol. I. Vila Nova de Gaia, Calendário das Letras. [AAAC- I]
 Helena Chrystello e Rosário Girão (2012), *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*, vol. II. Vila Nova de Gaia, Calendário das Letras. [AAAC- II]
 Helena Chrystello e Rosário Girão (2014), *9 ilhas 9 escritoras*. Vila Nova de Gaia, Calendário das Letras. [9I-9E]
 Helena Chrystello e Lucília Roxo (2014), *Coletânea de Textos Dramáticos de Autores Açorianos*. Calendário das Letras [TDA]
 Helena Chrystello (2022), *Nova Antologia de Autores Açorianos*. Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições. [NAAA]
 Helena Chrystello (2023), *9 poetas 9 Línguas*. Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições. [9P-9L]
 Helena Chrystello e Aníbal Pires (2024), *Antologia de Humor Açoriano. O Humor na Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Letras Lavadas [Hum]

	ABAAC	AAAC- I	AAAC-II	9I-9E	TDA	NAAA	9P – 9L	Hum	
ÁLAMO OLIVEIRA	X	X			X		X	X	5
ALEXANDRE BORGES						X	X	X	3
ANÍBAL C. PIRES							X		1
ARTUR VERÍSSIMO								X	1
Brites Araújo				X		X			2
CAETANO VALADÃO SERPA	X	X							2
CARLOS ENES								X	1
CAROLINA CORDEIRO						x			1

ATAS 39º colóquio da lusofonia 2024

CHRYSTELLO							X	X	2
CRISTÓVÃO DE AGUIAR		X							1
DANIEL GONÇALVES						X			1
DANIEL DE SA	X	X			X				3
DIANA ZIMBRON								X	1
DIOGO OURIQUE						X		X	2
EDUARDO B. PINTO	X	X							2
EDUÍNO DE JESUS	X	X					X		3
EMANUEL DE SOUSA	X	X							2
EMANUEL FÉLIX	X	X							2
FERNANDO AIRES	X		X						2
JOANA FÉLIX				X					1
JOÃO DE MELO			X						1
JOÃO PEDRO PORTO						X			1
JOEL NETO						X			1
JOSÉ MARTINS GARCIA	X		X		X			X	4
JUDITE JORGE				X					1
LEONARDO						X			1
LEONOR SAMPAIO SILVA						X			1
LUÍS FILIPE BORGES						X		X	2
MADALENA FÉRIN				X					1
MADALENA SAN-BENTO				X					1
MALVINA SOUSA						X	X		2
MARCOLINO CANDEIAS	X		X						2
MARIA BRANDÃO						X			1
MARIA FÁTIMA BORGES	X		X						2
MARIA JOÃO RUIVO						X			1
MARIA LUÍSA RIBEIRO				X					1
MARIA LUÍSA SOARES				X					1
NATÁLIA CORREIA				X					1
NORBERTO ÁVILA					X				1
NUNO COSTA SANTOS						X	X	X	3
ONÉSIMO T. ALMEIDA	X		X		X			X	4
PAULA DE SOUSA LIMA						X	X		2
PEDRO ALMEIDA MAIA						X		X	2
PEDRO PAULO CÂMARA						X			1
RENATA C. BOTELHO				X					1
TELMO R. NUNES						X	X		2
URBANO BETTENCOURT	X		X					X	3
VASCO P. DA COSTA	X		X					X	3
VICTOR RUI DORES	X		X					X	3
	15	8	9	9	5	17	9	15	

CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #11 [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/2068/CADERNOS-ACORIANOS-11-URBANO-BETTENCOURT.PDF](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-de-estudos-acorianos/2068/cadernos-acorianos-11-urbano-bettencourt.pdf)
SUPLEMENTO # 11 DOS CADERNOS AÇORIANOS

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/INDEX.PHP?PREVIEW=1&OPTION=COM_DROPFILES&FORMAT=&TASK=FRONTFILE.DOWNLOAD&CATID=448&ID=1970&ITEMID=1000000000000](https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=448&id=1970&itemid=1000000000000)

VÍDEO-HOMENAGEM 4 – 2017 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EYFOQVC3PKC&T=3S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=38](https://www.youtube.com/watch?v=EYFOQVC3PKC&t=3S&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=38)

VÍDEO HOMENAGEM 3 2017 BELMONTE [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JMVX0ZAIMSQ&LIST=PLWJUJRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&INDEX=8&T=7S](https://www.youtube.com/watch?v=JMVX0ZAIMSQ&list=PLWJUJRYOUWOJXUTZ2LIEEEKFWFBMEF_JY&index=8&t=7S)

VÍDEO HOMENAGEM 1 2012 [HTTPS://YOUTU.BE/2HIEO5HLLRM](https://youtu.be/2HIEO5HLLRM)

17º NA LAGOA 2012 POESIA CONCHA, EDUÍNO E URBANO [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ABAJIRQFVOA&INDEX=233&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=ABAJIRQFVOA&index=233&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

POESIA “QUADRAS DE ILHA” GRACIOSA 2015 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GXCD2G2-7ZU&T=13S&INDEX=57&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=GXCD2G2-7ZU&t=13S&index=57&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

SÓCIO DA AICL.

– PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL

PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE. 2021.

PARTICIPOU NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 24º FUNDAÇÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 34º PONTA DELGADA 2021, 36º PONTA DELGADA 2022, NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, NO 39º SANTA MARIA 2024

45. VASCO MEDEIROS ROSA, ESCRITOR, AICL



38º ribeira grande 2023



8.10.2023



8.10.2023



8.10.2023



7.10.2023



38º ribeira grande 2023



39º Sta Mª 2024

Vasco Medeiros Rosa, 66 anos, de Lisboa, editor independente, jornalista e investigador, tem vários livros publicados sobre Raul Brandão. Atualmente prepara uma extensa antologia de Wenceslau de Moraes, a sair em 2025.

Foi secretário de redação das revistas *Raiz & Utopia* e *Análise*, dirigidas, respetivamente por Helena Vaz da Silva e pelo filósofo Fernando Gil, e secretário da edição portuguesa da Enciclopédia Einaudi.

Trabalhou na Imprensa Nacional ao tempo de Vasco Graça Moura, e dirigiu duas séries de livros do jornal *O Independente*, uma sobre literatura portuguesa de viagens e outra com antologias de crónicas de imprensa por escritores portugueses e brasileiros, de José Rodrigues Miguéis e Luís Sttau Monteiro a Millôr Fernandes, Vinicius de Moraes e Caetano Veloso, semanário de que foi editor-adjunto para a secção cultural.

Organizou o espólio de Rosa Lobato de Faria, uma edição da sua obra poética e outra de narrativas breves e crónicas e preparou três exposições sobre a escritora.

Editou uma antologia de Ruy Cinatti sobre Timor para a editora Gryfus, do Brasil, e prefaciou uma nova edição de *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão a sair naquele país.

Sobre este autor publicou cinco livros, entre os quais *Cinzento e Douro. Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento*, em 2017, com prefácio de José Carlos Seabra Pereira, e *Raul Brandão e os Açores*, de 2019, apresentado por Urbano Bettencourt.

Entre 2020 e 2022 dedicou especial atenção a Pedro da Silveira, poeta e investigador literário açoriano, com largo número de artigos em jornais e revistas e a recolha em dois volumes da sua *Prosa Reunida*, somando mais de 1200 páginas, o primeiro dos quais publicado pelo Instituto Açoriano de Cultura, em setembro do ano passado.

Colaborador do *Observador* desde 2014, tem muita colaboração dispersa em revistas, jornais e obras coletivas, também sobre temas de arte e design.

Atualmente ocupa-se da obra de João Afonso, cujo centenário se assinala em 2023, para publicação dum extenso volume dos seus escritos no próximo ano, assim como um volume da sua correspondência com Pedro da Silveira. Prepara também uma antologia de textos japoneses de Venceslau de Moraes para a editora I-Primatur, a sair no verão de 2025.

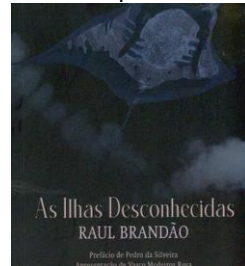
Vasco Medeiros Rosa, publicou cinco livros sobre Raul Brandão e organizou mais de uma dezena de coletâneas de escritos de autores portugueses, das quais a mais recente é *Só o Esquecido É Passado* de Pedro da Silveira (2 tomos, 2022-23).

Em 2021 compilou toda a obra açórica de Pierluigi Bragaglia: *Tosão de Ouro. Açores, séculos XV-XXI*.

Tem em preparação outros trabalhos sobre figuras e temas açorianos, e colabora com regularidade na imprensa regional.

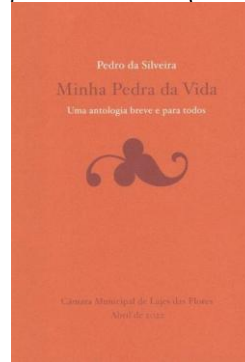
Em 2012-15 organizou o espólio e três exposições biográficas sobre Rosa Lobato de Faria, além dos volumes *A Noite Inteira Já Não Chega: Poesia 1983-2010* e *Pedra Rara: dispersos e inéditos*.

O seu primeiro livro foi uma fotobiografia da atriz Beatriz Costa: *Avenida da Liberdade*, de 2003.

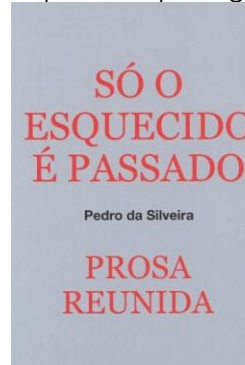


apresentação

Raul Brandão e os Açores 1 - As ilhas desconhecidas / Raul Brandão; pref., notas Pedro da Silveira; apresent. - 1ª ed., 1ª tir. - Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2023. - 243, [5] p.; il. 18 cm. - (Mundos. Série 2; 4). - ISBN 978-989-9154-04-9 [Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2135708](http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2135708)




2 - Minha pedra da vida / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Lajes das Flores: Câmara Municipal de Lajes das Flores, 2022. 99, [1] p.; 21 cm [Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123901](http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123901)




3 - Só o esquecido é passado: prosa reunida I vol. II / Pedro da Silveira; ed. Vasco Medeiros Rosa. Ed. do centenário. - Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2022. 604, [3] p.; 21 cm. - ISBN 978-989-8225-79-5 [Hiperligação persistente: http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123563](http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2123563)




4 - Vitor da Silva: design de comunicação = Communication design / conceito Jorge Silva; textos José Bártolo, Vasco Rosa. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2020. - 128 p.: il. 23 cm. - (D; 15). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2840-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2065864> 




5 - O homem que só queria ser Tóssan / textos Jorge Silva, Vasco Rosa, Vítor Aleixo; trad. Rachel McGill. Lisboa: Arranha-Céus, 2019. 3 v. Il. 34 cm [V.2]: Tóssan, versos côncavos e com versos, ed., pref. João Paulo Cotrim; des. Jorge Silva 208 p.; 25 cm. [V. 3]: Tóssan, lógica zoológica, frutos e desfrutos, animália, contos e descontos. ISBN 978-989-8980-01-4 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2045395> 



6 - A liberdade portuguesa / Henrique Barrilero Ruas; org. Vasco Rosa; pref. Nuno Miguel Guedes. 1ª ed. Lisboa: Real Associação de Lisboa, 2019. 380 p.; 20 cm. ISBN 978-989-691-860-6 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2039479> 



7 - Raul Brandão e Lisboa: resenha biográfica seguida de breve Antologia / Vasco Medeiros Rosa. 1ª ed. Porto: O Progresso da Foz, 2019. 71, [1] p.: il. 22 cm. ISBN 978-972-8088-34-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035888> 



8 - Raul Brandão e os Açores / Vasco Medeiros Rosa; pref. Urbano Bettencourt. 1ª ed. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2019. 178, [6] p.: il. 18 cm. Transeatlântico; 034. ISBN 978-989-8828-89-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2035685> 



9 - Eduardo Aires: design de comunicação = Eduardo Aires: communication design / pref. Francisco Providência; textos Francisco Providência, Vasco Rosa; fot. Óscar Almeida... [et al.]. - 1ª ed. - Lisboa: Imprensa Nacional, 2019. - 126, [1] p.: il. 23 cm. - (D; 14). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2806-5 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2033874>



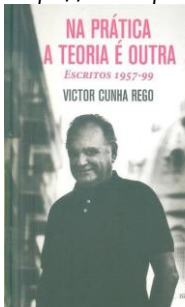
10 - Dorindo Carvalho: design de comunicação = Communication design / textos Jorge Silva, Vasco Rosa. - 1ª ed. = 1st ed. - Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2018. - 127 p.: il. 22 cm. - (D; 13). - Ed. bilingue em português e inglês. - ISBN 978-972-27-2598-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2015197>



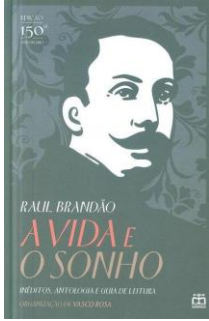
11 - O século dos prodígios: a ciência no Portugal da expansão / Onésimo Teotónio Almeida; org. Índices Vasco Rosa. 1ª ed. - Lisboa: Quetzal, 2018. 387, [5] p.: 24 cm. Língua comum. ISBN 978-989-722-536-9 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2012593>



12 - Raul Brandão, 150 anos / Colóquio Internacional em Homenagem a Raul Brandão nos 150 anos do seu Nascimento e no Centenário de Húmus; org. Universidade Católica Portuguesa - Porto, Câmara Municipal do Porto; coord. cient. Maria João Reynaud; curadoria Vasco Rosa; fot. Dinis Santos, Henrique Almeida. Porto: Câmara Municipal do Porto, D.L. 2018. - 453, [2] p.: il. 27 cm. - ISBN 978-972-634-130-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2007577>



13 - Na prática a teoria é outra, escritos 1957-99 / Victor Cunha Rego; pref. José Cutileiro... [et al.]; ed. Vasco Rosa, André Cunha Rego. 1ª ed. Alfragide: D. Quixote, 2018. 856 p.: 23 cm. ISBN 978-972-20-4362-5 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1988610>



14 - A vida e o sonho: inéditos, Antologia e guia de leitura / Raul Brandão; org. De Vasco Rosa. 1ª ed. Silveira: E-Primatur, 2017. 619, [2] p.; 25 cm. ISBN 978-989-99715-3-0 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1986446>



15 - Cinzento e dourado: Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento / Vasco Rosa; pref. José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017. XXIII, [1], 460 p.: il. 24 cm. ISBN 978-972-27-2523-1 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1981091>



16 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Coleção de designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1948817>



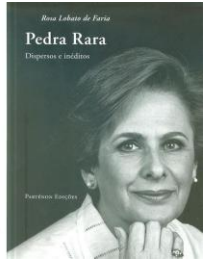
17 - Bernardo Marques / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo. Matosinhos: Cardume: Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 92, [3] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 13. ISBN 978-989-99589-2-0 Cardume. ISBN 978-989-8829-19-1 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1947132>



18 - José Brandão: designer gráfico cosmopolita, alia o seu talento como ilustrador ao domínio das técnicas do design contemporâneo / coord. José Bártolo; textos Vasco Rosa, José Bártolo, Aurelindo Jaime Ceia. Matosinhos: Cardume: ESAD Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 90, [5] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 5. ISBN 978-989-99587-8-4 Cardume. ISBN 978-989-8829-11-5 ESAD. Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942174>



19 - Sebastião Rodrigues: o mais importante designer gráfico da segunda metade do século XX / coord., seleção de imagens José Bártolo; textos Maria João Baltazar, José Bártolo, Vasco Rosa. Matosinhos: Cardume: ESAD - Escola Superior de Arte e Design, D.L. 2016. 93, [2] p.: il. 22 cm. Designers portugueses; 3. ISBN 978-989-99587-0-8 Cardume. ISBN 978-989-8829-09-2 (ESAD) Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1942167>



20 - Pedra rara: dispersos e inéditos / Rosa Lobato de Faria; org. Vasco Rosa. Lisboa: Páris, 2015. 348, [7] p.: il. 21 cm. ISBN 978-989-99472-0-7 Hiperligação persistente: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1954750>

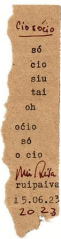
APRESENTOU O NOVO LIVRO DE RUI BARATA PAIVA "A CARTA E O SILÊNCIO" Santa Maria, Açores, 4 de outubro de 2024

LANÇAMENTO
DO LIVRO

A CARTA E O SILÊNCIO
Rui Paiva

23 DE MARÇO, 15H
SALA BEIJING
MUSEU DO ORIENTE

AVENIDA DE BRÁSILIA
DOCA DE ALCANTARA (NORTE)
1350-352 LISBOA



WWW.RUIPAIVA.COM
INSTAGRAM RUIPAI18
FACEBOOK RUIPAIVA.FINEARTS
R.S.F.F. RUIPAIVA238@GMAIL.COM

No último colóquio, na Ribeira Grande, quando o conheci, e em dois breves encontros em Lisboa, depois disso, Rui Paiva convidou-me a apresentar este seu livro no contexto deste encontro de lusófonos. Aceitei por cordialidade, mas hoje devo confessar que estou aqui como um daqueles participantes dum concurso televisivo que são chamados para ajudar a responder a uma pergunta e que, quase invariavelmente, a primeira coisa que dizem é: «Não faço a mais pequena ideia!» Também eu não faço a mais pequena ideia de como se apresenta ou critica um livro ou um autor, ou como se fala dum quadro ou duma escultura, dum filme ou duma peça musical, sem o risco de estarmos afinal a falar de nós mesmos, das nossas ideias, obsessões e referências, simulando ver nos outros aquilo que é ou pouco mais é que um reflexo nosso. Quantas vezes escritores ou cineastas famosos não foram surpreendidos por entrevistadores ou críticos que conseguiram identificar nos seus trabalhos o vinco bem nítido da influência de livros que — afinal — eles nunca leram, de filmes que eles nunca viram?... Que poderá ser escrito sobre as telas mono- ou bicromáticas de Mark Rothko ou de Ângelo de Sousa que não diga respeito, em *primeiríssimo lugar*, a quem teve a imprudente ousadia de o fazer? Ou para tomar um exemplo mariense, já que aqui estamos: que pode ser dito acerca das «pinturas performativas» de grandes dimensões de José Nuno da Câmara Pereira? Pois, repito, não faço a mais pequena ideia. E quantas vezes, também, aquilo que lemos na folha de sala duma exposição de arte — em parte para esconder a dificuldade de examinar, explicar ou, como agora dizem humoristas, esmiuçar objetos artísticos — parece um ensaio para a mais negra obscuridade, a ilegibilidade mais absoluta, resultando em algo que podia ser escrito sobre aquilo ou qualquer outra coisa, como se os seus autores disputassem as olimpíadas do snobismo e da arrogância, até com títulos ou frases em latim ou alemão para impressionar a quem a isso se preste?

Não, eu não vou certamente por aí. Também sei que para se observar devidamente uma obra em concreto importa ter em panorama todo o resto que o autor fez, a única maneira que temos ou podemos ter de avaliar progressos, impasses, ruturas do modo pessoal, pessoalíssimo de cada criador. Este é, aliás, um exercício fundamental, que só os melhores fazem — largos anos depois — destilando, depurando, essencializando afinal, o seu próprio percurso criativo. São só esses os que verdadeiramente contam, porque depois há os outros, os émulo, os esmagados pela influência, os «à maneira de», os que não passam nem passarão dessa cepa torta, julgando-se todavia originais. Não são poucos, e são conhecidos.

O tempo corrói e destrói, mas também lima, limpa, expurga, para todos os efeitos há um *detox* literário ou artístico, feito por quem tem de cuidar de si para prevalecer e continuar. Se assim é com os autores em causa própria, também os «críticos» ao longo do tempo podem mudar de opinião ou de bitola ideológica, se tinham uma, o que aperta ainda mais o espetro de acerto do que, num dado momento, possam ter escrito sobre um determinado objeto artístico. A história da literatura e a história da arte estão cheias de casos subestimados à época, que décadas ou séculos depois — mais séculos que décadas — foram resgatados, para grande surpresa dos novos contemporâneos. Sem esquecer o movimento pendular dos respetivos cânones, cuja natureza impõe reavaliação contínua, aliás por protagonistas igualmente precários e falíveis, tanto quanto outros, mais lúcidos ou precursores.

Não estou a tentar justificar a modéstia da minha leitura do livro de Rui Paiva, sobre a qual, espero, o autor e nenhum dos presentes terão a menor dúvida. Estou a dizer que aquilo que hoje se possa aqui falar depois de amanhã poderá ser diferente, porque o próprio ato de ler para criticar está impregnado de fatores endógenos, como a disposição do dia, a pressa em concluir, as interrupções por isto ou aquilo, etc. etc. Todo este feixe de contingências não pode ser ignorado, da mesma maneira que a construção dum livro pronto para ser lido é fruto dum processo também ele muitas vezes repleto de circunstâncias — revisão, cortes e acrescentos de última hora —, *verdadeiros andaimes da obra a imprimir*, e que a regularidade das linhas tipográficas impressas já não deixa perceber e que só o autor conhece. Não mudou de título já em provas de impressão um romance clássico da língua portuguesa, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, anteriormente intitulado *Um Mundo Coberto de Penas*, algo que só ficou conhecido muito tempo depois?

Agora que baixei ou tentei baixar ao máximo as vossas expectativas acerca do meu juízo de *A Carta* e o *Silêncio* de Rui Paiva, quero dizer que o livro me surpreendeu muito pela positiva, como *arquivo* do escritor que também pinta, e do pintor que também escreve — em suportes, técnicas e registos do quotidiano, expondo-os em fac-símiles que dão a medida exata do tempo e modo em que os entendeu guardar em letra, tinta e desenho no «transporte público» a que chama livro (p. 83). Pedacos de papel os mais variados serviram para registos de ocasião, ou emergenciais, algo que podia escapar-se instantes depois e que precisava de ser fixado. Há, portanto, aqui uma autenticidade ou uma originalidade que se expõe tal e qual se deu, que exhibe o que a vida deu ou tirou ao autor, um economista andarilho pelo mundo, ocupado em atividades profissionais bem distintas das nossas.

Vejamos o cartão da p. 85 com o timbre de «Administração» em que Rui Paiva escreveu à máquina «a ciência | da paciência», datando-o «de fevereiro de 2021». Poderemos nós, seus leitores, imaginar o contexto disto, desta *administração ciência da paciência*? Creio que não, ainda que o dito nos surja gracioso e de imediato sejamos levados a concordar com ele. A opção habitual pela forma breve, de facto, sugere — mas sugere apenas — a forte adesão de Rui Paiva, que viveu durante treze anos na Ásia, aos modos literários de velha tradição oriental, chinesa ou japonesa. Especial exemplo dessa aproximação está na p. 55: «avencas que falam | urzes que respiram | poesia diletante». E a precisa fixação temporal do momento da criação terá valor mnemónico para o autor, mas fica oculto para nós, seus leitores, do mesmo modo que a apresentação não cronológica dos trabalhos individuais reunidos neste livro representa uma decisão amadurecida por revisitações de conjunto, de reconfigurações sucessivas que não nos é dado acompanhar. Na p. 109 há até o desenho de sete borrachas de apagar Faber Castell. Rui Paiva mostra-nos assim, diria eu, que não é inteiramente verdadeiro o dito convencional de que um livro passa a pertencer só aos leitores a partir do momento em que se imprime. Posso eu interpretar neste sentido os versos da p. 15, «o poder da palavra | está no silêncio | da sua própria sombra»? Parece-me arriscado. «Não faço a mais pequena ideia...»

Há palavras recorrentes nos versos de Rui Paiva, desde logo *silêncio*, que está no título, *sol*, que está na imagem da capa, e *sombra*, que acabei de referir. *Céu* e *caminho* também surgem amiúde, como *amor* e *tempo* e *corpo* — que é também «o corpo leitor» do desenho da p. 151. Pessoalmente, gosto de observar este recurso vocabular concentrado na voz dum poeta — e talvez seja uma boa porta de análise literária, ou uma ponte, como em «Porque pode voar, um poema» (p. 167), que vou ler, para concluir:

Um poema
não se arruma num texto

Um poema
é fonte, horizonte

Um poema
deve ser marinado no olhar

um poema
embriaga o medo, sacia o apetite

um poema
deve encantar os desfiladeiros da mente

um poema
não se explica... Lê-se, lê-se, lê-se

um poema
ama-se

Um poema
soletra-se, angustia-se, vive-se

um poema
deve ser cantado, em silêncio

um poema é uma ponte sem chapéu.

Ainda bem!...

Muito

Vasco Rosa

obrigado.

APRESENTOU Centenários, momentos privilegiados de revisitação: os casos de João Afonso e de Pedro da Silveira

A partir da sua experiência de investigador e de editor nos casos em epígrafe, Vasco Medeiros Rosa traça um roteiro para comemorações centenárias futuras em contexto açórico-insular-ultraperiférico, tentando justificar que tais campanhas não podem ser postas em marcha com pouca antecedência e que beneficiam do envolvimento persistente do jornalismo para criar e potenciar o conhecimento intergeracional de figuras culturais quase esquecidas.

A condição de Afonso como funcionário público em evidência numa das duas cidades-polo dos Açores e o estatuto de Silveira como quase-exilado no Continente são, também eles, elementos diferenciadores, capazes de introduzir um debate sobre a inclusão arquipelágica e a verdadeira autonomia das Ilhas.

Antes de começar:

No colóquio do ano passado ficou alinhavado que iríamos dedicar, neste encontro em Vila do Porto, uma atenção especial a Madalena Férrin, poeta e romancista desta ilha, pois parecia possível — além de desejável — que depois da sua poesia reunida por Ângela Almeida e de um livro biográfico com uma antologia da receção crítica em 2023, no prazo de um ano também os romances e contos de Madalena Férrin fossem publicados de novo e num único volume, preenchendo o arco duma revisitação que tardava. Assim não pôde suceder — a caturrice de poucos não conseguiu demover a inércia de muitos. Mas a luta continua! ...

Quando Chrys Chrystello me pediu o título e a sinopse da minha comunicação a este colóquio, achei que o melhor que vos poderia trazer aqui seria uma reflexão a pretexto de dois trabalhos que ocuparam consideravelmente os últimos quatro anos da minha vida, desde que em setembro de 2020, a pedido da minha amiga Ana Monteiro, fui às Flores apelar a umas comemorações condignas do centenário de Pedro da Silveira. Sem esse impulso inicial, e do que logo depois foi sendo feito, com dois anos de antecedência, estou hoje certo de que a efeméride passaria em branco ou quase. Também é verdade que essa campanha ainda não acabou dois anos depois da data redonda, quando, com financiamento total do governo regional e da autarquia de Lajes das Flores, o Instituto Açoriano de Cultura imprimiu uma segunda edição da «Poesia Reunida» de Pedro da Silveira, a cargo de Urbano Bettencourt, e o primeiro tomo de c. 600 páginas de *Só o Esquecido É Passado*, fruto do meu trabalho de pesquisa, recolha e edição de dispersos, e logo ter prometido um segundo tomo, com c. 900 páginas, que de facto nunca quis fazer.

Esta edição está agora a ser retomada e talvez possa ainda estender-se a um livro de contos inédito, preparado nos últimos meses de vida do autor. Um manuscrito inédito de Silveira sobre a comunidade açoriana nos Estados Unidos acaba de ser publicado na revista *Gávea-Brown*, e o longo impasse criado pela desistência do IAC na publicação do referido segundo tomo da prosa reunida vai ser resolvido pela Biblioteca Nacional de Portugal, instituição que Pedro serviu por três décadas como um dos seus quadros de maior prestígio. Foi uma inesperada solução de recurso, potenciada pela mudança na direção da BNP, de Inês Cordeiro para Diogo Ramada Curto, quando tudo já parecia irremediavelmente condenado ao fracasso. Mas solução de recurso que vem conferir a maior dignidade possível à compilação da obra dispersa do invulgar pesquisador e historiador literário açoriano.

Muito obrigado, caro Onésimo, por ter sido decisivo para esta solução que acaba por ser a melhor que se poderia imaginar, ao colocar parte da obra de Pedro da Silveira sob a chancela da Biblioteca Nacional. Se há males que vêm por bem, convém mesmo assim não esquecer que eles existem — e chamar os nomes aos bois, que, como as bruxas, também existem.

Entretanto chegou-se às vésperas do centenário de João Afonso, a 27 de agosto de 2023, e estou igualmente convencido de que nada seria feito pela sua memória se as instituições públicas não tivessem sido interpeladas ou induzidas a tal, através de alguns artigos que desde o início do ano comecei a escrever em jornais açorianos. || Imagem ||

Foi então possível celebrar a efeméride no próprio dia do seu centenário, numa sessão promovida pelo Município e realizada no Centro Interpretativo da Cidade de Angra do Heroísmo, || imagem || na qual falei ao lado de José Guilherme de Reis Leite, amigo, vizinho e sobretudo mentor político da principal realização do homenageado, a *Bibliografia Geral dos Açores*. Na

plateia estavam Cláudia Cardoso, diretora da Biblioteca Pública, a que o espólio de Afonso foi doado, e Sandra Garcia, que meses depois viria a ser diretora geral dos assuntos culturais. Dois dias depois, fui ao Museu dos Baleeiros, no Pico, falar do decisivo trabalho de Afonso para a existência da instituição, que nesse mesmo dia festejava trinta anos.

À data, já eu levava um semestre dedicado — sem rede — à identificação da obra dispersa de João Afonso, condição essencial para que fossem calculados os meios necessários à sua publicação no breve período de um ano, através dum «acordo de cavalheiros» firmado entre Álamio Meneses e o DRAC Duarte Nuno Chaves, ou seja, pela Câmara de Angra do Heroísmo e pelo Governo Regional dos Açores, que dividiram em duas partes iguais todos os encargos inerentes.

Afonso e Silveira, que tanto se ajudaram reciprocamente, em favor dos Açores e do seu património cultural, deixaram um extenso epistolário, documento da história cultural açoriana da segunda metade do século passado, cuja edição — que cedo me interessou — também tenho a meu cargo, por deferência e *suporte* de Maria João Galvão Teles, filha do bibliotecário e jornalista angrense. São todavia cartas que, para serem lidas a tão considerável distância temporal e *por várias gerações*, carecem dum aparato informativo de grande exigência e pormenor, consulta de fontes terceiras, etc. etc., uma tarefa complexa e demorada, mas que vale a pena tentar fazer da melhor maneira possível, em tributo a estes dois homens excecionais.

Pela sequência anual dos seus nascimentos, a revisitação e nova publicação das obras destes «açorianos de serviço» e da sua correspondência regular de muitos anos permitirá trazê-los de volta, como exemplos maiores de dedicação à causa pública desde os remotos anos 1940 e até à morte de ambos, em 2003 e 2014, respetivamente, constituindo ao mesmo tempo um forte sinal da vitalidade duma certa geração cultural de açorianos.

Ao contrário do que sucedera com Pedro da Silveira, a margem de manobra para o exigente trabalho de fundo sobre João Afonso estava formalmente reduzida a um semestre bem medido. A sua extensa obra, desenvolvida em jornais, revistas, palestras e alguns livros *por mais de meio século*, estava por identificar na sua maior parte, mesmo para o período até 1977, quando a letra A da sua *Bibliografia Geral dos Açores* lhe permitiu registar quatro ou cinco páginas de entradas bibliográficas pessoais. Faço notar que depois de 1977 Afonso escreveu ainda por mais trinta anos.

Quando tudo estava a caminho da edição e impressão, a expensas da Direção Geral dos Assuntos Culturais, este organismo do Governo Regional dos Açores deu *repetidas provas de indiferença, bloqueando a desejável publicação a breve prazo*, como tudo estava preparado para acontecer. Desde o início de Julho, por mais que pergunte, nada sei do destino que vai ter o trabalho que fiz ao longo de ano e meio, metade desse período sob contrato com o Município de Angra. Conseguirá a DRAC fazer com a publicação da obra de João Afonso agora reunida pela primeira vez, aquilo que já fizera com a sua *Bibliografia Geral dos Açores*, a metade deixada num limbo de gavetas, facto mais que escandaloso para o qual tive de chamar a atenção num artigo de jornal? || **imagem** || A incerteza é total, por enquanto.

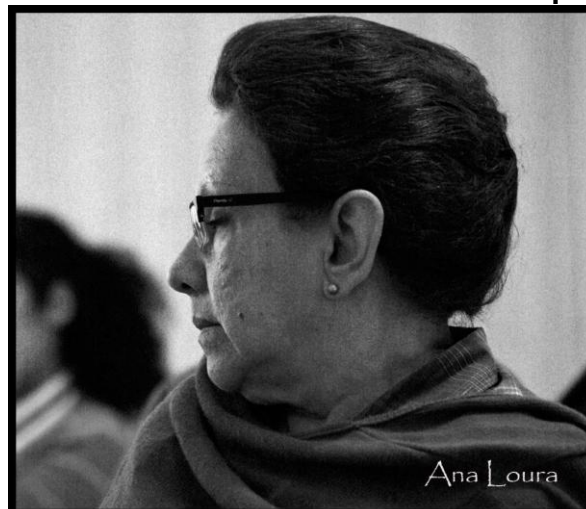
O que estes factos me ensinam — na perspetiva do que aqui venho dizer — é que não basta empenho e voluntariosas tentativas de resgate e revisitação cultural se as instituições públicas da Região Autónoma dos Açores não estiverem *assumidamente comprometidas com isso*, num processo e programa de médio e longo termo, de modo a aproveitar efemérides carregadas de valor e simbolismo para atualizar a presença cultural de vultos do passado, porém também de futuro. Para dar um exemplo, que tenho em especial conta: 2026 será o centenário do nascimento de Francisco Afonso Chaves, e um grupo de investigadores já deveria estar a trabalhar com afinco nas realizações que essa efeméride merece levar a cabo. Não me parece que esteja a acontecer.

Como veio mostrar o recente escândalo das comemorações dos 500 anos de Luiz de Camões sem orçamento nem estrutura operativa eficaz, os ditos «responsáveis políticos» por tal descalabro convivem muito bem com tudo isso, acreditando talvez que a voragem dos *soundbytes* e da vida confusa e apressada de hoje tudo fará esquecer e tudo lhes perdoará, ou esperando que os erros e dislates dos seus adversários partidários sejam ainda piores que os seus. Esta estranha forma de viver, este retorcido modo de agir são um muro alto, viscoso e fedorento que nós não podemos desistir de saltar, mesmo que o desânimo pese e o diacho da idade recomende já o típico encolher de ombros perante «factos consumados». Ao contrário disso, devemos investir os nossos melhores esforços na concretização de projetos de revisitação e reavaliação do cânone cultural, honrando as gerações anteriores e estimulando as vindouras. Como disse de início, sobre Madalena Férrin: a luta continua! Ah continua, continua...

Muito obrigado.
Vasco Rosa

SÓCIO AICL.
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 38º RIBEIRA GRANDE 2023, E DEPOIS NO 39º SANTA MARIA 2024

Com eterna saudade de todos os que já aqui estiveram antes, connosco,



MARLIT BECHARA



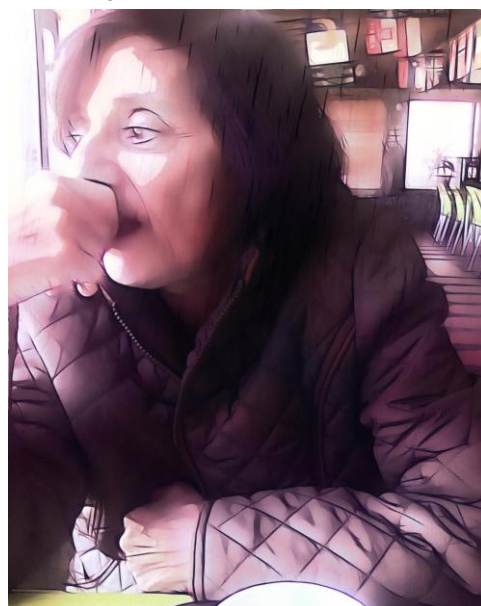
MALACA CASTELEIRO



ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA



CAETANO VALADÃO SERPA



HELENA CHRYSTELLO



DANIEL DE SÁ



NORBERTO ÁVILA



Mª ZÉLIA BORGES